SALLY THORNE

AUTORA BEST-SELLER DE *O JOGO DO AMOR/ÓDIO*

PRIMEIRAS SEGUNDAS IMPRESSÕES

"O livro mais caloroso, aconchegante e doce do ano."

Emily Henry, autora de *Beach Read*





UNIVERSO DOS LIVROS


PRIMEIRAS
SEGUNDAS
IMPRESSÕES

Second first impressions
Copyright © 2021 by Sally Thorne

© 2022 by Universo dos Livros

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial
Luis Matos

Gerente editorial
Marcia Batista

Assistentes editoriais
Letícia Nakamura e Raquel F. Abranches

Tradução
Alexander Barutti

Preparação
Alessandra Miranda de Sá

Revisão
Jonathan Busato
Bia Bernardi

Arte
Renato Klisman

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

T413p
Thorne, Sally
Segundas primeiras impressões / Sally Thorne ; tradução de Alexander Barutti. — São Paulo : Universo dos Livros, 2022.
304 p.

e-ISBN 978-65-5609-211-9
Título original: *Second first impressions*

1. Ficção norte-americana
I. Título II. Barutti, Alexander

22-1472 CDD 813

Universo dos Livros Editora Ltda.
Avenida Ordem e Progresso, 157 — 8º andar — Conj. 803
CEP 01141-030 — Barra Funda — São Paulo/SP
Telefone/Fax: (11) 3392-3336
www.universodoslivros.com.br
e-mail: editor@universodoslivros.com.br
Siga-nos no Twitter: @univdoslivros

SALLY THORNE

AUTORA BEST-SELLER DE *O JOGO DO AMOR/ÓDIO*



São Paulo
2022

Grupo Editorial
UNIVERSO DOS LIVROS

Dedicado a Taylor Haggerty

CAPÍTULO UM

Um dos "benefícios" de trabalhar diretamente com o público no Condomínio para Idosos Providence é receber uma opinião sobre cada aspecto do meu estilo de vida e da minha aparência, independentemente de eu querer. (E eu não quero.) Estas são as três perguntas que os moradores sempre fazem:

- ✓ Quantos anos você tem? (Vinte e cinco)
- ✓ Você tem namorado? (Não)
- ✓ Por que não? (Motivos diversos, nenhum dos quais os satisfaz)

— A vida não se resume a ter um namorado — disse uma vez à sra. Whittaker, com o braço apoiado no meu enquanto seguíamos o caminho molhado de chuva até à casa dela. — Estou bem onde gostaria de estar, ajudando vocês.

— É verdade, Ruthie, querida. Você é uma boa profissional — ela respondeu. — Mas namorados são uma parte muito boa da vida. Uma vez tive três ao mesmo tempo. — Ela entrou com seus passinhos curtos, a bengala tamborilando nos ladrilhos. Enquanto pensava ter entendido errado, ela disse sobre o ombro: — Eles sabiam um do outro, então não era constrangedor. Oh, minha nossa, eu mal dava conta. Você é mais bonita do que eu, por que não experimenta?

Fiquei diante da porta, lutando contra a vontade de fazer algumas perguntas, a começar por:

- ✓ Como?

É possível que a sra. Whittaker ainda se dê melhor do que eu, e ela tem oitenta e sete anos. Penso bastante nessa conversa.

Enquanto minha chefe, Sylvia, está em um cruzeiro, fico com a mesa dela, que tem a melhor vista. Estou escrevendo um e-mail para a manutenção, e também me digladiando com a minha onda diária de melancolia das três horas. Guardo um iogurte exatamente para esse momento. Sentada à minha mesa está Melanie Sasaki, a temporária. Ela não entende o conceito de autocontrole, então come seu almoço às dez e meia da manhã. Posso ouvir o estômago dela roncar enquanto abro meu iogurte.

Em um rompante desesperado em meio ao silêncio, ela diz:

— Ruthie, estava pensando em você.

Gostaria que não estivesse.

— Deixe eu terminar esse e-mail para a manutenção, então podemos conversar.

Sei que isso me faz parecer uma pessoa certinha e babaca, mas, para sobreviver a esses dois meses como gerente interina, tenho tentado manter a política do momento de silêncio. Quando Sylvia está aqui, nunca falo com ela se ela está digitando. Ou clicando. Ou se ela não falar comigo primeiro.

Ei. Há anos não me sinto tão relaxada.

Melanie provavelmente conseguiria falar mesmo depois de uma anestesia geral.

— Vamos fazer um perfil para você em um aplicativo de encontros.

Quebrei a minha própria regra do silêncio.

— Como sabe se eu já não tenho um? — Ela está me provocando, sei que está. Os moradores do Providence são, falando de modo geral, brutalmente honestos comigo. Mas é sempre com boa intenção.

Ela diz:

— Você não tem nem conta no Instagram; não é do tipo de pessoa que se expõe. Estou errada?

Não está.

— Me deixe só terminar isto aqui, Mel. — Escudo do Momento de Silêncio ativado.

Reescrevo minha mensagem para a manutenção, substituindo "onde diabos vocês estão?" para "conforme solicitei no e-mail anterior", algo mais diplomático. Há um limite para o que posso aprender com os vídeos de faça você mesmo do YouTube.

Após enviar o e-mail, encontro um documento do Word intitulado "RUTHIE_PERFIL" na minha pasta pessoal. De acordo com o histórico do arquivo, ele não foi acessado desde o ano passado, quando o escrevi, em um

momento esquisito de solidão, quando encontros on-line pareceram uma boa ideia por uns trinta segundos. Talvez não seja tão ruim? Um rascunho que pode servir como base para um perfil que me ajudará a encontrar meu sr. Cara Certo? Se Melanie não estivesse me encarando, eu o leria por entre os dedos.

Posso levar você para conhecer meus pais crentes?

Sou uma alma bem velha (tenho 24, com jeito de 124). Até hoje só vi um pênis (por um breve momento) e não fiquei impressionada o bastante para procurar outro (mas provavelmente deveria). Procuro alma gêmea paciente, que goste de abraçar e que me avise quando meu cardigã estiver com os botões desencontrados. Moro e trabalho em um condomínio para idosos. Nesse ritmo, vou acabar ficando aqui de vez.



Certo, a única atualização a fazer é que agora tenho vinte e cinco anos, com jeito de cento e vinte e cinco

Como uma supervisora impaciente, Melanie pergunta:

— Já terminou?

Após deletar essa evidência incriminadora, rebato com:

— E a ficha do novo morador que você deveria colocar no sistema para mim?

Melanie franze os lábios e me olha como se eu fosse uma estraga-prazeres.

— Não sei por que não quer que eu use meu verdadeiro talento. Aquele que não posso colocar no meu currículo. — Ela faz uma pausa dramática. — Deixar todo mundo apaixonado. Se soubesse quem é que está aqui sentada de frente para você, agarraria a oportunidade.

Quando alguém é confiante a esse ponto, realmente a proposta fica mais tentadora.

— Bem, tem bastante coisa no seu currículo.

Melanie estica os braços sobre a cabeça.

— Sabe que estou numa fase de trabalhos temporários. Estou experimentando vários trabalhos, até encontrar o *match* perfeito. E estou

marcando encontros com vários rapazes também. Responda rápido, sem pensar: Está pronta para se apaixonar?

— Sim. — Não fui forte o bastante para me conter, e é humilhante quanto vigor imprimi na minha resposta.

Toda noite, como parte das minhas rondas de segurança, caminho até o limite oeste do Providence para checar se a porta de correr que fecha os contêineres de lixo está com o cadeado. Sei que ninguém quer roubar o lixo. Me apoio no alambrado e fico vendo as luzes da cidade lá embaixo. Saber que minha alma gêmea agarradinha pode estar ali, sob a luz de alguma daquelas lâmpadas, mas que sou medrosa demais para ir atrás dela, faz meu coração parecer uma dor de dente. Se não tratar logo, pode ser necessário arrancar.

Toda noite, quando confiro o cadeado, olho para aquelas luzes e peço desculpas para ele mais uma vez.

Melanie está olhando para mim com uma empatia tão franca que me esforço para disfarçar o quanto esse *sim* significa.

— Quer dizer, todo mundo espera encontrar…

— Shhh… shhh… — ela repete até meus esforços de manter as aparências se esvaírem. — Não se preocupe. Vou ajudar você.

Nessas três semanas em que esteve trabalhando aqui, a Mel teve pelo menos quatro primeiros encontros, todos em um bar de *tapas* que ela chama de Cúpula do Trovão. Antes de cada encontro, coloca um aplique gigante de rabo de cavalo e me faz analisá-la de todos os ângulos. Ela também escreve os detalhes de cada encontro, "para o caso de ser assassinada". Confia em mim para ser sua testemunha? Não tenho certeza de se isso me deixa de certa forma honrada.

Confiro mais uma vez o calendário. Realmente ela está aqui há apenas três semanas. Talvez eu deva aproveitar a oportunidade de consultar uma profissional tão experimentada. Melanie é como uma eletricista para minha vida amorosa.

— Bem, o que você diz no seu perfil?

Ela está sempre com o celular na mão. Consegue abrir o aplicativo sem olhar.

— O meu diz: "Princesa mestiça de 22 anos exigente e decidida. Me leve para uma aventura. Nada de esquisitos, pintos pequenos, caras falidos ou lugares zoados".

Não posso afirmar com segurança que alguma dessas características seria um impeditivo para mim.

— E se a sua alma gêmea tiver alguma dessas coisas? Um cara… esquisito e falido, ou… — analiso a banana e o protetor labial na minha mesa. O mundo é cheio de variáveis. Minha nuca começa a ficar úmida sob o rabo de cavalo.

Melanie balança a cabeça.

— Ela não vai ter. Você acredita em almas gêmeas? Eu nunca adivinharia. — Ela fica me olhando com uma expressão de *Ahhh, que fofinha!* — Sua romântica.

— Você não precisa me ajudar. Eu me viro sozinha. — Tento voltar atrás, mas é tarde demais; ela aceitou o caso *pro bono*.

Melanie abre seu caderno cintilante em uma página em branco.

— Nome: Você prefere Ruth ou Ruthie Midona?

— Ruthie está bom. — Menos possibilidades de rimas. Os professores costumavam me usar como uma caixa-preta de avião quando se ausentavam da sala e a encontravam um verdadeiro caos quando voltavam, daí meu apelido na escola: *Escute-a-Ruth.* Eu era a menina da igreja que usava tênis de brechós; meus colegas de sala tinham pôneis e jet skis.

A Melanie se distrai fácil, a propósito.

— Ah, uma mensagem. Daria uma nota quatro de dez. Está vendo? Um pinto. — Ela mostra a tela para mim; de fato, é um pinto. Preciso da banana ou do protetor labial para avaliar o tamanho. Ela dá uma risadinha maldosa enquanto prepara uma resposta. — Sempre respondo com a foto do pinto de uma zebra. Dá uma noção de perspectiva a eles. — Ela me mostra essa foto também.

Que pinto humano ganharia um dez de dez? Ocorre-me que isso estaria na primeira página de um processo. Pintos no local de trabalho: Sylvia ficaria furiosa.

— É melhor a gente trabalhar um pouco. Realmente não tenho tempo para encontros. — Arquivo alguns papéis na pasta *T* de *Tédio*.

— Claro que você deve ter tempo, na real. Como conseguiu trabalhar aqui por dezesseis anos?

— Quantos anos acha que eu tenho? — Vejo os olhos dela baixando em direção a minhas roupas. — Mel, trabalho aqui há seis anos. Não dezesseis.

— Meu contrato vai até o Natal e já é uma eternidade, sem querer ofender. — O tom dela é de total desolação.

A única resposta que posso dar é:

— Trouxe um iogurte a mais, se quiser.

— Pelo amor de Deus, sim, por favor. — Encontramos forças para continuar.

— Eu tenho vinte e cinco anos — digo, me sentindo estranhamente constrangida com isso.

— Vinte e cinco — ela repete em tom maravilhado enquanto escreve. — Só três anos mais velha que eu, como isso é possível? Mas sua pele é ótima — ameniza, percebendo como tinha soado. — É que você é tão adulta, tocando este lugar. Foi só o que eu quis dizer.

Vou seguir o modelo de perfil sugerido por ela.

— Camponesa de vinte e cinco anos, pouco exigente e nada decidida.

Ela solta um risinho divertido e tamborila a caneta na mesa.

— Como sabe que é pouco exigente?

— Olhe para mim.

— Não se trata só de visual. — Melanie está sendo caridosa. Minha aparência é razoável, mas não sou nada de mais. — Você gosta quando o cara é grudado em você? Manda mensagem o tempo todo, leva você para os lugares, dá presentes? Quer que ele seja obcecado, ou prefere alguém que lhe dê espaço? — Ela faz uma pausa, pensativa. — Ah, ops. Se não curte homem, está tudo bem, também.

— Não tenho certeza. — Percebo que ela está olhando para mim, piscando várias vezes, e esclareço: — Eu gosto de homem. Mas não sei se quero que ele grude em mim.

(Mentirosa. Adoraria.)

(Acho.)

— Como era o seu último namorado?

— Ele era… — Não consigo pensar em nada exceto *muito religioso*. Junto as mãos como se rezasse e espero que seja o suficiente. — Foi há muito tempo.

Ela ergue uma das sobrancelhas.

— Quanto tempo, exatamente?

Não tenho como responder sem me abrir para uma crucificação total.

— Há um bocado de tempo.

Se isto fosse um filme de adolescente, eles colocariam alguns flashes aqui: eu em um vestido de baile, dançando lentamente com um Jovem Devoto, literalmente chamado Adam. Corta para a gente em uma cama de

solteiro, parcialmente sem roupas. Adam está virado de costas para mim, com os ombros chacoalhando a cada soluço. Se você acha que essa lembrança não pode piorar, que tal se eu disser que:

- ✓ Meu pai é pastor?
- ✓ Adam procurou meu pai para aconselhá-lo na manhã seguinte?
- ✓ Que perguntou: ele cometeu o pecado comigo?
- ✓ Sim.

Meu aconselhamento foi terceirizado para a minha mãe e ela me contou que meu pai estava "profundamente decepcionado" com as minhas "escolhas". Ao que parece, estava tão decepcionado que nunca mais tivemos uma conversa de verdade desde então, e nunca mais voltei a fazer más escolhas.

— Interessada em voltar para a pista. — Melanie escreve isso. — Montei o perfil de todas as minhas amigas, e da minha irmã mais velha, Genevieve. Meu vestido de madrinha é cor de pistache. Esse é o agradecimento que recebo.

Uma irmã noiva? Melanie tem credenciais pesadas. Mas isso parece o começo de outro filme de adolescente e não tenho a intenção de estrelar um.

— Por favor, não poste nada sem minha permissão.

— Não vou — ela responde, tão surpresa com minha desconfiança que fico envergonhada. — Vamos fazer um cronograma de lições de casa começando com coisas muito fáceis, até estar na Cúpula do Trovão, com algum cara sexy beijando seu pescoço. Não vamos escolher o primeiro que aparecer. Quando eu sair daqui, não vai estar mais sozinha.

Olho para ela de boca aberta.

— Isso é literalmente impossível.

— Não quando você segue o Método Melanie Sasaki. — Ela escreve essas palavras e as grifa várias vezes. — Método Sasaki. O nome tem apelo. Parece título de livro de autoajuda. Ou de uma série da Netflix. — Ela vendeu os direitos dez segundos depois de ter a ideia.

Ela não é a única vendo adiante; ainda estou pensando naquele conceito de cara-sexy-beijando-meu-pescoço. Quando ela tiver terminado de fazer sua mágica e ir embora, estarei assistindo ao especial de Natal da minha

série favorita, *Enviado do céu*, no sofá com alguém que queira me beijar. Isso é mesmo possível?

— Então, você topa? O Método Sasaki? — Melanie abre um sorriso de orelha a orelha. — Vai ser tão divertido.

Sou do tipo que gosta de pensar muito antes de tomar uma decisão.

— Posso pensar a respeito?

— Quero uma resposta até sexta-feira, no fim do expediente. — Hoje é segunda.

Ela se volta para o computador e começa a digitar. Quando começo a pensar que um milagre está acontecendo — ela trabalhar um pouco —, recebo um alerta no computador, um convite para uma reunião sexta-feira, às cinco da tarde. O Método Sasaki, claro. Clico em aceitar, e eis que a conversa não foi encerrada, apenas reagendada.

CAPÍTULO DOIS

Depois dos iogurtes, Melanie começa a colocar no sistema a ficha do novo morador, mas, agora que ela está trabalhando, eu meio que gostaria que ainda estivéssemos batendo papo. É uma linda tarde. Pela porta do escritório, posso ver o caminho bem-cuidado que leva às acomodações dos moradores. As cercas-vivas são perfeitas, a grama é verde-esmeralda e dá para ver um pedacinho do céu azul.

— Gosto da vista da Sylvia, dessa cadeira.

Melanie responde, ainda digitando:

— Pretende ficar com o cargo dela?

Faço que sim com um gesto de cabeça.

— Se não acontecer nada desastroso, ela diz que pode se aposentar com tranquilidade. — Acho que quer dizer que vai se aposentar antes que as coisas fiquem sérias.

A Companhia Incorporadora Prescott (CIP) adquiriu o Providence há um ano e meio. Eles têm a reputação de dar uma repaginada glamorosa e drástica às suas aquisições. Será que o Providence se tornaria um centro de bem-estar? Um hotel butique? Um cenário de *reality show*? O tempo foi passando e nada aconteceu. Nenhuma visita, nenhuma ligação, nenhuma escavadeira, mas eventualmente saiu um memorando com o timbre da CIP: Todos os contratos com os inquilinos foram alterados para se encerrar na mesma data, 31 de dezembro do ano que vem.

— Tudo bem — me disse a sra. Whittaker (a dos lendários três namorados) quando soltei a papelada explicando a alteração no inquilinato. — Até lá já vou estar morta, querida. Tem uma caneta? — A reação dos moradores variou entre um otimismo desencanado e fofocas sobre teorias da conspiração. As famílias começaram a ligar preocupadas, fazendo perguntas que ainda não podíamos responder. No próximo Natal, talvez estejamos esvaziando este escritório.

Continuamos tentando impressionar a CIP sobre o maravilhoso investimento que eles fizeram, enviando relatórios financeiros regularmente

e recortes de jornal bonitinhos sobre nossas contribuições à comunidade. Mas nosso papai corporativo é ocupado demais para ver nosso boletim nota dez ou assistir a nossos recitais de balé. Somos os vencedores esquecidos. E estou bem com relação a isso.

Melanie levanta a cabeça.

— Estou ouvindo uma *scooter* elétrica. Está com você, sua vez.

— Parte das suas obrigações é auxiliar os moradores. Talvez sua obrigação mais importante.

— Eles são tão velhos, têm a pele tão transparente. Não consigo aguentar. — Melanie se levanta e vai para o banheiro, com o celular na mão. Vou lá fora oferecer um serviço de *drive-through*.

Uma voz aguda grita:

— Pelo preço que a gente paga, era para eles fazerem alguma coisa sobre as tartarugas. — Descendo a colina a todo o vapor vêm as irmãs Parloni. A irmã mais velha vem na frente, Renata. Acabou de fazer noventa e um anos. Coloquei um cartão de feliz aniversário na caixa de correio dela e ele voltou para mim, rasgado em pedacinhos. Tudo bem, sabia que faria isso.

— Tenha mais cuidado, elas estão ameaçadas de extinção — é o que Agatha (Aggie) responde. Ela é mais jovem, com oitenta e nove anos, e está certa: são tartarugas ameaçadas de extinção e estão por toda parte. Providence tem a maior concentração de tartarugas-de-capuz-dourado do planeta. As duas irmãs manobram suas *scooters* elétricas ao redor dos montículos que lentamente pontuam o caminho, e meu coração vai parar na garganta.

Renata grita em resposta:

— Sou eu quem está ameaçada aqui. Por mim, faria pentes com elas. — Quando chegam até onde estou, freiam. Na cesta da *scooter* da Aggie, dá para ouvir a Britney Spears berrando no radinho portátil.

Renata já foi editora de moda. O diabo veste marcas que você nunca nem ouviu falar. Tem um vídeo no YouTube de um desfile de 1991 em que ela chama Karl Lagerfeld de *Morto muito louco* na cara dele. Ele a chamou de algo muito pior em francês, mas ela considerou isso um triunfo. *Karl não conseguiu dar uma resposta criativa*.

A revista *QUENTE OU NÃO* acabou faz tempo, mas Renata não está exatamente aposentada. Posso distinguir logos de marcas nela toda.

A irmã, Aggie Parloni, é minha meta estilística. Terno cinza, blusa branca e mocassins pretos. Tem cabelos brancos bem curtinhos, é inteligente,

asseada e tem bom senso. Me dou superbem com ela. Aggie é uma pessoa tranquila, mas é barulhenta por causa do rádio. A estação local tem uma competição: ganhe dez mil dólares se eles repetirem uma música ao longo do dia. Aggie não precisa do dinheiro, nem de nenhum dos prêmios aleatórios que está sempre tentando ganhar. É na sensação do *e se* entre a participação e o momento do sorteio que é viciada.

Pergunto alto para ela:

— E aí, deu sorte?

Aggie diminui um pouquinho o volume e estende alguns envelopes na minha direção. Estão selados e prontos para o correio da tarde. Até sei o que são. "Vinte e cinco palavras ou menos". "Junte dez cupons." "Escolha um nome para esse iate e concorra."

— De fato, dei uma sortezinha, sim — diz com cuidado, como se soubesse que alguém ia provocá-la em seguida.

— Ela ganhou um *frisbee* — Renata diz, gargalhando. — Vamos convidar os vizinhos para jogar, que tal? Fraturar alguns quadris.

A imagem na minha cabeça chega a turvar a visão.

— Algo mais que eu possa fazer por vocês? — O fato de o assistente delas não estar a reboque é um péssimo sinal.

Renata sorri, e é um sorriso de pura maldade.

— Precisamos de outro.

Sei exatamente o que quer dizer.

— O que aconteceu com o Phillip?

Ela me ignora e abaixa os óculos de sol, mais descolada do que jamais serei, e olha para a cadeira vazia da Melanie.

— Onde está a sua linda serva asiática? Ou isso não é politicamente correto? Inspirada nela, encomendei uma linda peruca preta.

— Definitivamente você não pode chamá-la assim. — Olho nos olhos dela até me certificar de que entendeu. — Mas, quanto à peruca, a Melanie vai ficar lisonjeada. Ela está ocupada, conferindo suas redes sociais no banheiro.

A gargalhada da Renata sempre cai como uma droga na minha corrente sanguínea. É o equivalente Providence de fazer a garota popular da escola rir.

— Os jovens de hoje. No banheiro, onde é o lugar deles. Gostaria de ter tido o tal Instagram.

— É tarde demais para experimentar? — Aggie é daquelas pessoas que ficam instigando os outros discretamente. Muito obrigada. Antes de o dia terminar, vou estar tirando fotos da Renata enquanto ela faz poses em uma parede de tijolos.

Renata estreita os olhos como se eu fosse uma capa de revista e Não Fosse Quente.

— Parece muito mais velha hoje, minha jovem. Onde está a viseira que lhe comprei de Natal? Você está implorando por MANCHAS HEPÁTICAS — ela irrompe, alto o bastante para assustar os pássaros. — Veja só minhas VELHAS MÃOS manchadas. Essa música já tocou de manhã — Renata diz abruptamente a Aggie quando a rádio começa a tocar uma outra música. — Rápido, ligue para eles.

Aggie consulta seu caderno.

— Às nove horas e nove minutos tocou "Billie Jean". Essa é "Thriller". Conte o que você fez com o Phillip.

Renata está triunfante.

— Dei uma calçola de brincadeira para ele passar. Como eu ia saber que um pedido tão simples seria a gota d'água?

— Ele simplesmente pegou as chaves dele e foi embora — a Aggie diz, com ar cansado. — Dois dias e meio. Durou mais que a maioria.

Algumas pessoas vão a safáris quando querem se divertir. Renata Parloni prefere um tipo de jogo bem específico. Está recarregando as armas quando solta:

— Faz tempos que não temos um menino gótico. Quero um que pense constantemente sobre a própria mortalidade.

Endureço com ela:

— Tínhamos um acordo. Vamos colocar um anúncio comovente. Vou buscar agora mesmo. — Imagine só poder contar para a Sylvia que resolvi a questão Parloni de uma vez por todas.

Quando volto com o arquivo, a Renata diz:

— Leia o anúncio antigo. Quero saber o que há de errado com ele.

— "Vaga: Duas senhoras idosas, moradoras do Condomínio para Idosos Providence, buscam um assistente do sexo masculino para eventual exploração e humilhação sadia."

Renata me interrompe.

— O que há de errado com esse pedaço? — As duas estão dando risadinhas em suas *scooters* agora. Ninguém se aguenta quando toca

“Thriller”. Apoio-me ora em uma perna, ora em outra, tentando me impedir de começar a dançar.

Explico:

— Discriminação de gênero é ilegal. O anúncio diz que apenas homens podem se candidatar.

— Não estou interessada em ficar dando ordens a uma mulher. Leia o resto. — Renata não tem nenhum problema em *me* dar ordens. Aggie me dirige um olhar de profunda empatia.

Continuo:

— “Entre as tarefas da função estão compras em butiques, buscar fast-food e fazer elogios sinceros. Boa aparência é desejável… mas não somos muito exigentes.” — Recorro a Aggie: — Também não tenho certeza de se isso é legal. Está na cara que isto aqui não vai arranjar ninguém que sirva pra vocês. Tudo o que conseguiram até agora são…

Renata me interrompe de novo.

— Garotos magrelos com skates e olheiras. Crianças inúteis que não sabem descascar uma laranja ou dirigir um carro que não seja automático.

Pego o rascunho do meu anúncio.

— “Procura-se enfermeira com experiência com idosos para atuar como assistente de duas senhoras ativas, moradoras do Condomínio para Idosos Providence. Tarefas domésticas, passeios e levar e buscar coisas. Necessário carteira de motorista e comprovante de antecedentes.” — Tento não encolher sob o olhar venenoso de Renata. — Fizemos um acordo.

Aggie fica do meu lado.

— Rê, acho que devemos usar esse anúncio novo. Seria bom ter alguém que realmente seja capaz de fazer as tarefas. Lavar roupa. Arrumar as camas. Estou velha demais para viver na bagunça por causa do seu *hobby* esquisito.

Renata parece inflamar-se.

— Tínhamos combinado que quando fôssemos ricas e ficássemos velhas…

— Isso foi há cinquenta e cinco anos — Aggie a interrompe. — Você já se vingou dos homens. Sim, ter gente jovem por perto é agradável. Mas não tenho mais roupas limpas. Não tenho uma caneca de café limpa. Deixe-me viver com conforto. Minhas mãos já não são o que costumavam ser. — Ela tem neuropatia periférica, o que causa dormência nos dedos.

A expressão de Renata se suaviza.

— Só mais um rapaz e eu me aposento. É melhor me esforçar bastante para realmente deixá-lo de joelhos. Encontre-o para mim, Ruthie. — Ela ajusta a viseira. — Preciso de um drinque forte. Mas não tenho nenhum rapaz para prepará-lo para mim. Droga.

— Talvez a gente acerte na loteria com esse último rapaz — Aggie me diz, sem muito otimismo. — É preciso jogar para poder ganhar, suponho.

— Vou resolver a questão do anúncio e cuidar do seu correio. Tenham uma ótima tarde. — Devo ter ainda um resquício de otimismo em mim. Estava quase alcançando o escritório quando a Renata me para.

— Precisamos que você coloque gasolina no carro. Precisamos de algo para beliscar. E precisamos que busque o jantar: comida tailandesa, mas nada apimentado. Nada de macarrão nem arroz. Nem sopa nem coco. Definitivamente, nada com coentro ou menta.

Minha pulsação acelera ao pensar em sair esta noite, mas não posso simplesmente deixá-las aqui na colina para morrerem de fome.

— Tinha um compromisso esta noite, mas… tudo bem.

Renata dá uma risadinha.

— Você? Compromisso, numa segunda-feira à noite? Até parece. Olha, continue fazendo um bom trabalho e coloco você no meu testamento. — (Uma tática comum. A irmã e eu a interrompemos e chamamos sua atenção, mas ela continua.) — Arranje algumas flores frescas, alguma combinação elegante. Mas não lírios. Você sabe que não gosto de me sentir como se estivesse no meu funeral.

Sei bem o tipo de flor que vai fazer com que ela grite comigo. Olho para o céu e faço uma súplica: *Não aguento mais. Por favor, nos mande o Escolhido.*

Renata começa a acelerar sua *scooter.*

— Depois venha e faça uma conta no Instagram para mim. E dê um jeito no nosso aparelho de DVD. — A voz dela vai sumindo conforme se distancia. — E fique com a gente para assistir a um DVD. E depois pode lavar as roupas da… — (inaudível).

Meu único plano para a noite era fazer a caminhada de cento e vinte e sete passos entre o escritório e meu chalé, tomar um banho quente e assistir a *Enviado do céu.* Mas parece que, em vez disso, vou ter de sair. Gasolina é uma das poucas coisas que não têm delivery, para minha infelicidade.

— Obrigada, Ruthie — Aggie diz para mim. Ela tentava desenganchar a carteira de dentro da bolsa que invejo em segredo. Pega duas notas de cem

dólares de um monte da grossura de uns dois dedos. — Isso é o suficiente? Gostaria de poder ter você como nossa assistente, mas a Sylvia nunca permitiria. Garotas como você valem ouro.

Se Sylvia me entregasse às Parloni, envelheceria dez anos em uma semana, e isso me deixaria com cento e trinta e cinco.

— Vou conseguir alguém confiável. Precisam de alguém que administre a casa para vocês. A vida ficará muito mais fácil. — *Para vocês e para mim*. — Espero que, quando a Sylvia voltar…

— Não se preocupe. Vou dizer a ela que cuidou de tudo muito bem. — Aggie tira uma terceira nota da carteira. — Peço desculpas pela Rê. Isto é um presente, como agradecimento. — Com os olhos na irmã, já distante, me entrega a nota de cem dólares mais perfeita que já vi na vida.

— Ah, muito obrigada, mas não é preciso. — Tento devolver o dinheiro, mas a carteira dela já está na bolsa. Ao longe, ainda podemos ouvir Renata gritando. Digo: — Aggie, isso é um exagero.

— Não é contra as regras, pode aceitar. Compre algum mimo para você. — Ela olha para as minhas roupas sem graça com um olhar gentil em vez de crítico. Todas as peças estão limpas e em bom estado, mas são todas baratas. — Aja de acordo com a sua idade. Como deve ser bom ser tão jovem. É o único prêmio que não vou poder ganhar de novo. — E vai embora em sua *scooter*.

Guardo meu presente no bolso e volto para dentro. Melanie já retornou para a mesa dela. Um fone pende da sua orelha e ela está descalça. Coloco uma pasta no porta-papel da mesa dela e os envelopes da Aggie junto ao resto da correspondência.

— Vamos publicar o anúncio por alguns dias, depois vamos substituir pela minha versão. Posso deixar isso com você? — A agência de empregos da região, pela qual conhecemos Melanie, não aceita mais nenhum tipo de envolvimento com as Parloni. Atiramos a rede e vemos se conseguimos pescar alguns rapazes na internet. Penso nas minhas aspirações românticas e estremeço; será que é a mesma coisa?

— Uma coisa é certa — diz Melanie —, estou empacada com o cadastro do novo morador. O que insiro aqui, no prazo do contrato?

— Todos os contratos terminam em trinta e um de dezembro do ano que vem.

Ela olha para mim com uma expressão de dúvida:

— O que acontece depois? O prazo é estendido? — Ela pensa em algo. — Isso é porque eles todos são… você sabe. Velhos?

— Não, é a nossa nova política corporativa. Na verdade, não sabemos o que acontece depois dessa data. — Estico o braço atrás de mim e pego uma pasta da Sylvia chamada "CIP INCORPORADORA". — Se terminar o serviço e não tiver mais nada para fazer, pode dar uma olhada nisto aqui para entender um pouco melhor. Acho que vou dar uma volta para ver como estão alguns dos novos moradores.

Melanie abre a pasta, acha uma chatice e diz:

— Pense no Método Sasaki. Pense em dar um sorriso para o próximo cara bonito que você encontrar.

De fato, fico pensando nessas coisas por um longo tempo enquanto subo a colina, tirando tartarugas do caminho, as mãos com uma luva de látex. Abro para cada uma delas um sorriso falso, tentando parecer charmosa. Sei que, na volta, vão estar no caminho de novo.

Ninguém pode dizer que não faço o melhor que posso.

CAPÍTULO TRÊS

Hora de preparar a sela e cair na estrada com esse garanhão reluzente que me emprestaram. Para a jornada, vou precisar de:

- ✓ Meu cardigã divertido (ele tem raposas e cogumelos).
- ✓ Um coque bem esticado, que acabei de ajeitar, sem nenhum fiozinho escapando.
- ✓ Dentes escovados e um pouco de *gloss* rosa.
- ✓ Um pouco de coragem, o que é estranho, eu sei.

É melhor segurar o chapéu, parceiro, estamos prestes a cavalgar pelo vale e… quem eu quero enganar? Vou me sentar aqui e ter um ataque de nervos. Uma vez olhei na internet quanto custa o carro das Parloni e meu cérebro instantaneamente esqueceu o valor, como se estivesse tentando bloquear um trauma. Odeio sair do condomínio. E se acontecer alguma coisa? Forço-me a dar partida no (caríssimo) motor, porque, quanto antes eu sair, mais rápido posso voltar para ver o episódio desta noite da minha série favorita.

Não contei isto a uma alma sequer (no mundo real), mas sou uma das fundadoras do fórum on-line mais antigo de *Enviado do céu*, o Céu Enviou Você Aqui. *Enviado do céu* é sobre o Pastor Pierce Percival; sua esposa, Taffy; a filha adolescente e estudiosa, Francine; e as gêmeas de oito anos (Jacinta e Bethany), que estão sempre aprontando.

Todo ano o fórum promove uma reprise da série para o mundo todo. Hoje vai ser o episódio oito da Segunda Temporada. É aquele em que as gêmeas, com saudade de casa, pensam ter visto o rosto de Jesus em um marshmallow no acampamento cristão. Quando voltar, depois de fazer as coisas que as Parloni pediram, preciso rever esse episódio para refrescar a memória e começar a discussão.

Com esse objetivo em mente, inicio a viagem. Minha nossa. Estou no mundo exterior. Estou enchendo o tanque com ouro líquido no posto menos cheio quando me dou conta de que estou encarando as costas de um rapaz.

O cabelo dele é preto e bem comprido, coloca o aplique da Melanie no chinelo. Cabelos resplandecentes, brilhantes, são um desperdício nos homens. Aposto que nem passa condicionador nem tira as pontas. Ele se senta de lado na moto, com um tornozelo sobre o outro, enquanto aquela glória imerecida esvoaça com a brisa, formando um redemoinho negro.

Ele nem se deu conta da minha presença. Tudo bem.

Esse espécime em particular está na casa dos vinte. Sua pele é rija, coberta de tatuagens. Vejo um escorpião, um garfo e uma faca, um anel de diamante. É como se seu corpo fosse a página que ele folhearia enquanto espera para ser atendido na companhia elétrica. Uma trilha ascendente de borboletas, um canivete, um donut. As artes são uma graça. Esse é um cara que teve um bocado de trabalho para parecer trivial, com coisas desconexas estampadas nele todo.

Nenhuma das tatuagens é colorida, e tenho vontade de pegar meu estojo de canetinhas e pôr mãos à obra. Começaria por esse botão de rosa grande na parte de trás do braço dele. Na verdade, acho que usaria um lápis labial rosa. A ponta oblíqua é do tamanho certinho para pintar as pétalas, cada uma do tamanho do beijo de uma mulher.

Ele vira a cabeça, sentindo os meus olhos como um animal, mas não olha de volta para mim. Encaro o concreto até ele mudar de lugar. Ponho a mão no pescoço; posso sentir meu coração batendo. Este é um desenrolar interessante: meu corpo sabe que tem vinte e cinco anos.

Melanie disse para eu arriscar e sorrir para um cara. Olho para mim mesma. Minha mãe disse uma vez que eu tinha panturrilhas bonitas, e meu reflexo na janela do carro também não tem nada de errado, talvez seja até bonito quando suavizo a expressão.

Imagine se você fosse um homem. Como é ter uma bunda que não se esparrama quando se senta? Se eu fosse transformada em homem por um dia, passaria a primeira hora carregando fardos de feno por aí, para me fazer suar. Então juntaria coragem para abrir o zíper e decidir se ver um pênis é uma prioridade digna. Conforme os minutos passam, o Rolls-Royce continua bebendo, e ele continua sentado, quieto. Não vejo um segundo capacete. A mochila está bem cheia. Fico preocupada com aquele zíper.

Tranco o carro. Depois verifico cada porta. Sussurro para mim mesma:

— Tranquei as portas do carro. — Quase acredito em mim mesma enquanto entro na loja para pagar.

Enquanto penso sobre quais barras de chocolate vou levar para a Renata, meus ouvidos captam a conversa sussurrada do atendente ao telefone.

— Ele vai roubar.

Corro para a janela para ver o carro, mas o Cara das Tatuagens ainda está sentado onde o deixei. Coloco minhas compras no balcão.

O atendente diz ao telefone:

— Faz mais de dez minutos. Encheu o tanque da moto, não tem dinheiro para pagar e está decidindo o que fazer. — Ele começa a passar cada item no leitor e me passa o valor total. — É. Assim que ele tocar na ignição, ligo pra polícia.

Olho pelas janelas empoeiradas. É evidente, pelos ombros e pela expressão pensativa em seu rosto, que está vivendo um momento terrível. Não tinha me tocado enquanto admirava a bunda dele. Depois suspeitei que cometeria um roubo. Será que é verdade que ele não tem dinheiro? Já estive em uma situação parecida antes. Tinha saído de casa havia poucas semanas e meu cartão continuava sendo recusado. Meu pescoço havia começado a esquentar com o esforço de conter as lágrimas. Uma mulher com jeito de mãezona pagou a conta para mim e desapareceu na noite. Tudo o que ela disse foi: “Passe adiante”.

Hora de pagar minha dívida cármica.

— Eu pago para ele. Quanto é? — Pego minha nota especial de cem dólares.

O atendente põe o telefone no gancho.

— Vinte dólares. Como você é boazinha. — A maneira como ele diz não me faz sentir nem um pouco boazinha.

Estou quase chegando à porta do carro quando o atendente diz pelo alto-falante:

— Bomba número dois, favor agradecer à sua Boa Samaritana. O combustível foi pago e você já pode ir.

Somos os únicos clientes no posto. Já era o meu plano de sumir na noite. Mesmo assim, decido tentar. Ouço o Cara das Tatuagens dizer atrás de mim:

— Senhora, muito obrigado.

— Sem problema. — Atrapalho-me com a chave do carro e derrubo coisas. — Não foi nada.

— A senhora acabou de livrar meu traseiro, quero dizer, minha pele. Estou tendo o pior dia da minha vida. — Ele está mais próximo quando diz: — Deixei minha carteira em algum lugar, mas sempre acabo encontrando.

O mundo está cheio de Bons Samaritanos, como a senhora. Se me passar seus dados, pago assim que puder.

— Não precisa — digo, mas agora ele está bem atrás de mim. Sinto o cheiro da malha sobre seu corpo quando uma brisa sopra contra nós. Quando abaixo a cabeça e olho para meus mocassins, suas mãos grandes e tatuadas estão recolhendo as compras que derrubei.

De jeito nenhum vou dizer "passe adiante". Aquele homem provavelmente pensaria que é bobagem de menina. Mas vou tentar vivenciar uma história empolgante para contar para a Melanie. Viro-me para ele.

— Aqui está — ele diz, ainda agachado, depois de juntar todos os chocolates. Quando se levanta, fica obviamente surpreso. Depois do sobressalto, ele solta um enorme e alegre urro. Em direção ao céu, ele grita em alto e bom som: — Ah, meu Deus, você está absolutamente incrível!

Será que a Melanie pagou algum ator lindo aqui da região para me animar?

— Caramba, ficou bem demais. Você me pegou. — Como não respondo, continua: — Acredite, de costas, você simplesmente arrasou. — Seu sorriso é branco e adorável, enquanto põe o cabelo para trás. — Adoro festas à fantasia. Posso ir? — Seu corpo esguio e atlético se chacoalha enquanto ri. É um exercício de corpo inteiro. Ele está tão perto, por um instante nem consigo processar as palavras. E então sinto o golpe.

— Como é?

Ele está olhando para o meu peito sem disfarçar. Os óculos que uso enquanto trabalho no computador ainda estão pendurados no meu pescoço pela corrente.

— Perfeito — diz com admiração, antes de cair na gargalhada de novo. — Você vai como uma das Supergatas?[1]

— Não…

— Só falta um colar de pérolas e uma bengala. Olha só esses sapatos de vovó. — Pontua com um tom alegre de repreensão e toca a ponta do meu pé com a do dele. — Arrumou até um carro de gente velha para combinar. Pensou em tudo. — Ele seca uma lágrima do canto do olho. — Parece a vovó do Piu-Piu.

— Não precisa ser grosso. — As palavras cerimoniosas saem da minha boca antes de eu perceber que devia dizer apenas: *claro, estou indo para uma festona, tomara que minha fantasia vença*.

Não acho que ajudei alguém que estivesse realmente precisando. Tatuagens são caras e ele se cobriu com uma fortuna. Seu jeans de motoqueiro incomum tem um monte de costuras duplas e linhas diagonais, resultado de um trabalho habilidoso. Meu olhar acostumado a brechós nota um pequeno logo no bolso dele: BALMAIN. Muito, muito caro.

Ele percebe que estou prestando atenção nele e o canto da sua boca se ergue de maneira travessa.

— Então, você tem quantos anos? Oitenta e cinco, com uma plástica?

— Quantos anos eu tenho não é da sua conta. — As palavras que não consegui dizer aos moradores do Providence, e disparo na cara de um motoqueiro tatuado? — Paguei sua gasolina porque pensei que estivesse com problemas. Mas vejo que não precisava de verdade.

— Estava só tomando coragem para ligar para o meu pai. — O cara coça o queixo e não consigo interpretar o que está estampado nos seus dedos. — Tento fazer merda durante o horário de trabalho, assim posso falar com o assistente em vez de com ele. Menos sermão.

— Vou passar meu endereço do PayPal. Pode devolver meu dinheiro, e vou encontrar alguém que realmente precise dele. — Não posso escrever na nota das Parloni. Tenho um dos cartões de visita da Sylvia no bolso. Risco o e-mail dela e escrevo o meu. O atendente do posto me manda um joinha com um sorriso maldoso e fico vermelha de humilhação.

Ele estuda o cartão de visitas que coloco na mão dele.

— Um condomínio de idosos? — Seus olhos se acendem. As íris misturam cores… são familiares, mas não sei do que me lembram. Ele está segurando outra risada. — Mas o que há com você, hein? — Enfio-me no carro e tranco a porta. — Espera, espera — o cara grita. Agora o seu *sinto muito* está mudo e distante. Sinto muito também. Engraçado como uma boa ação pode se tornar com rapidez algo ruim no mundo exterior, como um daqueles vídeos de uma fruta apodrecendo.

Enquanto aguardo uma brecha no trânsito, olho no retrovisor, rezando para que ele não tente me seguir. A mão na cabeça é um sinal universal para *fiz merda*. Ao menos ele percebe. A maioria das pessoas que me magoam nunca se tocam. Só investi vinte dólares em um lembrete do porquê eu ficar no Providence e ter me refugiado no meu pequeno fórum, nos recônditos da internet.

Escudos do Mundo Exterior, Ativar.



— Está tão quieta hoje — Melanie diz atrás de mim. — Eu disse alguma coisa ou…?

— Me magoei um pouco ontem à noite. Não tem nada a ver com você. — Continuo olhando para o estacionamento, procurando um carro.

Depois que resolvi o que tinha de resolver com as Parloni e as deixei dormindo no sofá, de mãos dadas, fiquei me olhando no espelho, no meu quarto. Então usei um espelho de maquiagem para me ver por trás. Aquele cara estava certo: da maioria dos ângulos, eu sou uma velhinha. Mandei uma mensagem para Austin, JJ e Kaitlynn, meus amigos administradores do fórum. O chat do grupo virou um enorme coro de indignação — *que babaca, isso foi tão GROSSEIRO, é claro que você não é velha* —, mas o encorajamento não soou muito autêntico porque nenhum de nós se conhece pessoalmente.

— Vou dizer o que eu sei. Você é uma boa pessoa, Ruthie — Melanie diz com gentileza. — E não merece ser magoada. Conta pra mim quem fez isso que eu mato.

— Um completo estranho. Alguém que nunca mais vou ver de novo. — Olho as horas mais uma vez e ponho de lado a emoção que começa a apertar a minha garganta. — Preciso focar na reunião. Gostaria de saber qual é o assunto.

— Sinto muito — diz Melanie. — Sei que fiz uma lambança.

Enquanto eu estava em cima de uma escada trocando uma lâmpada hoje de manhã, do lado de fora do centro de recreação, ela recebeu uma mensagem para mim. Tudo o que ela escreveu foi:

✓ *Jerry Prescott*
✓ *Hoje às três horas*
✓ *Alguma coisa da manutenção?*

— Jerry Prescott é dono do Providence — contei, com o mais puro terror percorrendo minhas veias. — Você falou com o assistente dele? — Ela fez que não com a cabeça. — Falou com o dono da Companhia Incorporadora Prescott? CIP? CIP?

— Ele pareceu legal, eu achei — respondeu.

Tentei de tudo — até uma sessão improvisada de hipnose, com o escritório escuro —, mas a Mel jura que não se lembra de nenhum outro detalhe. O assistente do Jerry nunca me ligou.

Uma moto entra no estacionamento.

— Não. — Estou esperando um carro alugado. O piloto tira o capacete, balança a cabeça e olha para o escritório. Conheço aquele cabelo fenomenal de algum lugar.

Seriado da década de 1980 estrelado por idosas. (N.T.)

CAPÍTULO QUATRO

Uma sensação completamente nova começa a desabrochar no meu peito, e agora meu coração pulsa nas minhas orelhas. Brava, empolgada? O cara do posto de gasolina está aqui para quitar sua dívida, ou rir de mim, ou pedir mais dinheiro.

— Ah, ótimo — digo em voz alta. Não tenho tempo para lidar com ele, com meus nervos em frangalhos. — Mel, preciso que você dê um jeito em uma coisa.

— Vivo para isso — ela confirma de imediato. — Deixa comigo. É só apontar.

Mas… minha boca não abre e não quero delegar, pelo menos ainda não. A brisa revolve o cabelo dele de maneira artística. Do mesmo jeito como no posto, ele se senta de lado na moto e não tem pressa. Lá está a mochila enorme de novo. Imagino que andar de moto por aí com a pia da cozinha nas costas não seja muito confortável.

— Quem é? — Melanie pergunta, dando a volta para olhar. — Você conhece?

— Ele me deve dinheiro. Não pergunte. — Gosto de bancar a misteriosa, quem diria?

— Mas eu tenho tantas, tantas perguntas — Melanie argumenta. — Realmente gostaria que já tivéssemos decidido usar o Método Sasaki, porque então eu poderia orientar você. Esse aí é muita areia para o seu caminhão, garota.

Por que ela tinha que dizer isso? Sou uma tonta. Ele está de moto. O ensino médio não foi há tanto tempo assim, e sei as combinações que são possíveis na vida real. Sinto um pontinho dolorido familiar perto do coração, como se a Melanie tivesse enfiado o dedo em um pêssego maduro.

— Nem em um milhão de anos eu…

O conselho da Melanie sufoca os meus protestos:

— Está andando por aí magoada por causa… na verdade, não sei com o que está magoada. Não vou deixar você ser magoada por esse aí. Ele é uma

Lamborghini, e você está aprendendo a dirigir. Você pisaria no acelerador e se arrebentaria no muro. Se machucaria.

— Não é nada disso. Você entendeu errado.

— Eu vejo um *bad boy*. Está vendo também? — Tenho que concordar. — Você precisa de um homem legal e adequado, que não vá destruir seu coração. Nunca empreste dinheiro. Nunca se machuque. — Essa última parte é uma bronca protetora. Melanie passa o braço no meu, aperta e segura. — De repente estou feliz por você nunca sair.

O constrangimento e o ombro dela tocando o meu de maneira amigável me fazem ser ríspida.

— Não sou uma estúpida, Mel. Nem me imagino tentando alguma coisa com um cara como esse.

Que mentira. Posso imaginar tudo.

Sinto o cascalho sob meus sapatos. Paro entre os joelhos dele, enroscando a mão gentilmente em seu cabelo. Inclino sua cabeça para trás. Os olhos dele brilham, surpresos, mais uma risada na ponta da sua língua. Ele me deixa segurá-lo no lugar. Faço suas bochechas corarem enquanto digo algo honesto e levo minha boca até a dele e…

Melanie me interrompe.

— Não a culparia por fantasiar. — (Tento não me contorcer de vergonha.) — Uau, isso é que é cabelo bonito. Talvez mais bonito que o meu. *Aff*, odeio esse cara. — Ela solta meu braço e começa a passar a mão em seu rabo de cavalo. Como se pudesse sentir a atenção dela, ele faz um coque com sua crina negra e o prende com um elástico. É mais seguro para as pessoas se ele mantiver essa arma capilar no coldre. — Não vai mesmo me contar como o conheceu? Pelo menos o nome dele.

— Não posso.

O cara sem nome fica lá sentado, bocejando como um leão. Uma tartaruga se aproxima da bota dele. Ele a pega, fala com ela, a faz dançar gentilmente na palma da mão e depois a coloca no jardim. Algo assim deve ter se passado pela cabeça da tartaruga: *Ele é tão grande, bonito e engraçado, mas por que fez isso comigo? Não estou ferida, mas também… não tô bem?*

Talvez ele esteja ensaiando o que vai dizer. Falar bem, combinado com esse tronco e a devolução dos vinte dólares, e talvez eu possa recuperar minha fé na humanidade (jovem). Não consigo tirar os olhos dessa pessoa.

O tempo está passando, deixando Jerry Prescott cada vez mais perto. Preciso me recompor.

— Vou dar uma saída rápida. Só para me livrar dele.

Melanie responde:

— Eu faço isso.

Antes que eu possa dizer alguma coisa, surge um sedan de última geração. É o carro de aluguel que eu estava esperando. O motorista acelera até a vaga ao lado da moto e freia fazendo barulho. Aquela tartaruga teria virado panqueca. Um homem sai, e é Jerry Prescott. (Fiz uma extensa pesquisa/bisbilhotei na internet, por isso posso afirmar com certeza.)

Ele fala com o Cara das Tatuagens e dá um tapinha no ombro dele. E aí, meu camarada, como é que tá? Os homens são todos parte de um grande pênis-clube. Essa frase não ficou boa. Agora estou olhando o Cara das Tatuagens e pensando nas palavras *grande pênis*…

Forço-me a sair de perto da janela e ajeito os copos na bandeja.

— Estão entrando juntos — Melanie narra. — O Cara Mais Novo está pegando outra tartaruga agora. Está mostrando para o Cara Velho, que parece puto com isso. Caminham juntos. Estão em uma conversa acalorada. Um dedo apontado no peito. Não consigo ver agora, mas estão quase na porta…

— Toc, toc — Jerry Prescott diz, à entrada do escritório, mas mesmo assim dou um pulo. Ele entra, e o Cara das Tatuagens se inclina na porta, com uma tartaruga-de-capuz-dourado em uma das mãos e a mochila pendurada na outra.

— Olá, senhor Prescott. Prazer em conhecê-lo. Sou Ruthie Midona. — Atravesso o escritório apertado me desviando dos obstáculos para apertar a mão dele. — Estou no comando até Sylvia Drummond voltar. — Soo afetada e antiquada, a típica secretária, com meu cardigã e meus mocassins. Ah, cara, ainda estou com meus óculos de leitura pendurados no pescoço. E eles foram notados.

— Ah, e aí? — o cara mais novo diz, me reconhecendo com facilidade, como se fôssemos velhos amigos. — Tive um sonho muito interessante sobre os seus óculos na noite passada.

Decido que não ouvi isso.

— E esta é Melanie Sasaki, minha temporária.

— Ruthie, Melanie, é um prazer conhecê-las. — Jerry aperta nossas mãos vigorosamente. Ele é a versão mais velha de Alto, Moreno e Bonito.

Tem um sorriso caro. Para mim, ele diz: — Minha equipe me falou muito sobre você no escritório central. Você é bem mais jovem do que eu imaginava.

— Ouço isso direto.

(O Cara das Tatuagens abre um sorriso, exibindo os dentes caros.)

Troco um olhar com ele.

— Tenho uma reunião agora. Desculpe. — Entenda-se: *Cai fora*.

— Este é meu filho, Theodore — diz Jerry, virando-se para o cara mais novo. — Venha até aqui, apresente-se.

— Olá, sou o filho desse homem — Theodore diz de maneira obtusa, fazendo o pai franzir a testa. — Sou o infante Prescott.

— Você poderia levar alguma coisa a sério? Só uma vez? — Jerry dá uma bronca. — Coloque essa tartaruga no chão, pelo amor de Deus. Eu sinto muito — Jerry se desculpa em um sussurro desesperado enquanto Theodore vai até lá fora para libertar sua prisioneira.

A única explicação para esta visita é que, de alguma forma, fiz alguma bobagem enorme. Repasso cada memória sobre o incidente no posto de gasolina. Fui curta e grossa com Theodore, mas também fui chamada de velha. É contra as regras da CIP emprestar dinheiro para estranhos? Arranhei a moto dele com o carro quando saí?

Estou demitida. É isso.

Estou demitida e sem teto em um só golpe, e Theodore Prescott e seu cabelo estão voltando para o escritório neste exato momento para assistir.

— Está tudo bem — diz, interpretando minha linguagem corporal de vítima de assassinato. — Não, está tudo bem, Ruthie, não surte.

— Desculpem, isso tudo é um pouco inusitado — Jerry ri, falso e alegre, e me ocorre que talvez ele esteja nervoso também. — Só demos uma passada para ver como estão as coisas aqui.

— Gostaria de se sentar? — Aponto a mesinha redonda e encho os copos de água. Theodore me dá um dos copos como se estivesse preocupado comigo.

Melanie se senta e, com um movimento da pelve, deixa sua cadeira de escritório na direção da mesa.

— Vou fazer anotações. — Em um caderno cintilante, comendo pipoca em sua imaginação. Seus olhos castanhos se voltam para Theodore a cada cinco segundos, aproximadamente, analisando-o por partes, até ter visto

tudo o que dava para ver. É bem irritante, porque eu gostaria de poder fazer o mesmo.

— Gostei dessa. — Melanie aponta para uma tatuagem no braço dele. — É uma dai-dōrō, não? Uma lanterna japonesa de pedra — explica para mim e para Jerry. — São muito bonitas à noite, acesas.

Theodore responde:

— Esta aqui nunca acende, não importa o que eu faça. Você é japonesa?

— Metade — diz Melanie, preparando o tema (ela própria). — Meu pai é de Kyoto e minha mãe o conheceu quando… — Ela se cala ao sentir meu olhar. — Desculpem. De volta ao assunto. — E escreve a data de hoje.Tenho o pensamento mais estranho: *Ela não sabe sobre a rosa na parte de trás do braço dele. Essa é minha. E aposto que a lanterna fica acesa a noite inteira*.

— Tenho certeza de que está se perguntando o porquê de tudo isso — diz Jerry.

— Acho que sei — respondo e, pela primeira vez, faço um longo contato visual com o filho dele, sem pensar.

Theodore Prescott tem:

✓ Olhos cor de avelã
✓ Pequenas sardas no nariz
✓ Uma expressão bem empática, para um babaca insensível

Ele diz:

— Você a deixou morrendo de medo, pai.

Tento me explicar:

— Lá no posto, só estava tentando fazer uma boa ação.

— O que ela quer dizer, que posto? O que você fez? — Jerry se volta para o filho, a voz ficando ríspida, como se falasse com seu *golden retriever* ao flagrá-lo diante de um vaso revirado. Theodore evidentemente está acostumado com isso; sorriso bobo, rabinho abanando.

Devo ser mesmo caridosa, porque tento livrar o jovem Prescott.

— Estava enchendo o tanque do carro de uma das moradoras. Pensei que, talvez, por causa do seguro, isso não tivesse sido uma boa ideia.

Theodore não vai me deixar levar a culpa no lugar dele.

— Ela me encontrou em uma situação difícil e me emprestou vinte pratas para a gasolina. Pai, está olhando para a Boa Samaritana. — Consigo ler o que está escrito nos dedos da mão esquerda dele: *TAKE*, "tirar".

— Teddy, não pode pedir dinheiro a estranhos. — Jerry está horrorizado. — Devia ter me ligado mais cedo. E se alguém soubesse que você é um Prescott?

— Teddy — Melanie repete, maravilhada como uma criança. Ela escreve em seu caderno, repetindo como se fossem palavras mágicas: — Teddy Prescott.

— O que foi? Não tenho cara de Teddy? — Seu olhar está bem-humorado agora, e a pergunta é para mim. Duvido que seja capaz de se manter sério por mais de trinta segundos por vez. E insiste: — Não tenho?

Ele tem cara de Teddy?

— Bem…

Eu tenho no meu quarto um urso de pelúcia de quando era criança que se chama Teddy. Ambos passaram bastante tempo na cama de garotas. Criações adoráveis e de olhos brilhantes, feitas para abraçar e ver sob os lençóis de manhã. A fagulha nos olhos dele se intensifica; está mordendo os lábios, segurando a risada. Tiro uma mecha de cabelo do rosto; minhas bochechas estão ardendo.

Sempre dá para contar com a Melanie, se você espera honestidade.

— Teddy é bobo, você é velho demais. O que acha de Theo? — Ela se enganou desta vez. Diante dessa alternativa, Teddy combina com tudo.

— Ele tem sido meu ursinho desde que era um bebê — diz Jerry, fazendo seu filho adulto derreter de vergonha. Testemunhar esse momento é delicioso. — Mas, sim. E está velho demais para um monte de coisas agora. Com certeza é hora de cortar o cabelo.

(Melanie escreve *ursinho = bebê Teddy* no caderno, e agora sou eu quem tenta não rir.)

— Mas as garotas adoram meu cabelo comprido. — Se soltasse o coque, Melanie e eu ficaríamos totalmente deslumbradas, mas é irritante que ele saiba disso. O olhar dele se volta em minha direção mais uma vez, como se por reflexo, e percebo que ele quer saber se eu concordo. Está brincando comigo. Tenho cara de Teddy? Sou irresistível? Dou uma tossidinha e me endireito na cadeira.

Jerry continua como se não tivesse ouvido.

— Tenho ficado um pouco ausente dos negócios relacionados ao Providence desde a aquisição. Tenho me concentrado em outro projeto.

— Eu acabei de descobrir sobre a CIP e este lugar — Teddy me conta. — De fato não sabia. — O melodrama de ficar sentado na moto sem querer ligar para o pai rico, que é dono de *tantas coisas*, é mesmo excepcional. Olho de novo para a mochila.

Quando Jerry percebe que Melanie e eu parecemos preocupadas, diz, animado:

— Não se preocupem, ainda não decidimos como vamos proceder com o lugar.

Esse é o resumo que vou escrever para a Sylvia? Nada de escavadeiras, ainda?

— Ok, bem, isso parece ótimo — sussurro. Deveria ser a responsável por este lugar, e esse é o meu tom de voz mais alto?

Teddy suspira.

— Por que não deixa as coisas como estão? Este lugar parece ótimo.

— A vida é mudança — diz Jerry, e suspeito de que repita isso com frequência. — Se quisesse ficar sentado em um escritório apenas comprando e vendendo, eu faria isso. Gosto de sair, de ver as coisas acontecerem. — E bate na mesa, com força. — Falar com as pessoas, fazer a diferença. Dar uma nova vida às coisas. Me importar com algo. Você deveria experimentar.

Os olhos do Teddy faíscam e seu maxilar se contrai.

— Você sabe que tem uma coisa com a qual me importo. Bastante.

— Ah, claro. Sua última ideia brilhante — Jerry começa, mas o olhar que recebe do filho põe um fim à sua linha de raciocínio. Azar o meu, porque estava na ponta da cadeira para descobrir o que poderia fazer o Teddy se inflamar desse jeito.

Tento mudar o assunto.

— Tenho acompanhado suas aquisições, senhor Prescott.

Ele fica surpreso.

— É mesmo? Me chame de Jerry, por favor. — Atrás dele, Teddy respira fundo e me agradece com o olhar.

— Aquele velho campo de golfe parece ser um terreno desafiador. Tem dificultado os trabalhos? Fazer a empresa de manutenção vir aqui já me dá um trabalhão.

Jerry assente como se estivesse maravilhado.

— Tem toda a razão. É um pesadelo.

— Você odeia golfe — Teddy diz, cínico.

— Vai ser um *day spa* com sessenta e cinco cabines independentes. Passeio a cavalo, trilha, meditação, tudo o que se tem direito. Faz mais sentido criar conveniência e empregos do que tentar ressuscitar aqueles campos de golfe. — Jerry olha para o filho. — Você poderia dar uma olhada.

Seu herdeiro não morde a isca da oferta de emprego.

— Mal posso esperar. Estou precisando de uma limpeza de pele.

— Você precisa de um endereço residencial. Ponto — Jerry argumenta.

Mais uma vez, interfiro. O que há com o Teddy para eu me transformar toda hora em um escudo humano?

— Posso imprimir nossos indicadores para você, mostrando nossa taxa de ocupação e nossa posição financeira para segunda-feira, oito da manhã.

— Consegue fazer isso, Teddy? Levantar os dados financeiros de um terreno? — Jerry diz para o filho. — Consegue usar um software contábil?

— É claro que não. — Teddy começa a ficar bem bravo, quase crepitando com faíscas negro-azuladas. — Mas não vou precisar saber. Alistair faz tudo isso.

— E isso é justo com ele? Se vai começar um negócio, precisa aprender. — Jerry está visivelmente satisfeito por ter provado seu argumento. Dirigindo-se a mim, acrescenta: — Não, tudo bem, Ruthie. Mande só os relatórios para o escritório, como de costume.

Preciso impressioná-lo de algum jeito.

— Trabalhamos duro para assegurar que o Providence mantenha sua reputação, que, claro, dispensa comentários.

— Talvez tenha de explicar isso para o bem do Teddy — diz Jerry, mas desconfio de que está só mantendo as aparências. Talvez nem lembre por que adicionou CIP à sua coleção de adesivos de "vendido". Aciono o modo propaganda.

— Providence tem sido constantemente listado entre os dez melhores complexos voltados para aposentados desde que foi construído, no final dos anos 1960. Nós nos orgulhamos muito desse ar de exclusividade. Na nossa região, há um ditado que diz: "Se eu tiver sorte, vou me aposentar e ir para o Providence". Dizem que é o objetivo mais alto a se alcançar.

Jerry nem está prestando atenção.

— E você mora aqui mesmo, correto?

— Sim, senhor. Faz parte do meu salário. Tem um chalé geminado que costumava ser usado pela segurança e zeladoria. Estou aqui vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana pelos moradores.

— Quanto tempo? — Teddy pergunta.

Será que ele não é muito inteligente? Ah, querido. Não parece mais tão bonito agora.

— Desculpe, não entendi sua pergunta. Fico aqui dia e noite. — Tiro desajeitadamente meu cardigã quente.

Teddy se explica:

— Não, há quanto tempo tem vivido aqui, dia e noite?

— Ah. Bastante tempo. Seis anos.

Ele está tão boquiaberto quanto no momento em que me virei no posto de gasolina e revelei minha idade.

— Você sai para algum lugar?

— Providence é um grande empregador. Visito meus pais quando tiro férias. E vou ao posto de gasolina — acrescento, um pouco áspera. — Não importa aonde vou. Importa que estou sempre aqui.

— Isso soa tão… — Teddy é silenciado pelo olhar do pai.

— Parece um verdadeiro compromisso de longo prazo com um trabalho — Jerry conclui. — Parece uma pessoa que escolheu uma função e se mantém nela. Alguém que não está cada hora atrás de uma coisa.

Teddy se defende:

— Não vou fazer isso. Vou provar para você quando abrirmos.

— Claro, vamos ver. — Jerry olha para mim com um sorrisinho. — É raro encontrar um funcionário dedicado como você, Ruthie. Sempre sei quando alguém só está atrás do pagamento.

Fico extremamente lisonjeada com o elogio. Mas também em conflito, porque a maneira como Jerry respondeu magoou o filho.

— Obrigada. Adoro este lugar. Gostariam de fazer um passeio pelo condomínio?

— Teddy precisa de um lugar para ficar por um ou dois meses — diz Jerry. — Ele foi chutado pelos colegas de quarto e ficou sem sofás. Não ficaria bem para um Prescott dormir em uma caixa de papelão. Ele vai ficar com a outra metade do seu chalé.

— Está com um pouco de umidade. — Meu estômago revira com a surpresa. Estaremos separados apenas por uma parede.

— Vou deixá-lo aqui por alguns meses. Só o tempo de se reerguer. Guardar algum dinheiro. Prepare suas coisas, Teddy. Se você puder me dar as chaves, Ruthie, podemos ir andando e encontrar o chalé. Talvez você possa dar uma ajeitadinha, tirar um pouco o pó.

Esta manhã estávamos completamente fora do radar da CIP. Ao aparecer para resgatar o filho desafortunado e sem carteira, Jerry lembrou que existimos. E agora tenho que fazer limpeza. Dou um jeito de parecer tranquila ao responder:

— Claro, sem problema.

Teddy se sente afrontado, talvez por minha causa.

— Posso limpar eu mesmo. — Ele estende a mão para pegar a chave, mas o pai também. Sei quem é o meu chefe.

Jerry pega a chave e diz:

— Enquanto morar aqui, Teddy, vai ajudar no escritório.

Mantenho um olhar neutro. Não sou capaz de transmitir quão profunda e desesperadamente não quero isso.

— Ela não quer que eu ajude — diz Teddy. Sou um livro aberto para ele? Assustador.

— Claro que quer — Jerry rebate. — Vai ser uma boa oportunidade de aprender e se interessar pelo nosso negócio. Você pode adaptar o que aprender para a sua nova empreitada, se quiser — acrescenta, de maneira não muito convincente.

Teddy suspira.

— Não sou incorporador imobiliário. Sou um tatuador. Nunca vou estar na folha de pagamento da CIP. — Está explicado por que se tatuou de forma compulsiva. Tatuagens, motos, seguir a brisa, sem se preocupar nem um pouco com a próxima refeição ou onde vai dormir? Não me surpreende que ele olhe para mim como se eu fosse uma bactéria microscópica.

Jerry olha para Melanie, pensativo.

— Você assinou um contrato?

Respondo por ela:

— Sim, de dois meses, e já a treinei. — De jeito nenhum vou ficar sentada de frente com o filho do chefe enquanto enrola, fazendo *quizzes* na internet oito horas por dia. Já tenho a Mel para isso. Ela pisca para mim, com uma expressão de gratidão. Teddy me olha mais ou menos do mesmo jeito. — Temos um prestador para a manutenção, um jardineiro… estamos com o quadro completo.

— Algo mais? — Jerry concentra o olhar em mim como um laser. — Nenhum bico que ele poderia fazer por aqui? — Jerry quer dar uma grande ticada na coluna Projeto Teddy. — Ruthie, você mencionou abastecer o carro de uma moradora. Isso parece um trabalho.

Sinto como se as engrenagens do meu cérebro estivessem girando muito devagar. É o estresse. Mal consigo lembrar meu nome ou como respirar fundo.

O que faço? Um emprego para o Teddy… o que poderia ser…?

— Foi para as Parloni — Melanie sugere, prestativa. — Elas precisam bastante de ajuda. Espere um minuto. — Ela começa a se virar em minha direção, devagar. Suas jovens engrenagens são mais rápidas que as minhas. — Elas estão procurando um assistente. Ele pode trabalhar para elas.

Senti-me pequena e ridícula no posto de gasolina, quando Teddy Prescott morreu de rir de cada detalhe da minha aparência. É hora de uma pequena revanche.

— Perfeito; muito bem, Mel. Gostaria de ver o anúncio, Teddy? É basicamente para dirigir, buscar coisas e fazer limpeza. — Também vai ser a experiência mais estranha e degradante da sua vida.

— Perfeito — Jerry repete, e acho que ele também sente que é um momento de revanche.

Teddy me encara com um olhar desconfiado, porque estou transbordando uma alegria maldosa.

— Acho que essas moradoras devem me entrevistar primeiro. Não quero tratamento especial.

Jerry não pode argumentar contra isso.

— Trate de se esforçar. Vou dar uma volta. É sempre bom pôr os pés em um dos nossos ativos. — Quando sai do escritório e nos dá as costas, vejo que o perfil dele é igual ao do filho.

Gostaria que o Jerry não andasse por aí sem mim. Ele vai começar a ter ideias, tenho certeza. A vida é mudança, afinal. Mas preciso fazer com que entenda o quanto este lugar é importante, e preciso reportar à Sylvia que eu realmente me esforcei.

Por impulso vou atrás dele e digo:

— Senhor Prescott? Desculpe, Jerry? Poderia ir com você?

— Prefiro que acompanhe o Teddy na entrevista. Sei que quer alguma garantia quanto ao trabalho — acrescenta. Parece exausto agora, enquanto

olha colina acima. — Não consigo nem lembrar quando adquirimos este lugar.

— Você é uma pessoa ocupada.

— Ocupada demais. Minha filha, Rose, está pronta para mais responsabilidades. Vou pedir a ela que conduza uma análise do terreno e recomende ao conselho como proceder. Vou pedir que ligue para você. — Ele parece satisfeito com essa solução.

— Vou fornecer todas as informações de que ela precisar. — Sei que vai ser preciso mais do que relatórios para convencê-los a deixar o Providence como está. Que chance vou ter de mostrar o impacto que temos na vida dos moradores? Como posso fazê-lo se apaixonar pelo lugar? — Suponho que não gostaria de vir para a nossa festa de Natal este ano? Sou responsável pela arrecadação de fundos e nos divertimos bastante. Temos um tema e… é só um grande exemplo do que fazemos aqui.

Jerry está encantado.

— Mande os detalhes para o meu assistente. Se eu estiver disponível, claro que virei. Por que não? Parece interessante. — Ele começa a subir a trilha. — Mande um convite para a Rose também, por favor. Ela precisa aprender a sair do escritório e conhecer gente. Duvido de que Teddy ainda estará aqui até lá. Mas, enquanto estiver, pode ficar de olho nele e ajudá-lo a se instalar?

Sou obrigada a responder:

— Claro.

CAPÍTULO CINCO

No escritório,Teddy e Mel se entendem às mil maravilhas. Ligo para as Parloni e quando atendem ouço a TV ensurdecedora ao fundo.

— O que é? — Renata grita tão alto que Teddy consegue escutá-la. — Quem morreu?

— Tenho um garoto novo para ser entrevistado. — Usar a palavra *garoto* para me referir a esses músculos rijos parece piada. Mas, também, ele apareceu aqui com o pai do nada, como se fosse se candidatar a uma vaga de entregador de jornais.

— Pensei que uma enfermeira trocaria nossas fraldas — Renata berra. — Estava prestes a molhar as calças. Como ele é? — Escuto ela mastigar alguma coisa alto. — Qual é a categoria?

Ela está perguntando se ele é um:

- ✓ Gótico Molengão
- ✓ Skatista sem Cérebro
- ✓ Chiliquento
- ✓ Músico sem Talento
- ✓ Jovem Idealista
- ✓ Várias outras categorias que não consigo lembrar porque um homem lindo está olhando para mim como se eu fosse interessante

Qual categoria? Tudo o que eu sei é que os olhos dele são como o casco de uma tartaruga-de-capuz-dourado. Castanhos, verdes e amarelos. Extremamente raros, encontrados apenas aqui. Meu olhar começa na manga de sua camiseta e, antes que eu me dê conta, vai descendo pelo antebraço até o punho. Estou morrendo de vontade de ver mais da sua arte viva, executada à perfeição. Sob o meu olhar, a mão dele se flexiona como se eu o tivesse tocado. Quase sem ar, eu digo:

— Está na categoria dos tatuados.

— Você sabe que isso é apenas uma subcategoria — diz a Renata.

— Ele é filho do dono do Providence. Vai morar aqui por um tempo, do lado do meu chalé. Será bastante conveniente… ele pode aparecer aí a qualquer hora que precisarem.

Renata dá um grito, exultante.

— Então conseguimos um Riquinho para ser meu último garoto. Estive me preparando para isso. — Breve pausa. — O filho do dono, você disse? Vou ter que me comportar com ele? — É a primeira vez que ela faz uma pausa para pensar em como suas brincadeiras podem gerar consequências para mim.

— Ele não quer nenhum tratamento especial — conto com um prazer que mal consigo disfarçar. — Apenas faça a entrevista de sempre.

— Vou fazer o Desafio da Camisa Branca. Faz tempo que não faço esse. Fale para ele vir para cá. O que eu vou vestir? — Ela desliga o telefone.

Respondo como se ela ainda estivesse na linha:

— Sem problema. Até daqui a pouco. — Desligo. — Vamos.

— Posso ir também? — Melanie pega o caderno.

— Você precisa ficar aqui para atender o telefone. — Ela desliza a cadeira de volta até a mesa e se afunda nela. — Aliás, não precisava fazer anotações.

— Estava só imitando você, com todas as suas listas. De qualquer forma, espero que consiga o trabalho — diz para o Teddy. — Seria bom ter alguém jovem aqui com quem conversar.

Ele olha para mim.

— Acho que sou mais velho que a Ruthie.

Melanie se dá conta de como as palavras dela soaram e tenta se corrigir, apressada:

— Vai ter três pessoas jovens aqui, foi o que eu quis dizer. Óbvio. Então, já ouviu falar do Método Sasaki? Claro que não, fui eu que inventei.

— A julgar pelo nome, parece que é algo pra valer. — Ele está interessado e com um sorriso nos lábios, se inclinando para fuçar na bagunça sobre a mesa dela. — Espero que não seja um esquema de pirâmide. Estou falido e ainda por cima sou ingênuo. Ah, que se dane. Estou dentro.

— Não vai falar para ele sobre o Método Sasaki — rebato.

Teddy pega o caderno dela.

— *Bebê urso*? Meu Deus, alguém me mate. — Pega uma caneta e rabisca essas palavras. Em seguida, continua lendo as anotações. — *Cortar o cabelo. Coroa gloriosa. Tratamento facial no campo de golfe*. São registros bem úteis, bom trabalho. Espere aí, o que isso aqui quer dizer? *Alertar a Ruthie sobre esse aí de novo*.

Mel dá de ombros.

— Só quero me certificar de que minha chefe não fique cega com o cabelo.

Os olhos do Teddy se voltam para mim e ele coça a cabeça com a ponta dos dedos. O olhar dele prende o meu. *Mantenha a calma, Ruthie. Aguente firme*. Sem nenhuma vergonha, ele sorri para mim e faz um xis em cima desse lembrete.

Não sei como, Melanie não percebe nada disso. Continua absorta em seus pensamentos.

— Temos um dilema aqui no Providence. Decidir se a Ruthie é uma garota exigente ou não, para o perfil no aplicativo de encontros. O que você acha?

— Perfil no aplicativo de encontros? — Ele tropeça nessas palavras, mas logo se recupera e finge me inspecionar. — Hum, deixa eu pensar.

Ótimo, dois funcionários piadistas. Sabe o que é interessante sobre ser o alvo da brincadeira? No começo é engraçado. Mas, depois de uma infanciolescência inteira sendo Escute-a-Ruth, a Filha do Pastor, não tem mais graça nenhuma.

Melanie começa:

— Com o Método Sasaki, garanto que a Ruthie…

— Já chega, Melanie — digo, com uma voz que faria um *golden retriever* se mijar. — Por favor, volte ao trabalho.

— Entendido — responde, sem se ofender. Para o Teddy, diz: — Espero que não tenha sido você quem magoou a Ruthie.

Ele se vira para mim, a surpresa estampada nos olhos, mas já estou saindo do escritório.

— Às vezes, faço isso — eu o ouço dizer a Melanie com algo parecido com remorso verdadeiro. — Já me disseram que posso ser um babaca descuidado.

— Só não faça isso de novo — Melanie responde em tom cortante. — Ou mato você.

— Vamos, você tem uma entrevista — grito com uma alegria sombria no meu coração. Espero que Renata Parloni deixe esse aí todo destruído.

Teddy me acompanha com passos tranquilos enquanto eu praticamente corro colina acima.

— Qual é o lance com a vida selvagem?

Passamos por duas tartarugas-de-capuz-dourado. Estão cruzando. Quer dizer, fico feliz pela espécie, mas, *aff*. Em meus esforços de dar alguma privacidade a elas, esbarro no Teddy e ricocheteio em direção a uma cerca-viva. Ele segura o meu braço para me endireitar. Paramos e nos encaramos.

— Cuidado — me repreende, como se eu fosse a visitante desavisada. Como se eu já não estivesse aqui há tempos, me matando de trabalhar para preservar o investimento da família dele. Agora estou furiosa. Providence estava fora do radar. Tinham se esquecido de nós. Agora Jerry Prescott está bem aqui, do outro lado do lago, tirando fotos, delegando e fazendo novos planos.

— Talvez estejam brincando — diz Teddy, gesticulando na direção onde as tartarugas estão mandando ver. — Talvez não seja o que estamos pensando. — Ele quer que eu me descontraia.

— As que têm amarelo no casco são tartarugas-de-capuz-dourado, estão ameaçadas de extinção. Por favor, não pise em nenhuma delas, ou vou ter de raspá-la do chão e preencher um formulário.

Você não saberia nem onde encontrar a prancheta, meu camarada.

Teddy respira fundo, olhando o escritório lá embaixo.

— Essa foi provavelmente a situação mais humilhante que já passei. *Pequeno bebê urso* — resmunga, lembrando. — Ei, isso é a sombra de sorriso, à minha custa? — Ele ainda segura meu braço e o aperta com delicadeza.

Será que estou… aos poucos entrando em pânico? Essa sensação de tremor dentro de mim é isso?

Ele percebe minha reação e cruza os braços devagar sobre o peito como se eu fosse um bichinho assustado. Dá para ver o punho dele — está escrito GIVE nos dedos da mão direita. GIVE e TAKE, "dar e tirar". Meu Deus, por que está tão difícil de encontrar palavras normais para dizer em voz alta?

— Sei que ficou em uma situação difícil por causa do meu pai. Sinto muito por isso. Prometo que vou dar o fora daqui assim que tiver juntado dinheiro suficiente. Só uns dois meses. Este é um lugar bem interessante, né?

— É realmente especial. Vem, vamos continuar.

— Tá, mas espera — diz Teddy, sem pressa, como sempre. — Deixa eu absorver tudo isso.

Providence foi construído em torno de um lago natural, abastecido pelos riachos que descem a colina íngreme à nossa direita. A floresta, escura e densa, não é boa para fazer trilhas ou sonhar acordada em cima de uma toalha de piquenique; já tentei as duas coisas. Entre esse monte de árvores só tem mosquitos e o que parece ser cocô do Pé-Grande. As tartarugas pastam lentamente nas margens do lago, que na primavera ficam repletas de jacintos e tulipas balançando ao vento, plantados por mim.

Mas Teddy não está absorvendo a paisagem — está olhando para as casas, todas iguaizinhas.

— Olhar para essas casas faz com que eu sinta como se tivesse alguma coisa na ponta da língua. Como um *déjà-vu*. — Ele passa por cima das tartarugas copulando e começa a caminhar, com ar preocupado. — Talvez eu tenha sonhado com este lugar. — Olha os óculos pendendo sobre o meu peito. — Tenho tido muitos sonhos ultimamente.

— Tenho certeza de que sim. — Quanto mais seca pareço, mais largo é o sorriso dele. Aponto para as casas. — Se eu contar, você não vai mais conseguir *desver* isso.

Teddy para na frente da primeira casa, número 1, onde mora a sra. Allison Tuckmire, e apoia a cabeça sobre o punho. Ele fica uma graça quando pensa. Deveria fazer isso mais vezes.

— Me dá uma dica. O estilo arquitetônico.

— Você gosta de arquitetura?

Ele dá de ombros.

— Gosto de design. — Suponho que sim. Ele está coberto de designs.

— Renascimento colonial. Pilares duplos em cada lado das portas, arcos sobre as janelas. As persianas e os telhados de ardósia. Eu já tinha dado uma dica antes, quando fiquei fazendo propaganda daqui para seu pai. Este lugar foi construído no final dos anos 1960.

Teddy vira o corpo para mim com um grunhido.

— Não aguento mais. Me conta.

— Graceland — digo, e ele olha para mim como se o chão tivesse se aberto sob seus pés.

— Graceland, a mansão do Elvis — repete, genuinamente maravilhado. — Graceland deu à luz uma ninhada.

Rio diante dessa descrição perfeita.

— O arquiteto que projetou Providence era Herbert St. Ives, muito fã do Elvis Presley. Há um total de quarenta filhotes aqui. — Faço um gesto com o braço, mostrando o monte de casas ao redor do lago. — Isso já foi, muito tempo atrás, bastante moderno e glamoroso. Agora é só… — Tento pensar em como dizer. — Preservado da melhor maneira que podemos.

Ele esfrega o pescoço e parece arrependido.

— Desculpe se magoei você no posto. Tenho um caso incurável de diarreia verbal. Me deixo levar, e você atiçou demais minha imaginação. Mas a culpa é minha, não sua. Desculpe.

Fico sem palavras. Quem diria que eu atiçaria alguma coisa nele. Olhamos um para o outro, e percebo que a parte que eu mais esperava não vai vir. O trecho em que ele diz *Você não parece nem um pouco velha*.

O silêncio se torna insustentável para ele.

— Imagino que todo mundo aqui seja super-rico.

Já escutei variações dessa afirmação de muitos e muitos candidatos. Escudo de Proteção aos Moradores, Ativar. Retomo a caminhada.

— Por aqui.

Estou aprendendo que alguns caras podem deixar você extremamente sensível à… masculinidade deles. Sinto que estou sendo seguida por um *T. rex.* O granito da calçada produz um som audível sob as botas dele. A sombra dele se estica à nossa frente, eclipsando a minha. E não sei como é possível *sentir* o interesse de alguém, mas o elástico segurando meu coque parece solto e minha meia-calça se enrola alguns centímetros na minha cintura.

Com sua voz de homem, toda grave e rouca, pede:

— Posso perguntar sobre minhas tarefas?

— Acho que seria melhor se você tocasse no assunto apenas na entrevista — respondo, me esquivando da pergunta e de uma tartaruga. — As Parloni vão ser suas chefes, não eu.

— Mas faria qualquer coisa que você dissesse. — Não sei por quê, mas a maneira como ele diz isso me deixa atordoada por completo. Como não respondo, ele continua, falando normalmente: — Não vai me dar nem uma pista do que vou encontrar?

— Quero ver como você trabalha sob pressão.

Ele ajusta os passos para ficar ao meu lado.

— Não se preocupe. Minha especialidade é entrar em um lugar e fazer as pessoas me amarem.

— E você tem uma taxa de sucesso de cem por cento? — Espero um sorriso e uma comentário convencido como resposta, mas, em vez disso, ele apenas me olha desconcertado. Vejo que a máscara de confiança caiu. Talvez esteja pensando no pai.

Ele percebe minha atenção.

— Você se sai bem sob pressão também. Sei que deve ter sido estressante o meu pai brotando assim do nada.

Ajeito minha roupa antes de tocar a campainha das Parloni.

— Seu pai vai pedir para a sua irmã, Rose, fazer uma análise do terreno.

— Putz. Sinto muito, cara. Pode fazer as malas. — Respira fundo e solta o ar devagar, e fica evidente que está nervoso. Ele é só um bom ator.

A porta se abre, e é a Aggie, toda elegante em um terninho cinza-azulado. Só poltronas e velhinhas conseguem ficar bem com esse *jacquard* grosso.

— A Renata está escolhendo um traje novo. Olá, meu jovem.

Encarrego-me das apresentações.

— Theodore Prescott, esta é Agatha Parloni.

— Teddy — ele ameniza com um sorriso. Eles trocam um aperto de mãos firme, como se fosse um encontro de negócios. — É um prazer conhecê-la, senhora Parloni.

— Me chame de Aggie. Por aqui, meu jovem. Vai nos acompanhar, Ruthie? — Ela repara no meu caderninho.

— Vou, sim, se não tiver problema. — Sigo atrás deles. Ao nosso redor, a casa está em ligeiro desalinho. Tem uma pilha de mais de um metro de roupas nos sacos de lavagem a seco atrás do sofá. O banco está cheio de canecas de novo. Na noite passada eu enchi a lava-louças, furiosa por ter gastado vinte dólares para um cara rir de mim. A memória vem como um choque. Daqui em diante, ele não vai ter minha ajuda.

— A casa está um pouco bagunçada — Aggie diz com um suspiro de cansaço. — Teve dificuldade para encontrar o condomínio?

— Não. E Ruthie foi muito gentil ao me trazer até aqui.

— É a nossa Ruthie — diz Aggie, com um sorriso discreto nos lábios. Mal sabe ela que estou sonhando com uma humilhação ritualística. — Tão gentil.

— Tão irritada — Renata diz atrás de nós, sem expressão. Que sorte a minha, receber uma aula grátis de como aparecer na hora certa, dizendo a coisa certa. Ela vem desfilando até a gente. Bônus: um desfile de moda.

Teddy está embasbacado.

— Quanto verde.

É um look completamente verde. Ela está usando calças bem largas, uma blusa de seda, uma pochete incrustada de joias e uma viseira com a palavra DINHEIRO estampada na aba. Suas sapatilhas brilham. Para completar, está com a peruca verde-esmeralda que ela chama de "Peixes". Está usando uma maquiagem que poderia ser vista da última fileira do teatro da Broadway. Maquiagem esfumada é para "jovens, que têm todo o tempo do mundo".

Se está satisfeita com o queixo caído do Teddy, Renata não demonstra. Em vez disso, passeia ao redor dele, como se ele fosse uma geladeira que acabaram de entregar.

— Qual é a marca e o modelo deste aqui?

Aggie suspira ante a dramatização da irmã.

— Teddy Prescott, esta é Renata Parloni.

— Solte esse cabelo, Rapunzel — Renata ordena a Teddy, e rola uma verdadeira cena de comercial de xampu quando ele obedece. — Que peruca isso não daria. Consideraria vender para mim?

— Desculpe. Sem ele, não sou nada.

— Não custa tentar — Renata diz. — Você corta?

— Minha irmã Daisy tira as pontas na época do Natal, no pátio dos fundos. Ela é a única em quem confio. Os outros me deixariam careca. — Ele segura o próprio cabelo, reconfortando-se.

Renata não vai desistir com facilidade.

— Eu pagaria um bom dinheiro. Pense com calma.

Aggie pigarreia. Como sempre, as coisas começaram de um jeito estranho.

— Vamos nos sentar no solário.

— O cômodo de que menos gosto — Renata retruca secamente, colocando-se fora do alcance da luminosidade amarelada e quente. — Se as coisas fossem conforme o meu desejo, essas persianas ficariam fechadas permanentemente.

— Mas as coisas não são como você quer — Aggie retruca, com delicadeza, e me dou conta de que não havia reparado em algo na dinâmica entre elas. Renata é barulhenta como uma sirene e quase tão sutil quanto,

mas Aggie é quem manda. — Acomodem-se — ela nos encoraja, e obedecemos.

— Teddy Prescott, sua primeira tarefa é garantir que a luz do sol nunca mais toque minha pele. Vocês dois não sabem o que têm: PELE. — Renata faz tanto eu como Teddy pularmos em nossos assentos. Olhamos para baixo, para nós mesmos. Ela pronuncia de maneira assustadora: — Pele jovem e bonita.

Teddy pergunta:

— Vou acabar no fundo de um poço, passando protetor solar em mim mesmo?

— O que faz em seu tempo livre não me diz respeito — Renata o aconselha. — Oh, vamos dar uma olhada. — Ela se refere às tatuagens nos dedos dele. — GIVE e TAKE. Você é canhoto ou destro?

— Canhoto.

— Então admite que tira mais do que dá. — Ela está se comportando de um jeito que já vi muitas vezes: uma argumentação viperina, baseada na percepção que o candidato tem de si mesmo. Ainda não se passou nem um minuto no relógio.

— Depende de quem está comigo.

— Elabore — instrui em um tom firme.

— Se estiver em um inferno, sozinho com o protetor, então, sim. Se não estiver sozinho, então com certeza vou dar e tirar. — Os olhos multicoloridos se voltam para mim, talvez conferindo como estou lidando com essas respostas arriscadas. Ele vê que estou entretida, e seus olhos brilham.

— Um ponto para o Teddy — Aggie arbitra.

— Que tela em branco temos aqui. — Renata pega meu braço, desabotoa o punho e puxa a manga da minha blusa. — Poderíamos levá-la para fazer uma tatuagem. Eu pago. O que ela deveria tatuar? Eu sei, uma grande Virgem Maria. — Ela é surpreendentemente forte e prendo o ar quando começo a sentir suas unhas.

— Ai — protesto.

Pela primeira vez, Teddy parece desconfortável de verdade.

— Essa é a primeira pergunta da entrevista? Que tatuagem eu, um tatuador licenciado, faria na Ruthie? A que ela pedir. Solte o braço dela, por favor. — Sua voz soa com aquele tom particular de quando os homens

querem impor sua vontade, de imediato. Nós, três mulheres, nos lembramos subitamente do que ele é.

Renata solta o meu braço, agora marcado pela ponta de suas unhas. Faz um longo contato visual com Aggie, que permanece impassível. As duas se comunicam sem usar palavras. Então me diz: — Vamos ter de inventar uma categoria nova, não, Ruthie? — Essas são as desculpas dela.

— Quais são as categorias comuns? — Teddy pergunta, como se não estivesse lidando com uma estranha. — Talvez eu possa dizer em qual delas eu me encaixo.

Renata começa a contar nos dedos.

— Caipira. Menino Perdido. Burro Demais para Viver. Neto Falso: são os que ficam esperando a herança.

Aggie acrescenta:

— Homem Ambientalista: não usa desodorante.

— Eu uso desodorante.

— Mais um ponto para o Teddy. Às vezes penso ainda sentir o cheiro do Matthew — diz Aggie. — E já faz anos.

Tento participar.

— Artista Atormentado? — Se os desenhos são dele, tem talento.

— Estou me sentido suavemente atormentado agora — Teddy concorda.

Renata olha pela janela como se se lembrasse de alguém especial.

— Meus favoritos foram os Maconheiros Insones. Uns que me garantiam um bom fornecimento, e ficávamos acordados a noite toda conversando sobre qual celebridade seria a próxima a morrer.

— Vou fingir que não ouvi isso. — Devo estar ficando mole. É o sol do fim de tarde nas minhas costas.

— Quando se tem a minha idade, erva e comida para viagem são tudo pelo que resta viver. E amor, claro — diz Renata, fazendo carinho na mão da irmã. — Ah, *je suis très romantique*… Rápido. Me elogie. — É um teste, disparado contra o Teddy.

Ele responde:

— Sua casa é bonita. — A vista desse cômodo é adorável: gramados bem aparados estendendo-se até as cercas-vivas de buxo. Além delas, há um banho de pássaros e uma glicínia inclinada.

Renata escarnece.

— Tédio. Um ponto a menos. Se eu não tivesse um milhão de anos, voltaria para o meu velho loft em Tribeca. — Essa história de novo não. Os

olhos dela se estreitam de forma perigosa. — Eu me referia a um elogio para mim.

Teddy não foge do desafio. Estreita os olhos contra a luz do sol. Corre em direção à bola.

— Você é — fala de maneira enfática e cem por cento sincera — a pessoa mais bem-vestida que já vi.

O estádio vai à loucura. Vibramos de emoção. Teddy marcou um golaço. Depois desse elogio, merece levar a bola para casa.

— Oh — Renata exclama, olhando para a própria roupa. — Se refere a estas peças? — Um sorriso se desenha em seus lábios, e ela desliza a mão pela coxa fina como se fosse um bichinho de estimação. — Essas velhas pantalonas Dior, coleção 2016? Essa blusa Balenciaga vintage? Ele é bom, mais dez pontos — diz, virando-se para Aggie, que está começando a cochilar no cômodo quente.

Ele não se deixa levar pelo elogio.

— Esse trabalho consiste em quê?

— Você dirige? — Renata pergunta. — É só o que me importa. Uma vez, um garoto nos disse que não dirigia por causa da pegada de carbono. Deixei uma pegada no traseiro dele.

Teddy sorri, e é lindo de ver.

— Eu tenho uma moto. Mas adoraria dar uma volta no seu Rolls-Royce.

Aggie desperta de sua soneca à luz do sol.

— Fale um pouco mais sobre você.

Exatamente ao mesmo tempo, Renata diz:

— Quanto tem de altura? — Por que mulheres idosas são obcecadas com a altura de homens jovens?

— Tenho vinte e sete anos. Tenho um e noventa e três de altura. Como disse, sou tatuador, mas também tenho trabalhado fazendo entregas.

Aggie reflete por um momento.

— Por que não está trabalhando na sua área?

— Devo tentar algum trabalho como freelancer. À noite, para não atrapalhar.

— Somos muito exigentes. Quero você sempre disponível para ir buscar coisas ou nos levar aos lugares. Tem bastante coisa para mandar para a lavanderia. É um trabalho fácil, não sei por que os jovens têm tanta dificuldade. Buscar flores. Pizza. Fazer reservas em restaurantes. Hum… … o que mais? — Renata olha para mim.

— Manutenção, limpeza, lavanderia, elogios espontâneos. — A coisa vai aumentando, de acordo com a ira e o orgulho da pessoa. — Toda hora ir buscar algo para beliscarmos e ajudar a comprar coisas na internet.

— Sei cozinhar um pouco, também — diz Teddy. Ele continua olhando para mim. Espera que eu pergunte alguma coisa? Sou a tábua de salvação dele? Deixo a folha do meu caderninho fora de sua visão e escrevo:

- ✓ Tatuador/Entregador
- ✓ 27 anos, 1,93 m, Aquele Cabelo
- ✓ Sabe cozinhar; fez um elogio sincero

Também estou marcando os pontos somados e subtraídos. Melanie não pode ser criticada por achar que eu esperava que ela fizesse anotações. Pode adicionar *Meio nervosa* no meu perfil.

Coloco a mão no meu cabelo, procurando alguma mecha desalinhada. Contenho um bocejo. Aperto os lábios para redistribuir o hidratante labial. Por que está tudo quieto? Dou uma olhada. Teddy ainda está me encarando. As duas irmãs observam o Teddy me encarar.

Aggie está sorrindo.

— Ela não está linda, com esse raio de sol? — Teddy para de me olhar, sobressaltado. Então é assim que as pessoas se sentem quando deixam de ser invisíveis por algum tempo. Como se tocassem um fio desencapado.

Renata acrescenta:

— Tem uma expressão que diz: águas calmas são profundas. Sabe o que significa?

— Sei — ele responde, de novo com aquela sinceridade. — Realmente acho que sei.

Quando começo a ficar vermelha de vergonha, Aggie acrescenta:

— Imagino que este trabalho seja um degrau para você voltar às tatuagens. — Ela é a Santa Padroeira das Mudanças de Assunto. Vou acender uma vela para ela esta noite.

— Um dos meus amigos está para abrir um segundo estúdio, em Fairchild, e quero entrar como sócio. Eu tomaria conta do lugar. Mas preciso do dinheiro até o Natal, ou ele vai arrumar outra pessoa. — Os olhos dele se voltam para mim, como por reflexo, e as palavras seguintes são carregadas de humildade. — Ao menos, esse é o plano.

Sei que o pai pareceu duvidar da sinceridade dele em perseguir esse objetivo, mas vamos ser realistas. Essa é uma pessoa que poderia vender gelo em uma nevasca. Se concentrasse seu charme e seus esforços, poderia ter qualquer coisa que quisesse. Antes que a Renata pudesse dar uma rasteira nele, porque ela adora destruir sonhos e objetivos simples, digo:

— Bem, é claro que você vai conseguir, Teddy.

Ele fica surpreso com a segurança do meu tom de voz.

— Nunca estive em Fairchild — diz Aggie. — É muito longe? — Já estamos todas calculando se ele irá embora *de vez*.

Ele confirma que, muito provavelmente, vai mesmo.

— Cinco horas daqui. É uma cidade bem legal. Parece esta, na verdade. O melhor de tudo é que não tem estúdios de tatuagem lá. Fiz uma pesquisa. Tem uma universidade e uma base militar, e o pessoal tem que viajar durante horas para fazer tatuagens. — Parece que ele está apostando mais alto nisso do que havia deixado transparecer. Minha imagem dele muda um pouquinho.

— Por que não pede dinheiro para o papai, simplesmente? — Renata pergunta com uma doçura exagerada. É o tipo de pergunta que eu gostaria de poder fazer. — Pegue um adiantamento dessa herança. Dinheiro no caixa, garotão.

— Tenho quase certeza de que não tem herança nenhuma.

Renata pergunta:

— Você é o único filho homem? — Teddy assente, mas está muito desconfortável. Estou prestes a interferir, mas Renata continua: — Vai acabar levando a bolada, uma hora ou outra.

— Tenho quatro irmãs na frente na fila. De qualquer forma, não pego dinheiro do meu pai. E ele não me dá. É um acordo que não envolve dinheiro.

Aggie volta a entrar na conversa.

— Então, Teddy vai ter seu estúdio. Tem algum objetivo, Ruthie?

A pergunta é feita devagar, do jeito que as pessoas fazem quando perguntam a crianças no jardim da infância o que elas querem ser quando crescerem. Quando eu era pequena, tinha um uniforme de veterinária improvisado, feito com as camisas brancas velhas do meu pai, mais um gato listrado de pelúcia, com as patas da frente peladas de tanto eu trocar as bandagens. Aggie está apenas sendo polida, e essa entrevista não é minha, mas percebo que quero responder mesmo assim.

— Tenho planos de… — estou prestes a explicar sobre a aposentadoria da Sylvia e minha aspiração a gerente, mais realista, quando Renata começa a falar como se eu nem existisse.

— É hora da parte prática da entrevista.

— Tudo bem — diz Teddy, olhando para mim pensativo.

Renata dispara:

— Você está por conta própria. Nada de pistas, nem dicas. É por isso que homens jovens sempre me deixam enfurecida. Eles usam mulheres jovens e competentes para tapar os buracos de suas próprias inadequações. — Ela está ficando bem brava agora. — No começo das nossas carreiras, éramos como burros que os homens em nosso escritório enchiam de trabalho. Basta. Nunca mais. Você é o burro agora.

— Claro. Desculpe. — Ele se mostra adequadamente subjugado. — Ih-ó.

— Aqui estão trezentos dólares. Vá e compre uma camisa branca para mim. Vamos ver se você é esperto, meu burrinho. Você tem uma hora, a partir de agora. — Ela entrega o dinheiro de modo brusco. — Ruthie, sessenta minutos, por gentileza.

— Fazia tempo que ela não usava essa — Aggie me diz. Vou até o forno e aciono o *timer*. Considerando quanto o dia já avançou, não acho que vá conseguir. Sinto pânico e júbilo aumentando dentro de mim.

Se Teddy fica surpreso com a tarefa, disfarça bem.

— Tenho permissão para perguntar sobre o tipo de camisa? — Ele olha o relógio do forno e ajusta o seu celular.

Aggie balança a cabeça.

— Claro que não, meu jovem. Faça o melhor que puder. — Seus olhos brilham com profunda diversão, e por uma fração de segundo penso que ela não é menos marionetista que a irmã. — Tudo o que pode fazer é o melhor que puder.

Ele olha para fora, para a grama aparada. O pai dele é tecnicamente dono de tudo o que se pode ver por essa janela. É uma tarefa degradante para alguém com o sobrenome Prescott. Ele vai falar para ela enfiar naquele lugar. Vai encontrar outro trabalho.

— Fácil — diz. Conforme dispara para fora, Renata uiva de pura exultação e todas trocamos sorrisos. É extremamente prazeroso fazer um homem jovem correr pela própria vida. E, assim, não importa o que ele traga, tenho absoluta certeza de que Teddy conseguiu o trabalho.

CAPÍTULO SEIS

Ninguém imaginaria que tenho uma inclinação para a nudez noturna considerando as lãs que uso durante o dia.

Minha rotina à noite é fechar todas as cortinas, tirar toda a roupa e andar um pouco pelo meu chalé antes de tomar banho. Isso não começou como algum tipo de perversão nem nada. Seis meses depois de ter me mudado para cá, tive de passar pelada pela sala de estar para buscar uma toalha no cesto de roupas. Foi nesse exato momento que me dei conta de que tinha minha própria casa e que podia fazer o que quisesse, e agora estou viciada em sentir o ar em todas as minhas partes. Mas, pelo tempo em que Teddy permanecer aqui, vou ter de permanecer coberta.

A vida é mesmo impressionante. Você acorda um dia e, ao ir dormir, tudo mudou.

Depois de um incêndio na cozinha em meados da década de 1980, este chalé enorme foi dividido por uma parede, virando dois. Consigo ouvir meu novo vizinho se arrastando pela casa nova. Um espirro, uma porta de despensa batendo, um xingamento, um chorinho falso.

Estou galantemente comprometida a manter minha rotina. Vou fazer tudo o que estou acostumada a fazer à noite, apenas com essa sensaçãozinha nova no estômago. Preaqueço o forno. Vou até o banheiro e acendo a fileira de velas no parapeito do fundo. Preparo um banho de espuma e liberto meu cabelo do coque.

Fiquei exausta depois do e-mail que mandei para Sylvia. Era um tom impossível de alcançar: “Oi, como vai” misturado com “não entre em pânico, mas” e uma pitada de “estou com um mau pressentimento”. Um e-mail de três parágrafos me tomou pelo menos uma hora de reescrita e debate interno. Nunca precisei tanto de um banho. Vou desabotoar o primeiro botão da minha blusa e alguém bate na porta.

— Desculpe incomodar — diz Teddy quando abro.

Continuo com a mão no botão, agora metade solto, e fica bem óbvio que eu estava prestes a me despir. Por um momento, meu coração vai parar na

garganta. Não o conheço, e nessa pouca luz ele parece bem vampiresco, com dentes que parecem afiados e um brilho de interesse nos olhos.

Ele me analisa e dá um passo para trás, desviando o olhar.

— Posso voltar depois.

— Não, tudo bem. E aí? — Abotoo de novo a blusa. E fecho até o pescoço dessa vez, por precaução. Como uma tartaruga.

— Onde fica o aquecedor de água?

— Dividimos um. Desculpe, não tinha pensado nisso. — Entro em casa e, após andar alguns metros, vejo que ele não está me seguindo. Ocorre-me que vampiros não podem entrar em um lugar se não forem convidados. — Hã, vem.

Ele entra e olha ao redor, devagar.

— Adorei seu papel de parede. É uma reprodução da estampa Morris, certo?

Ele entende mesmo de design.

— Sim, se chama Blackthorn. Eu mesma coloquei. — Comprei um rolo a cada salário, levou um ano inteiro. Sylvia morreu de rir com a minha loucura, de decorar um lugar que nem é meu. Fechei-me nessa floresta escura e cheia de flores, e fico feliz que tenha feito isso. Especialmente agora.

Teddy pega o celular e começa a escolher detalhes e partes para fotografar.

— Ele me lembra as guardas de um livro de contos de fadas. — Agora toca a parede, e juro que sinto a mão dele nas minhas costas. — Você fez um trabalho perfeito, Ruthie. A estampa está muito bem alinhada.

Os dedos nos quais se lê GIVE encontram a linha entre duas folhas e escorregam para cima. Partes esquecidas do meu corpo se contraem em resposta.

Até o papel de parede se diverte mais do que eu.

— Obrigada. Você gosta de flores?

— Os caras do estúdio me infernizam, mas eu realmente tenho uma coisa com flores. Adoro tatuar nos clientes. — Solta o ar, estremecendo de maneira dramática. — Posso me cobrir com as suas paredes?

Imagino como deve ser simplesmente dizer qualquer maluquice que passar pela minha cabeça. Minha voz está cheia de frustração comigo mesma quando tudo o que consigo responder é:

— Vá em frente.

Ele confunde meu tom com censura.

— Desculpe. Parece que eu sempre digo as coisas mais estúpidas para você. — Agora o momento passou e ele está no meu armário de toalhas. — Eu sabia que você tinha uma etiquetadora. Então, o que eu deveria procurar aqui? Não estou vendo.

— O aquecedor de água.

— Onde?

É um velho cilindro de metal, ocupa metade do espaço e é mais alto que eu. Estou pensando em como ele poderia ser uma pessoa tão distraída quando vejo seus olhos brincalhões. Ele diz:

— Ah, aí está. Ruthie, por que não colocou uma etiqueta nele?

Uma piada em que sou o ponto culminante. Meu tipo favorito.

— Tem uma alavanca grande na parte de trás. Eu vou…

Nem terminei de falar e ele já está ajoelhado, procurando com o braço.

— Aqui está.

— Ah. Não foi difícil?

— Foi nada — diz, de pé novamente, limpando a mão na calça. Ter bíceps e mãos fortes deve ser legal.

— Agora você pode tomar um banho quente.

— Um banho — repete, olhando para o meu banheiro, onde a torneira está despejando litros e litros da água que agora dividimos. Que sugestão idiota. Aliás, homens tomam banho? Mas aí ele diz: — Nunca tinha pensado nisso. Talvez eu tome.

Entro e fecho o registro.

— Vou tentar não usar toda a água.

Ele solta enquanto estou de costas:

— Não mude sua rotina por minha causa. — Engraçado, era exatamente o que eu estava dizendo a mim mesma, bem antes de ele aparecer e interromper. Teddy se inclina para espiar dentro do banheiro, esfregando o rosto. — Eu mataria para ter uma rotina.

— Suponho que sua vida tem sido um pouco desestruturada nos últimos tempos.

— É um jeito elegante de descrever. Desestruturada. — Ele hesita, e depois aparentemente decide me confidenciar: — Quando você era criança, tinha horário para dormir? Pais rígidos? — Faço que sim com a cabeça. — Quero uma etiquetadora, mas é tarde demais para mim.

— Não é tarde demais. — Quero que volte a sorrir. — Posso definir um horário para você dormir, se ajudar.

Ele está olhando para mim, depois ao redor, catalogando tudo.

Agora de volta para mim.

Será que me ver fora do contexto do escritório é esquisito para ele? As velas brilham nos seus olhos, o cabelo escuro o encobre, e penso em antigas ilustrações do diabo. O que meus pais diriam se soubessem que estou sozinha com esse homem? Eles começariam a rezar.

Eu deveria me sentir em perigo e assustada. Mas não.

— Então você conseguiu o trabalho com as Parloni.

— Consegui.

— Que camisa você comprou?

— Fui até o brechó da rua Martin e encontrei uma blusa vintage. Acho que era de criança. Parecia ser o número dela. Era creme, então eu não tinha certeza se valia. Eu queria ligar para você e trapacear. — Ele sorri, e juro que as velas queimam mais forte. Com uma voz de veludo, acrescenta: — Pode me dar o seu número?

É um erro de iniciante dar seu número para um assistente das Parloni.

— Na verdade, é a minha loja preferida. Quem estava atendendo lá? Um rapaz?

Ele baixa as sobrancelhas.

— Sim. Ele tem o seu número?

— Não, é o Kurt. Ele separa coisas do meu número que acha que vou gostar, mas geralmente erra feio. Escolhe umas saias muito curtas. — Costumo usar as que vão até o tornozelo.

— Aposto que sim. — Os olhos dele brilham. Ele termina de catalogar o quarto, sem ter mais o que olhar. Agora eu é que sou analisada. — Seu cabelo é muito bonito.

Levo minha mão a ele de modo automático.

— Vou fazer um tratamento com queratina. Digamos que fiquei inspirada.

Ele não percebe meu elogio implícito. Alegre, diz:

— Mulheres. Como conseguem lidar com tantos cuidados? Sabe que na verdade nem precisam de tudo isso. — Passa a mão pelo próprio cabelo.

Aponto as tatuagens dele.

— Diria que meus cuidados com o cabelo levam menos tempo que elas.

Ele acusa o golpe e dá de ombros.

— Quais eram as outras possibilidades de resultado para o Desafio da Camisa Branca?

Aqui está ficando quente demais. Cada respiração vem carregada de vapor e perfume. Estou ficando embaçada como um espelho.

— Perder tempo indo até à Chanel ou à Gucci.

Espremo-me para passar por entre Teddy e a porta. Ele recende a saquinho de chá; ofensivamente agradável. Ele me acompanha, prolongando nosso aperto claustrofóbico.

— Ir à Gucci é perder tempo?

— É uma pegadinha. Você nunca vai achar uma camisa lá por trezentos dólares. É um erro que levou alguns rapazes ao limite. — Passo pela sala de estar e acendo algumas luzes. — Alguns vão à Target. Outros pegam os trezentos dólares e não voltam mais. Você fez bem — admito com um pouco de ressentimento. — Eu tentaria a sorte com algo vintage, também.

— Não, ela odiou a camisa. Minha primeira tarefa pela manhã vai ser enterrá-la no jardim, "em uma cova de pelo menos um metro". Acho que ela estava falando sério.

— Garanto que estava.

— Apesar do fracasso com relação ao estilo, ela gostou de eu ter sido criativo. E dos duzentos e noventa e oito dólares de troco. — Agora está na porta do meu quarto. Põe a mão nos quadris. — Não ligue para mim. Sou xereta. O quarto de Ruthie Midona.

(Isso foi dito com um espanto imerecido.)

Se a ponta do pé dele tocar o quarto, vou pegá-lo pelo pescoço e atirá-lo para fora.

— Não deveria ir olhando sem permissão. E se… estiver bagunçado?

Ele faz um barulhinho, como *tsc*.

— Já defini que você é uma pessoa muito organizada. Adoro olhar os quartos das mulheres. Aprendo bastante.

— Tenho certeza de que sim — respondo de um jeito tão seco que ele ri. — Vá em frente, então, me zoe. Conte pra mim como sou entediante. — Assumir o controle de provocações iminentes é uma técnica avançada.

— Você é muito, muito interessante. — Ele está sendo totalmente sincero. Tenho que me lembrar de que essa é a técnica de contra-ataque. — Parece sempre tão preocupada. Relaxa. Vai ficar enrugada. Está tudo bem.

Sei que ele tem um motivo para estar aqui, e que não tem nada a ver com o quanto sou interessante. Se estivéssemos no colégio, suspeitaria que tem

um trabalho para entregar amanhã e esqueceu de fazer. Por favor, perfure de uma vez meu coração.

— Olha só os cestos em cima do guarda-roupa. Estão todos etiquetados. Usei minha etiquetadora.

Ele estremece como se um ganso tivesse passado pelo túmulo dele.

— Sexy.

— Ah, muito. — Sempre achei meu quarto fofo e aconchegante, mas acho que deve parecer infantil demais para ele. Olho para a cama e sinto um calor subindo pelo meu pescoço.

— E aí, cara — diz para o velho ursinho na minha cama. — Beleza? Eu sou Teddy. E você? — Ele me olha de esguelha. Parece que sinto seu sorriso baixando no meu corpo. Até embaixo. E implora: — Por favor, por favor, me fala que o nome dele é o que estou pensando.

Mal sobrevivo à sua voz e a seus olhos.

— O nome dele é Rupert — minto com dignidade.

Ele não cai nessa.

— Claro. Quem vê esse quarto? — Que frase esquisita.

— O que quer dizer? Ninguém vê, exceto eu. E agora você. — Isso o faz sorrir de novo e tirar o ombro do batente.

— Fora, Teddy. Preciso tomar meu banho. — Quase consigo fazê-lo sair.

— Estou com um probleminha. — A mão dele segura a porta, e vejo seus dedos. TAKE. O lembrete veio em boa hora. A visita está prestes a ser explicada.

— De manhã você me fala. — Começo a soltar seus dedos, um por um. T, A, K…

— Não tenho lençóis. Nem toalhas. Nem… qualquer coisa além de roupas. Nem mesmo um sabonete, com exceção de uma vela aromática. Acho que preciso de ajuda.

Talvez eu deva ser hospitaleira com o filho do chefe.

— Tenho certeza de que tem alguns suprimentos de emergência lá. Vou dar uma olhada. — Sigo-o até sua casa nova e estremeço. Fria, úmida e praticamente sem mobília. Tá, me sinto mal por ele. — Aqui está o termostato. Não tenho certeza de se funciona.

— Aqui tem o charme de uma base de testes militares soviética. Poderia por favor ser minha decoradora? — Teddy empurra meu ombro com o dele de um jeito amigável. — A verba está curta, mas sei que você pode fazer milagres.

— Desculpe, não estou aceitando clientes novos.

— Preferiria estar ali — indica com a cabeça a parede que dividimos —, com você.

Meu coração se solta da caixa torácica e pula pelo chão. Quando estou prestes a sair atrás dele, Teddy acrescenta:

— É brincadeira, é brincadeira. Só estou interessado na sua TV.

Tradução: *Não vá pensar bobagem, sua tonta*. Abro o armário.

— Podia jurar que tinha um conjunto de lençóis por aqui. — Não tem nem um rolo de papel higiênico. Tempos difíceis.

— Ruthie — diz com a voz rouca e persuasiva atrás de mim. A sensação de quando tocou o papel de parede desce pelas minhas costas de novo, mas ele não encosta nem um dedo em mim. — Pode me passar a senha do seu Wi-Fi?

— Nos seus sonhos, Theodore. — Preciso ser um pouquinho cruel com esse bichano, ou ele vai ficar miando na minha porta a noite toda. — Bem, o mercado ainda está aberto. Bom passeio.

Ele parece brilhar enquanto olha para mim agora. Tem um sorriso especial, com dentes perfeitos, que de alguma forma se torna mais intenso quanto mais o encaro.

— O que pensa que está fazendo agora?

Ele pisca e o campo de força enfraquece.

— O quê?

— Está tentando me enfeitiçar. — Fico contente ao ver que parece bem constrangido agora e não consegue olhar nos meus olhos. — Seus poderes mágicos provavelmente funcionam bastante com as garotas, mas não vão funcionar comigo. — Espero estar certa. Volto para o meu chalé e ele dá um jeito de entrar comigo antes que eu feche a porta.

— É tão quentinho aqui. — Ele esfrega as mãos como se tivesse acabado de sair de uma nevasca. As bochechas rosadas ajudam a produzir esse efeito. — Só vou me sentar um pouquinho. — Agora está no meu sofá, abrindo uma revista sobre saúde. — Vejamos. Candidíase. O que diabos isso significa? — Há um intervalo excruciante enquanto seus olhos se movem de um lado para o outro na revista. Com pesar, comenta: — Como vocês mulheres conseguem suportar isso tudo?

Encontro as palavras.

— Não vou tomar banho enquanto estiver aqui.

— Por que não? — Olha para o forno, ainda preaquecendo. Está pensando em como conseguir um convite para jantar. Dá um tapinha no controle remoto. Aconchega-se em uma almofada e suspira. — Acho que estou no paraíso.

Não tem tranca na porta do banheiro.

— Eu nem conheço você.

— Sinto que nos conhecemos há séculos — Teddy responde, com uma honestidade que exige uma quantidade brutal de esforço para resistir. Mas, emprestando as palavras da Renata: *Treinei para isso a vida inteira*.

Quando ele for embora de vez, vou ficar lembrando quão adorável foi este momento. Amizades instantâneas, naturais, não aparecem todo dia. Todos que já precisaram da minha ajuda eventualmente desapareceram sem olhar para trás. O sofá-cama no porão dos meus pais é forrado mais uma vez, com lençóis novos. Os moradores mudam de endereço para o céu. Os garotos que as Parloni contratam vão embora enfurecidos. O contrato da Melanie vai acabar. Sylvia não me mandou um cartão-postal.

A tristeza aperta minha garganta.

— Fora.

Teddy suspira.

— Bem, não demore com o banho, para que eu possa voltar e você possa me conhecer. — Como se isso fosse algo perfeitamente razoável de se dizer à sua nova vizinha/desconhecida total, ele vai embora — com minha revista — e fecha a porta atrás de si.

Ficar nua parece errado agora, mas persevero. Afundo na banheira e espero o calor penetrar nos meus músculos e lentamente aliviar a tensão. O e-mail irritado que vou receber da Sylvia sobre o que aconteceu hoje parece mais distante. Ela não pode me alcançar aqui. Desfaço-me em um marshmallow rosa, cada pequeno ponto de estresse que tive ao longo do dia simplesmente desaparecendo…

— Ruthie.

Dou um pulo, esparramando água fora da banheira. Uma vela se apaga. Cubro-me com os braços, em cima e embaixo, e tenho que verificar duas vezes se ele não entrou.

— O que é?

A voz por trás da parede soa cristalina.

— Estou solitário.

Fico feliz que não saiba que sorrio ao ouvir isso. Só o encorajaria.

— Vá embora, Teddy. Estou tomando banho.

— Cacete, essas paredes são finas. Temos que fazer um cronograma para usar o banheiro. Eu tenho um problema que me impede de cagar se uma garota bonita puder ouvir. — Ouço um barulho de banheira do lado dele da parede.

Meu queixo cai e solto uma gargalhada em direção ao teto.

— Ai, meu *Deus.* — Blasfemo alto o suficiente para que Deus ligue para o meu pai pessoalmente. *Reverendo Midona, é sobre a sua filha*. Espere. O Teddy por acaso disse garota bonita?

Posso ouvir o sorriso malicioso na voz dele quando continua.

— Estou aqui sentado na banheira vazia, totalmente vestido, então não pense besteira. Nada dos luxos que você está desfrutando agora. Com certeza nada de tratamentos de querosene no cabelo.

— Tente manter o seu monólogo interior só para você. — Estou sorrindo também. — Aposto que já usou sabonete líquido no lugar de xampu.

— Já usei mesmo, é tão óbvio? Não mereço este cabelo maravilhoso. — Uma pausa longa, talvez à espera de um elogio. — Preciso comprar uma escova de dentes. — Mais uma pausa, que dura uma pequena eternidade. — Venha me ajudar a escolher uma. Você é certinha, eu sou um desastre. Preciso de você para etiquetar a vida para mim.

Não é a primeira vez que um contratado das Parloni me pede ajuda com alguma coisa. Meu sorriso se desfaz e me lembro de Jerry Prescott me pedindo para limpar as novas acomodações do Teddy.

— Será que fui posta no mundo para ser assistente?

— Nem sei que tamanho de lençol comprar. Mandei uma foto do colchão para a minha irmã Daisy, mas não tinha nada para usar como escala.

A palavra *escala* me faz pensar em bananas e protetores labiais.

— E? — Sou obrigada a jogar água no meu rosto.

Um riso alegre fica evidente na voz dele.

— Ela me falou para perguntar a um adulto.

— Esse negócio de bancar o indefeso fofo funciona com todo mundo?

Ele responde animado:

— Com a maioria. Já andou de moto? — Agora está sério.

— Lamento dizer, mas o expediente já acabou. — A rotina da noite vai continuar. O *timer* do forno apita, os episódios de *Enviado do céu* e uma fuçadinha no fórum. Vou me alongar um pouco, escrever no meu diário e

depois me enfiar embaixo das cobertas com meu velho e querido Ted… quer dizer, Rupert. Meu ursinho de quando eu era criança, *Rupert*.

Ele retruca:

— Meio cedo para encerrar o expediente. São seis e meia.

— Para os padrões do Providence, já estamos no meio da noite.

De um jeito que me faz pensar que está tentando ser cuidadoso, fala:

— Sabe que existe um mundo lá fora, não?

Ele se aproxima de um ponto sensível e sinto a fisgada.

— Não preciso explicar minha rotina para você, Estranho. — Respiro fundo e me deixo escorregar para baixo da água, soltando bolha atrás de bolha.

Quando emerjo, escuto:

— Somos vizinhos. Dividimos tudo.

Pego um sabonete do parapeito e olho para ele desconsoladamente. Tudo?

— Não me lembro dessa parte do acordo.

— Do acordo?

Estou confusa.

— Hã?

— Por acaso meu pai disse algo como: se conseguir fazer meu bebê urso se interessar pelos negócios da família, vou lhe dar um bônus de dez mil? — Teddy realmente tem uma ótima imagem do pai. Acho que também está preocupado com o que vou responder.

— Gostaria que tivesse dito. — Derramo água nos meus joelhos e vejo o sabão escorrer. Como Teddy não responde, acrescento: — Estou brincando. Não teve suborno nenhum.

Ele concorda:

— Minha maravilhosa companhia é uma compensação mais que suficiente.

— Sabe o que seria uma boa compensação? Os vinte dólares que me deve.

— Ah. Isso. Sim. — Mais um barulho de banheira; ou ele está se acomodando ou saindo. — Com certeza vou pagar você, assim que encontrar minha carteira. O próximo Bom Samaritano está demorando um pouco.

Deve ser bom colocar toda a nossa confiança no universo.

— Você cancelou os cartões?

— Ruthie, eles se cancelaram há muito tempo. — Ele resmunga algo como *argh-sou-um-desastre*. Com sua voz rouca, agora acrescenta: — Já estourou um cartão, Garota Certinha?

Que pergunta ridícula.

— Aceito todas as formas de pagamento. Transferência, PayPal, Venmo, Western Union. Lingotes de ouro. Trocados. — Como não responde nem ri, pergunto: — Seu pai é dono de tudo isso aqui, mas você não tem vinte pratas?

— Por favor, pare de mencionar o que o meu pai tem. Ele e eu somos duas pessoas diferentes. Ele tem as coisas dele. Eu tenho as minhas.

(Na verdade, parece que o Teddy não tem coisa nenhuma.)

É esquisito que o filho de um cara rico esteja me fazendo apreciar mais todos os luxos que eu tenho. Sabonete e toalhas.

— Por que não está trabalhando no seu estúdio de tatuagem agora? O que aconteceu?

— Alistair disse que eu não poderia voltar até comprar minha parte da sociedade em Fairchild, cem por cento, de uma vez. Foi um ultimato, tudo ou nada. Nunca o vi tão bravo antes. — Silêncio.

Posso sentir a mudança de seu humor através da parede, e a água da banheira esfriou. O que ele disse é verdade: somos o tipo de vizinho que tem que dividir tudo agora.

— Ainda está aí?

— Humm.

Tento imaginá-lo agora, deitado naquela banheira velha e empoeirada.

— Vou preparar um jantar para você. E tenho uma escova de dentes de reserva.

— Não, me dei conta de que já fez mais que o suficiente por mim. Boa noite, Garota Certinha. — Pensando bem, que tipo de pessoa tatua TAKE na própria mão? Aparentemente, alguém que sabe muito bem que tirar é o que ela faz.

Em todos os banhos que já tomei, ficava aqui ouvindo o rumorejo da água nas paredes da banheira e a minha pulsação. Voltei para onde sempre estive, apenas flutuando, completamente sozinha.

CAPÍTULO SETE

Fico surpresa ao encontrar o Teddy esparramado na mesinha do quintal que agora compartilhamos quando abro a porta, de manhã.

— Bom dia.

— Dia — ele responde com má vontade. Está desenhando em um caderninho, mas o fecha quando me aproximo. Ele percebe minha caneca. — Ah. Meu. Deus.

— Aceita um café, Theodore Prescott?

Olhos cansados piscam entre os cabelos desgrenhados.

— Eu me casaria com você por café.

Sinto uma vontade irresistível de ir buscar minha escova de cabelo, para devolver a essa bagunça sua perfeição reluzente. Mas essa é a estratégia, certo? Atrair fêmeas com sua plumagem.

— Não é preciso. Como você gosta?

— Preto e doce. — Ele começa a desenhar de novo, mas fecha o caderno quando volto.

Passo um longo tempo pensando sobre como ele recuou ontem à noite. É importante que, de agora em diante, Teddy pare de ganhar tudo de graça.

— Quero um desenho pelo café. Não damos amostras grátis por aqui.

— Claro. — Ele abre o caderno em uma página em branco. — O que quer que eu desenhe?

— Uma tartaruga. — Coloco a caneca na mesa.

— Isso me faz lembrar. — A caneta toca o papel, e ele começa uma longa curva. — Fiz uma coisa terrível ontem à noite. Estou tentando encontrar um jeito de contar.

Espero, mas ele não toma a iniciativa.

— Teve uma noite confortável?

— Se não fosse minha Fada Vizinha para cuidar de mim, teria chorado até dormir. Muito obrigado, mesmo.

— Tudo bem.

Eis o que aconteceu: tentei deixá-lo se virar sozinho. Terminei meu banho, comi meu frango Kiev com vegetais, lavei a louça e fiquei um tempo aprovando novos membros do Céu Enviou Você Aqui. Fiz minha ronda noturna pelo condomínio, com a lanterna na mão, completando o check-list no meu celular.

Terminei, como sempre, no limite oeste, onde me debrucei no alambrado com as duas mãos e fiquei procurando sons de moto. Acho que devia parecer uma prisioneira.

Enquanto escovava os dentes, Teddy ainda não tinha voltado. Senti-me péssima com minha falta de caridade, especialmente por se tratar do filho do chefe. Como uma Fada Vizinha exemplar, deixei na mesa do quintal um pacote com os seguintes itens:

- ✓ Um jogo de cama (com estampa de nuvens)
- ✓ Uma toalha e um tapetinho de banheiro que combinam
- ✓ Uma colcha
- ✓ Uma escova de dentes (vermelha)
- ✓ Um rolo de papel higiênico
- ✓ Meu outro travesseiro (estranho como isso soa constrangedor)

Como uma mãe faria, digo:

— Seu colchão é *queen size*.Tenha um bom dia com as Parloni. Tenho certeza de que vai se sair muito bem. — Vou em direção à minha porta.

— Espere. Aconteceu uma coisa ruim na noite passada, quando voltava do estacionamento. Eu bati, mas você não atendeu. Estava dormindo? — Ele passa a mão no cabelo. Brilha como a asa de um corvo, preto-azulado, um tanto maligno, completamente lindo. Com um gemido, põe a mão embaixo da mesa e pega uma caixa de lenços de papel rasgada. Dentro tem uma tartaruga-de-capuz-dourado que não parece muito bem. — Pisei nela, e agora você vai ter que preencher um formulário.

— Estava com os fones no ouvido. — Depois de deixar o pacote de suprimentos para ele, tive uma súbita paranoia, achando que interpretaria isso como uma prova de amor. Enfiei-me na cama com meu notebook e aumentei o volume do meu episódio de *Enviado do céu*. Esforcei-me para não ouvir Teddy voltar.

— Eu a levei à clínica veterinária vinte e quatro horas, mas eles apenas a estabilizaram com analgésicos e me disseram que encontrasse um especialista em répteis. — Ele aproxima uma folha de alface do rosto desinteressado da tartaruga. — O barulho que fez sob o meu pé. Ainda consigo ouvir e sentir.

Tenho certeza de que nunca ninguém se sentiu tão péssimo por pisar em uma tartaruga.

— Sinto muito, Teddy. — A expressão dele murcha. — Não, ainda não é hora de chamar um padre. Podemos cuidar dela.

Fico grata pela tarefa manual. Pego meu kit, ponho as luvas e pegamos a tartaruga ferida. É uma pequena, do tamanho de um baralho.

— Bem, ela consegue mover todas as pernas. Isso é bom.

— Foi o que disseram ontem à noite. Mas olha. — Ele mostra o casco rachado. — Puseram um gel aí para não infeccionar, mas não é o suficiente. Não tinham as coisas necessárias. Por sorte eu moro do lado de uma especialista em répteis.

— Eu sei uma coisa ou outra, mas não sou especialista. — Sigo a rachadura e tento ter uma noção do dano, com base em raios-x que já vi. — O casco precisa ser reparado com resina. Talvez essa parte precise de arame.

— Consegue fazer isso? — Ele fica impressionado quando faço que sim com a cabeça. — Você é mesmo como uma veterinária. É esse seu objetivo? A Renata interrompeu você durante a entrevista. — Ele pega de novo a caneta e volta a desenhar. No papel, a tartaruga começa a ganhar vida. Vai passando a caneta, talvez como uma agulha de tatuagem, conectando as linhas, aplicando textura.

Falo para a tartaruga:

— Era uma vez, uma menininha que sonhava ser veterinária. Mas não mais, obviamente. Sou babá. Esses carinhas aqui são valiosos no mercado negro, ao que parece. É uma das razões de eu morar aqui.

— Seu equipamento parece bem profissional.

— Apenas dou a elas um lugar para descansar e se recuperar. — Vou até o canto dos cercadinhos que montei no quintal. — Acho que a número quarenta e quatro vai ter que ir para o Zoológico de Répteis. Vamos mandar esta aqui junto para um raio-x, e eles podem fazer o reparo. Eles vêm aqui sempre e não cobram nada.

— Gostaria de ter conhecimento disso antes de ter dado em cima da recepcionista, para que ela me deixasse pagar depois. — Ele sorri ao recordar.

Sinto uma pontada, mas ao mesmo tempo injeta um pouco de resina no meu coração. Isso é o que ele faz. Preciso manter os Escudos Ativados.

— Sei que não valeu o gasto. Lamento não ter lhe dado ouvidos. Não estou acostumada a ter gente por perto.

Ele franze a testa ao olhar sua pequena vítima.

— Sabia que você ia ficar muito desapontada comigo por causa disso. — Quando levanta o rosto, seu olhar é como o de um garotinho esperando a bronca. — Aposto que nunca pisou em nenhuma delas.

— Tenho andado por aqui no escuro há anos. Tenho certeza de que você vai prestar mais atenção agora. — Pego um batom vermelho no meu kit. — Esta aqui é a número cinquenta.

— Você as resgata e dá um lugar para elas ficarem. Nunca me identifiquei tanto com uma tartaruga, em toda a minha vida. — Ele pega a caneta e desenha o número cinquenta no dorso da mão. — Não acho que seja tarde demais para você ser veterinária.

Atrapalho-me.

— Sou só uma auxiliar de escritório. Qualquer um pode fazer isso. — Pego uma folha nova e entrego a prancheta. — Pode preencher o formulário. Escreva o número de identificação dela no casco. Antes que pergunte, já tentei usar a etiquetadora, mas os adesivos não grudam. Batom de efeito prolongado fica perfeito.

Ele pega o batom e escreve as iniciais TJ na concha.

— Teddy Junior. Onde vai colocá-lo?

— Com as outras.

Na hora de entregar tanto a tartaruga como o formulário, Teddy observa minha mão esticada como se não confiasse em mim. Agora está olhando o céu com os olhos semicerrados, vendo se vai chover. Corre o olhar pelo quintal. Não é bom o bastante para seu principezinho.

Como no acordo do café pelo desenho, talvez seja melhor que o Teddy cuide disso também. Além do mais, ele investiu muito na tartaruga.

— Se você se sentir melhor, pode ficar com ela até a carona dela chegar. Apenas deixe a caixa bem plana e não fique mexendo nela. — Forramos a caixa.

Teddy olha as horas no celular e solta um de seus bocejos/ rugidos de leão.

— Merda, tenho que ir trabalhar logo. Não acordo tão cedo há anos.

Estou perplexa o bastante para olhar de novo no meu relógio.

— São oito da manhã. — Estou tão adiantada para o meu trabalho que me permito uma pausa e me sento na cadeira de metal gelada ao lado dele. Outra coisa que nunca fiz antes. Sentar-me neste quintal sob o sol da manhã.

— Não funciono assim tão cedo. Meu dia vai ser péssimo, né? Aqui está o seu desenho — acrescenta de maneira displicente, rabiscando suas iniciais no canto. Pego a folha que ele arranca para mim. Como essa tartaruga tão detalhada pôde ser feita com tão pouco esforço, com uma caneta esferográfica? Esperava um cartum fofo e agora tenho uma obra de arte exclusiva. Preciso emoldurar isso.

O ego dele vai inflar, mas não me importo.

— Teddy, ficou maravilhoso.

Ele dá de ombros, sem se importar.

— O café também. — Ele abre o caderno em uma folha em branco e começa a desenhar de novo, com movimentos soltos e fáceis. Surge o contorno de um longo cardigã de lã, moldado sobre formas femininas. Ela tem curvas bonitas no busto e no quadril, e há um arco para as costas e uma linha de cintura lisonjeiramente fina.

Pergunto:

— Aonde você foi ontem à noite?

— Ao boliche. O Memory Lanes tem uma coisa incrível no menu chamada Frankenfritas, e de tempos em tempos não consigo dizer não para o desejo.

— O que são Frankenfritas?

— É uma rede, então cada unidade tem sua versão. A daqui são batatas fritas com macarrão com queijo em cima — ele faz camadas com as mãos agora, TAKE-GIVE-TAKE —, depois colocam molho, uma camada de pedacinhos de pão e aí vai para a grelha. Antes de entregarem, colocam uma salsicha em cima, como um torpedo. Parece comida de cachorro. Vamos lá quase toda sexta-feira depois de fechar. — Está se referindo aos amigos de tatuagem. Olhando o álbum de fotos, diz, distraído: — Preciso ver se tem perto do estúdio novo.

Ele me mostra a foto de uma pilha horrenda de comida. Seus amigos estão amontoados ao redor dela, fingindo que a vomitaram. Caras durões com piercings e garotas duronas cheias de presença.

— Viu? — Ele usa dois dedos para dar um zoom na foto. — Deliciosa comida de cachorro. — Uma das garotas olha para a câmera e o garoto bobo que a está segurando. O olhar dela diz claramente. Ele é divino.

Sou sincera ao dizer:

— Que nojo.

— Quando você precisa comer seus sentimentos, é a única opção.

— Seus sentimentos devem ser bem nojentos e misturados.

— É. Você sacou a ideia. — Desenha, desenha. — De qualquer forma, essa foi a minha triste noite. Voltei tarde, me imaginando sozinho no mundo. Então encontrei seu pacote e me lembrei de que tem gente boa em toda parte.

Devem ter notado que dei a ele apenas uma toalha.

— Acho que eu deveria ter mencionado isto, mas ficaria feliz se não trouxesse convidados para cá. Durante o dia, quando têm que assinar no escritório… tudo bem se um amigo quiser visitar você. Mas tenho que saber de cada pessoa que vem aqui. Para o caso de uma emergência.

— Quem eu traria para um condomínio de idosos?

Não consigo me obrigar a dizer. *Não traga nenhuma das pessoas da foto. Fiz um buraco no meu mundo, mas só cabe você. Não me faça ouvir uma risada de mulher do outro lado da parede*.

Os olhos dele lampejam em minha direção, vívidos como cascos de tartaruga.

— Ahhh, entendi o que quer dizer. Por causa das paredes finas. Eu não causaria um trauma desses em vocês. — Ele termina o desenho do cardigã. Acha que sou só uma criança.

Defendo-me como uma criança se defenderia.

— Não ficaria traumatizada.

Meu cérebro tenta imaginar o que eu poderia ouvir no escuro. Um colchão rangendo, a cabeceira da cama roçando ritmicamente na parede. Uma garota ofegando de prazer, do tipo que você sentiria com o corpo dele, com o toque dele, mas sobretudo por ser o foco da atenção dele. Imagino o cabelo dele escondendo o rosto dela, esparramando-se como óleo negro no travesseiro quando ele mergulha para beijá-la.

O que uma pessoa sem filtro como Teddy diria nesse momento? Quanto se deixaria levar, como sua imaginação se atiçaria? Ele aplicaria todo o seu charme do jeito certo. Acho que Teddy riria muito na cama.

E tudo isso aconteceria nos meus lençóis com estampa de nuvens.

Dou um jeito de fazer piada:

— Ok, talvez eu ficasse traumatizada. — Fecho a boca para conter a pressão que vai se acumulando dentro de mim. Não vai ter mulher nenhuma vivenciando isso nesse chalé, ou juro que não sei do que sou capaz…

— Mas, como a Melanie disse que está para começar a usar um aplicativo de encontros, talvez pudesse me fazer a mesma cortesia. — Ele está detalhando os botões do cardigã e não olha para cima. — Eu, pessoalmente, me traumatizo fácil.

— Não acho que isso vá ser um problema. — Aponto para mim com o dedão.

Ele começa a tentar adivinhar o que quero dizer.

— Seu… cardigã não vai sair. Tem outro cardigã embaixo desse, centenas deles, como uma caixa de lenços. É um cardigã de castidade. Um cardigã encantado.

No papel, ele polvilha alguns brilhozinhos azuis ao redor dos ombros e da bainha. Ele vê formas quando olha para mim?

A provocação não atiça meus espinhos de ouriço como pensei que atiçaria. Devo estar me acostumando com ele. Pego o meu muffin de café da manhã de dentro da bolsa e divido em dois. Teddy o recebe quase com lágrimas. Comemos, e penso nessa parede fina como papel separando nossos chalés.

— Esta noite, quando estiver na cama — começo, e isso o muda. Em vez de bocejos, olhos atentos em mim. Vejo a chama tremeluzente de novo. — E quando você estiver na cama — (ai, cara, os olhos dele estão ainda piores agora) —, vamos dizer alguma coisa em voz alta. Para ver se o outro pode ouvir. Não por algum outro motivo esquisito.

— Gosto de coisas esquisitas. Bastante. — Ele olha as horas no celular. A tela de bloqueio é uma foto de letreiro de neon que diz: SEMPRE E PARA SEMPRE. Termina de ver, a tela fica preta de novo e ele me entrega a caneca vazia. — Valeu mesmo. Melhor eu ir.

— Tenha um bom dia. — Sinto-me um pouco culpada porque sei o tipo de primeiro dia que os rapazes que trabalham para as Parloni têm.

— Pode ser que eu faça uma visita, se tiver um intervalo para almoçar. — Está juntando as coisas dele agora. Respira fundo como se estivesse nervoso. Talvez sejam seus instintos de sobrevivência. — Alguma dica ou conselho final para mim? — Está usando a mesma voz aveludada que provavelmente usou com a recepcionista da clínica veterinária, ontem à noite.

— As Parloni costumam fazer a sesta. Se sobreviver até lá, pode almoçar. Dá uma passada no escritório para ver a gente.

— Se eu sobreviver? Claro que vou. — Ele ri como se eu tivesse feito uma piada. — Estou ansioso para te contar no que deu. Mal posso esperar.

Já estou quase terminando o caminho rumo ao escritório quando percebo que mal posso esperar também. E, portanto, é bem provável que esteja encrencada.

CAPÍTULO OITO

Durante a manhã toda, fico tentando imaginar quando as irmãs Parloni vão fazer a sesta delas. Talvez atormentar o Teddy em seu primeiro dia de trabalho tenha aumentado a energia delas e ele não vai nos fazer visita nenhuma. Digo a mim mesma que estou feliz por ter um pouco de paz e tranquilidade.

A sra. Petersham ligou para o escritório e pediu que fôssemos buscar algumas revistas novas.

— Sou perfeitamente qualificada para isso — Melanie me garantiu, agarrando alguns trocados do caixa. — Escolher revistas é uma das qualidades que deveria ter colocado no meu currículo. Já volto. — Será?

Estou tentando alcançar minha lista de afazeres. Bastaram dois cliques no site da CIP para encontrar a nova gerente de construção do Providence. Rose Prescott, Gerente Associada Júnior, é uma loira de olhos azuis com um olhar penetrante. Seria a primeira a ser escolhida na educação física, na escola. Ela acertaria um disco de hockey bem na sua cara. Não tem nenhuma semelhança com o Teddy, da cor do cabelo à aura amedrontadora.

— Teddy teria sorrido adequadamente — digo em voz alta para a sala vazia. O fotógrafo teria dificuldades para tirar uma foto em que ele não estivesse rindo, piscando, bocejando ou se mexendo. Adoraria ver o passaporte dele. Imprimo a ficha corporativa da Rose e a anexo à minha pasta da CIP.

O próximo item da minha lista é um que venho procrastinando.

Meu pai atende o telefone depois do segundo toque.

— Reverendo Midona. — Vejamos por este lado: se Deus ligar, meu pai não vai poder ser acusado de não levar as coisas a sério.

— Oi, é a Ruthie.

Ele pressiona o telefone contra o peito e o ouço gritar:

— Abigail. Abigail. — Demora um pouco, e apenas fico esperando. — Ela está vindo do jardim. — Ele vai pôr o telefone na mesa.

Apresso-me:

— Como tem passado? — Dou uma ticada no item “filha dedicada”.

— Bem, ocupado, mas bem.

— Espero que não tenha pegado essa gripe que está circulando. — Acabei de inventar isso. Não faço ideia do tipo de germe que deve ter na igreja dele, mas tempos difíceis requerem tópicos de conversação desesperados.

— Não estou com gripe — responde, e agora nós dois nos sentamos, com o fone na orelha.

Começo.

— A mãe contou que estou como gerente aqui no Providence, enquanto a Sylvia está no cruzeiro? — Assim que ouço o tom convencido e esperançoso na minha voz, percebo que cometi um erro. É como quando você prepara perfeitamente a piada, e a outra pessoa tem uma tirada matadora engatilhada.

Ele dispara:

— Espero que não esteja se esquecendo de trancar o escritório. Sua mãe está aqui.

— Tá bom, então. Tchau. — Afasto o fone para respirar. Estou tremendo e lágrimas estão prestes a cair. Sou cuidadosa. Não sou?

Abro o aplicativo com o meu check-list para me certificar de que tranquei tudo direitinho na noite passada. Um item — a porta do centro de recreação — não está ticado. Será que fechei? Sei que estive lá, mas acho que me distraí. Fecho os olhos e me vejo, lá no pátio, a maçaneta gelada na minha mão. Mas as minhas orelhas estão concentradas em barulhos de moto ao longe.

Minha mãe interrompe meu minicolapso.

— Minha pequena Ruthie Maree. Sabe, eu estava pensando em você agorinha mesmo. Como está?

Apesar de ter sido eu mesma quem ligou, estou irracionalmente irritada. Preciso desligar.

— Bem, obrigada, mãe. E a senhora? — Transpareço bastante agitação. — Quer pôr no viva-voz? — Ninguém pode dizer que não me esforço.

— Seu pai sumiu. — Ela está um pouco surpresa. — Onde será que ele foi?

— Talvez tenha pulado a janela. — Escorregado pelo cano da calha. Corrido para longe. Fecho os olhos por um segundo e reequilibro todos os sentimentos contraditórios que estou sentindo. É a sensação de ser repelida,

depois agarrada com firmeza demais. Por isso ligar para casa é sempre um dos deveres da minha lista, em vez de algo que eu de fato queira fazer.

— Bem, isso é muito criativo. — Minha mãe é meio indiferente sobre a situação entre mim e meu pai. Pelo que sei, ela nem se deu conta.

Penso em um tema.

— Como está a moça que teve bebê… como era o nome dela? Ainda estão morando aí? — Não consigo nem contar quantos estranhos com cara assombrada já se sentaram à nossa mesa e dormiram no nosso quarto de emergência no porão. Tem sempre um sofá-cama preparado, com lençóis limpos e uma toalha dobrada no canto. Caridade começa em casa, afinal.

— Ah, Rachel e Olivia. Você teria adorado a bebê, Ruthie. Era a coisinha mais linda. Não dava nem um pio à noite. — Em tom mais suave, ela acrescenta: — Apesar de a bebê ser tão calma, a casa parece tão quieta agora.

— Quando foram embora?

— Semana passada. Foi bem de repente. Mas a Rachel deixou uma mensagem gravada no telefone do escritório.

É bem mais do que a maioria faz. A maioria é grata pela ajuda, mas, assim que consegue se reerguer, segue seu caminho. Sei que sempre foi assim, mas minha mãe está magoada e sinto um indignado *que grosseria* preso na minha garganta.

— Acho que é assim mesmo.

— É bom que ela tenha ido embora — minha mãe me lembra, escolhendo ignorar meu tom amargo. — Graças à generosidade da nossa congregação, ela e a bebê conseguiram chegar até onde a avó mora. Posso ficar em paz.

Até o próximo que bater à porta no meio da noite, durante uma tempestade. Minha mãe sempre se doa demais. Não faço ideia de como ela se recupera. Não acho que se permita um longo banho de banheira ou um programa de TV nostálgico. Enquanto penso nisso, continua:

— Como está a vida aí no Providence?

— Bem tranquila. — Assim que termino de dizer isso, vejo Teddy descendo para o escritório. — Quer dizer, na verdade aconteceram algumas coisas interessantes enquanto Sylvia está fora. — Meus pais conhecem Sylvia há anos, por causa da igreja.

— Deve estar se divertindo à beça. Tenho olhado a caixa de correio todo dia. Lembra quando ela foi para o Taiti? — É provável que minha mãe

ainda tenha o cartão-postal da igreja taitiana grudado na geladeira, e isso foi anos atrás.

Aperto o *atualizar* no meu e-mail.

— Também não tenho tido notícias, e ela não tem respondido os e-mails sobre o trabalho. Ela jurou que ia ficar on-line todos os dias. Talvez a internet do navio esteja com problema.

— Você sabe como a Sylvia é. Vai responder quando puder.

Estremeço. Conheço a Sylvia.

— De qualquer forma, temos dois temporários por aqui. São da minha idade. Tem sido bem legal tê-los por perto. — Escrevo em um post-it: VER CENTRO DE RECREAÇÃO. Grudo nas costas da minha mão.

— Uau. — Minha mãe está realmente empolgada. — Amigos novos. Vai ser uma nova pessoa, Ruthie Maree.

— Um está morando no chalé ao lado. Tem a minha idade, ele é bem legal.

— Um rapaz. — Ela parece desconfiada. Ainda pensa como se eu tivesse quinze anos, não vinte e cinco. — Ah, não sei não, Ruthie.

— Está tudo bem. Ele é filho do dono daqui.

— Desde que esse rapaz não entre na sua casa — minha mãe diz devagar, pensativa. — Nesse caso, acho que vai ficar tudo bem.

Penso no Teddy espiando meu quarto com um sorriso nos lábios. Ele deitaria no pé da cama, como um gato, se eu deixasse. Se a desapontasse também, além do meu pai, quem me restaria?

— Não, claro que não, mãe, ele é só um funcionário aqui. Não é meu amigo nem nada.

Quando levanto a cabeça, Teddy está na porta, com a mão no coração, fazendo uma pose dramática.

Minha mãe diz:

— Tem sido uma menina boa e cuidadosa, querida? Tem trancado a porta à noite?

— Isso foi há muito tempo.

Não sei o que é pior, as perguntas dela ou o sarcasmo na voz do meu pai. Às vezes, nos meus sonhos, fico conferindo se tranquei uma porta, repetidas vezes.

— Desculpe eu ter de desligar, mas… o cara da manutenção chegou. Posso ligar à noite?

— Hoje à noite vou buscar doações, tolinha. — Minha mãe vai com a van arrecadar doações de comida em restaurantes e mercados desde que eu era criança. — Mas falo com você amanhã de manhã. Quero ouvir tudo o que tem feito. — Desligamos e ela nem sabe que sou uma fracassada e que já contei tudo o que tinha para contar.

Teddy puxa uma cadeira e senta de frente para mim. Puxa o post-it da minha mão e cola em seu peito.

— Oi — lança, fechando os olhos. — Eu sou seu amigo, você querendo ou não.

Se isso é verdade, talvez eu saia primeiro. Alguém vai poder ser minha retaguarda enquanto me afasto. Começo a mover minha cadeira, mas ele diz com ardor:

— Por favor, fique.

Ele está desarrumado e cansado, e sou obrigada a admitir: é alguém para quem quero olhar. Enquanto está de olhos fechados, eu posso. A camiseta azul-escura está bem esticada no peito, e tenho novas tatuagens para ver. Me sirvo de algumas na região do bíceps. Peixinho dourado. Cisne. Jarro contendo (1) coração humano. Ele mexe o braço, e consigo uns bônus. Um sapato com salto agulha, uma adaga, uma folha negra. E é quando seus braços estão esticados, com os punhos virados na minha direção, que percebo que seus olhos também estão abertos e que ele está se mostrando para mim.

— Desculpe, desculpe. — Tenho certeza de que fiquei vermelha. — Então, o que elas o obrigaram a fazer?

Ele volta a cruzar os braços.

— Meu primeiro erro foi dizer que não sou o tipo de pessoa que funciona bem de manhã.

— Ah, Teddy. Grande tolice.

— Pelo resto da semana, meu novo horário é às seis da manhã. — Ele me olha com um ressentimento genuíno. — Você poderia ter me treinado, aí eu saberia como jogar esse jogo. Mas você simplesmente me jogou no lado fundo da piscina, de propósito. O que eu fiz para você?

A crise de riso no posto de gasolina me vem à mente. Bem como ele chamando a atenção do pai para o Providence. Ele ignora graciosamente os dois crimes. Esta é a parte mais irritante: é impossível ficar tão irritada com ele quanto eu gostaria. Ele é meu amigo, querendo não.

— Sabia que ia dar conta.

Teddy dá um longo suspiro, resmungando.

— Depois de enterrar a camisa branca embaixo de um limoeiro, a Renata me disse que enterrei na árvore errada. Então tive de cavar de novo, enterrar de novo, e pensei que tivesse acabado. Mas então ela decide que a camisa não era tão ruim assim, então a desenterrei e tive de lavá-la à mão.

— Claro. Ok.

— Você não está nem um pouco surpresa. Que tipo de coisa absurda já viu por aqui? — O olhar dele é de um desvairado.

— Já vi de tudo. E não se esqueça, cada vez que um de vocês desiste, sou eu quem tem que cavar e enterrar. De qualquer forma, tenho certeza de que está na hora de você voltar. — O impulso de ir até o centro de recreação é quase incontrolável. Ele faz sinal para eu me acalmar.

— Ainda não acabei. Até aí, eram só nove e quinze. Ruthie, as coisas que eu fiz esta manhã são simplesmente ilógicas. Ela está… em juízo perfeito? — Ele balança a cabeça. — Eu fiz o Desafio do Bolo.

— Ah. Já fiz esse. — (Faça um bolo com o que encontrar.)

— Elas não tinham farinha. Acabei fazendo um farelo esquisito de amendoim no processador de alimentos.

— A questão é: você tentou.

— A Renata me fez pôr a mesa para uma festa do chá, com toda a porcelana chinesa e uma toalha, e servi-las como um mordomo. Tive que inventar uma história trágica para o meu personagem, e o bolo estava… — Ele tenta encontrar uma palavra. — Uma abominação. Ela me fez enterrá-lo sob o limoeiro, no primeiro buraco que eu cavei. — Seus olhos cansados encontram os meus. — Tenho que fazer isso de novo, todo dia, a partir das seis da manhã? Vai ser como estar no purgatório.

— Aggie falou com você sobre o salário?

Ele se endireita na cadeira.

— É um acordo estranho — começa, depois escuta a si mesmo e balança a cabeça. — Quer dizer, claro que é. Ela diz que idealizou um esquema de incentivo. A cada semana que eu trabalhar para elas, o salário dobra, até chegar a uma quantia nível CEO. Pode ser que no jantar de Natal eu esteja contando para todo mundo que sou sócio proprietário do meu estúdio. — Ele olha de lado, sonhador.

— Isso é ótimo. — Dou um sorriso encorajador, mesmo que, por dentro, esteja exausta.

— Mas não vou conseguir. Você estava certa. — Ele se inclina para a frente e se debruça na minha mesa. Sua bochecha está na minha calculadora, e o visor se enche de números. — Devia saber. Você está sempre certa.

— Você é bem profissional. E nada dramático. — Continuo sorrindo.

Não sei o que fazer com esse corpo masculino largado. Seu cabelo está enrolado em um coque, preso por um elástico de borracha, e é deprimente o quanto eu desejo que estivesse solto, caindo sobre mim como um tsunami.

Deste lado da mesa, tudo o que posso ver são os grandes montes de seus ombros cobertos pela malha. As conchas vulneráveis das suas orelhas. Posso ver apenas o lado da tatuagem de rosa na parte de trás do seu braço, mas sei que é bonita o bastante para virar estampa de papel de parede. Tudo nele é.

— Margarida. — Encosto o dedo em uma das várias flores tatuadas no punho dele. — Ah, entendi.

Sempre que ficava entediado, tatuava mais uma margarida, em homenagem a Daisy. A menina dentro de mim mal aguenta a fofura que isso é. A mulher dentro de mim quer saber quantas outras mulheres estão para sempre marcadas nele. Se tiver um coração com um nome escrito em cima, vou ficar muito brava. Quando foi que senti todo esse calor?

— Quantas irmãs você tem?

Mesmo parecendo morto, ele responde:

— Quatro. Todas me acham um inútil.

— Tenho certeza de que não.

— É verdade, eu sou. Elas me dizem isso sempre.

— Sabe o que minha mãe sempre me diz? Você tem duas mãos e um coração batendo. Não é inútil. Realmente preciso verificar a porta do centro de recreação. Fui descuidada ontem à noite. — Fiquei dando risada na banheira e andei por aí, no escuro, sem tirar o Teddy da cabeça. É frustrante como homens bonitos bagunçam a vida das pessoas que estão por perto.

As mãos dele estão sobre a beirada da mesa. Bem ali, a centímetros de mim. GIVE e TAKE. São mãos muito bonitas, e já vi o que são capazes de criar.

— Preciso que me ajude a passar por isso. — Seus cílios estão escuros contra a pele. — Está ouvindo? Preciso de você.

No dorso da mão direita está o número cinquenta, que escreveu mais cedo, e fico feliz que ainda esteja ali, para me lembrar. Algumas folhas de

alface, um descanso, e Teddy estará nadando para longe, sem olhar para trás.

Sou honesta demais na resposta:

— E o que acontece comigo, depois de ajudar você a passar por isso? Já pensou que talvez eu precise de ajuda também? — Eu o escuto puxar o ar de um jeito que me faz querer voltar no tempo.

— Voltei — Melanie cantarola, soltando a bolsa na mesa e me dando algo em que me concentrar além da minha pulsação, cada vez mais rápida, e minhas emoções contraditórias. Tenho certeza de que o cara debruçado na minha mesa está aliviado de não ter de me responder.

Ela graceja:

— Oh-oh. O Robô-Teddy está quebrado?

— Acho que sim. Estava prestes a abrir o painel para ver. Mas acho que vou ter que cortar o cabelo dele para isso. — Pego uma caneta e ergo a mão dele. Ela cai de volta, mole.

Melanie está falando sobre o trânsito e mexendo no celular, e Teddy está morto, então posso fazer uma coisa. Uso a ponta da tampa da caneta para contornar o G da primeira falange. Mantenho a respiração controlada, porque ele está perto o bastante para ouvir.

Enquanto Mel tagarela, falo para o cadáver:

— Às vezes, à noite, sinto que sou a última pessoa na Terra. — Os cílios dele nem se mexem. Em seguida, contorno o I. — Às vezes, trabalho a semana toda. Vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, é tempo demais. Estou ficando cansada.

Melanie fala cada vez mais alto:

— E aí percebi que eram revistas pornográficas. Dá pra acreditar?

Dou risada por obrigação e, quando passo a tampa da caneta pelas linhas sexy da letra V, sua mão se flexiona e ele se arrepia todo. Jogo a caneta do outro lado da sala e finjo que nunca, jamais fiz isso.

Melanie está quase acabando suas histórias.

— Ele ainda está morto?

— Sim, lamentavelmente. Vá em paz, Teddy. Vamos colocá-lo com os outros rapazes das Parloni. Um bloco de concreto nos tornozelos, depois para o fundo do lago.

— As tartarugas precisam comer alguma coisa — ela concorda, andando pela sala. — Você segura os braços, eu seguro as pernas.

— Estou vivo — Teddy se decide e se endireita na cadeira. Qualquer um que duvide da presença de um espírito ou de uma alma nele não viu seus olhos cor de avelã se reacenderem para a vida. Há uma leve marca dos botões da calculadora na maçã do rosto dele. Ele é tão adorável que nem teria palavras para expressar, se tentasse.

Algo mudou agora. Minhas palavras e meu toque mudaram algo na maneira como me olha. Ele pede, flexionando os dedos:

— Pode fazer isso de novo?

— Fazer o quê? — Melanie estreita os olhos, desconfiada.

Ele me observa por um momento, lê o NÃO FAÇA ISSO na minha expressão e se reclina de volta na cadeira, esfregando o punho.

— E aí, Mel, como estão as coisas?

— Vivendo o melhor momento da minha vida. Acabei de ir buscar revistas para uma velhinha. Ela me fez ficar para uma xícara de chá. Tinha gosto de casca de laranja, mas bebi tudo.

Não está mais se escondendo no banheiro quando os moradores se aproximam?

— Mel, estou orgulhosa de você.

— Não deveria. — Ela está sorrindo com as bochechas coradas enquanto desdobra a notinha e o troco, vindo para trás da minha mesa para pegar o arquivo. Então parece se lembrar de algo e olha para mim com medo nos olhos. — Preciso confessar. Meio que me excedi e comprei para a senhora Petersham uma revista que ensina Quinze Maneiras de Fazê-lo Gritar.

— Nunca é tarde demais para aprender — digo, e os dois riem como se eu fosse mesmo engraçada.

— Teddy, você é uma boa influência para a nossa srta. Midona, ela está se soltando bem. Talvez eu devesse ter guardado aquele artigo para você. — Melanie dá um tapinha no meu ombro. — Talvez possa incorporá-lo ao Método Sasaki.

— De novo esse tal método — Teddy resmunga. — Detesto ser deixado de fora.

— Não acho que fazer alguém gritar esteja no meu futuro próximo. — Não acredito que disse isso em voz alta, em um escritório. Eles também não; os dois estão boquiabertos, adorando. Olho o post-it no peito do Teddy e pergunto à Melanie: — Você abriu o centro de recreação hoje de manhã?

— Por que está tão obcecada com isso? — Teddy está tão entediado que boceja. Agora já vi cada dente da boca dele, todos brancos como o ártico.

Diz Melanie:

— Já estava aberto. Pensei que tivesse sido você.

Enquanto Melanie continua a tagarelar incansavelmente, anotando a despesa com as revistas, Teddy me pergunta:

— Ruthie, o que está rolando?

— Fiz besteira. — Tudo o que posso fazer é controlar minha respiração. Nunca fiquei tão feliz ao ser interrompida.

— As revistas estão tão caras hoje em dia. Tenho um projeto de renovação que impressionaria até a CIP. Quer adivinhar o que é?

Teddy não está disposto a aceitar a interrupção, continua com os olhos no meu rosto.

— Está tudo bem, você não fez besteira — me assegura, com veemência. E meu corpo acredita nele. Minha respiração vai se tornando mais fácil, até eu voltar a mim mesma.

Melanie diz com um floreio:

— Ruthie Midona é o meu projeto. Estou trabalhando no conserto dela.

Teddy parece ofendido por mim.

— Minha antiga moto está precisando de conserto, no depósito. A Ruthie, não.

— Ela precisa fazer esse motor girar — Melanie devolve, inteligente.

Intervenho:

— A Ruthie ainda não concordou com esse seu plano.

(A Ruthie também está perplexa por estar conversando com gente da idade dela como se fossem amigos. Talvez Ruthie deva embarcar nessa?)

Melanie continua:

— Estou criando um programa de encontros projetado para fazê-la sair do seu casco de tartaruga. Se divertir, paquerar, conhecer gente nova, romance. A gente precisa fazer coisas importantes, como nos filmes. — Ela gosta de fazer pausas dramáticas, e essa é das grandes. — … Uma transformação.

Eeeee estou pulando fora.

— De jeito nenhum.

— Mas olhe só para ela — Teddy diz a Melanie, como se estivesse prestes a subir no ringue. Começo a me encolher por dentro, como se eu fosse uma grande e dolorida mola, até ele concluir com: — Por que mexer com a perfeição? — Ele olha nos meus olhos de um jeito que me faz sentir como se o braço dele me amparasse.

Melanie diz:

— Concordo, claro. Ruthie é uma pessoa maravilhosa. Mas acho que, se ela ao menos desse uma melhorada na autoconfiança, deixaria os outros verem como é divertida e inteligente. Uma alma gêmea, e eu em um vestido de madrinha lilás.

Eu a encaro.

— Está viajando tanto que chega a ser uma insanidade.

— Mas é isso o que você realmente quer? — Teddy me pergunta, e parece algo íntimo demais para responder. Mas ele não desiste. — Se é mesmo o que quer, então também vou te ajudar.

Era o que a Melanie queria ouvir.

— Ruthie, nós dois vamos ajudar você, está decidido. Por favor, deixa eu fazer a minha cena de transformação. Estou sonhando em tirar sua sobrancelha desde que a gente se conheceu. — Isso é dito com um doce ardor.

— Tentei ser descolada no ensino médio e não deu muito certo para mim. Não quero sair com alguém que conheci logo depois de passar pela Transformação Melanie. Quero que alguém realmente se interesse por… isto.

— E como descreve "isto"? — Melanie está com o caderninho de novo. — Não avancei muito no rascunho do seu perfil. Você não me deu muito com o que trabalhar.

— Uma garota certinha — pego emprestada a frase do Teddy para fazê-lo rir, mas ele apenas olha mais fundo nos meus olhos, e não consigo desviar o olhar. A sala fica toda escura e o dourado da retina dele é minha única luz. Meus outros sentidos se aguçam e posso navegar nesse mundo novo puramente com o tato. Tento de novo: — Garota Certinha e recatada procura…

Os olhos dele colocam imagens e pensamentos na minha cabeça. Garota Certinha procura um homem alto e largado para pegá-la de jeito. Ela quer ser levada à loucura, na cama, na beirada da mesa, contra a parede, na grama à luz da lua. Todas as portas abertas, sempre. Tudo o que quer é pele, o calor acetinado, as madeixas negras sobre a mão dela…

O rangido da cadeira interrompe meu raciocínio. Teddy se inclina para a frente. Ele está tão ávido para ouvir minhas próximas palavras que seus punhos estão brancos.

— O quê? — Há algo de ousado em sua voz.

Penso no que a palavra *dar* significa e no quanto quero tirar.

Melanie, a mestra das pausas dramáticas, é de fato boa em preencher silêncios.

— Profissional gata de vinte e cinco anos procura um igual. — Ela hesita, os olhos brilhando, e em seguida conclui: — Necessário saber quinze formas de fazê-la gritar.

Mortalmente sério, Teddy diz:

— Eu sei trinta.

Se Teddy Prescott entrasse no meu quarto e me mostrasse o que sabe, não importaria o quão finas são nossas paredes ou quanto barulho eu faria. Ele seria o único no Providence a me ouvir.

— Conheço quinze formas de esconder seu cadáver — Melanie o repreende, batendo de leve na cabeça dele com uma régua. — A Ruthie está procurando um parceiro para a vida, não para a cama. Coloque isso na sua cabeça dura.

CAPÍTULO NOVE

No segundo dia de emprego, Teddy entra no escritório e coloca a caixa de lenços que contém o TJ sobre a mesa da Melanie. Ela olha para a caixa, desconfiada.

— Eca. Não sei para que quer isso, Teddy. Deixa a Ruthie cuidar dela.

— É o meu filho que você está insultando — retruca.

— Parece bem, apesar dos pesares — observo enquanto assisto à criaturinha mastigar um dente-de-leão. — Vou ver quando o pessoal do Zoológico de Répteis vem buscá-lo.

— Tenho um convite para você. Há algumas condições, claro, mas não se preocupe. A responsabilidade é toda minha. — Ele leva a mão ao bolso de trás e tira um envelope morno no qual está escrito o meu nome. — Por que todo mundo está me esperando desistir, a propósito? Esse trabalho não é tão difícil.

Tem uma mancha preta de sujeira no rosto. Teias de aranha no cabelo, e os ombros estão cobertos de poeira. Ele espirra e diz:

— Nunca tive um trabalho tão fácil.

— Por que está assim sujo? — Melanie pergunta enquanto abro o envelope.

— Elas me fizeram subir uma escada para arrumar o sótão.

Olho para ele.

— As casas do condomínio não têm sótão.

— Ora, isso seria muito fácil, tolinha. Apenas rastejei por cima do forro e fingi que estava em um lugar cheio de antiguidades e cadáveres. Elas riram sem parar. Tirei um baita cochilo em uma manta de isolamento. — Faz uma careta ao se lembrar. — Vou sonhar com fantasmas esta noite.

Concentro minha atenção no convite. É um cartão quadrado com vinhas e rosas desenhadas nas margens. Aposto que fez isso em dois minutos, distraído. Ele usa o próprio talento como se fosse uma camiseta barata.

— Isso é bonito o bastante para estar em um convite de casamento — digo. Ele dá de ombros como se não fosse nada, mas seus olhos brilham de

prazer. — Talvez pudesse ajudar a gente com a decoração da festa de Natal.

Leio o convite em voz alta porque Melanie está se esticando tanto para espiar que vai acabar se machucando.

— Ruthie Midona está formalmente convidada para um almoço chique, com todas as despesas pagas, e uma tarde moscando com as Parloni, sexta-feira, ao meio-dia. Favor responder "sim" verbalmente, no ato, a T. Prescott. — Melanie solta um uivo angustiado. O nome dela não está incluído em lugar algum no convite. Eu mesma não estou muito lisonjeada. Coloco-o de lado. — Certo, não é bem um convite. É uma convocação.

— Não exatamente — Teddy arrisca, mas ele não tem certeza do que a tarde em questão reserva. Conheço as irmãs Parloni há anos.

— É uma convocação para servir de jurada, mas um pouco mais elegante. Vou ter de ficar sentada em um banco branco em uma butique, enquanto Renata experimenta roupas e Aggie dorme no meu ombro. Tenho trabalho a fazer amanhã.

— Preciso dizer que recusar não é bem uma opção — Teddy completa, em tom de desculpa. — A Renata disse que vou ter de carregar você até o carro se não quiser ir.

Mel comenta:

— Sério? Não fui convidada mesmo? Eu carrego você, se isso significa poder sair daqui.

— Preciso que fique de babá do TJ — Teddy responde, usando sua voz especial para persuadi-la. — Não confio em ninguém além de você. — Ela fica vermelha, lisonjeada e honrada. É provável que eu esteja com cara de sapo. Ele olha de volta para mim com seus olhos charmosos. — Pode ser divertido, não? Almoço chique? Pensa só. Desculpe, Mel, sou apenas o mensageiro.

Enquanto ela briga com ele, fico pensando. Às vezes é bem difícil tirar os pés do Providence. Sei que isso não é de todo normal. E estar em um carro que eu não esteja dirigindo — não estar no controle, não poder voltar imediatamente se precisarem de mim? Sinto que preciso me sentar em algum outro lugar e respirar um pouco.

— Confie em mim, vai ficar tudo bem — diz Teddy, pegando sua caixa de lenços. Ele a segura com tanto cuidado. — Estarei com você. Vou segurar sua mão o tempo todo.

E me vejo respondendo em um tom não muito convicto:

— Tá bom.



Na sexta-feira, de manhã, Teddy chega no escritório, sem saber o que fazer. As Parloni o presentearam com um relógio de ouro por suas horas de fiel dedicação. (Tudo indica que Aggie ligou para o joalheiro, que veio entregar pessoalmente. Ah, como deve ser bom ser rica.)

— Tentei fazê-las devolver. Nem sei se podem fazer isso. — Ele me mostra a caixa e entendo qual é o problema. Um xeque-mate Parloni: está gravado. Sem devoluções. Impenhorável.

A gravação diz: *Teddy Prescott, Garoto Admirável*.

— Sei bem — digo em voz alta, por acidente. Enquanto seus lábios formam um sorriso, tento permanecer profissional. — Sei que não as manipulou para que comprassem isso. Acho que não tem problema se ficar com ele. — Já desentupi o lavabo das Parloni, mas você não me vê ganhando esse tipo de presente. Em vez disso, recebo as piadas da Renata sobre me colocar em seu testamento, caso eu faça só mais uma coisinha para ela.

Teddy põe o relógio.

— Não tenho um relógio desde que era criança. — Ele fica admirando-o enquanto sai do escritório, voltando ao trabalho.

O telefone toca pouco depois e Melanie atende.

— É Jerry Prescott.

Olho para a luz piscando no meu telefone e respiro fundo. Atendo e trocamos cortesias por uns trinta segundos, sobre o tempo e a correria do dia a dia. Então ele vai direto ao ponto:

— Só estou ligando para saber do Teddy. Ele está se adaptando?

— Está indo bem. Saiu faz um instante, na verdade.

Jerry continua:

— Ele está se comportando? — Ouço a voz de uma mulher jovem ao fundo, falando com Jerry. Alguma coisa sobre à *noite*. — E ele tem ficado aí à noite? Não tem saído pra farra?

— Não, ele tem ficado em casa à noite. Está trabalhando duro de verdade, e começa às seis da manhã. Hoje é o terceiro dia e tudo está indo muito bem. — Parece que estou me vangloriando um pouco.

Jerry ri.

— Seis da manhã. Não pensei que ele fosse capaz. Rose, pode pagar. Vinte pratas. — Eles apostaram se o Teddy ia estragar tudo? Que coisa

horrível.

— Ele está fazendo um ótimo trabalho. Já se envolveu até com o trabalho de reabilitação de tartarugas ameaçadas de extinção que fazemos aqui.

(Não é necessário dizer que a bota tamanho quarenta e quatro foi também a causa.)

— Não se deixe deslumbrar — Jerry diz secamente. — Ele costuma fazer isso.

— Deslumbrar? — Meu rosto com certeza está corando. Melanie olha para mim e leio nos lábios dela, como se fosse uma palavra mágica: *deslumbrar*.

No meu ouvido, Jerry continua:

— Ele deslumbra as pessoas. Eu o amo, mas é um defeito da personalidade dele. Abre seu caminho na vida usando o charme.Tem um rastro de corações partidos bem, bem grande.

Rose:

— Ele está aprontando alguma com as meninas do escritório?

Asseguro ao Jerry:

— Isso não vai acontecer, de forma alguma.

Melanie segura o caderninho na minha direção: **VIVA-VOZ, POR FAVOR**.

Jerry está tendo dificuldades para se explicar.

— Não estou querendo dizer que ele seja um golpista. Na cabeça dele, é muito genuíno, mas costuma tomar algumas liberdades com pessoas que sejam muito generosas.

Ao fundo, Rose diz:

— Theodore nunca se importou com ninguém além de si mesmo. O universo gira em torno dele. Ele é o sol. Igual à mãe — acrescenta, de um jeito malicioso.

— Isso não é justo — falo sem pensar. Cubro a minha boca e fecho os olhos. Melanie está boquiaberta, chocada. Ai, meu Deus, o que está acontecendo comigo? Felizmente para mim (e para o meu emprego, provavelmente), Jerry havia posto o fone contra o peito mais uma vez.

De volta, assegura:

— Dê a mão, e ele vai querer o braço inteiro, esse tipo de coisa. Não estava brincando quando disse que ele estava ficando sem sofás para dormir.

Penso por um momento no meu sofá. Ontem à noite o Teddy deitou nele, reclamando e rindo sobre o seu dia. A Renata o fez cortar seu Big Mac em

pedacinhos e ele teve de alimentá-la como se ela fosse um bebê.

— Odiaria se magoasse uma moça boa como você. Vamos encarar os fatos, você não é o tipo dele. — Ouço Jerry dar uma gargalhada. — Mas lamento dizer, isso não vai impedir que ele tente com você e a temporária. Fazer as garotas o adorarem é um reflexo que ele não consegue evitar.

— Bom saber — consigo responder, apesar de sentir como se minha língua estivesse inchada, tamanha minha mortificação. — Entendo o que você diz e agradeço a preocupação. — O próximo sofá no qual penso é o sofá-cama no porão dos meus pais, pronto para a próxima alma necessitada.

— Ele é uma ação na justiça só esperando para ser encerrada — Rose alerta.

Conversa abafada de novo.

— Sim, vou dizer — Em seguida, retoma a ligação. — Comentei, quando nos conhecemos, que tem um monte de coisa acontecendo ao mesmo tempo agora. Tenho que dizer, Ruthie, aquele campo de golfe é uma bola fora.

Dou risada, porque ele paga minhas contas.

— Rose acabou de terminar seu projeto atual e agora está pronta para dar o próximo passo e fazer do Providence seu novo bebê. — Jerry fala como seu eu devesse ficar encantada.Tento fingir.

— Ela vai vir conhecer o Providence? Ficaria contente em vê-la, para que note como o que temos aqui é especial. — Vou fazê-la se apaixonar por este lugar nem que tenha que treinar as tartarugas para puxá-la colina acima em um trenó.

Jerry tampa o fone e faz a sugestão à Rose. Explica a importância de ir pessoalmente conhecer o terreno, mas ela o interrompe. Agora não consigo ouvir nada e meu coração afunda no peito. Rose não quer ver meu lago cintilante. Quer que este lugar permaneça abstrato. Jerry confirma.

— Ela prefere fazer a análise à distância. É melhor mantê-la afastada do Teddy. Agora, lembre-se — diz, em tom professoral e bem-humorado —, não se deixe deslumbrar. De qualquer forma, Rose vai ligar para você em breve.

Ele não está errado. Rose liga quatro minutos depois e, toda agitada, me incumbe de fazer tantos relatórios que a caneta ficou até sem tinta. Estou tensa. Sylvia foi específica quando me falou que não mexesse com as contas. *Não quero voltar e encontrar outro dos seus desastres, Ruthie*, disse.

Digo à Rose:

— A Sylvia confere tudo antes de eu mandar para a CIP. Tudo o que você tem está certinho.

— Quero que me mande de novo. Agora, o que o Jerry disse é muito importante — ressalta, do seu jeito corporativesco. — Se o Teddy a deixar desconfortável de alguma forma, quero que me ligue. Logo ele vai achar um pasto mais verde, mas, até lá, apenas aja profissionalmente.

Tenho sido muito, muito antiprofissional. Essa certeza faz meu peito apertar.

— Claro. Vou começar a trabalhar nos relatórios para você. Mas poderia me dizer qual é o objetivo de uma análise de terreno? Acho que já fizeram várias quando a CIP adquiriu o Providence.

— Não estive envolvida na aquisição e quero começar do começo. E, antes que pergunte de novo, não tenho tempo para visitas. Não sou como meu pai, viajando de costa a costa, perdendo tempo. Tudo pode ser feito à distância. Preciso dos dados de acesso das contas bancárias do Providence, se puder me passar agora.

— Não tenho esses dados. Só a Sylvia tem.

— Só uma pessoa tem acesso às contas? — Rose acha isso estranho. — Desde quando é assim?

— Desde sempre. — Sinto que estou dedurando a Sylvia. Havia perguntado sobre isso algum tempo depois de ser contratada, mas ela me disse que só contaria quando sentisse que podia confiar essas informações a mim.

Rose interrompe meu estresse:

— Vou dar um jeito de conseguir esse acesso. Também quero entender melhor as políticas de contratação aí. Seu caso, por exemplo. Investigaram você devidamente? Antecedentes criminais, coisas assim?

— Não tenho certeza. Foi há bastante tempo. — Tem uma pasta em que se lê "R. Midona" na última gaveta da Sylvia, mas tenho medo dela. — Conheci a Sylvia quando era criança. Apareceu uma vaga, ela falou comigo por telefone e aqui estou eu, seis anos depois. — Minha intenção é demonstrar que minha contratação foi um sucesso.

— Parece muito informal. — Rose não aprova. — Vou precisar dar uma olhada em todos os documentos. Os sistemas têm certificação ISO? Olha, estou recebendo outra ligação. Minha assistente vai entrar em contato com a sua.

— E então, o que descobriu? — Melanie pergunta assim que coloco o telefone no gancho.

— Descobri que temos que tomar muito cuidado.

Recebo o lembrete de uma reunião: preciso dar uma resposta à Melanie sobre o Método Sasaki esta tarde. Com a voz da Rose ainda na minha orelha, a falta de profissionalismo dessa história me acerta com força renovada. Fecho o lembrete e fico pensando no quanto a Melanie vai ficar desapontada quando eu disser não.

— As próximas semanas vão ser bem cheias. Vou trabalhar igual uma doida. Acho que não vou ter tempo nem para… — Outro lembrete pipoca na tela. São como moscas zumbindo no meu ouvido. Esse é sobre o almoço com as Parloni. — Não tenho tempo — repito em um sussurro.

Melanie sabe o que estou tentando fazer, e não vai permitir.

— Você tem muito trabalho, mas vou ajudar você — assegura, com seus olhos negros cravados em mim. — Vamos terminar todo o nosso trabalho, e o que fazemos no tempo livre só diz respeito a nós. E você tem o almoço chique com o Teddy e as Parloni. Considere um almoço com um cliente. Caso encerrado.

CAPÍTULO DEZ

Faltam quinze minutos para o Almoço Chique quando Teddy chega, e ele está usando o uniforme de chofer que vi em vários dos rapazes que trabalharam para as Parloni. Mas nenhum deles ficou tão bem quanto Teddy.

— O uniforme ficou sexy em você — Melanie diz, como se lutasse contra a própria língua. Ela é apenas humana, afinal. — Está parecendo um stripper.

Ele mostra o crachá ("Conteúdo Quente") e acho que ela fica toda deslumbrada.

— Há um bom motivo para isso. — Ele coloca o quepe e a caixa com a tartaruga sobre a mesa dela e depois olha para mim: — O que achou?

Alguém tão lindo não precisa de um elogio meu.

— Se despeça do TJ — digo. Em seguida, para Melanie: — O Mark, do Zoológico de Répteis, está vindo, ele sabe onde é meu quintal. Registre a entrada e a saída. Ninguém sem autorização…

— Sei como se sente sobre o livro de visitantes — ela retruca, revirando os olhos. — Você deveria ter sido segurança. É o seu verdadeiro dom.

Dói ouvir isso porque não é algo justificado pelo meu passado, mas, antes que a memória tome o controle, Teddy solta:

— É, cara… — Ele está fazendo carinho no TJ com o dedo, o semblante fechado.

Percebo qual é o problema.

— Não se preocupe, vão trazê-las de volta.

Sua expressão volta a se encher de cor e energia, iluminando seu sorriso branco e seus olhos brilhantes, da cor do casco das tartarugas.

— Fico feliz em saber — ele diz. — Muito, muito feliz. Obrigado, Ruthie.

Seu alívio é meu alívio. Por que sinto as emoções e as mudanças nele? Será que algum dia vou conseguir vencer o impulso de resolver os problemas para ele? Só para vê-lo sorrir de novo, como agora? O alerta que

recebi de seu pai veio tarde demais. Precisaria tê-lo ouvido cinco minutos antes de chegar ao posto de gasolina vestida de vovozinha.

Endireitando os ombros como se tivesse levantado um peso, Teddy fala:

— Vou levar a sua chefe, Sasaki. Vamos, Midona. Hora do almoço.

— Não acredito que não fui convidada — Melanie resmunga, tocando com uma caneta a tartaruga. — Estou chateada — continua, para deixar bem claro como se sente. — Não sou um membro valorizado desta equipe. Fui deixada de fora.

— É tão difícil achar uma boa babá de última hora — Teddy intervém, e ela concorda com relutância. Tadinha. Ela merece se divertir um pouco, mais do que eu. Tenho uma sopa enlatada perfeitamente boa aqui, que já almocei centenas de vezes antes.

— Acabei de receber minha lista de tarefas da Rose, então devo estar ocupada até à noite. Mel, pode ir no meu lugar. — Ignoro o ronco triste do meu estômago enquanto ela se levanta em um pulo e bate palma. — Divirtam-se, vocês dois.

— Uh-oh, você sabe o que isso significa — intervém Teddy. — Não avisei? Recebi instruções de carregar você daqui, mesmo esperneando.

— Hã? O quê? — Recuo na minha cadeira enquanto ele contorna minha mesa, determinado. — Não, espera, eu…

— Regras são regras — diz, segurando meus punhos com uma das mãos e me levantando. Seus olhos faíscam.

Tenho que levar a sério o alerta sobre não me deixar deslumbrar, mas é tarde demais. Ele se inclina e apoia o ombro no meu estômago, sinto um impulso para cima, um braço em volta dos meus joelhos e estou de cabeça para baixo, longe do chão, olhando para a bunda dele. Repito: *deslumbrada*.

Meu pé esbarra em um porta-treco. Melanie está gritando de alegria.

— Não, não — imploro, mas agora estou vendo o carpete, o porta-papel na mesa da Mel, o olhar perplexo do TJ, a planta perto da porta. — Minha bolsa. Minha blusa.

Fui içada, o que faz com que me sinta em um pula-pula. Melanie traz as duas coisas para o Teddy e as engancha no braço livre dele. Digo às costas dele:

— Tenho que começar o trabalho da CIP.

— Qual é o prazo? — ele pergunta para Melanie.

— A assistente dela já me mandou um e-mail. Temos tempo. Um almoço demorado não vai fazer nenhum estrago. Também tínhamos uma reunião

sobre contas a receber, mas acho que podemos reagendar. Na verdade, nem espero vê-la de novo hoje.

Argumento:

— Eu com certeza vou voltar.

De ponta-cabeça, ela me responde:

— Sei que está planejando trabalhar o fim de semana inteiro. Vou vir amanhã e fazer meio período com você, para que não fique sozinha. — Ela acaricia meu cabelo. — Divirta-se.

Os sábados da Melanie são sagrados. Ela dorme até as duas da tarde.

— Ah, Mel, não precisa. — É difícil conversar sobre trabalho estando dobrada sobre o ombro de um homem. Com uma voz calma e normal, tento lidar com a situação. — Muito bem, Teddy, já nos fez rir, agora me coloque no chão.

— Não ouvi você rir. — O braço dele aperta minhas pernas.

Melanie pede:

— Vira um pouco para cá, para que o rosto dela saia na foto.

Guincho como um pterodáctilo:

— Vocês estão mortos. Ouviram? Mortos. — Tento me segurar no batente da porta quando passamos por ela, mas não dou sorte. Tudo em que consigo pensar é: o que Rose Prescott diria se me visse agora?

Teddy diz:

— Até logo, Mel. Está por sua conta esta tarde. Vou manter a Ruthie longe. — E lá vamos nós, descendo. A calçada corre sob os meus olhos. — Cuida do meu garoto — ele grita de volta. — Ele tem intolerância a glúten.

Eu, em seguida:

— Tem uma folha com instruções no fichário preto que fiz para você, nela tem os procedimentos do que deve ser trancado. Programe o alarme. Tranque a porta. Me mande uma mensagem quando fechar a porta.

— O quê? Não ouvi.

— Tranque a…

Ela grita de volta:

— Vou gastar o tempo de expediente com o Método Sasaki. Não faça nada muito atrevido. Vejo você amanhã, não muito cedo.

A vida agora se reduz a esse balanço hipnótico e ao som dos passos dele. Provavelmente estou em coma no hospital, tendo o melhor sonho da minha vida. Essa bunda. Como ele consegue me carregar com tanta facilidade? Como eu caibo em seu ombro?

— Por favor, não me derrube. — Me seguro no colete quando ele desvia de uma tartaruga.

— Não segure com tanta força, vai acabar rasgando. Relaxa, não vou derrubar você. Ela é minha agora! — grita. — Olha só pra mim, Teddy, o Homem das Cavernas. Então… A Rose tem complicado sua vida. Sinto muito. — Ele se desculpa de maneira bem honesta. — Ela é um tanto quanto assustadora.

— Você não conheceu a Sylvia. — Não sei qual é a situação da família dele, mas suponho que Rose e Teddy sejam filhos de casamentos diferentes.

A frieza do tom dela ao falar sobre o Teddy é incompreensível. Ele é tão… caloroso. Figurativa e literalmente. Quando ele faz uma pausa para me ajeitar de novo, minhas mãos escorregam. Em teoria, estou apenas curtindo. Logo a colina vai acabar e vou lamentar muito.

— Como um saco de batatas. — Renata está de ponta-cabeça quando Teddy para. Fico ressentida com ela, com o terreno plano, com o carro próximo.

— Sempre achei que as garotas gostassem de perder o chão — Teddy responde enquanto me abaixa. — Mas esta aqui não gosta.

— Ah, elas gostam, sim — Renata afirma, como quem sabe das coisas. — Olha só essas bochechas coradas.

— Peço desculpas por esses dois — Aggie interrompe, digna como sempre. — Estou convencida de que são uma má influência um para o outro. Vamos almoçar? Teremos de passar em outro lugar, por causa do meu vício. — Acho que ela quer dizer que vamos ter de parar para conferir seus bilhetes de loteria.

— Senhoras — diz Teddy, o sol refletindo em seu crachá de “Conteúdo Quente”. — Permitam-me. — Ele corre para cada porta traseira, ajudando as senhorinhas a entrar. Abre a porta para mim também. — Ei — ele diz perto da minha orelha, antes de eu entrar —, seu cheiro é tão bom. Deve ser por ficar tanto tempo na banheira.

Solto o corpo no assento com tanto abandono que o carro inteiro balança. Ainda sinto o ombro dele no meu estômago.

— Acho que foi divertido — Aggie traduz. Olho para ela; está de mãos dadas com a irmã, que adorável. Me sinto aliviada ao vê-la tão desperta e cheia de vida.

— Como estão as suas mãos? — pergunto. Ela dá de ombros, como quem diz: “O que posso fazer?”. Em resposta, Renata levanta a mão que

está segurando e começa a acariciá-la.

Pensei nisto muitas vezes desde que comecei a trabalhar no Providence: como deve ser bom viver com alguém que nos ama quando ficamos velhos. Esse pensamento é acompanhado por uma súbita sensação de urgência e, como que por reflexo, penso nos planos que a Melanie tem feito para mim. Preciso mesmo tomar uma decisão sobre o resto da minha vida. Sem pressão.

Durante todo o caminho, rimos do Teddy. Ele improvisa vários personagens diferentes.

- ✓ Eddie, o Transportador de Gado ("Sossega aí atrás, hein, suas *bicha danada*!")
- ✓ Tedderick, o Motorista Estressado ("Ai, minhas calotas, oh, Jesus")
- ✓ Prescott Providence, o Guarda-Costas (Acho que ele citou o Kevin Costner, mas vou ter que confirmar depois)

— Nasci pra isso — ele declara, fazendo um gesto cortês para um pedestre no farol. — Quero agradecer a vocês por terem me ajudado a encontrar o propósito da minha vida.

(Suas longas coxas embaixo desse tecido de *tweed* cinza são o novo propósito da minha vida.)

— O prazer é todo nosso — Aggie responde. Renata apenas faz uma careta e olha para a janela.

O carro se enche de felicidade, e me dou conta de que deixar o Providence não foi nem um pouco difícil; nem quando me carregou para fora, esperneando e gritando. Conheci vários rapazes que trabalharam para as Parloni, e esse é o único que se importou o bastante para fazer isso. Olho para o perfil do Teddy; ele está olhando para o espelho retrovisor, sorrindo para as chefes com uma alegria que não pode ser fingida.

Ele me colocou de volta no chão agora há pouco, mas sinto como se meu coração tivesse ficado pendurado no ombro dele. Não está mais batendo de um jeito normal. Espero que não perceba essa minha quedinha inconveniente. Vou rezar de joelhos esta noite para que Melanie também não perceba, senão estou perdida.

Ele olha de volta para mim e quase dou um pulo no banco do carro.

— Você está bem? — Sou obrigada a rir e balançar a cabeça, porque a resposta é: provavelmente não.

Teddy para o Rolls-Royce na frente de um restaurante de aspecto intimidador. É em um prédio coberto de trepadeiras.

— Chegamos ao nosso destino: Snobsville — ele declara. Como o bom chofer que é, desce do carro apressado e ajuda primeiro Aggie, que se apoia no braço dele até estar segura na calçada.

— Minha vez agora — Renata grita. Abro a minha porta e desço. Pelo que posso ver do restaurante, não estou vestida à altura. Talvez Teddy e eu encontremos algum lugar para comer um hambúrguer por aqui. — Estou morrendo de fome — Renata acrescenta enquanto ajeita as roupas e passa a mão venosa pelo cabelo. — De sede, também, com certeza. — Enganchando o braço no da Aggie, as duas entram, sem olhar para trás.

Teddy tira o colete com o crachá de "Conteúdo Quente" e joga o quepe no banco do passageiro antes de entregar o carro para o manobrista. Agora está com as calças sexy e a camisa branca. Enquanto passa a gravata ao redor do pescoço, aparenta um jovem profissional elegante indo para um almoço caro com um cliente.

Parece que a luz está refletindo no seu relógio novo de ouro direto no meu peito, cegando meu coração. Ele me olha com um ar brincalhão quando percebe que o estou observando.

— Estudei em escola particular, sei como dar o nó. — O nó seguinte é no cabelo.

— Ser bonito realmente faz a pessoa se virar em qualquer situação. — Balanço a cabeça diante da injustiça desse fato. Aponto para dentro do restaurante. — Olha a Renata deixando os funcionários em pânico. Qualquer mesa que oferecerem, ela vai rejeitar.

— Qual é o sentido de ser velho e rico se não puder fazer essas coisas? — Ele não está errado. Passamos pela porta da frente. Atrás de mim, ele diz no meu ouvido: — Pode falar um pouco mais sobre quanto me acha bonito? — Sua mão desliza pela minha cintura.

— Theodore — digo entredentes, e ele apenas sorri como se eu tivesse dito o que ele queria. Há uma mesa para quatro com uma placa de reservado, mas duas mesas para dois estão sendo arrumadas.

— Vamos nos sentar aqui. Vocês dois veem onde vão se sentar — Renata dispara, com dúzias de pessoas bem-vestidas almoçando entre nós. Sinto como se cada fio solto da minha roupa estivesse aparecendo. Renata ainda

não terminou. — Ruthie, pode praticar como é ter um encontro antes de começar de verdade.

— Começar de verdade? — Teddy repete. — Me belisque. Da última vez que vi, eu era de verdade.

— Sabe o que ela quer dizer. — Estou vermelha igual a um pimentão, de tanta vergonha. O salão inteiro está olhando, em silêncio, com os talheres baixos, enquanto nos dirigimos à nossa mesa. Teddy puxa a cadeira e deixo meu corpo cair nela.

— Este cardápio não tem preços — observa. — Não é um bom sinal.

— Suas amigas nos informaram que farão os pedidos por vocês — disse o garçom. — Alguma restrição alimentar?

— Apenas pobreza básica. — Teddy fica contente quando rio. Esfrega as mãos. — Almoço grátis. O jogo está virando para o Teddy. É estranho que esteja meio obcecado com a tartaruga? — Ele manda uma mensagem. — A Mel prometeu que mandaria notícias.

— Às vezes, quando estou com alguma doente, arrumo desculpas para ir dar uma olhada nela.

Ele assente com a cabeça.

— Você é a única que entende como é. Por que a gente pode mandar as tartarugas para o Zoológico de Répteis de graça? — Ele esfrega meu pé embaixo da mesa. — Quem teve a ideia dos formulários?

— Apenas soube que estavam ameaçadas de extinção, então fiz algumas ligações e o zoológico mandou um pessoal até o Providence. Os formulários foram ideia minha, claro. Qualquer desculpa vale para um pouco mais de papelada — brinco, mas ele balança a cabeça diante do meu comentário autodepreciativo.

— Então você criou todo o programa de reabilitação para uma espécie ameaçada. Sozinha. Aposto que a sua horrível Sylvia não aprova. — Ele vê a resposta no meu rosto. — A Mel me contou que você tem que arrecadar fundos. O pessoal do Providence tem mais dinheiro embaixo do colchão do que o necessário para umas dez festas de Natal.

— Não importa.

— Deveria. As pessoas sugam você demais. Não deixe a Rose atropelá-la também. — Ele pega o celular para mudar de assunto. A Melanie mandou uma selfie olhando para a caixa do TJ com cara de séria. Fez um chapeuzinho de enfermeira, de papel, e o decorou com uma cruz vermelha. — Essa menina é completamente doida — ele diz, alegre.

Por um momento arrepiante, eu os caso em minha cabeça. Que linda história para um casamento. *Aí eu disse para ela: a única pessoa em quem confio é você. Um brinde à minha noiva!* Aposto que teria de ajudar o pessoal do bufê a lavar os copos.

Mesmo tendo um pesadelo acordada, ainda consigo manter um tom de voz normal.

— Até os papais de tartarugas precisam de uma folga.

— Sei que é esquisito. Nunca tive um bicho de estimação. — Antes que eu possa falar sobre isso (com certeza, ele poderia ter tido até um pônei quando era criança, se quisesse), ele pisca, afastando a tristeza, e alisa a toalha de mesa. — É, isso é bem chique. Os outros rapazes que trabalharam para as Parloni ganharam almoço grátis também?

— Acho que não. Acho que você é especial. Quer dizer…

— Muito especial, que gentil — concorda, com uma voz calorosa. Então pega uma rodela de pão e passa manteiga. Manda para dentro. — Como era o cara antes de mim?

Recosto-me na cadeira e endireito os talheres.

— Era o Phillip. Estava estudando jornalismo e tinha um blog sobre tênis. Pegadinhas com roupas de baixo foram seu limite.

— Quê? Está falando daquela calçola velha com estampa de leopardo com a qual elas continuam tentando me zoar? Já vi coisa bem pior embolada nos meus lençóis. — Ele diz isso alto demais, e nossos vizinhos nos olham. — Eu a dobrei no estilo japonês, até ficar do tamanho de uma caixa de fósforos.

Dou risada.

— Parece que você é um garoto certinho, às vezes.

Ele devolve:

— Desde que conheci você, tenho dobrado tudo.Tenho vivido a minha vida inteira na bagunça. Quero uma etiquetadora. Quero tatuar meus pertences. Fale sobre o cara antes do Phillip. — Teddy enfia mais uma rodela de pão na boca.

Estou distraída porque acabei de ver algo verdadeiro e profundo por baixo do sorriso fácil dele. Não acho que ser um Prescott é algo tão simples quanto imaginei.

— Antes do Phillip, foi o Brayden. Dezenove anos, desempregado crônico. Ficou chocado quando deram o emprego para ele. Foi triste ver o quanto estava animado. Ele ficava perto do escritório, no meu caminho.

Acho que Teddy pergunta, de boca cheia:

— Como ela o derrubou?

Sorrio contra minha vontade.

— Fingiu estar morta e ele saiu correndo e nunca mais voltou. Para ele, ela está morta mesmo. — Viro-me e vejo a Renata rir com a Aggie. — Foi tão desnecessário. Às vezes fico pensando se ela é má de verdade.

— Acho que ela tentou isso comigo. Mudei o canal da TV; isso reanimou o coração dela. E antes dele? — Ele passa manteiga em uma terceira rodela, mas algo o faz congelar. Sou eu. Estou com alguma expressão estranha? — Desculpe, fiquei guloso com o pão. Perdoe os meus dedos.

Ele põe a rodela de pão rasgada e cheia de manteiga no meu prato. Eu poderia fazer isso sozinha, mas agora acho que não preciso mais. E é por isso que essa foi a rodela de pão mais gostosa que já comi.

Conto para ele entre as mordidas:

— O Luke tinha uns vinte anos. Desceu de skate a colina, acertou uma tartaruga e caiu. Tentou processar o Providence. Por sorte, eu havia registrado quantas vezes tinha dito a ele que não descesse a colina de skate. Incluindo data e hora.

— O sonho dos advogados. Uma funcionária-modelo — Teddy diz tentando me elogiar, mas ainda me sinto constrangida. *A garota exemplar*. — Quer mais uma? — Ele põe a mão no cesto de pão. — Você precisa de carboidratos. Graças a Deus salvei você da sua sopa enlatada.

— Sim, obrigada. Eu salvei seu pai de um processo. Mais herança para você. — Aceito a taça de vinho que o garçom traz, mas não vou beber.

— Beba — Renata grita do outro lado do salão.

Teddy balança a cabeça.

— Esse sou eu. Apenas matando o tempo, esperando essa minha herança, à qual tenho todo o direito. — Ele passa manteiga no pão de maneira um pouco violenta. — Só por cima do cadáver da Rose.

Preciso do sorriso dele de volta.

— Um brinde, Teddy. Parabéns por ser provavelmente o assistente mais longevo de Renata e Aggie Parloni. — Brindamos e tomo um gole do vinho azedo. É horrível, mas preciso crescer.

Lembro-me do que a Mel falou sobre este ser um almoço com clientes. Talvez eu deva tentar ter uma reunião séria com o filho do Jerry.

— A CIP não sabia que existíamos até agora. Não sei qual é o objetivo real dessa análise. Estávamos totalmente esquecidos. — Há um tom de

ressentimento na minha voz, e ele provavelmente percebe.

— Estraguei tudo quando apareci, né? — espera. Quando vê que estou tentando escolher as palavras, a luz nele se apaga. — Rose vai fazer uma análise dos ativos e das desvantagens e montar uma apresentação para o conselho. Vai dizer o que vai dar mais dinheiro para a CIP. Se aquela colina valer mais coberta de arranha-céus, é o que vai fazer.

Imagino qual outra informação privilegiada ele tem sem se dar conta.

— E ela é uma pessoa adorável que gosta de velhinhos?

— Ela devia brincar com miniescavadoras quando era criança. — Sua expressão é vazia, e não gosto disso. Ele pega o celular e boceja, de fato saindo da conversa.

— Devia? Você não tem certeza? — Tomo mais um gole de vinho. — Talvez pudesse convencê-la a fazer uma visita. Se ela ao menos conhecer pessoalmente…

— Vou contar uma coisa sobre mim — ele diz e, quando seus olhos encontram os meus de novo, me sinto gelar por dentro. Agora estou vendo um homem adulto completamente sério. — Sempre sei quando alguém espera que eu seja útil como um Prescott poderia ser. Gosto muito de você, então vou dar um spoiler sobre como isso vai acabar. Não posso me envolver. Se acha que tenho algum tipo de influência, está muito longe da verdade.

Respondo emocionada:

— Você não se importa que o Providence seja o lar de tantos velhinhos que não merecem ser arrancados de lá a essa altura da vida deles? O estresse poderia matá-los.

Ele olha para suas empregadoras e vejo nele uma tristeza verdadeira.

— Claro que me importo. Mas não posso ajudar. Mesmo se eu quisesse, a Rose não permitiria.

CAPÍTULO ONZE

Ogarçom nos interrompe trazendo saladas pálidas e pouco convidativas. Os pratos estão pontilhados com molho suficiente para cobrir uma papila gustativa, além de toda a guarnição de flores que já vi crescendo em beiras de estradas. Meu estômago faz um barulho de desapontamento que me faz lembrar da Melanie.

— Isso é tomate? — Teddy está segurando alguma coisa no garfo, implorando para mudarmos de assunto. — É uma fatia transparente de beterraba? Uma cebola morta?

— É o fantasma de um tomate — concluo, e vasculhamos nossos pratos em busca de algo comestível. — Não quero ser ingrata, mas, até agora, as rodelas de pão foram o ponto alto.

Agora é ele quem me pergunta:

— Seus pais ainda estão juntos? — Faço que sim com a cabeça. — Eles trabalham com o quê?

Acho que vou ter que atravessar essa ponte agora. É uma ponte nada sexy, que faz as pessoas acharem que é um atalho para entenderem por que sou como sou.

— Está almoçando com a Filha do Reverendo. — Tomo outro gole de vinho, estremecendo.

— Não beba isso — diz Teddy.

— Um segundo depois de saber que sou filha de pastor e já decidiu que não posso beber vinho? — Abro a boca e tomo tudo de uma vez. Exalo vapor de vinho e sinto como se tivesse engolido um fósforo aceso.

— Não, disse para não beber porque está na cara que não gosta. Você não precisa fazer tudo o que a Renata diz. Ela não tem nem um metro e meio. O que ela pode fazer a você? — Teddy toma um gole de água. Ele é o chofer, afinal. — Você ainda vai à igreja?

— Quando visito meus pais, para evitar briga. Não vou a nenhuma por aqui. Meu pai está desapontado comigo. — É mesmo impressionante como consegui compactar esses sentimentos. Perdi a fé na igreja, e meu pai

perdeu a fé em mim. O que veio primeiro? Ergo minha taça para o garçom. — Preciso de outra, por favor.

Antes que eu possa responder, a voz da Renata atravessa o salão, fazendo os clientes ao nosso redor estremecer:

— Sobre o que os dois pombinhos estão conversando?

Teddy deixa essa para mim. Não posso nem tentar falar em voz baixa, porque a audição dela não é muito boa:

— Problemas com o pai?

— Continuem — ela diz, gesticulando com a faca. E, como os olhos do Teddy estão brilhando, bem-humorados, quando reparo ao redor, os olhares dos outros clientes não me afetam como achei que afetariam. Quem se importa?

O vinho assentou dentro de mim, quente e confortável. É melhor eu tentar dar um jeito nisso. Aponto o cesto de pães e Teddy começa a passar manteiga em mais uma rodela para mim.

— É que as suas ficam melhores que as minhas — explico, e ele não acha estranho. — Estou faminta e, de alguma forma, já estou bêbada? — O garçom aparece com outra taça no momento perfeito.

Teddy me avalia.

— Você só comeu duas rodelas de pão e o fantasma de um tomate. Posso perguntar qual é o prato principal?

— Frango — é a resposta apática do garçom. — Mas a sopa já está vindo.

— Estamos famintos demais para um franguinho. Podemos mudar o pedido? Vamos querer o filé. Pode ser, Ruthie? — O garçom fica bastante irritado e vai embora. Teddy está muito satisfeito consigo mesmo. — Isso vai me causar problemas mais tarde.

— Graças a Deus as Parloni estão pagando. Estou dura. — O dinheiro que o Teddy me deve viria a calhar, mas já nem ligo mais para isso. Ele é como um passeio em um dia de folga, e estou feliz com o preço que paguei.

— Não me esqueci. — Ele fuça no bolso de trás. Ouço o inconfundível barulho de velcro, e uma mulher sentada perto de nós olha alarmada para a parte de baixo dele. — Ah, não, por favor — resmunga, batendo a mão no quadril. — Não aqui, não agora.

Tento ver por baixo da mesa.

— O que aconteceu?

Ele está boquiaberto.

— Você está brincando, né? Não viu o crachá escrito "Conteúdo Quente"? Esta é uma fantasia de stripper. É toda cheia de velcros.

— Eu levei para a lavanderia tantas vezes. O que devem pensar de mim? — Enquanto me sirvo mais uma taça de vinho, os olhares que vinham me dirigindo agora fazem sentido.

— Que conhece alguns caras bem gostosões. — A maneira como ele me olha tem algo de malvado, enquanto cuidadosamente pesca a carteira, fazendo apenas um barulhinho de velcro se abrindo dessa vez. — Minha segunda Boa Samaritana apareceu. Essa excelente senhora a encontrou na lavanderia automática. São sempre as mulheres. Homens são um lixo. — Ele a abre e uma mariposa de desenho animado sai voando. Tira umas notas surradas. — Vinte dólares. Muito obrigado.

Nossa dívida está paga. Percebo que não gosto de ter esse vínculo entre nós apagado. A carteira dele é uma relíquia medieval de couro toda surrada, que deve ter sido esmagada por cavalos e carroças milhares de vezes. Tenho vontade de abri-la e ler cada cartão e recibo. Quero dormir com ela embaixo do meu travesseiro. Ai, não, isso não é nada bom.

Ele me pergunta, de um jeito descontraído:

— Quem foi a última pessoa com quem saiu?

— O nome do meu ex-namorado é Adam. É, eu sei, fui bem literal com o tipo de cara que pensei que meu pai aprovaria. — O garçom leva embora o prato com a salada que não comi. — Ficamos juntos, se é que se pode chamar isso de ficar junto, dos dezesseis… até a manhã seguinte ao baile de formatura.

— Parece que temos uma história interessante aqui. — Mais uma vez, somos interrompidos. Uma pequena tigela de sopa cor-de-rosa é servida a cada um de nós. Toco a lateral da tigela; está fria. Teddy pergunta:

— Com licença, o que é isto?

— Sopa fria de beterraba lituana. — O garçom consegue dizer isso com o rosto sério. Sabiamente, Teddy disfarça a agonia. Suas empregadoras estão sempre olhando.

— Por que não experimentar? — Ele põe uma colherada na boca e olha para o teto, estreitando os olhos, pensativo. O que vem em seguida: uhmmm, eca? Por que me importo? Preciso seguir o conselho de Jerry Prescott antes que seja tarde demais. Não sei bem o que é *tarde demais*, mas com certeza não vai ser algo bom para mim.

Devo focar mais nas minhas próprias experiências, não ficar no suspense esperando a dele. Experimento um pouco da sopa grossa.

— Giz de cera doce?

— Parece um tacho de creme de beterraba abandonado em um pátio, e que depois pegou chuva — responde. Está comendo, de qualquer forma.

— Descrição perfeita. — Faço uma careta para a tigela.

— Adoro quando sorri. Faz eu sentir uma cocegazinha aqui. — Aponta a boca do estômago. — Então, vai me dizer o que aconteceu com o Adam? Ele partiu seu coração? Vou ter de ir atrás dele? — Ele me faz lembrar da Melanie.

O vinho me faz confessar.

— A noite do baile terminou mal. Fui o momento de fraqueza dele. De manhã, ele foi atrás do meu pai em busca de aconselhamento. Foi bem ruim. — Minha voz falha. — Meu estômago ficou embrulhado quando vi a porta do escritório do meu pai fechada, sabendo sobre o que eles conversavam.

— Ele não devia ter feito isso. Falar com o seu pai? É uma violação da sua privacidade.

— Não sei se uma violação…

— Eles acharam que seus sentimentos, experiência e privacidade valessem menos que os dele. Isso me deixa bem irritado. O que falei agora há pouco? As pessoas abusam demais de você.

— Nunca pensei dessa forma. — Termino o meu vinho. — Esse foi meu último… encontro. Trabalhando no Providence, esse é um item da minha lista de tarefas em que nunca toquei. Arrumar um namorado. Até a Melanie aparecer.

Vinho cooom certeeeeza funciona. Estou bêbada em plena luz do dia e sentada diante de um cara por quem estou irremediavelmente caidinha. Ao que tudo indica, estou tão transparente quanto a taça agora.

— Hoje à tarde tenho que responder para a Melanie sobre…

— O Método Sasaki — conclui para mim. — Ela me pediu para convencer você. Mas não quero. Lá fora é uma selva. — Ele faz uma careta. — E vou dizer mais uma vez, homens são lixo.

— Você é um homem.

Ele repete:

— Lixo.

— Se não quiser ficar sozinha em um condomínio de idosos dos vinte e cinco aos noventa e cinco, preciso fazer alguma coisa. Quero que seja bem sincero. Se este fosse um encontro de verdade, como eu estaria me saindo? — Isso soou tão neutro e platônico. Fico perplexa comigo mesma.

— Está sendo você mesma, e é tudo o que precisa ser. — Quando vê que essa resposta vaga não me satisfaz, ele pensa um pouco mais a respeito. — Você é uma boa ouvinte, é engraçada, é inteligente e honesta… Qualquer cara teria sorte de estar sentado no meu lugar. — Os olhos dele passam pelo meu rosto como se fossem um lápis desenhando. — Você é linda.

Não me permito sentir todo o impacto dessas palavras, porque ele disse com muita facilidade. Sempre tem um elogio na ponta da língua, é só isso.

— É muita gentileza sua. — Para um garoto tão obcecado consigo mesmo, é ele que tem sido o ouvinte, não eu. Quando fazemos contato visual de novo, sinto um frio na barriga.

Teddy pergunta:

— Alguém no radar?

— Literalmente ninguém. — É uma mentira deslavada, mas o vejo murchar como se tivesse recebido péssimas notícias. Que pergunta irritante. É óbvio que o Teddy está no meu radar, do mesmo modo que você pode rastrear um furacão se dirigindo para a área onde mora. Apenas aproveito o momento para apreciar a eletricidade especial que irradia dele, deixando tudo brilhante.

Não vejo por que eu não poderia ser atingida por um furacão. Tenho seguro.

— Ninguém no radar. — Ele está me dando a oportunidade de dar a resposta certa. O que quer de mim? Que admita que amo as lascas amarelo-cítricas dos seus olhos cor de avelã, e como elas só aparecem sob a luz certa?

— Meu radar está quebrado.

Ele não está feliz com isso. Espera que todos estejam apaixonados por ele.

— Vamos consertar. Qual é seu objetivo? A Mel me mostrou o vestido de madrinha dos sonhos dela.

— Lilás, eu sei. — O que quero mesmo não posso dizer em voz alta. Quero me sentar no sofá, com *Enviado do céu* ao fundo, dando uns amassos com um cara que dá e tira na mesma medida. — Não posso dizer qual é

meu objetivo. Você já me disse que se traumatiza fácil. — É bom dizer algo tão ousado. As pupilas dele se dilatam.

— Me traumatize. — Ele estende a mão e a coloca sobre a toalha de mesa. É um pedido. Toque. Dê. — Eu quero.

Será que este é um daqueles momentos dos quais vou me lembrar mais tarde e ficar imaginando o que teria acontecido se eu tivesse a coragem de simplesmente colocar minha mão sobre a dele, no meio de um restaurante chique, em um dia de semana? Se o fizesse, será que esses dedos se entrelaçariam e apertariam os meus?

Dê, dê, dê.

— Quero encontrar um cara legal e normal e beijá-lo no meu sofá — digo para ver como reage. Não muito bem. Ele franze a testa, puxa a mão de volta, e nunca vou saber o que aconteceria se tivesse tido coragem. Sorrio para esconder o nervoso. — O que foi? Isso foi bem ousado.

Ele faz cara feia.

— Não tem muitos caras em aplicativos de encontros que ficariam felizes em parar por aí.

— Quem disse que eu ia querer parar por aí?

Levanto o olhar quando dois pratos são colocados diante de nós. Filé e batatas com certeza são melhores que uma lata de sopa. Ser forçada a sair do meu casco pode acabar sendo algo mais nutritivo do que estou habituada. E o Teddy permanece me olhando. Se desconfiar que tenho uma quedinha de nada por ele, acho que vai começar a olhar para mim com pena.

— Eu topo.

— Topa o quê?

Exageradamente vivaz e confiante, pego o celular.

— Vamos fazer o que não tem volta, uma vez que eu concordar. — Começo a digitar para a Melanie e leio em voz alta. — O Método Sasaki? Estou dentro.

Teddy diz:

— Tem certeza? A Mel não vai largar o osso. Você vai encontrar alguém.

— Quero um pouco de equilíbrio entre vida profissional e pessoal e, se não aproveitar essa chance, nada vai mudar para mim. — Olho nos olhos dele e decido que é um vizinho com quem tenho uma amizade honesta, e está tudo bem. Aperto “enviar”.

Aparecem os pontinhos, indicando que ela está digitando, e depois a tela explode em emojis. São muitos e muito rápidos, diamantes e corações, anéis e garrafas de champanhe. GIFs ridículos de bebês dançando e macacos se balançando. Uma cachoeira de alegria descendo pela minha tela. Subitamente, estou tão emocionada que poderia chorar. Ela se importa a ponto de se empolgar ao me ajudar?

Vinho no almoço é uma coisa linda.

Estou sentada aqui em um restaurante chique, com um homem gentil e bonito, e ele vai me ajudar também? Estico a mão e tenho coragem o bastante para entrelaçar meus dedos nos dele e apertar, e solto antes que ele possa reagir.

— Quer dizer, o que tenho a perder?

— Eu não pedi filé para vocês — Renata guincha do outro lado do salão. Agora corremos risco de perder a vida.

CAPÍTULO DOZE

Preparei o centro de recreação para ser o cenário das nossas fofocas da tarde.

Está ficando claro que Teddy vai conseguir completar a segunda semana de trabalho amanhã e estou fazendo uma medalhinha de condecoração para ele colocar na camiseta. Posso ver na minha mente; vou colocar no peito dele. Ele vai me fazer uma saudação, rir e perguntar o que tem para o jantar.

Acho que isso é o mais perto que vou chegar de ter um companheiro de quarto. Ou um melhor amigo. Entendi por que as Parloni gostam de ter um jovem amável em casa. Ele criou o Jarro da Boa Vizinhança há alguns dias, com sua primeira contribuição em dinheiro para as minhas despesas de mercado. Acho que ele sabe que odeio sair do condomínio, porque tem feito as compras para mim. Ele gosta de ter uma lista.

E sempre me compra algo doce, como presente por eu ser boazinha.

Enquanto espero a hora das fofocas, aproveito para testar a maçaneta do centro de recreação, só para treinar minha memória muscular. Trancada dá uma sensação tão boa quando a giro. Destrancada é molenga e parece solta e insuportável. Venho desenvolvendo essa percepção faz algum tempo.

— Como foi sua teleconferência? — Melanie pergunta enquanto caminha até onde estou. Ela é como eu costumava ser, despreocupada e nunca chamada para reuniões estressantes, e a invejo profundamente. É assim que a Sylvia se sente o tempo todo?

Obrigo-me a tirar a mão da maçaneta.

— Acho que pareci semicoerente. De qualquer forma, o que está fazendo aqui? Devia estar cuidando do escritório.

— Você saiu correndo antes que eu pudesse perguntar que tarefas abomináveis vão nos dar agora. Eu conseguia ver da minha mesa o seu buço brilhando de suor. — Melanie agora sorri para uma das moradoras, passando perto de nós em uma *scooter*. — Oi, senhora D'Angelo. Relaxa, eu redirecionei as chamadas para o meu celular. — Ela o agita na minha frente.

Elogiaria sua crescente simpatia com os moradores, mas estou distraída.

— E o escritório está aberto, não está? Mel, volte.

Ela está ocupada demais tirando foto das suas unhas sobre a cerca-viva florida para me ouvir.

— O que a Rose queria dessa vez?

— Detalhes do seguro. Tem também uns relatórios avançados que a Sylvia sempre faz. Vou precisar da sua ajuda para dar conta de tudo. — Bigode de suor é pouco. — Estou com um mau pressentimento. Eles conseguiram acessar as contas. Pelo jeito como falavam, parece que este lugar é um navio afundando. Acho que devo tentar ligar para a Sylvia.

Ela não respondeu a nenhum dos meus e-mails. Foi ela quem insistiu para que eu mandasse notícias regularmente, mas estou me sentindo uma perseguidora. Será que caiu do navio? Não consigo imaginar a Sylvia bêbada, apagada em uma espreguiçadeira e tostando embaixo do sol.

Melanie posta a foto da #mão no Instagram.

— Qual é. Prove que deu conta de tudo. Tenho tido empregos temporários há quinze mil anos, e o que eu sei é o seguinte. Tudo o que deixa você enjoada é um bom exemplo de algo que pode contar em uma entrevista de emprego um dia.

— Você está se esquecendo, meu objetivo é nunca mais fazer uma entrevista de novo.

Se a Sylvia voltar e eu tiver estragado tudo, vai me demitir no ano que vem. Penso de novo no sofá-cama no porão dos meus pais; talvez esteja esperando por mim. Por um raro instante, rezo.

Melanie, a Temporária, nunca se impressiona com a minha lealdade à empresa.

— Já escolheu sua casa no Providence? Já deixou o enterro pago, também? Ai, Ruthie. A gente precisa focar no Método Sasaki logo e devolver você ao mundo dos vivos. — Ela vira as costas para ir embora.

— Ei, espere um segundo. Quero que tudo o que tenha a ver com o Método Sasaki fique entre nós, e sempre depois do trabalho. Não quero que ninguém ache que estamos embromando. Então acho que precisamos traçar uma linha entre nós e o Teddy.

— Concordo. Acho que ele é um teste.

— Um teste da CIP? — Nunca havia pensado nisso.

— Não, um teste enviado pelos deuses da paquera. É como quando você vai ao mercado com fome. Se não tiver uma lista, vai acabar na seção dos

bolos e comprando um floresta negra para comer no carro. Qual é a sua lista de compras?

Sei que tipo de resposta devo dar.

— Granola e desinfetante de banheiro.

Ela chilreia:

— Exato. Vamos aplicar essa mesma lição com os homens. Alguns são gostosos, mas não vão fazer bem para você. Sei que ele tem ficado bastante na sua casa. Aliás, você aparece nos sonhos dele uma quantidade assustadora de vezes.

Quero saber, mas nem pisco.

— Ele não é um teste. Somos vizinhos.

— Conversei com ele no escritório outro dia, enquanto você visitava a senhora Tuckmire. Perguntei se já se apaixonou alguma vez. — Melanie desvia o olhar, mordiscando o lábio inferior.

Agora sinto como se tivesse uma serra enferrujada enfiada entre meus órgãos vitais. Se ela disser mais uma palavra, a serra vai oscilar e começar a deslizar.

— Não é da minha conta. Ou da sua, Melanie Sasaki.

— Foi a maneira como riu da pergunta que fez com que me sentisse muito… triste. Ele disse que amar alguém adequadamente e para sempre não estava no DNA dele. — Isso soa como um alerta e sinto uma pontada de vergonha. Ela começa a caminhar de volta para o escritório. — Lembre-se da sua lista de compras — é o que grita por sobre o ombro. — Nada de gula.

O lembrete vem em boa hora, porque comer um bolo no carro é tudo o que quero agora. Eu faria com que fosse bem romântico, em um mirante, com as luzes da cidade brilhando lá embaixo. Todos os meus botões e zíperes soltos. Meus gemidos embaçariam TODO o carro.

Ouço passos rápidos se aproximando. Teddy está correndo pela trilha, seguido pela Renata em sua *scooter*. Saio para cumprimentá-los.

— O que houve? — Teddy olha para mim, ergue a sobrancelha de um jeito amigável e passa na minha frente, meu coração no encalço.

— Ele foi atrevido comigo, por isso decidi que precisa gastar um pouco de energia. Dê uma volta no lago, estou de olho em você. — Renata assiste com uma satisfação maligna. As costas dele estão eretas e o efeito geral é de leveza e tranquilidade. Seu cabelo brilha como uma cereja preta. Tenho que parar de prestar atenção nele. Mas: Teddy realmente está em forma.

— Isso eu não sei — diz Renata. *Será que falei em voz alta? Ah, não.* — Ele faz muito escarcéu por causa do horário em que deve começar a trabalhar, então decidi dar um jeito em seu estilo de vida. Vai tomar um milk-shake de tofu e couve-de-folhas em seguida.

— Que crueldade.

— Sou uma empregadora maravilhosa — se defende. Quando diz, lenta e dissimuladamente, "ora, ora", percebo que estive observando o Teddy por um minuto inteiro, imagino, sem responder.

Mesmo com o olhar especulativo da Renata sobre mim, não consigo evitar. Ele é tão interessante. Um ímã para os meus olhos. A única coisa para a qual vale a pena olhar. Ele passa por dois moradores que estão fazendo caminhada; agora está correndo de costas, devagar, enquanto conversa. A risada dele ressoa através da água, até chegar a mim.

— Ora, ora — Renata repete. — Não sei como me sinto em relação a isso.

Com esforço, paro de olhar para ele e aceno para a sra. Penbroke passando de *scooter*.

— Não esqueça, nossa reuniãozinha é daqui a pouco.

— Claro, Ruthie — a sra. Penbroke grita de volta. — Vou levar meu ponto-cruz. E algo para fofocar. — Ela dirige um olhar de poucos amigos para Renata.

— Dois dólares para os fundos, também, se puder, por favor. — Sabendo quanto os moradores bebem, começo a arrecadação de fundos para a festa de Natal no primeiro dia do ano.

— Foco — Renata me repreende, batendo a haste dos óculos de sol na *scooter*. — Um passarinho me contou que está para colocar seu corpinho no mercado em breve. Esse passarinho pediu que eu criasse um *look-book* da sua transformação. — Me olha de cima a baixo. — Como se sente a respeito da direção de design em Valentino?

Droga, Melanie. Renata vai contar tudo para a Sylvia.

— Sim, é verdade, estava pensando em começar a conhecer outras pessoas, mas os novos donos do Providence estão conduzindo uma análise gigante do nosso processo administrativo, e a Sylvia vai ficar fora até quase o Natal. Vou focar na análise que a CIP me pediu. — Escuta só, eu, sendo responsável. — Ainda tenho a festa de Natal para organizar. Você nunca participa, mas é um evento enorme. Não acho que vou conseguir dar conta

de tudo. — Enquanto digo isso, percebo que é verdade. — Equilíbrio entre trabalho e vida pessoal é algo em que não tenho experiência nenhuma.

— Você é uma garota inteligente. Pode fazer tudo e, além disso, já tem o seu paquera. Aí vem ele.

— Deixa eu adivinhar, mais uma volta — Teddy diz e passa correndo por nós antes que ela possa responder. Sinto um brilho de energia quando ele passa.

— Não pode imaginar a satisfação que se sente em situações como esta — Renata diz, fingindo segurar um binóculo. — É como se meu cavalo estivesse na dianteira no Derby de Kentucky. Eu o peguei quando ainda era um potro, e agora olhe só para ele.

— Não estou a fim do Teddy. Ele não tem nenhuma característica que eu buscaria, e vice-versa. — Tenho medo de perguntar: — Ele vai durar?

— Talvez tenha de caminhar se precisar de sutura.

— Sabe o que quero dizer.

Renata diz com um profundo suspiro:

— Infelizmente, acho que talvez complete duas semanas de trabalho.

— Ele não está fazendo suas tarefas e a lavanderia? — Preciso segurar as palavras: *Ele está ajudando você. Aceite essa coisa maravilhosa que aconteceu na sua vida, sua velhinha tola*. Acho que isso também poderia ser dito a mim, tendo sido abençoada pela Melanie.

— É deprimente a competência dele em tudo — é só o que Renata vai dizer até mudar de assunto. — Posso lhe dar um conselho de alguém que já viveu muito? Ótimo. A vida só é suportável se tiver alguém atraente a quem reclamar. Se eu não tivesse a Aggie, não teria sobrevivido aos anos 1990. Karl Lagerfeld, vejo você no inferno.

Dou risada.

— Ok. Obrigada pelo conselho.

Ela aponta para o lago com a cabeça.

— Você me lembra tanto a Aggie. Ela é feita da mesma fibra. É por isso que sei que vai ficar bem magoada quando aquele ali puser as mãos nas chaves do estúdio de tatuagem e cair na estrada sem olhar para trás.

— Espero encontrar uma pessoa que combine comigo. Gostaria de ter alguém atraente a quem reclamar quando eu tiver a sua idade. Que não é muita — me apresso para esclarecer.

Renata dá um tapinha no meu braço.

— Sou velha como a terra. Aí vem ele. Parece bem fora de forma. Se esforçou na suposta última volta. Mal sabe ele…

Teddy diz ao passar por nós:

— Mais uma, estou começando a curtir.

Renata está tão impressionada quanto incomodada.

— Realmente preciso me esforçar mais com esse aí.

— E eu preciso mesmo me preparar para o encontro da tarde — digo, mas claro que é inútil. Ela enrola as mangas da minha camisa até os cotovelos. Um puxão, a saia é colocada mais para cima. Ela aceitou o papel de consultora de moda do Método Sasaki. Solta dois botões da minha camisa.

— Compre um número menor. E esta é a sua cintura natural. Arranje uns cintos grandes, prenda sempre aqui. — Ela traça uma linha em mim. — O que você tem contra coisas novas, afinal? Por acaso não pagam você aqui?

— Trabalhei em um bazar da igreja; sei que coisas novas são doadas. É melhor para o meio ambiente. E, sim, meu orçamento é apertado.

Renata puxa o elástico do meu cabelo. É difícil para ela e, nesses momentos de esforço, sinto sua fragilidade de maneira aguda. É a única razão pela qual me submeto a ela assim. Ela é uma pequenina falastrona, mas também está presa em um corpo de noventa e um anos contra a vontade.

Com mais ternura do que achei que fosse capaz, Renata diz:

— Olhe para você. Qualquer jovem teria sorte de tê-la. E, quando o encontrar, ele nunca vai arriscar perder uma garota boa assim.

Viro e vejo meu reflexo na janela do centro de recreação. A Renata é capaz de operar pequenos milagres. Talvez eu possa me imaginar em frente a um bar, acenando para um homem que vem na minha direção. “Ruthie? Fico feliz em conhecê-la, enfim. Você está ótima.” “Obrigada. Também acho.”

Teddy agora está na nossa frente, com as mãos nos joelhos, ofegante.

Renata passa as instruções:

— Quero os detalhes do que você está sentindo fisicamente. Não corro desde os anos 1980. Ou 1970. Ou 1960. — Ela faz um esforço para lembrar. — Ou desde sempre.

— Sinto uma leve queimação, mas é tão bom — Teddy ofega, esfregando as mãos nas coxas. As roupas dele estão grudadas no corpo agora. — Como se eu não pudesse respirar fundo o bastante. Estou pegando fogo, nem

consigo enxergar direito. — Ele está falando com o chão. Minha presença ainda não foi notada.

Que mimo inesperado é ver a cor em seu rosto e as gotinhas brilhantes de suor na sua testa. Será que é essa a respiração que eu ouviria do outro lada da nossa parede? Nunca pensei tanto em sexo como nos últimos dias. Tento pôr minha saia de volta no lugar e Renata me bate com os óculos de sol com tanta força que eles quebram.

— Recolha isso — diz para o Teddy, que parece muito feliz por poder ficar de joelhos. — Quando voltarmos, vou ditar uma carta para você digitar. Vamos enviá-la para o atual diretor da Céline. Prezado senhor. A qualidade dos seus óculos de sol decaiu.

— Claro — Teddy responde, juntando os pedaços. Depois, enfim, olha para cima.

Tudo o que consigo dizer é:

— Está se recuperando?

Com certeza não. A transformação o deixou boquiaberto. Os olhos dele estão no triângulo profundo do meu decote, exposto ao inimigo solar da Renata. Braços, cintura, cabelo, ele nem pisca enquanto olha cada parte. Seu peito sobe e desce.

Neste exato momento, sou extraordinária.

CAPÍTULO TREZE

— **F**iquei o dia inteiro esperando dar cinco horas — Melanie me conta enquanto tranco a porta do escritório atrás de nós. — Até que enfim me convidou para ir à sua casa. Hora de colocar o show na estrada.

— Minha casa não é nada empolgante — alerto-a enquanto subimos a colina, mas ela não está interessada nos meus avisos e desculpas entediantes.

— Oi? Eu ainda moro no final do corredor da mamãe e do papai. Você é uma moça adulta vivendo na própria casa. E eu. Estou. Animada. — Ela salta para o quintal, passa um tempo olhando as tartarugas nos cercadinhos, depois bate na porta do Teddy.

— Ele não vai estar aí — digo enquanto abro minha porta. — E não foi convidado, lembra?

Ela gira a maçaneta e espia dentro da casa dele. Ótimo, agora tenho que me preocupar com o descaso dele com a segurança, além de tudo? Ela grita:

— Olá? Teddy, está vestido? — Não ouvimos nada além de silêncio.

Então o Teddy está… criando um ninho? Ele tem uma poltrona de couro que parece que voltou da guerra, com um casaco jogado nela. Tem uma mesa de café que com certeza achou na beira de alguma estrada. Pôs minha revista *Women's Health* nela e tem um pote branco cheio de doces. Ele copiou a minha decoração? Dou alguns passos para dentro da casa. No reboco desgastado da parede, desenhou com um canetão uma TV enorme de tela plana, completa, até com o logo da marca: TEDDYVISION.

— Sorte que o pai dele é o dono — Melanie observa. — Que muquifo.

— Acredite ou não, está bem melhor. — O modo como ele dobrou seu cobertorzinho faz com que sinta algo esquisito no coração.

Mel se inclina para ver algo:

— Ah, olha só. O tanque de tartaruga do Teddy. Ele estava com medo de o TJ pegar uma pneumonia lá fora quando o receber de volta.

É irritante quando ela age como se houvesse algo que não sei sobre ele. Eu mesma tirei esse tanque do armário de bagunça.

— É, eu sei.

— É tão fofo o quanto ele sente falta do bichinho. Meu Deus! — Melanie engasga, e tenho certeza de que viu algo realmente escandaloso. E conclui: — Ele pegou *Répteis e anfíbios para leigos* na biblioteca. Teddy vai ser um pai fofo um dia, não acha?

Ele desfilaria com seu bebê como se fosse um pequeno e perfeito troféu.

— Em um futuro distante, quando ele mesmo tiver crescido. — Puxo a Melanie em direção à porta. — Vamos embora. Deixe que ele tenha um pouco de privacidade.

Quando chegamos ao meu chalé, ela diz:

— É bem como ele descreveu. Ele disse que é como a casa da árvore do Ursinho Pooh. Não é à toa que está sempre tentando escapar para cá. — Ela bate na parede que divido com ele. — Você mora ao lado de um gato. Bobo, esquisito, mas definitivamente gato. Como é a experiência?

— Irritante, sobretudo, mas de um jeito bom.

— Como? — Melanie está sorrindo, perplexa.

— Como quando o relógio do forno apita e ele me diz do outro lado da parede que sonhou que eu estava preparando um maravilhoso jantar para ele.

— Ele sonha com o seu chalé — Melanie diz de modo apático. Tenho um pote de doces na minha mesa do café, exatamente no mesmo lugar em que o Teddy põe o dele, e ela pega um. — E ele pode continuar sonhando, no que diz respeito a você.

— Vou pegar alguma coisa para a gente comer. — Fiquei acordada até tarde preparando nosso lanche, o tempo todo alertando a mim mesma que a Melanie poderia cancelar. Afinal, é jovem e divertida. Estou prestes a revelar um esforço digno de uma dona de casa dos anos 1950. — Quer se sentar no quintal?

— Claro, depois de conhecer a casa. — Ela parece que se transforma em uma investigadora forense. Não me incomoda muito; não tem nada escandaloso a ser encontrado.

Coloco a travessa de queijo e as bolachas na mesinha do quintal, na qual agora penso como a mesinha do Teddy. Em seguida, limonada e copos. É sexta-feira à noite e estou fazendo algo social com alguém da minha idade.

— Você é tão caprichosa — ouço a voz da Melanie de longe.

— É o que parece — respondo bem na hora em que Teddy entra derrapando no quintal, segurando um walkie-talkie como se fosse um

segurança. Dá uma olhada na comida sobre a mesa e diz:

— Obaaaaaa!

(Aqui vai um segredo: preparei uma travessa de queijo maior que o necessário.)

(Um segredo maior: sinto meu coração deslizar junto com ele.)

— Estou… — Ele é interrompido pela estática do walkie-talkie. — Morrendo de fome.

— Você deixou a porta aberta — eu o acuso. — Agora há pouco a Melanie invadiu. O que está fazendo aqui? Isto é uma reunião particular.

— Não tem nada para roubar ali. — Ele dá de ombros. Estou prestes a argumentar quando somos interrompidos.

— Qual é a sua posição, Urso Panda? — A voz aguda da Renata soa no walkie-talkie. Como ele não responde, ela tenta de novo. — Disse que isto não ia funcionar. RESPONDA, Urso Panda, qual é a sua posição? CÂMBIO. — Segundos depois, um bando de pássaros passa por nós.

Teddy solta um suspiro que parece vir direto da alma e depois pressiona o botão lateral.

— Afirmativo, Vítima da Moda, tudo em ordem. Talvez eu demore um pouco. A Bebê Ruth fez um pratão de queijo, uvas e bolachas. Tem até um terceiro copo, só para mim. Câmbio.

Renata responde:

— Festa do queijo no quintal, numa sexta-feira à noite. Tem vinho? Descreva os tipos de queijo. Câmbio, óbvio.

Volto para dentro quando ele começa a descrever — "amarelo duro que parece peso de porta, disco de hockey branco gosmento, nojento com pedacinhos misteriosos" — e depois encontro a Melanie no meu quarto, mexendo nas coisas em cima da minha penteadeira.

— Teddy está aqui.

— Ah, beleza — diz, distraída. — Isso é toda a maquiagem que você tem? — Ela abre um estojo de sombras com a unha do dedinho como se levantasse a tampa de uma placa de Petri.

Minto:

— Não tenho certeza. Talvez tenha mais no banheiro.

— Já olhei lá. Certo. Boa parte disso é muito velha e precisa ir para o lixo. — (Ela não está errada. Usei essa sombra no baile de formatura.) — Vou querer ver suas roupas também, em algum momento. Na Semana 3 do Método.

Baixo a voz.

— Não vamos entrar em detalhes sobre o Método Sasaki enquanto ele estiver aqui. Vamos deixar que fique com a gente até se entediar e ir embora.

— Bom plano. — Ela vai para o quintal. — Oi, Teddy. Ah, oiiiiiiii, queijos! — Eles começam a cortar os queijos; as facas rangem e a conversa flui animada.

— A Renata está pisando fundo na *scooter* enquanto falamos — Teddy nos alerta, juntando uma pilha de bolachas na mão, para devorar de forma mais eficiente. Ele me passa uma com um pequeno floreio.

— Acho que seria melhor se você não ficasse — digo da maneira mais gentil possível. Ele reage como se nunca tivesse sido tão magoado. — É que eu queria que isso fosse particular.

— Nós não somos amigos? — Ele me pegou. — Se está preocupada que vou contar algo para o meu pai ou para a Sylvia, juro que não vou. Só quero ajudar.

— Ah, deixa ele ficar. É impossível se livrar dele. — Melanie me dá uma folha de papel. — Quero que assine isso primeiro.

É algo que lembra um formulário de renúncia de direitos.

— "Ao participar do Método Sasaki (doravante referido como 'o Método'), Ruthie Maree Midona" — ah, é por isso que você perguntou meu segundo nome — "reconhece que o faz voluntariamente e tem o direito de abandonar o Método a qualquer momento ao longo do processo".

— Mas espero que não abandone — Melanie me interrompe.

Continuo a ler.

— "Ela libera e desonera Melanie Sasaki de todo e qualquer inconveniente ocasionado ao seguir o Método, incluindo os seguintes, mas não se limitando a eles."

Leio em voz alta os eventos abaixo, dos quais a estou isentando:

- ✓ Sentimentos feridos.
- ✓ Expectativas frustradas.
- ✓ Tormento emocional ou mal-estar resultante do uso dos aplicativos de encontros.
- ✓ Ser assassinada em um encontro às cegas (Teddy engasga de boca cheia).
- ✓ Custos associados à gravidez não planejada (minha vez de engasgar).

- ✓ Despesas diversas relacionadas às melhorias na apresentação pessoal recomendadas, doravante denominadas “a Transformação”.
- ✓ Quaisquer custos associados ao inevitável casamento que resultará da participação no Método.

— Rubrique todas — me orienta.

Hesito por um longo momento em “sentimentos feridos”.

— Você é uma pessoa bem criativa. Onde conseguiu esse modelo de contrato?

Ela observa minha caneta, parada no campo de assinatura.

— Encontrei um na internet e adaptei. A parte mais importante é concordar que isto é voluntário. E no rodapé pode ver que o Método Sasaki é uma marca registrada. Quer dizer, seria, se eu soubesse como fazer isso. O que quero dizer é: não roubem minha ideia maravilhosa, vocês dois. Ela vai me deixar rica um dia.

— Fico feliz em assinar — tento não soar muito seca —, mas quero uma cláusula de confidencialidade.

— Não fiz uma.

Olho para o filho de Jerry Prescott. Ele está de olhos fechados, alegre, mastigando.

Escrevo uma emenda: “Todas as informações referentes à participação de Ruthie Maree Midona no Método permanecerão estritamente confidenciais”.

— Vamos todos assinar. O que quer que aconteça, quero que fique entre nós. Também vou adicionar uma cláusula dizendo que não vamos discutir ou participar do Método durante o horário de trabalho. Nenhum recurso do escritório será utilizado.

Melanie responde:

— Ih, tarde demais. Já roubei nove folhas de papel e uma colher de tinta. Desculpe, Teddy, vou pagar seu pai. Mas o fichário eu comprei especialmente com o meu dinheiro.

— Relaxa, não vou falar para ele. — Teddy pega a caneta e assina perto da minha emenda. É uma assinatura surpreendente, bem de adulto, e cairia com perfeição em um contrato imobiliário. — Ou será que vou? Talvez eu seja um espião da empresa, enviado para investigar todos os pequenos roubos de papel que rolam por aqui.

Estou começando a perceber que ele sempre olha para mim para ver se rio de suas piadas. Quando sorrio, ele volta a relaxar em sua cadeira e come uvas como se a vida fosse uma maravilha. Melanie e eu também assinamos o documento.

— Invasor, invasor — o walkie-talkie guincha. — Vítima da Moda a caminho, câmbio.

— Eu não me incomodo com essa — Mel me confidencia. — Ela faz eu sentir como se envelhecer não fosse tão assustador.

— É melhor eu pegar mais queijo.

— Tem mais queijo? Eu não preciso me controlar? — Teddy diz com a boca cheia e a palavra TAKE na mão que segura a faca para queijos.

— Você está se controlando?

Com olhar sério, ele engole e diz:

— Quer se casar comigo, Ruthie Maree? — Odeio admitir, mas meu coração ouve essas palavras e fica completa e constrangedoramente deslumbrado.

Melanie finge recolher seus papéis.

— Meu trabalho aqui está concluído. Lembre-se: vestido de madrinha lilás.

— Até o queijo que achei que seria nojento não é nojento — ele está contando quando entro para buscar mais petiscos. — São nozes com creme de queijo e mel. Vou arranjar uma gravata lilás para combinar com vocês.

Apoio-me no banco da cozinha para me recuperar.

— Não se atreva a tentar ser o marido da Ruthie — Melanie dá uma bronca. — Vou ter que trabalhar isso, mas soube desde o momento em que o vi pela primeira vez. Você não é o tipo certo para ela.

Ele sorri com dentes diabolicamente brancos, a julgar pelo tom:

— Eu sou o tipo de todo mundo.

— O fato de pensar isso confirma que você com certeza não é o dela. Talvez seja o próximo candidato para o Método Sasaki — Melanie rebate e, por um momento, sinto um medo real, palpável, enquanto olho para a frigideira.Teddy solto no mundo.Teddy saindo com outras mulheres, sendo engraçado e charmoso. Quer dizer, ele sempre foi. Mas agora o conheço, e acho que não quero que continue sendo assim. Ai, não.

Melanie faz com que eu me sinta pior.

— Supus que você não tenha namorada. Se tiver, deveria ter vergonha.

— Se eu tivesse, acha que estaria enrolado em cima de um colchão de sessenta anos, no meio do nada? Comendo — *mastiga, mastiga, mastiga* — alface roubada das tartarugas?

Estou voltando para o quintal com as reposições quando Renata vira a esquina com uma garrafa de vinho na cesta da sua *scooter* e uma taça vazia na mão.

— Cheguei. Abra a garrafa — ordena a Teddy sem mudar o tom.

— Oi, Vítima da Moda. Acho que sua peruca está torta — Melanie diz, e tem razão. Renata está com fios da franja na orelha.

— Na minha idade, torta é bom o bastante. — Ela vai com a *scooter* até a beirada da mesa, sem intenção de descer. — Isso é quase civilizado. O que eu perdi?

Respondo:

— Você não me viu assinar um contrato bem criativo, e estamos para começar a Semana 1 do Método Sasaki. Se é que a Mel vai explicar o que isso significa.

Melanie se empertiga por um instante, tirando uma folha nova da sua pasta secreta.

— Semana 1, do programa de oito semanas — anuncia, como em um comercial, mas depois hesita. A presença da Renata tirou sua confiança. É compreensível. A mulher faria um CEO bilionário se olhar no espelho.

— Está tudo bem — eu a encorajo.

Melanie vai virando as páginas. Diz com calma:

— Só um lembrete de que nunca fiz isso antes.

— Torne atrativo — Renata a instrui. — Venda. — Barulho de bolacha sendo mordida. Nesse momento, ela é jovem de novo, chefe do conselho da revista, enquanto a equipe dela, trêmula, apresenta o layout da próxima capa da *QUENTE OU NÃO*.

Digo à Melanie:

— Apenas me explique.

Ela começa:

— Quando pensei no caso da Ruthie, cheguei à conclusão de que é preciso ir com calma. Com isso em mente, vamos ter atividades semanais diferentes, e o objetivo vai ser um encontro com um cara de verdade, na quarta semana, na metade do programa. No final das oito semanas, gostaria de vê-la feliz, saindo com um cara legal que esteja gostando dela, e aí não vai mais precisar do Método. Este é o primeiro questionário. — Todos nos

inclinamos para ver. — A Ruthie vai escrever todas as qualidades que quer em um homem, as coisas que gostaria ou não de fazer nos encontros. Tem um monte de colunas e listas para preencher aqui. Sei que ela é boa nessas coisas.

— Quatro semanas? Oito? — Renata não está impressionada. — Que tal agora?

Faço contato visual com Teddy. Ele está me dando a mesma sensação que tive no posto de gasolina, quando me olhou de cima a baixo: como se estivesse espremendo, parando, avaliando.

Melanie tem um calendário impresso.

— Estamos aqui. Na Semana 6, Ruthie deve ter alguém para ir com ela à festa de Natal. E, na Semana 8, vai ter o Ano-Novo. Ela deve acordar acompanhada. — Ela pisca, dá um sorrisinho, ri. Tudo junto.

Pergunto ao Teddy:

— Bem, o que acha? Isso é possível em oito semanas?

— Até demais. — Ele faz uma careta sombria e aponta para si mesmo com o polegar: — E se você conseguir antes do cronograma? Não se esqueça da nossa parede fina.

— Você já vai ter ido embora há muito tempo — Melanie diz com indiferença. — Como se você se importasse.

— Acho que já vou ter ido mesmo. — Ver o tempo que nos resta como vizinhos assim definido e esquematizado é bem amedrontador. Mais um motivo para me dedicar bastante a esse processo. Tem que ter algum cara solteiro nesta cidade que não esteja a fim de sumir o quanto antes.

Renata está com dificuldade para cortar o cheddar.

— Oito semanas é ridículo. Encontre uma pessoa para você hoje. — A fragilidade do braço esticado diante de nós me faz parar por um momento.

Ignorar o conselho dela seria bem arrogante, considerando o tanto que ela já viveu. Apenas estou pensando se uma abordagem do tipo tudo ou nada é a melhor forma de proceder, quando ela perde a paciência e diz:

— Pelo amor de Deus, alguém com densidade óssea corte esse queijo para mim. Agora, que tal o Método Parloni? — (Nós três nos preparamos para o tranco iminente.) — Vá até o bar e encontre alguém cujos dentes não sejam nojentos. Menino ou menina, não importa. Leve para a casa, tire a roupa e divirtam-se juntos. É como fazíamos as coisas antigamente.

Ela estende a mão em um gesto solene, e Teddy coloca uma bolacha com queijo nela.

— Aposto que o Urso Panda já se divertiu em um bocado de camas.

— Isso é assédio sexual — relembro. — Ele é seu empregado.

Teddy apenas dá de ombros.

— Ela não pode me assediar com a verdade. — Ele está esperando que vá me escandalizar? Já sabia disso. Não há a menor chance de uma cara com esse rosto e um charme atômico não ter experimentado todo tipo de cama, de um saco de dormir até uma cama com dossel.

Não me permito virar o rosto. Se eu virar, ele vai pensar que sou uma garotinha inexperiente. Neste momento, sob essa luz, os olhos dele não são nem castanhos nem verdes. Que cor intermediária é essa?

— Mas não nos últimos tempos — ele jura para mim. — Não faço mais isso.

— Vou traduzir para você. — O olhar da Renata desliza em minha direção e, me olhando de lado, ela enche a boca de vinho. Engole. — Ele quer se divertir na sua cama, Ruthie. Jesus Cristo, esse tom sincero funciona para você, Ted?

No walkie-talkie, Teddy responde:

— 10-6, mantenha-se a postos, câmbio.

Sei por que estão rindo agora. É engraçado porque minha cama não tem muita cara de diversão. Rio também, para mostrar que tenho senso de humor, mas acho que estou corando mesmo assim. Ele ao menos caberia na minha cama? A quem quero enganar? Ele caberia em qualquer lugar.

Melanie continua me mostrando a folha com o questionário. Ela se esforçou de verdade nisso. Quando começa a esfriar e os primeiros mosquitos aparecem, Melanie vira para mim, enquanto guarda suas coisas:

— Estava pensando se poderia pedir um favor em troca. Você pode recusar.

Faço que sim com a cabeça enquanto ajudo a Renata a pôr a jaqueta.

— Pode falar.

— Com o meu contrato se encerrando em dezembro, percebi que quero encontrar meu emprego dos sonhos. Estou fazendo trabalhos temporários há tanto tempo que acho que acabei me confundindo sobre o que gosto. Poderia fazer uma espécie de Método Midona comigo?

Meu coração se aperta com a vulnerabilidade em sua voz. Ela tem tanta fé em mim assim? E tem medo de que eu diga não? Acho que eu entraria na frente de um carro por Melanie Sasaki.

— Só gostaria que tivesse me pedido antes, assim eu poderia ter me preparado tanto quanto você. O que acha do seguinte: preencha esse questionário, também, mas com relação a trabalhos. Coisas que considera atraentes: do que você gosta? Coisas que cortam o barato: o que nunca faria? Adoraria ajudá-la a achar seu trabalho dos sonhos, Mel.

Meus olhos pousam na área de reabilitação para tartarugas no meu quintal. Meu eu de seis anos ficaria horrorizado de ouvir que administração é o meu "trabalho dos sonhos". A pequena Ruthie teria marchado direto para a sala do Teddy e pegado o *Répteis para leigos* dele.

CAPÍTULO CATORZE

— **A**cho que vou dar uma festa mensal do queijo aqui no Providence — digo para o Teddy quando os convidados já foram, enquanto carrego a travessa quase vazia para dentro. — Sabia que promovo um programa completo de atividades?

Ele está jogado no meu sofá, e seu tom é seco quando diz:

— Sim, senhorita Midona, eu sabia disso. — Deixo um panfleto cair na cara dele mesmo assim.

— A festa de Natal aqui bomba de verdade. Estou falando sério. Convidamos os moradores da Casa de Repouso Bakersfield e dirijo um micro-ônibus cheio de homens bem velhos até aqui, para equilibrar os números. Pela manhã, faço uma viagem de volta. O retorno da balada, quando se tem mais de oitenta, é beeeem lento.

Estou preaquecendo o forno. Assim que começar a encher a banheira, minha rotina estará perfeitamente inalterada. Nada de incomum por aqui, exceto pelo herdeiro de mais de um e noventa no meu sofá, com o cinto aberto. Seus tênis estão jogados como se morasse aqui.

— Então, o que acha da ideia da festa do queijo? Acho que os moradores vão adorar.

— Claro. Todo mundo gosta de queijo. — Ele vai mudando os canais da TV. Nenhum sorriso nos lábios.

— Qual é o problema, Theodore? Fala para mim. — Sento no canto do sofá, perto dos pés dele, cobertos pelas meias pretas. Afixei o questionário do Método em uma prancheta. — A Mel colocou um espaço aqui para escrever o nome. Como se tivesse outros clientes e não quisesse misturar a papelada. Bem, quem sou eu para desobedecer a um formulário. — Escrevo RUTHIE MAREE MIDONA. — Tenho que preencher uma lista. Vou conseguir.

— Só prefiro quando somos apenas eu e você. — Ele sabe que só tem espaço para um nesse sofá. — Nunca tive um lugar onde a mesma coisa acontecesse todo dia. Só isso.

— Providence é um pouco assim.

— Não, quero dizer aqui. Com você, o relógio do forno, os canos enchendo sua banheira. Quando eu era criança — faz uma pausa, e parece difícil para ele —, geralmente não sabia onde ia dormir. Minha mãe e meu pai não fizeram um acordo de custódia, era tudo meio decidido na hora. Quem perdesse o par ou ímpar ficava comigo.

— Não teria conseguido lidar com isso.

— Mal consegui. — Ele levanta o corpo para ajeitar os ombros nas almofadas. Viro-me e faço a mesma coisa, e minhas pernas se encaixam entre as dele. — Sei que acabei virando uma pessoa com quem não se pode contar muito. Apenas vivi assim por tempo demais. E quero que isto aqui dure um pouco mais.

Somos como duas pessoas juntas em uma banheira. Sinto como se nos sentássemos assim por anos. Ele tira o elástico do cabelo e a onda negra e suntuosa assenta sobre seu ombro como se fosse um bichinho de estimação. Ele tem cara de homem, forte e animalesco. Ele diz, apontando a prancheta:

— Não vou gostar da sua lista.

— Porque não será sobre você? — A maneira como ele pisca me diz que *sim*. — Teddy, você está a um passo de se tornar um lindo narcisista.

Bato na página com a caneta. Estou ignorando a sensação de ter seus olhos em mim e a maneira como a energia dele parece puxar a manga da minha camisa para eu olhar para ele.

— Lindo?

— Meritíssimo, nada mais a declarar. — Suas pernas estão se aconchegando mais perto das minhas. Estou me esforçando para não sorrir. — Escolha alguma coisa para assistir, por favor. Você vai me enlouquecer de tanto mudar de canal.

— Coloca *Enviado do céu*. Sei que você tem, dá para ouvir do outro lado da parede. — E começa a cantar a música-tema: — "Sempre que estiver sozinho, eu chamo seu nome, sempre que estiver perdido, você saberá que achará o caminho de casa…"

Ele está me provocando? Sinto meu rosto arder de vergonha.

— Você colocou mesmo a orelha na parede? Deixo o volume tão baixo que sou obrigada a pôr legendas.

Ele faz que sim com a cabeça e continua cantando com uma voz adorável (claro que ainda por cima canta bem; existe algo em que ele seja ruim?):

— "A vida tem altos e baixos, nós jogamos o jogo, mas quando você vai aprender?"

Até eu, com meu coração de pedra, não resisto e canto com ele o último verso:

— "Quando você vai aprender que você foi enviado do céu?" — Até que nos harmonizamos. Faço uma careta: — Acha que eu sou uma baita de uma fracassada, não acha? — *Por favor, apenas concorde.* Traga-me de volta para a realidade.

— Se você é uma fracassada, também sou. Adoro essa série. Coloca aquele em que a Francine vai comprar sutiãs. — Ele continua cantarolando a música-tema, batendo o dedão no meu quadril. Olho para o questionário em branco. Se não me controlar, poderia facilmente ficar assim:

O que me atrai:

✓ Alto
✓ Tatuagens
✓ Esses olhos mágicos
✓ Aquele cabelo insanamente lindo
✓ Sorriso fácil/dentes perfeitos
✓ Mãos talentosas que dão e tiram

O que não me atrai:

✓ Qualquer um que não seja ele

Deveria usar lápis e borracha.

Ainda não o respondi.

— Estou três temporadas atrás desse episódio. Sempre assisto na ordem. E não deixaria você assistir a esse de qualquer forma, seu safado. A Francine ainda está no ensino médio.

Ele dá de ombros.

— Ei, estava no ensino médio também quando passou. Minhas irmãs e eu nunca perdemos um episódio. Era uma das coisas com que podia contar na semana. Então, onde estamos? Não vamos bagunçar o seu sistema especial *Enviado do céu*.

(Mal sabe que, graças à reprise mundial promovida pelo fórum, existe literalmente um sistema especial.)

— Apenas assisto uma vez por ano e, se vejo na ordem, acho mais legal. A história principal se desenvolve tão bem.

— Tenho certeza de que sim, Garota Certinha. — Faz uma careta. — Só uma vez por ano. Que coisa mais restritiva. É isso o que quer fazer com o seu homem dos sonhos? Se aconchegar, assistindo a uma série de TV de igreja? Isso faz você se lembrar de casa?

Encaixamos nossas pernas como se fosse normal. Aconchegados, como ele diz. A sensação de ter alguém apoiado em mim, quente e pesado? Isso é genuinamente o paraíso.

— Isso era algo pelo que eu esperava toda semana também. Essa minha rotina? Coisa antiga.

— Antiga quanto?

— Desde… — Começo a desanimar, mas ele me pressiona com o pé para eu continuar. — Minha mãe coleta comida em supermercados e restaurantes à noite. Ela faz isso desde que eu tinha uns oito anos. Um empresário local doou uma van, é tudo bem profissional. A comida é distribuída para grupos que fazem sopa para os pobres e organizações comunitárias, e minha mãe não chega em casa antes da meia-noite.

— Ela ficava fora a noite toda, então. Mas seu pai estava em casa.

— Isso vai me fazer parecer uma pessoa ruim. — Hesito. — Odiava quando ela saía. No fim do dia, meu pai estava sempre cansado, bravo, distraído. Ele se recarrega com o silêncio, e não ficávamos confortáveis um com o outro. Ele costumava ficar no escritório à noite.

— Aí você criou sua própria rotina noturna. — Teddy olha ao redor da sala e depois para mim, entendendo tudo. — E sabia quando *Enviado do céu* passaria na TV. Podia contar com isso. Como eu. — Uma sensação gostosa de compreensão mútua brilha entre nós.

— A outra questão é que costumávamos ter sempre um estranho morando com a gente. Tem um quarto de emergência no porão, com uma cama para quem quer que precise. Eu era uma criança frágil. Não conseguia lidar com isso, mas era obrigada, porque a caridade começa em casa.

Um estranho escovando os dentes no banheiro. Um estranho sentado na minha cadeira no café da manhã.

— Quando a gente se conheceu, você me perguntou se meus pais eram rígidos. Eram, mas acho que esperavam que eu soubesse como fazer a coisa certa e me deixaram sozinha para me virar. Acho que temos um pouco em comum nisso.

— Seu ritual sagrado da hora de dormir faz totalmente sentido agora. Talvez eu devesse ter feito isso também.

— Não é tarde demais para criar uma rotina. Cuidar de si mesmo quando se é adulto é muito importante.

Ele ainda está pensando — em mim, acho, porque seus olhos estão nos meus.

— Vou continuar invadindo sua rotina até se irritar e fechar a porta na minha cara. Sobre aquele pacote incrível que deixou para mim no quintal. Já tinha feito isso algumas vezes, não? E é por isso que eu ter aparecido do nada tem sido difícil para você.

Sinto-me meio mal comigo mesma. Por dentro, só tenho feito as coisas com má vontade.

— Não exatamente difícil.

— Tudo bem, eu entendo. As coisas são menos tranquilas comigo por perto.

— Quem disse isso? — pergunto, mas ele está ocupado procurando o próximo episódio de *Enviado do céu*. — Você não vai falar durante os episódios, né? Espera, pensei em algo para colocar na coluna de impeditivos. — Escrevo no formulário: não gostar de *Enviado do céu*.

Teddy levanta o corpo como se estivesse fazendo uma abdominal, lê o que escrevi e depois se recosta de novo, com um grunhido de satisfação.

— Minhas irmãs costumavam dar um tapa na minha orelha se eu falasse. Você pode fazer isso também, se quiser.

Aperto *play* e cantamos o tema de abertura juntos. Pego uma almofada de tricô para pôr no meu colo, mas Teddy pega a outra ponta. Fazemos um cabo de guerra e rimos. Como isso pôde acontecer com tanta facilidade?

Um episódio termina, o outro começa. Coloco dois frangos *cordon bleu* no forno em vez de um. Pensei que eu faria questão de silêncio, mas gosto de conversar durante os episódios. Ele só faz observações engraçadas e nos momentos certos.

Incluindo um comentário que acho que vou roubar para usar como tema de debate no meu fórum, o Céu Enviou Você Aqui.

— Eu pensava que ia me casar com a Francine Percival, na época. Era a garota dos meus sonhos — diz quando os créditos aparecem, e estendo a ele um prato de comida. — Uau. Poderia me acostumar com isso. — As duas declarações fazem soar um sinal de alerta no meu cérebro.

— O que você gosta na Francine? Além do óbvio. — A atriz agora é o rosto de uma marca francesa de cosméticos. Isso é um teste para o Teddy.

— Ela é tão caprichosa e certinha.

— Ah. — As mesmas palavras que a Renata usou para me descrever, mas agora ditas com a adorável voz rouca dele. Coloco meu prato na mesa do café e pego minha prancheta. Nas coisas que acho atraentes, acrescento *honestidade*. Depois escrevo: *Bom ouvinte*, *confiante*.

— Ela é tão reservada — continua enquanto come. — Sinto que tem muita coisa rolando sob a superfície, mas nada exterior surpreende a personagem. Tem autocontrole. Desastres como eu acham isso muito intrigante. Ela é muito engraçada, de um jeito seco que adoro. Quase todas as risadas da série são por causa dela.

Estou surpresa com sua perspicácia.

— Também gosto disso. Tem aquele episódio em que ela tira o dente do siso, e o menino de quem ela gosta, Ash Dangerfield, a visita no hospital…

— Ah, sim, e ela está acordando da anestesia. — Teddy faz uma careta. — A Francine diz a verdade a ele. Sem filtro. Meu Deus, quem me dera.

— Ela está ridícula na cena, mas de alguma forma ainda mantém a dignidade. A Francine pode lidar com qualquer coisa. É libertador poder falar sobre isso. Nunca achei ninguém na vida real que assistisse a essa série, muito menos um cara.

Volto à prancheta e tento pensar em coisas não incriminadoras para colocar na coluna de coisas que me atraem. *Confiável*. *Maduro. Perspicaz*. Tudo isso poderia ser aplicado ao Teddy de várias formas. Ele superou todos os obstáculos que a Renata preparou e tem se dedicado admiravelmente ao seu trabalho novo.

— Caras como eu — diz Teddy, e sinto minha barriguinha afundar de um jeito perigoso — ficam imaginando o que seria preciso para deixar uma garota como Francine toda… — Ele abocanha uma quantidade enorme de comida. — Toda bagunçada — é o que solta depois de engolir. — Descontrolada e meio selvagem. O que seria preciso? — Ele está com aquele olhar sexy de novo.

— Tenho certeza de que pensa nisso o tempo inteiro. — Afasto a prancheta quando ele tenta alcançá-la. Ela confirmaria suas suspeitas. — Não. Cuide da sua vida.

— O que você escreveu? — A mão marcada com TAKE tenta de novo. — Compartilhamos tudo, lembra? — Deixei a porta aberta, então não posso

ficar surpresa por ter esse grande gato preto enrolado no meu sofá agora.

— Deixa para lá. — Vou para a próxima coluna. — Alguns impeditivos agora.

— Estava aí sentada escrevendo o que acha atraente? Caralho. Estou escandalizado. — Ele coloca o prato vazio sobre a mesa da cozinha e deixa o corpo escorregar até ficar deitado, com os pés no meu colo e o antebraço cobrindo os olhos. — Amo ficar aqui. Me deixa ficar.

— O que, esta noite?

— Para sempre. — Isso foi declarado com sinceridade. Ele olha para o meu prato intocado e lambe o canto dos lábios.

Pressiona a ponta do meu nariz.

— Não pode ficar dizendo essas coisas para mim.

— Por que não?

— Eu… — Não consigo pensar no que dizer.

— O quê? — Ele está me desafiando. — Diga.

— Vou me acostumar a ter você aqui. — Imagino em quantas almofadas de outras garotas ele já se enrodilhou. — Quem foi sua última Boa Samaritana?

— O que quer dizer?

— Na reunião, seu pai disse que você estava sem sofás.Também disse que em geral são mulheres as pessoas boas.

Ele pisca algumas vezes como se estivesse trocando marchas mentalmente.

— Nem sempre. Tive de ficar na casa de uns caras com quem estudei antes de engolir meu orgulho e ligar para o velho Papai Prescott. — Tira os pés do meu colo. — Não gosto de pensar nisso.

Ele se senta, pega minha prancheta desprotegida e se reclina para ler.

— Chato pra cacete — declara depois de um segundo. — É isso o que quer? Esse é seu cara dos sonhos? Me dá a caneta. Quero fazer umas emendas. — Seus olhos vão para lá e para cá, lendo; uma careta que nunca tinha visto no rosto dele. — Agora temos alguém que nunca atrasou um aluguel na vida.

— Eu, e o que quero, somos uma piada ridícula? — Risco uma linha imaginária no meu punho. — Quer dizer, sei que você gravou para sempre a palavra TAKE no seu corpo, mas isso não é uma qualidade muito atraente.

— “Generosidade” está grifado duas vezes. Seu homem dos sonhos é um modelo de caridade e virtude.

Quando escrevi isso, estava pensando em como a generosidade aparece sob formas diversas. Teddy é pródigo com sua atenção e cuidado. Tento pegar a prancheta de volta.

— Deveria aprender a tirar. — Ele segura o dedo em riste para silenciar qualquer resposta que eu esteja tentando formular. — Santa Ruthie da Providência precisa aprender a ser egoísta.

— Bem, você é a pessoa perfeita para me ensinar.

— Você pode muito bem aceitar a opção que a Renata sugeriu. Não finja que não sabe do que estou falando. — Ele traça uma espiral com o dedo, apontando o corredor escuro no fim da sala. — Tenho sonhado em me aconchegar embaixo da sua colcha de retalhos. Por favor, me acorde a tempo de eu ir trabalhar.

— Não brinque com isso.

— Desafio você — retruca e, dessa vez, sua voz hipnotizante penetra o escudo que mantenho quando estou perto dele. — O que é preciso para você perder um pouco a compostura? Está sentindo o mesmo que eu, sei que está.

— É isso o que faz normalmente? O que está sugerindo não é muito romântico.

— Verdade, nunca me acusaram de ser romântico, mas acho que vou adorar beijar você. É tudo o que vamos fazer. Nos beijar e dormir juntos na sua cama hoje. Acho que isso é bem romântico.

É assim que funcionam os encontros? Honestidade brutal e possível nudez? Acho que estou em um terreno tão desconhecido que chega a ser loucura. Dou uma batidinha na prancheta.

— Acho melhor continuar com isto aqui. É algo com que eu posso lidar. É um processo, tem itens para seguir.

Os olhos dele são insondáveis à meia-luz, enquanto se abaixa para calçar os tênis.

— Vou fazer uma pergunta e sei a resposta. Mas me diga mesmo assim. Você vai sair do Providence?

Sem pensar, como se por reflexo, respondo:

— Claro que não.

— Certo. — Ele diz isso com tanta tristeza. — Entendi agora. Vou deixar você em paz.

CAPÍTULO QUINZE

Na piscina, começo o árduo processo de ajudar os moradores a descer do micro-ônibus. Mal me aguento enquanto caminho até a entrada, cheia de bolsas, mochilas esportivas e, preocupantemente, duas bengalas que alguém esqueceu. Teddy está encostado na parede da frente, de bermuda e regata. Está usando uma viseira com CARNE FRESCA estampado. Sem dúvida um presente da Renata.

— Espera… — Ele sorri e vem à minha direção. — Deixa eu te ajudar.

— O que está fazendo aqui? — Não o vi muito nos últimos dois dias.

— Nós — enfatiza — vamos participar da hidroginástica. Bem, eu vou, pelo menos. As Parloni vão aprontar alguma comigo. Elas estão lá dentro. — Conforme ele tira as bolsas de cima de mim e vou me sentindo mais leve, tento não olhar para as novas tatuagens reveladas em seu fabuloso par de braços.

Entramos, e eu cumprimento Jordan, um dos gerentes assistentes.

— Temos doze hoje. Não, espere, treze. — Aponto o Teddy. — Mais duas espectadoras.

— Hidroginástica? — Jordan diz, com uma careta cheia de ceticismo.

— Só estou tentando manter tudo em cima — Teddy responde com ar distraído, e atravessa a porta automática.

— Preciso que pegue isto aqui. — Jordan pesca uma nota de vinte dólares dobrada de dentro do bolso da bermuda enquanto nos dirigimos à área da piscina. — Aquela velhinha grossa me deu isso quando chegou. Pensou que eu fosse um porteiro de hotel chique ou algo assim. — O olhar dele está no Teddy agora. — É neto dela?

— Assistente pessoal.

— Certo. Bem, precisa ver que está dando dinheiro a torto e a direito. Não é algo que me agrade. — Jordan me entrega o dinheiro. — Devolva para ela, pode ser?

— Claro. — Ele é tão honesto. Faz eu me lembrar do questionário que devolvi para a Melanie hoje de manhã. Honestidade é uma coisa que me

atrai. Assim como quanto é protetor com seus clientes idosos. Então isso que é ter um radar? Deixo que faça contato visual comigo, mas não sinto nada.

Olho para o Teddy e percebo que meu radar está calibrado de uma maneira bem específica.

Pergunto:

— Cadê a Sandy? — Ela geralmente está na beira da piscina, pronta para começar a aula. Jordan pede licença para ir chamá-la. Teddy está abandonado perto dos bancos, coberto de bolsas. Vou até ele.

No fim das contas, as coisas estão indo bem hoje. Teddy vai tirar aquela regata e se molhar, da cabeça aos pés. É bem provável que vá assistir. Tudo isso está acontecendo em horário de serviço. A vida é um presente. Estou com um sorriso nos lábios quando me junto a ele, estendendo os braços para pegar as mochilas.

— Por acaso ele acabou de dar o telefone dele? — Teddy está indignado.

— Não, ele me devolveu as vinte pratas que a Renata deu de gorjeta para ele apenas por existir. — Coloco as mochilas no ombro. — Espero que não faça isso com frequência.

— Ela só dá gorjetas para pessoas bonitas. É uma regra.

— Ah, ótimo. Ela nunca me deu nenhuma gorjeta. — Penduro as mochilas no vestiário. Estamos conversando como se as coisas tivessem voltado ao normal. Renata e Aggie estão sentadas nas laterais, ambas parecendo animadas e distraídas. Consigo facilmente colocar o dinheiro de volta na bolsa da Renata; uma Hermès Birkin, jogada no concreto molhado como um objeto qualquer.

— Havia me esquecido de como esses bancos são duros e gelados — Renata me conta, em um tom que sugere que tudo seja culpa minha. — E do cheiro de cloro. Não queria ter vindo, mas Theodore insistiu. Bem, o que está esperando? — Ela aponta para a piscina. — Vamos, entre, me mostre seu nado cachorrinho.

— Costumo ficar de fora. Assim posso ficar de olho em todo mundo. — Dobro algumas toalhas para sentarem em cima.

— Que história é essa que tenho ouvido, de que o Providence vai virar outra coisa? A velharada só fala nisso. — Renata não se inclui nessa demografia. — Quero as informações internas, por favor. Fofoca é uma moeda também.

— Não sei. A família Prescott é dona do terreno e está conduzindo uma análise. Você poderia falar com o Teddy? Esperava de verdade que ele pudesse ser um aliado do Providence no que quer que esteja por vir.

Ela reflete por um momento.

— Não sei. Talvez seja o empurrãozinho que a Aggie precisa para sair daquele lugar. Uma vista para o Central Park a faria se sentir anos mais jovem.

Aggie solta um profundo suspiro e não responde. Está cutucando metodicamente uma raspadinha com sua famosa moeda da sorte, que tem desde criança.

— Preciso que ele se apaixone. Pelo Providence — acrescento assim que Renata ergue as sobrancelhas.

Viro bem na hora em que Teddy tira a camiseta. Ouço os gritinhos das velhas animadas na água. Imagino que eu esteja com cara de quem está sofrendo, porque a Renata me diz:

— Quero uma descrição exata do que está sentindo. — Estou rezando, principalmente. Ele é suave como mel. Tatuagens por toda parte, cortadas pelo cós da bermuda, todas bobas e feitas com perfeição. É um livro de colorir novo e eu sou uma garota caprichosa e certinha que pinta bonitinho, sem sair das linhas.

Ele se vira, embolando a regata.

— Você vem?

— Santo Deus — blasfemo de imediato, porque:

- ✓ A metade da frente de seu tronco é incrível; quer dizer
- ✓ Muito, muito incrível
- ✓ Muito, muito, muito *incrível*

— Quê? — Teddy caminha na minha direção e me afundo no banco. — Ah, entendi, a Ruthie vai desmaiar diante da visão da minha magnificência. — (Sim.) — Você vem? — Ele engancha o dedo por baixo da alça do meu maiô sem graça, que está aparecendo. — Parece que pensou a respeito.

Estou prestes a cair de cara em um caleidoscópio de pele tatuada, então meu corpo se enrijece na defensiva.

— A Sylvia não me paga para participar de verdade. Estou trabalhando. — Quando estava me arrumando para hoje, me ocorreu que esta poderia ser

uma das minhas últimas chances de voltar com cheiro de cloro.

— A Sylvia não paga você para promover um programa inteiro de atividades, mas aqui estamos nós — Teddy rebate pacientemente. — Vem. Viva um pouco. — Está tão quente que o invejo por sua situação descamisada. Ao menos, foi assim que decidi classificar meu intenso interesse pelo tronco dele.

Jordan se aproxima.

— A Sandy vai se atrasar dez minutos. Se puder fazer o pessoal ir se aquecendo, seria ótimo. Preciso ficar na recepção. Apenas peça que boiem ou algo assim.

— Claro, posso fazer isso. Ok, senhoras. A Sandy vai se atrasar um pouco, então vamos começar. — Poderia conduzir uma aula inteira de meia hora. Talvez estivesse esperando por este momento. Depois do aquecimento, vou pedir que batam os pés ou que levantem as pernas? Antes que possa me decidir, sou interrompida.

— O Teddy pode ensinar hidroginástica — Renata diz atrás de nós. — O que acham, garotas? — Uma ovação. Ela dá uma gargalhada. — Isso vai render uma boa risada.

— Com licença — Teddy me diz enquanto enrola o cabelo em um coque digno de uma sessão de fotos descoladas. Seu tronco se move e flexiona e preciso de um dardo de tranquilizante. — É hora de eu deixar essas mulheres no ponto.

— Já estou — alguém grita, e as gargalhadas quase me ensurdecem.

— Certo, vamos começar. Marchem no lugar. — Elas estão todas sorrindo, com os rostos virados para ele como se fossem girassóis, e a água espirrando. — Agitem os braços assim. — Ele faz uma demonstração.

Claro que é bom nisso. Solto um longo e ecoante ruído, tipo *urgggggggg*.

Qualquer coisa que eu possa fazer com total competência, um homem jovem pode fazer com menos técnica, mas com mais festividade. Nunca fui ovacionada, nem uma vez. Meus braços ainda estão marcados pelas alças do monte de bolsas que penduraram em mim.

— Não fique tão rabugenta, Ruthie Maree — Aggie me diz quando vou me sentar com elas. — O que houve?

— Ele é tão irritante. — Olho feio para as costas dele e escondo o rosto com minha camiseta. — Organizei tudo e venho a cada sessão há dois anos, e ele acha que pode simplesmente… — Perco a fala quando o vejo fazendo a dancinha egípcia na beira da piscina.

Para impedir a mim mesma de cair na gargalhada, digo, brava:

— Ele. É. Tão. Engraçado. — Enterro o rosto nos meus braços cruzados.

Dou uma espiada do meu lado, porque a Renata se manteve quieta o tempo todo; foi cativada pelas palhaçadas na beira da piscina e está se agitando sobre o pequeno traseiro, fazendo os movimentos em sua imaginação. Ela dança sentada como um egípcio. É tão fofo que é de partir o coração, e acho que ela ama o Teddy.

Então, estraga tudo.

— Por que tem que fazer uma tempestade em copo d'água por tudo? — Renata pondera em seu tom costumeiro. — Vai lá e faz. Você é uma supermodelo comparada a todas essas frangas velhas e flácidas.

(Pela cara de algumas dessas frangas, elas a afogariam se pudessem.)

— Tá bom, tá bom. — Tiro minha camiseta, meus shorts e caio na água antes que pense melhor. Faz quanto tempo que não entro na água fria? Anos.

Quando emerjo, tento com muito esforço não objetificar o Teddy, mas as luzes fluorescentes dão aos músculos dele um brilho celestial, e deixam as linhas entre eles mais nítidas. É inexplicável que uma pessoa tão sossegada e que coma tanto queijo tenha um corpo assim. Mas ele tem, e que presente. Perco a força nas pernas e afundo, ficando só com os olhos de fora.

— Por favor, deem as boas-vindas à senhorita Ruthie Midona — ele diz para o grupo, e agora recebo os sorrisos e as ovações.

Entendi agora. A vida requer participação integral, até o pescoço. E, pelos próximos minutos, obedecemos ao Teddy como nosso instrutor. Cada passo de dança que ele imagina, nós seguimos. Fazemos o *moonwalking*. O *twist*. Cantamos as letras. As Parloni acompanham batendo palmas. Estamos todas morrendo de rir e quase nos afogando, e não estou tão em forma como pensava. Mas não me divertia assim há anos.

— Você deve ser a Sandy — Teddy diz para nossa instrutora, que acaba de chegar, toda suada e agitada. — Eu as mantive aquecidas para você. — Dito isso, ele dá um mergulho e cai como uma bola de canhão, que quase molha o teto, e nada até onde estou. — Dá para acreditar que estão nos pagando para fazer isso? — lança, com as mãos no rosto.

Realmente não acredito. Em plena semana, de manhã, ganhando dinheiro de verdade, estamos fazendo hidroginástica.

Não sabia que homens poderiam ser tão abertos a tentar coisas novas. Mas o Teddy é. Ou está rindo, ou está mesmo concentrado, pela ruga na

testa. Seus braços flexionados são magníficos. Nós nos alinhamos na beirada para fazer flexões e ele não percebe como as velhinhas dão um jeito de ficar em volta dele. Ninguém precisa ficar com ciúmes; ele se mistura e dá um pouquinho de si para todo mundo. Para quem fica cansado, dá o ombro para se apoiar. Eu mesma estou quase precisando.

Sei que está sendo pago para isso, mas, na verdade, o mínimo necessário era trazer as Parloni de carro até aqui. A maneira como espalha energia e gentileza é tão generosa. Ele é totalmente adorável, até o último fio de cabelo, ali com as velhinhas se apoiando nos ombros dele, só para que possam sentir em primeira mão esse tipo de juventude e beleza.

É triste que ele nem perceba quanto é generoso, na verdade.

Dão-nos dez minutos de tempo livre depois da aula e distribuímos macarrões de piscina para boiar. Acho que eu deveria sair, para me arrumar e ficar pronta para ajudar, mas Teddy pode tomar conta do processo de remoção da turma. Espero um minuto, torcendo para que saia da piscina, mas ele está se divertindo demais. Está com uma boia em forma de anel no pescoço, carregando a sra. Washington nas costas pela água. Pela cara dela, se morresse esta noite, morreria feliz.

Não pensei em tudo. Vou ter que subir a escada sob essa luz cegante, com a água escorrendo pela minha bunda e coxas. Não usava este maiô há anos e ele encolheu, agora enfiado nas minhas nádegas. A parte de trás dos meus joelhos é bem estranha. Estou completamente presa neste momento, o qual nunca deveria ter me permitido, para começar.

— O que foi? — Teddy nada até mim; sua passageira já desmontou. — Parece que precisa fazer xixi. Aguenta aí, garota. Pense em coisas secas.

— Qual é, sabe que não quebro regras.

— Diria que estou aliviado, mas… — Ele ri até eu ficar preocupada com a bexiga dele. Agora está nadando em volta de mim. — Sério, o que foi? Você estressou.

— Quando eu sair desta piscina, quero que feche os olhos.

Ele cobre o rosto. Um olho cor de avelã reluz entre seus dedos, propositalmente afastados. Minha risada bota mais lenha na fogueira. Ele deixa a mão cair, revelando sobrancelhas brincalhonas.

— Qual é o problema?

— A gravidade é o problema. — Estamos muito perto um do outro, mas, por alguma razão, estar boiando faz parecer que está tudo bem. — Nem todo mundo fica como você em roupas de banho.

— Fico lisonjeado. — Agora estamos flutuando mais próximos, nossas mãos traçam círculos na água, às vezes nossos joelhos se encostam. — Me acha bonitinho, Ruthie Maree?

Estou começando a perder o fôlego.

— Como é ser tão confiante? — Afundo um pouco na água.

— É como me sinto quando estou com você. Mas aí parece que não consigo a reação que espero e começo a duvidar de mim. Aí olho meu reflexo em uma colher e vejo uma aberração. Pela hora do jantar, sou um desastre e o homem mais feio que existe. — Ele parece encontrar um nervo nesse ponto e fecha os olhos por um segundo, como se estivesse exasperado. — Falo as coisas mais idiotas para você. Por que isso continua acontecendo? Na verdade, sou bem normal e legal.

Faço que sim com a cabeça, com ar de sabedoria.

— Quero acreditar em você.

Ele fica completamente imóvel, porque é alto o bastante para alcançar o fundo. Coloca a minha mão por cima do ombro dele como se eu precisasse de ajuda e descanso. O que é verdade. Seus cílios são espinhos entrecruzados. Sob a palma da minha mão tem um fósforo aceso tatuado, e posso sentir a fagulha.

Um sorriso se forma nos lábios dele.

— Agora está fazendo com que me sinta bonito.

— Como se você precisasse de mim para inflar seu ego.

— Ah, eu preciso.

Continuar segurando o sorriso quando estou perto dele está me transformando em uma estraga-prazeres clinicamente diagnosticada. Mas, se relaxar, o que vai acontecer? Nada vai detê-lo. Ele vai acabar comigo.

— Mãos onde a gente possa ver — uma das moradoras dispara, as gargalhadas ecoando em todos os cantos possíveis.

— Tudo bem. — Levanto minha outra mão e as risadas aumentam. — Elas todas suspeitam que eu esteja apalpando você em pleno expediente? Que velhas maliciosas. — As engrenagens giram no meu cérebro. — Ah. Estavam falando com você.

— Está com a consciência pesada, não está? Onde estávamos? Ah, sim, autoconfiança. Você precisa começar a andar por aí como se fosse a fodona, porque você é — diz, pegando minha mão e andando comigo como se estivéssemos em uma valsa improvisada e ao contrário. — Quer ouvir um segredo? — Mesmo antes de abrir a boca, vejo o elogio vindo direto em

minha direção, como uma barbatana de tubarão na superfície da água. — Caprichosa e certinha é com certeza o meu tipo preferido de garota.

Não sei como ele consegue mudar de tom com tanta facilidade. Há pouco estava com uma velhinha andando de cavalinho nele pela piscina. Agora, seus olhos estão mais escuros, e sua voz está com aquele tom rouco e sedutor.

Decido tentar nadar até a borda.

— Tá bom. — Afasto-me à distância de um braço, a água agitando-se entre nós.

— Mas você não acredita em mim. — Ele me puxa de volta, dessa vez para mais perto. — Seus olhos são… — Ele pisca e desvia o olhar. Por que ficaria acanhado agora? Ele está, e isso aperta meu coração. — Magnéticos — é o que consegue dizer. Depois resmunga consigo mesmo. — Sou brega pra caralho. — E se afunda na água por um momento.

Quando emerge, digo, severa:

— Sou a única mulher com menos de vinte e cinco anos disponível para você brincar. Foi isso o que aconteceu.

Mas é tarde demais. Um arrepio de lisonja desce pela minha espinha no exato momento em que ele põe a mão na parte de baixo das minhas costas, com apenas uma camada de tecido molhado nos separando.

— Aprenda a aceitar um elogio. Goste de si mesma. Você é sublime. — Essa é a última palavra que eu imaginaria sendo aplicada a mim.

— É gentil da sua parte dizer isso.

— Ah, mas não sou gentil. Quase voltei ao meu velho eu naquela noite, na sua casa. Você deveria saber meu segredo. Tenho uma tremenda tara pela Francine Percival Enviada do Céu.

— Tudo bem, ela é maravilhosa mesmo.

— Adoro as caprichosas e certinhas, que têm etiquetadoras e cheiram a banho de espuma. Todas as latas de sopa no armário com os rótulos virados na mesma direção. A banheira enchendo toda noite no mesmo horário. Meu Deus, você caminha como se tivesse uma névoa perfumada ao seu redor. Meu desejo é comer todo aquele queijo e me aconchegar na sua cama. Admito isso.

— Sei muito bem. — Minha garganta está deixando minha voz estranha. Muitas palavras insinuantes para eu processar de uma vez. Espuma, tara, aconchego, cama.

— Você sente também, não sente? — Sua máscara cai por um segundo quando olha para minhas pernas flutuando. Talvez esteja considerando a possibilidade de estar sozinho nessa. — Acho que a gente tem uma faísca interessante.

Olho para a palavra GIVE, escrita em sua pele para sempre. Ele é sempre tão corajoso. Vou tentar ser mais como ele.

Coloco a mão no queixo dele para levantar seu rosto para que eu o inspecione, e sua boca se abre de surpresa. Olho para seus lábios e seus dentes, que parecem afiados e de porcelana. A barba por fazer dá a sensação de que estou tocando areia molhada. Homens: tão animais, com pelos crescendo e barba. Disfarçar tudo isso deve exigir bastante esforço.

Decido dar a ele o que tanto deseja. Não é bem um segredo guardado a sete chaves.

— Teddy, você é tão bonito que chega a ser uma loucura.

Instantaneamente ele responde:

— Você é tão bonita que preciso comprar um apontador.

Ele olha para a minha boca e suas pupilas se dilatam, pretas como tinta, e tudo ao redor se torna difuso. Acho que vai me beijar. Acabei de voltar à ativa no mundo do romance e sou muito inexperiente, mas até eu sei disso.

Juro que vai. Alguns centímetros mais perto.

Não sou beijada há anos, e mesmo naquela época em geral os beijos eram sem língua. Não lembro como se beija, mas o Teddy sim. Parece que o tempo parou neste momento, com nossos joelhos se tocando. É como se ele se lembrasse de alguma coisa, despertando do encantamento. Agora flutuamos a uma distância respeitável um do outro.

Para disfarçar a mistura estranha de desapontamento e alívio que estou sentindo, digo:

— Sei que só está interessado no sofá e no cheddar. — Estou ficando cansada e afundo na água até o queixo.

— De acordo com a sua folhinha da Semana 1, da qual tirei uma cópia, que está agora no bolso da minha calça jeans, seu cara dos sonhos não tem nada a ver comigo. Você quer alguém que não vá embora. Maduro, generoso, com princípios.

Ele me oferece o punho solenemente; não verifico qual das mãos é. Apenas o acaricio, de maneira reconfortante.

— Não precisava ter sido tão palhaço, mas isso fez o dia delas valer a pena. Você acabou de fazer a diferença para um monte de gente. — Vejo

que está refletindo nas minhas palavras. — Você tem estado interessado no que acontece na minha cabeça, e isso significa mais do que posso dizer.

— O que está acontecendo aí? — Renata berra lá do banco. — O que falei para você, de maneira bem clara, Theodore Prescott? — Ela se levanta e caminha até a beira da piscina. Olho para o piso molhado com o coração na garganta.

Teddy olha de novo para mim, bem nos meus olhos.

— Não seduza a Ruthie se planeja ir embora, porque ela é um pequeno tesouro que deve ser protegido a todo custo.

Renata berra:

— Correto. E o que está fazendo neste exato instante?

— Estou explicando que não sou o tipo dela — responde com tranquilidade enquanto atravessa a água, se afastando de mim.

— É bom mesmo. Saia da piscina. Agora. — Renata diz isso em um tom que não pode ser desobedecido e, em um instante, Teddy está subindo a escada, me deixando para subir depois, em algum momento. Fora da água gelada, no chão seco, suo e tremo pelo resto da tarde.

CAPÍTULO DEZESSEIS

— **V**ocê fez bem — Melanie diz com a cabeça dentro do meu closet. — Seu primeiro questionário ficou excelente. Foi bem honesta sobre seu homem dos sonhos.

(Fui, é?)

— Obrigada, Mel. O seu parece ótimo também. — Estou sentada na minha cama, lendo a versão dela do questionário: edição trabalho dos sonhos. — Acho que o que estou vendo aqui é que não gosta de nenhum trabalho em que um dia seja igual ao outro.

— É. Começo a sentir que estou decaindo. — Ela joga algumas roupas na cama, ainda com os cabides. — Mas não tente me distrair. É de você que estamos falando. Que venha a Semana 2 do Método Sasaki.

Meu maiô está pendurado no trilho da cortina. Já faz três dias que está seco, mas não o guardei porque é um lembrete de que o que aconteceu entre mim e Teddy foi real.

Mudei quando pulei naquela piscina. Fiquei mais jovem.

Encharquei-me com algo que deixou minha pele mais sensível. Estou sem ar desde que nadamos juntos na mesma água e ele me disse palavras como *sublime*, *faísca*, *magnético*. Preciso andar pelada por alguns minutos para me recalibrar, mas, quando encosto em um botão ou no zíper, ele bate na porta, pedindo alguma coisa emprestada.

Uma faca, um garfo, um prato e uma frigideira, tudo foi parar na porta ao lado. Depois do jantar, ele se apropria de um pouquinho de detergente. Se inclina na porta, secando minhas coisas com meu pano de prato, me contando as tarefas ridículas que cumpriu para a Renata, e não consigo parar de encarar a ponta de suas botas na entrada da minha casa. Ele está criando um limite para nós. Quer dizer que precisa de um? Sinto um friozinho delicioso na barriga.

Sem pensar, conto à Melanie:

— O Teddy me fez duvidar desse projeto todo.

— Você acabou de dizer na minha cara que Teddy Prescott estava tentando fazê-la duvidar de mim e do meu Método? — Melanie atira um terninho de *tweed* na cama com violência. — Vai ouvir os conselhos de um criação?

Sou obrigada a defendê-lo.

— Está sendo um pouco dura.

— É a realidade. — Ela segura uma blusa e me olha bem séria. — Lembre-se, ele é um teste. Você precisa ficar firme e resistir ao impulso.

— Não tem impulso nenhum — começo a mentir, mas ela levanta a mão.

— Minha mãe diz que, em qualquer relacionamento, tem um adorador e um adorando. Um que ama, um que é amado. Vai precisar saber qual dos dois é você.

— Adorador. Ador-ando. — Pronuncio a palavra esquisita e inventada. Penso na minha mãe e no meu pai. É bem evidente. Ele nem dá presente no aniversário dela; quando ele faz aniversário, ela faz um bolo de três camadas. — Dar e tirar.

— Exato. Theodore Prescott está permanentemente à caça de uma adoradora. E vai tirar toda a adoração até não sobrar mais nada. Então, como uma enorme abelha, vai embora, *bzzz, bzzz, bzzz*…

Acho que Teddy concordaria, mas gostaria que ela parasse.

— Só para avisar, se estiver em casa, pode ouvir você do outro lado da parede. Ele diz "saúde" quando espirro.

Melanie faz um som de desdém, um *pffft*.

— Se ele estivesse em casa, estaria aqui agora, deitado na cama com a cabeça no seu colo, tentando fazer você notar quanto é bonito. — Ela reflete um pouco sobre o que acabou de dizer. — Ele vive para fazer você rir. Isso é uma situação direta.

Estou desesperada para conversar sobre essa situação com alguém. Essa é minha deixa?

— Queria saber se ele realmente está sendo sincero quando diz essas coisas para mim.

Como uma instrutora de caratê, Mel brada:

— Quem se importa. Ele não é seu tipo.

É o que ouvi dizer, da boca dele mesmo.

— Ele é… seu tipo?

(Quer dizer, qual é. Ele é o tipo de todo mundo. Menos o meu, ao que parece.)

Ela pensa por um momento, e acho que algo importante está sendo pesado. Se Melanie resolver que está a fim dele, vou ter que… não sei o quê, exatamente. Dar espaço? Mas não estou no caminho. Vou ter que cavar um buraco embaixo do limoeiro da Renata, com as minhas próprias mãos, e tentar enterrar esse encantamento a pelo menos meio metro de profundidade.

E eu faria isso, apesar da dor que me causaria. Mas só pela Mel.

Ela balança a cabeça.

— Ah, ele é maravilhoso, mas, no momento em que o vi, soube que na minha vida só tem espaço para uma princesa exigente. E sou eu. Estou procurando um adorador. — Ela passa os dedos no rabo de cavalo. — Teríamos muito ressentimento entre nós. Ei, o que é aquela moto velha e feia parada no quintal? Não posso imaginar que deixaria alguém vê-lo naquilo.

— Não deixe que a ouça. Ele chama essa moto de Garota dos Sonhos. — Ciúme de uma moto: um defeito pessoal que eu não esperava. — Ele a tirou de um depósito. É uma Indian 1939 que herdou do avô. Eles a reformaram antes de ele morrer, mas o Teddy precisa consertar algumas coisas. Tenho certeza de que, se começar a chover, vai colocá-la na sala. — Consulto a previsão do tempo no celular.

Ele está trabalhando nela porque disse que precisa se manter ocupado à noite. Manter-se fora do meu chalé. Ele disse isso para mim com tanta honestidade, os olhos brilhando.

— Você parece mesmo saber tudo sobre ele — Melanie observa enquanto continua julgando minhas roupas. A avaliação pode ser resumida em: não, eca, vovó, uhm, talvez, por quê.

— Ele me conta tudo. — Estou pensando no que ela disse. — Acha mesmo que Teddy é exigente? Considerando as necessidades dele, são bem básicas. Apenas ria de suas piadas, mantenha o contato visual quando estiver contando histórias para você e deixe-o comer o resto do macarrão que sobrou na geladeira.

— Falou como uma verdadeira adoradora. — Melanie cheira a axila do meu casaco de inverno, como se isso fosse uma coisa normal de se fazer. Ela confere a etiqueta de instruções de lavagem e o coloca na cama. — Não o deixe tirar tanto de você. Ele não tem vergonha.

— Ele pegou um fio de azeite emprestado ontem à noite. Não tenho ideia de como vou receber isso de volta. — Estou começando a achar que a vida

seria mais fácil se eu deixasse a porta da frente aberta. — Mas ele me dá coisas também, o tempo todo.

Mel me desafia, enfática:

— Tipo o quê?

Vai ser difícil impressioná-la com alguma das efemeridades com que Teddy me presenteia. Ele colhe dálias para mim na margem do lago. Claro, eu que as plantei, então elas meio que já são minhas, mas ele não sabe disso. Desenha corações com batom no casco das tartarugas que estão em reabilitação. Varre as folhas do quintal. Traz biscoitos de gengibre, ainda quentes do forno das Parloni.

O que mais gostei são os pequenos desenhos que fez para mim no verso de recibos e panfletos de restaurante. Entre o Supremo Havaiano e Mega-Amantes de Carne, desenhou uma garota em uma banheira.

"Vou criar a tatuagem perfeita para você, só está demorando um pouco."

Ele é um lindo gato preto, deixando penas e folhas de hera no meu capacho. Não tem me dado nada além de gentileza, amizade e os brilhos de diamante dos seus olhos de casco de tartaruga. No meu pequeno universo, me cobriu de riquezas.

— Ainda estou esperando me dizer pelo menos uma coisa que ele tenha dado para você. Algo que custe dinheiro em uma loja. — Quando hesito, Melanie ergue as mãos. — Ruthie, é por isso que me preocupo com você. É muito caridosa, e ele vai desaparecer antes do que a gente imagina.

Há um bolo de tristeza em meu estômago.

— Ele disse alguma coisa?

— Não, mas já sabemos como é sortudo. Conhecendo o Teddy, vai achar a quantia exata de que precisa para o estúdio de tatuagem em um saco de papel, na rua. — Melanie abre minha gaveta de roupas íntimas. Em seguida, a fecha balançando a cabeça, arrependida. — É importante que não o deixe magoá-la, Ruthie. Não se esqueça, a família dele está de olho neste lugar, e ele não vai fazer nada para ajudar.

Sinto a ansiedade me pinicando.

— Não sabemos se a CIP vai ser um problema.

— Eu li aquele fichário de notícias chatas sobre a CIP que você me deu eras atrás. Também encontrei uma entrevista com o Jerry na internet. Ele estava falando sobre aquela bobagem de "a vida é mudança" que soltou quando apareceu aqui. Pensei que estivesse só passando aquele papinho

motivacional de chefe velho e branco, mas ele de fato acredita nisso. Eles não compram terrenos para deixar do mesmo jeito.

Para manter a calma, pego uma blusa de seda da cama e a dobro com cuidado no meu colo.

— Mas o Providence é especial, e perfeitamente administrado. Eles vão ver.

— Trabalhei em vários lugares, e só não vê quem não quer. Este lugar vai mudar. Você pode ser despejada. Teddy vai embora, e eu também. Quer dizer, só vou estar a uma ligação de distância, e a gente vai continuar se vendo. Mas preciso assegurar que vá ficar bem. Porque sou sua adoradora.

No meu pequeno universo, nunca tive tanta sorte.

Antes que me dê conta, estou com a cabeça baixa, rezando. O velho reflexo geralmente aparece em momentos de egoísmo — *Por favor, Deus, me deixe encontrar uma boa vaga de estacionamento*. Mas agora estou sendo movida pela gratidão. Pela primeira vez em anos, estou agradecendo a Deus por ter me trazido essas duas pessoas. Não me importa se um dia vou ficar triste. Tenho tanta coisa boa.

A camisa de seda no meu colo tem alguns pontos úmidos agora.

— De acordo com o seu questionário, você quer alguém forte e maduro. Alguém que esteja do seu lado e que a apoie quando as coisas ficarem difíceis. É a sua vez de ser bem cuidada agora. Você merece.

Com a voz emocionada, dou um jeito de dizer:

— Talvez você possa estudar para ser terapeuta. — Faço uma anotação no questionário dela.

— Coloque na minha lista de possibilidades. — Ela cantarola durante alguns minutos, até aparentemente terminar com meu guarda-roupa. — Tudo bem. Essas são as que vamos manter.

Quando penso que posso respirar aliviada — a pilha em cima da cama é enorme —, ela aponta para trás, para as poucas peças que restam penduradas no closet.

— Mel, está me dizendo que não posso ficar com todas as minhas coisas? — Cada uma delas traz uma lembrança; um momento de triunfo quando encontrei cada uma das peças na arara do brechó. — Esta é uma camisa de seda pura. Tinha até a etiqueta.

Ela não dá a mínima.

— Vão todas voltar para o lugar onde as encontrou. Tudo aqui é apenas… velharia. Esses tons de marrom e creme não são as suas cores.

Sem ofensa.

Eu me ofendo sim com a forma como ela levanta com o dedo o cós de uma saia de tricô, como se fosse algo nojento.

— Não ganho o bastante para trocar meu guarda-roupa da noite para o dia. Posso dizer que cada peça em cima da cama foi uma boa compra.

— Você não tem nem jeans, né? Pode vestir isto hoje à noite — pega um vestido preto de velório e o segura no alto —, na sua atividade da segunda semana. — De maneira cerimoniosa, tira uma folha de dentro da pasta. Mas se detém. — O Teddy tentou bisbilhotar o Método Sasaki completo. Eu o peguei tentando fazer login no meu computador. Ele tentou usar a cartada do filho do chefe. Foi tão indigno. — Faz uma careta ao se lembrar. — Estava todo suado, tentando descobrir o que a gente vai fazer.

— Isso me lembra uma coisa. Sei que ele conseguiu com você uma cópia do meu primeiro questionário.

— Realmente não sei como isso aconteceu. Ele pediu para ler, falei para dar o fora. Então de repente tinha um Snickers gigante na minha frente. Aí ele sumiu. Tenho quase certeza de que ele é um mago ou um vampiro. — Ela se agita, tentando escapar da lembrança. Pobre menina.

— Tenho certeza de que ele voltou e encontrou você à tarde, também, quando é mais fraca. É difícil resistir a ele.

— Mas você resiste. — Ela pensa nisso por um momento. — É por isso que ele não para de te perseguir. Nunca foi desafiado antes. De agora em diante, vamos ser mais cuidadosas para que Teddy não sabote tudo.

Analiso o questionário novo, da Semana 2, praticamente vazio, com linhas para eu escrever. Olho para a Mel. Não tenho certeza se entendi qual é a ideia aqui.

— Tudo o que tenho que fazer é ir sentar em algum lugar sozinha por uma hora e preencher isto?

— Em um lugar frequentado por gente da sua idade. É isso mesmo. E, enquanto estiver lá, vai escrever sobre quem é Ruthie Midona. Quero te ver nessa folha de papel. Em um encontro, você precisa ser capaz de se descrever com rapidez e de maneira positiva. Como em uma entrevista de emprego.

— Você não preparou algum tipo de surpresa, né? Algum stripper vai chegar em mim?

Ela ri até ser obrigada a assoar o nariz.

— Vou deixar isso para a Semana 3.

— Sentar sozinha e preencher um questionário. — Pondero. Não sei aonde ir. — Sou mesmo tão lamentável assim?

— Você não é lamentável. Você tem problemas de ansiedade relacionados a deixar o Providence e é uma trancadora de portas. Sim, eu percebi, e não, não é algo de que se envergonhar. Você adora listas, então pensei que isso a distrairia. Mas ficar sozinha em um lugar diferente seria um empurrão suficiente para tirá-la da zona de conforto. Pensei muito nisso, e sei que consegue.

Ela está mesmo segura disso, olhando nos meus olhos, e sinto o mesmo alívio de quando recebi o primeiro questionário. Melanie preparou tudo isso especialmente para mim com tanto zelo.

— Sou muito grata por você usar o seu tempo… — tento começar a descrever meus sentimentos, mas ela apenas abana a mão como se minhas palavras fossem fumaça.

— Não se esqueça, você também vai me ajudar. O que eu faço? — Ela pega uma segunda cópia do questionário e me entrega.

Pego uma caneta e faço uma pequena alteração no enunciado.

— Gostaria de ler como você gostaria que sua vida fosse daqui a dez anos. Acho que, se soubermos aonde quer chegar, talvez tenhamos uma base para trabalhar.

— Dez anos — ela parece espantada. — Vou ter trinta e dois. Uma anciã. — Ela não tem olhado ao redor nos últimos tempos, se pensa assim.

— Tente pensar no lugar onde quer morar, que tipo de casa quer ter, se trabalha em tempo integral, meio período. Faça de conta que está sendo entrevistada dez anos no futuro e que querem conhecer você.

Ela assente e guarda a folha, com cuidado. Enquanto junta suas coisas para ir embora, diz:

— Vou dar um spoiler da semana que vem. Vamos comprar roupas no brechó, então deixe anotado no seu diário. Sexta-feira à noite. Vamos escolher algumas coisas mais adequadas à sua idade. Pode empacotar isso aqui, tá? Sem trapaças.

Ela vira e tira uma foto do que foi mantido. Conta os cabides. Nada lhe escapa.

— Sem trapaças. Prometo. — Fui completamente doutrinada no culto do Método Sasaki.

— Vou ter um rascunho do seu novo perfil pronto segunda-feira, se prepare. Vamos mexer com as emoções e ir pras cabeças. — Por sobre o

ombro, diz: — E, pelo amor de Deus, compre umas calcinhas novas.

Lá vai ela, e estou boquiaberta com o jeito como anda. Acho que ela sabe por instinto o que o Teddy me disse: *Andar como se você fosse a fodona.* Soa lindo. Com certeza. Só em sonho sou tão jovem como Melanie Sasaki.

Mas, com a ajuda dela, talvez eu possa voltar a ter vinte e cinco anos de novo. Ela se esforçou tanto para me ajudar, mais do que qualquer outra pessoa. Vou me aplicar nesse processo de autodescoberta; devo isso a ela. Com certeza não estaria me alertando sobre o Teddy com tanta veemência se ele não fosse um desastre no meu horizonte.

Volto para dentro, pego a folha que ela preencheu sobre carreiras e começo a pesquisar algumas, para fazer uma pequena lista. Assim posso ter alguma esperança de retribuir sua bondade.

CAPÍTULO DEZESSETE

Esse edifício tem uma lousa na porta com um prato desenhado à mão. Em cima dele tem uma bagunça de linhas de giz, alguns pedacinhos redondos de macarrão e uma salsicha fálica. Na parte de cima, em letras grandes, está escrito: VENHA E EXPERIMENTE NOSSAS FRANKENFRITAS.

Levou pouco mais de uma hora para chegar ao Boliche Memory Lanes. Isso soa mal quando você sabe que o boliche fica a tranquilos sete minutos do Providence, mas meu carro ficou surpreso em me ver e demorou para pegar.

Então tive que voltar para conferir a porta do meu chalé. Aí entrei no carro e aprovei a entrada de novos membros do fórum. Ouvi uma meditação de cinco minutos. Saí e dirigi de volta (duas vezes). Mas estou aqui agora, e considero esta noite uma vitória.

Recebo uma mensagem do Teddy: "Cadê vc? Tô solitário". Suspeito que ele esteja com fome. Antes que eu possa responder, ele começa a digitar compulsivamente, e as seguintes mensagens chegam no intervalo de um minuto:

- ✓ Minha Garota dos Sonhos 1939 não fala comigo
- ✓ Estou montando uma equipe de busca com cães farejadores
- ✓ Seu pequeno Tartarugamóvel não está aqui
- ✓ Você está em um encontro???
- ✓ Vou me afogar agora mesmo na minha banheira
- ✓ Atualização — vou me afogar na SUA banheira, que eu prefiro

Estou rindo no meu carro como uma boba. Qual era a pergunta que fez primeiro? Onde estou? Estou me sentindo sozinha sem ele, também. Antes que ele faça algo drástico, respondo: "Estou fazendo meu dever de casa". Mando uma foto da lousa.

Um bando de crianças passa por mim, correndo para dentro do boliche, rindo e dando gritinhos. Esse lugar foi uma escolha boa e segura. Não sou boa com selfies, mas dou um jeito de me enquadrar na fachada do boliche, que deve servir de prova para a Melanie. Estou até usando o vestido preto escolhido por ela, e o ar frio da noite é estranho aos meus braços descobertos.

— Identidade — o bartender grita com uma voz proibitiva quando chego ao topo da escada.

— Nossa. Tá bom — respondo e entrego. — Tenho vinte e cinco anos.

Ele confere, confere de novo, depois dá uma risada grosseira.

— Parece ter doze.

Bem melhor ser confundida com uma menina de doze anos do que com uma das Supergatas. Enquanto guardo meu documento na bolsa, por um momento penso em encher a cara. Talvez eu beba direto daquela garrafa com líquido verde ali. Vou deixar meu carro estacionado aqui e pedir um Uber pela primeira vez. Vou me arrastar até meu chalé atrás das tartarugas. Talvez elas devorem meu cadáver.

— Vou querer as Frankenfritas e uma Coca, por favor. — Testemunhem eu me soltando.

O bartender olha desconfiado para mim.

— Você sozinha? As Frankenfritas são para grupos. É uma porção bem grande.Também não fica bom para levar o resto para casa.

Tenho certeza absoluta de que o Teddy vai comer as sobras quando as levar para casa. Ele é como um abutre com os restos das Parloni. Coloco o dinheiro no balcão, e a transação está concluída.

Com meu copo de aspirina preta na mão, sentada no canto, tento me decidir. Devo me aproximar daquele grupo de homens ou daquele grupo de mulheres? Escolho as mulheres, acredito que contrariando o objetivo do Método Sasaki. O bartender não deveria ter se sentido tão mal por minha causa. Tenho dois grandes amigos. Eles só não estão aqui.

Ah, merda. Não mando mensagem para meus amigos do fórum faz… (passo o dedo na tela procurando o chat do grupo) nove dias. Eu os conheço há dez anos. Começo a digitar algumas frases, mas nada parece adequado. Como me desculpar por ter esquecido que existem? É com eles que vou ficar trocando memes de *Enviado do céu* quando Melanie e Teddy tiverem ido embora. Vou pensar em uma forma de explicar minha ausência quando chegar em casa.

Mas: eles não me escreveram também.

Pego o questionário. Tiro o lápis do estojo. Coloco os fones. Não é diferente de me sentar sozinha na biblioteca da escola. A folha tem uma fita enrolada na borda, bem fofa, e pego um lápis rosa para procrastinar. Com cuidado, à perfeição, pinto a fita enquanto penso no exercício que tenho diante de mim.

Quem sou eu, na verdade? Estou mudando, então é uma boa pergunta.

Gostei bastante de mim enquanto estava mergulhada até o pescoço na água clorada. Coloquei de lado toda a minha inexperiência e falta de jeito e apenas toquei o queixo de um homem lindo. Foi como uma fantasia, mas eu a vivi. Não ganhei o beijo, mas saber que ele queria é o bastante para mim.

Sinto o estofamento do banco se comprimir, olho para cima e Teddy está com os antebraços apoiados na mesa.Trouxe o caderno de desenho. Para olhos tristes e cansados, é uma visão e tanto. Quando tiro os fones, ele me diz, cheio de sentimento:

— Nunca vi algo tão lindo na minha vida inteira. — Enquanto registro as ondulações que essas palavras geram dentro de mim, vejo que ele está olhando por cima do meu ombro.

— Aqui está uma porção de Frankenfritas. — O bartender a coloca na mesa. — Teddy. E aí, cara? — (Claro que o Teddy conhece todo mundo.) — Quando vai se mudar para Fairchild? Tenho um amigo que precisa retocar uma tatoo antiga, vou mandar para você.

Teddy esfrega as mãos e diz olhando para o prato:

— Lá pelo Natal devo abrir a agenda. Talvez no Ano-Novo, para que eu tenha tempo de me ajeitar.

— Vou falar para ele. Aposto que não sabe, por ele ser tão tranqueira — o bartender me diz fazendo uma careta —, mas esse cara é o melhor no que faz. — Ele puxa a manga da camisa para me mostrar uma âncora naval antiga, muito bem detalhada.

— Sei que é. E ele não é tranqueira. — Os olhos do Teddy sorriem ante minha defesa indignada. Quando o bartender se afasta, digo: — Você sempre chega na hora da comida.

Teddy descansa os tornozelos junto aos meus.

— É surpreendente como sou sortudo. Olha só para você, fazendo lição de casa em uma sexta-feira à noite. Por que essa cara tão triste?

— Acabei de descobrir que não sou tão bonita quanto um prato de Frankenfritas. — Passo a mão no meu ombro nu e desço até o cotovelo

enquanto ele observa. — E me lembrei de que você vai embora.

Ele se desvia dessa questão e se concentra no que pode me dar: um belo elogio.

— Você é sublime — diz com veemência, e tenho aquela sensação de estar flutuando na piscina. — Você tem o tipo de pele que deixa os tatuadores acordados à noite. — Por trás do vapor saindo da comida quente, ele me contempla com um brilho nos olhos.

— Acho que uma tela completamente em branco deve ser interessante. — Sinto-me mais ousada. — Se algum dia eu decidir fazer alguma loucura e você finalmente fizer o desenho perfeito para mim…

— Não poderia fazer isso com você. Seria como tatuar um pêssego. — Sem prestar atenção ao que está fazendo, enfia na boca as batatas cobertas com macarrão claramente fervendo. Má ideia. Agora está tentando aguentar, cobrindo a boca com as mãos, os olhos faiscando em tons de verde e marrom. Marejados.

Encontro um lenço na minha bolsa.

— Mas você já tatuou outras garotas. Acha que não combinaria comigo? — Ele balança a cabeça, determinado. — Teria que fazer em algum lugar secreto, para que meus pais não descobrissem.

Ele engole com dificuldade.

— Um lugar secreto. — Exala o vapor quente.

— Nem falei para você o que quero. — Espero até que suas sobrancelhas se movam. — Quero o logo de *Enviado do céu*. — Agora ele está rindo e voltando a se concentrar no prato. — Teddy, se ao menos pudesse se controlar… — Uso meu garfo e pego uma única batata frita do monte e a assopro.

Ele se inclina e a abocanha do meu garfo, claro.

— Esqueci, dividimos tudo. — Estou sendo sarcástica, mas ele apenas sorri, todo satisfeito.

— Agora você está começando a entender. — Ele dá uma bela golada no meu copo. Aparentemente, dividimos até mesmo os canudos.

— Se estivesse em um encontro, eu poderia ter minha própria bebida?

Ele percebe o que fez.

— Desculpe, comecei a devorar tudo, como sempre. Acho que tenho algum dinheiro… — começa a vasculhar a carteira.

Balanço a cabeça.

— Continue guardando esse dinheiro. Está indo mesmo muito bem. — Tento pegar outra batata, mas está cheia de molho e pinga na mesa, quase acertando meu questionário. — Isto aqui, por outro lado, não vai nem um pouco bem.

— Ontem à noite, sonhei que paguei minha parte da sociedade ao Alistair, uma semana antes do prazo. Acha que é um sinal?

Já ouvi o bastante sobre os sonhos dele para saber que as coisas ficam estranhas bem rápido.

— E depois, o que houve?

— Sabia que era um sonho porque ele me deu minha cópia da chave da frente e era do tamanho de uma prancha de surfe. Acordei tentando fazê-la caber no meu bolso e minha cueca estava nos meus joelhos.

Rio, não obstante pensar em chaves e fechaduras me distraia. O alívio de ter alguma companhia me deixou mais ousada. Me senti melhor sobre me ausentar do Providence por saber que o Teddy ficaria. Sei que não preciso estar lá dia e noite. Apenas me sinto mais confortável quando estou.

— Não tenho certeza de se minha lição de casa vai valer agora. Ela diz especificamente que eu devo me sentar sozinha.

Teddy já deve ter comido um quarto do prato com os dedos.

— Ela nunca vai saber. — Ele está com uma folha em branco diante de si, escrevendo meu nome no topo, com letras estilizadas e elegantes. — Vou ajudar. Me conte tudo sobre você e eu escrevo. Comece do começo. Ruthie Maree Midona nasceu à… meia-noite. Ou meio-dia. Estou perto?

Começo a juntar meus lápis.

Ele suspira.

— Se o negócio é sério, eu vou embora. É que senti tanto a sua falta. Cheguei em casa e suas janelas estavam escuras. Fiz o caminho da sua ronda. Fui até o seu pequeno mirante, perto das lixeiras, onde gosta de olhar as luzes da cidade.

Estou um tanto perturbada.

— Anda me seguindo?

— Aí recebi sua mensagem. Lembrei de um grupinho de quatro caras meio suspeitos que costumam ficar por aqui bebendo a tarde toda, e entrei em pânico com a ideia de que eles poderiam colocar Boa Noite Cinderela na sua Coca-Cola. Por isso vim tão rápido. — Pega meu copo e bebe de novo.

— Ainda bem que não colocaram, senão estaríamos os dois inconscientes.

— Fico preocupado com você por aí, solta no mundo, toda boazinha. O mundo lá fora é horrível. — Ele fica em silêncio e ouvimos bolas de boliche atingindo pinos e o grito de alegria de uma criança. Perto das pistas tem um bolo com velinhas acesas e pessoas cantando parabéns.

— O mundo lá fora não é horrível. — Não consigo evitar sorrir. Como poderia ser horrível, quando há comida esquisita e crianças felizes, e as pernas do Teddy entrelaçadas nas minhas embaixo da mesa? — Acho que tem ficado tempo demais no Providence para pensar assim.

Ele abre o caderno de desenho e começa a se servir do meu estojo.

— Estou tão feliz que não tenha ido encontrar alguém — declara, todo contente.

Posso ser altruísta e encorajá-lo a cada passo conforme economiza para sua parte no estúdio, mas ele não vai fazer isso por mim e meus objetivos.

— Em algum momento, em breve, vou estar em um jantar romântico à luz de velas. Enquanto isso, você vai estar no seu próprio estúdio, tatuando *Viver Rir Amar* nas costas de uma garota em Comic Sans.

— É a coisa mais degradante que poderia me dizer — responde com desgosto.

Tento mais uma batata frita; finalmente esse vulcão de comida parece seguro o bastante para comer. Levanto o garfo. Seus protestos cessam e ele se inclina como se estivesse na expectativa de algo.

Essa mistura deveria ser desagradável. Mas cada garfada é um prisma de sal e sabor, as texturas alternando entre crocante e aveludado. O macarrão luxuriante, quase derretendo, se mescla com o molho. Os pedaços da salsicha defumada trazem flashbacks da infância.

Não sei quanto tempo fiquei nesse transe. Tudo o que sei é que nada neste mundo parece tão ruim quando estou comendo carboidratos e gordura. Tudo vai dar certo, por causa do queijo. Toda vez que olho para cima, ele está sorrindo para mim, as bochechas repousando nos punhos. As sardas espalhadas em seu nariz são como canela com açúcar. Estou em um sonho delicioso. Ele tem uma aura de luz branca ao redor da cabeça.

É possível que esteja tendo um derrame em decorrência da comida. Raspo um pouco mais.

— O que está acontecendo comigo? — Sinto uma linha úmida no meu rosto; é uma lágrima.

— Meu anjo, isso é o céu servido em um prato. Falei para você. — Ele não pegou nem uma batata, nem traçou uma linha sequer durante meu ataque de gula sem fim. — Quando você curte, curte mesmo.

Deveria trabalhar um pouco. Fuço nos meus materiais.

— Na verdade, acho que preciso desse lápis de volta. É o único que trouxe. Tenho que poder apagar, se precisar.

Ele começa a rascunhar, rejeitando meu pedido.

— Acho que precisa escrever à tinta. Sabe quem você é. Aliás, obrigado pelo pesadelo que vou ter com o *Viver Rir Amar* hoje à noite. Você vai me ouvir chorar do outro lado da parede. — Ele me olha com curiosidade depois desanda a rir. — Você sabe que é muito engraçada, né? Tudo o que diz é tão preciso.

Estou surpresa e quero mudar de assunto.

— Ah, obrigada. Então, foi você mesmo que fez o desenho de todas as suas tatuagens?

— Acha que outra pessoa participou do meu design? Não reconhece o talento quando aparece na sua frente? — Faz uma careta. — Desenhei, o Alistair tatuou. Quando estava puto comigo, aplicava mais pressão. Então o processo todo foi uma agonia. — Há verdade nessa piada.

— Elas têm algum significado? — Ele apenas sorri. — Quantas você tem? — A pergunta escapa antes que possa me controlar. Quantas garotas já fizeram essa pergunta? Logo recebo a resposta.

— Não sei. Pode contar para mim, se quiser. — (Insira aqui as sobrancelhas, os olhos brilhantes, o sorriso pecaminoso, meu coração batendo mais rápido etc.) Ele abre a boca para comer mais batatas. Mastigando, diz: — Garotas Certinhas como você gostam de ser boas e organizadas, né? — Ele pega minha mão e começa a tocar o próprio braço com meu indicador: — Uma, duas…

Quero continuar e tenho que disfarçar.

— Muito sedutor, com a boca cheia de comida mastigada. Me segura. — É intensamente gratificante fazê-lo rir desse jeito.

— Quer ajuda com o questionário? Vou escrever tudo sobre você. Vamos voltar à hora em que nasceu. Estudou o que na faculdade? — Ele corrige a postura, pronto para começar.

Meu sorriso se desfaz.

— Meus pais não tinham condições de me mandar para uma faculdade. Fiz um curso de administração.

— Devem ter rolado umas festas bem doidas.

— Foi uma longa orgia. — Tenho sorte de ele não estar bebendo, porque teria esguichado tudo em mim. — Com vinte anos, era a mais nova, com certeza.

— Que pervertida.

Percebo uma mulher no bar, olhando para nós. Bem, está olhando para o Teddy. Acho que vou ter que me acostumar, mas não posso dizer que isso me agrada.

— A maior parte das pessoas estava se retreinando para mudar de carreira. Por fim pude relaxar. — Falei demais, e a memória quase pega em um nervo. Empurro o prato para o Teddy. — Aqui, coma mais.

Ele não vai se deixar distrair.

— Por que pôde relaxar?

— Me sinto mais à vontade com gente mais velha, só isso. — Cruzo os dedos quando ele apenas fica parado me encarando, querendo mais. — Sofri muito bullying na escola, obviamente. Mas, estando em uma sala de adultos, me senti segura de novo.

— Por isso foi parar no Providence? Gente idosa não pode magoar você? — Ele reflete por um momento. — Isso não é verdade. A Renata não tem força nem para usar um moedor de pimenta, mas também é mais letal que um lutador de MMA. Tenho estudado com interesse científico a velhinha.

— Meus pais conheciam a minha chefe, Sylvia, da igreja. Sabe a história das mulheres sendo enviadas para trabalhar como governantas, no século XIX? Foi mais ou menos assim comigo. Não me inscrevi; eles só me mandaram para cá. Realmente preciso ver como reformular isso quando for contar para algum cara, em um encontro.

Olho de novo para o bar. A garota ainda está nos olhando. Acho que conhece o Teddy.

Ele está um pouco indignado.

— Você descreveu muito bem. Por que precisa reformular?

— É o objetivo do exercício. É uma preparação para a entrevista.

— Acho que poderia dizer que usou seus contatos para conseguir o trabalho — sugere. — A Sylvia parece ser bem caxias. Ela não te contrataria se fosse uma inútil.

— Acho que tem razão — admito. — Sou muito boa no meu trabalho. Por favor, mencione isso para o seu pai quando conversar com ele.

— Sou bom no meu trabalho também. Meu trabalho de verdade, não aquele em que compro agasalhos Gucci na internet, tamanho extra-extra-extra pequeno. Poderia dizer para o Alistair? Preciso encontrar uma forma de deixá-lo impressionado da próxima vez que o vir. Digamos que eu não estava muito envolvido no lado empresarial do estúdio aqui. Alguma boa ideia, Anjo da Administração?

— Parece que vai ter de contratar gente e ser o chefe. Está pronto para isso?

Ele parece envergonhado.

— Bem, não estou interessado em ser um "chefe", mas quero juntar uma boa equipe.

— Vocês mantêm um cadastro dos clientes? — Observo enquanto ele pensa. Não faço ideia do que esse tipo de negócio envolve, mas eu tento. — Se alguém precisasse voltar várias vezes para aplicar mais cor, como você registraria o quanto falta para a pessoa pagar, ou o quanto de trabalho já foi feito em relação ao preço total?

— Apenas escrevemos no livro.

— E quanto aos agendamentos?

— O livro.

— Folha de pagamentos? Dados dos clientes?

— Acho que sabe a resposta.

— O Anjo da Administração recomenda que deixe o Alistair de queixo caído adotando um pacote de softwares. Algo que mande mensagens de texto para os clientes avisando sobre o agendamento, coisas assim. Talvez os dois endereços possam ser incluídos no mesmo sistema, de modo que possam ver a receita semanal de cada um. Algo que lide com a folha de pagamentos e os impostos. Ele pode dizer que o livro é mais barato, mas pelo menos você fez uma sugestão.

— Anjo… — Ele suspira e, antes que possa concluir o pensamento, a mulher que estava olhando de sua banqueta no bar vem até a nossa mesa. Ela tem algo a dizer. Conforme se aproxima, tanto o Teddy como eu notamos uma coisa, exatamente ao mesmo tempo, a julgar pelo susto que ele leva.

Ela está muito, muito grávida.

CAPÍTULO DEZOITO

— **T**eddy? Teddy Prescott — a mulher diz, passando a mão na barriga. — Estou procurando você faz tanto tempo.

A expressão dele transita por negação, ira, barganha, depressão e aceitação. Ele suspira, fazendo que sim com a cabeça e mentalmente escolhendo cadeirinhas de bebê quando ela irrompe em gargalhadas.

— Ah, qual é. Ficamos juntos seis anos atrás. Sinto muito assustar você.

Ele esconde a cabeça nos braços cruzados e morre. Para mim, ela sussurra:

— Não sinto, não.

Sinto como se tivesse perdido seis anos da minha expectativa de vida.

— Credo, aprenda a usar um calendário.

Teddy levanta a cabeça e tenta se recuperar.

— Anna. Como vai? O que está fazendo aqui? — Ele a encara e depois pisca, fascinado e horrorizado com a enorme protuberância por baixo das roupas agarradas. — Precisa de carona para o hospital? Quantos bebês tem aí? — Ele examina o chão para ver se a bolsa estourou. Ouço o barulho de suas botas raspando o chão.

Ela conta nos dedos conforme responde:

— Ainda não estou em trabalho de parto, mas meu marido vai me levar quando eu estiver. Um bebê. E meu nome é Brianna, não Anna.

— Desculpe. Sabe como sou com nomes.

— Sei como você é. — Brianna parece um pouco triste agora. De lado, para mim, acrescenta: — Mas nunca pensei que fosse esquecer meu nome. Acho que algumas pessoas nunca mudam.

Começo a deslizar no banco, desesperada para fugir.

— Gostaria de se sentar?

— Obrigada, mas não. Só queria dizer oi. — Ela olha de relance para a bagunça infantil na nossa mesa, distraída por um momento. Sei que está estimando minha idade; é só o que as pessoas fazem comigo, aparentemente.

Tento aliviar o clima tenso.

— Estou ensinando o Teddy a ler, o pobrezinho nunca aprendeu. — Os dois soltam um grasnido de surpresa idêntico. — Ele está começando um negócio e procurou os meus serviços.

— Você é uma boa moça, oferecendo seu tempo assim. Ele não aprende rápido — Brianna diz com um sorriso malicioso, que se desfaz. — Não está *com* ele, está?

Imagine só poder dizer que sim.

— Não, claro que não.

— Ah, bom. Ele vai sumir para sempre, de uma hora para outra, e esquecer seu nome. Pelo menos essa foi a minha experiência.

No antebraço dela há um passarinho azul que reconheço como trabalho do Teddy. O que é essa punhalada na parte mais carnuda da minha caixa torácica? Qual é o sentido de ter ciúme agora? Tem garotas andando por toda parte com a arte dele no corpo. Mas não sou uma delas.

— Ele é uma companhia legal, mas, quando vai embora, é para valer. E não vale a pena ficar com saudades. Prazer em conhecê-la. Adeus, Teddy. — Ela vai embora e, quando chega à escada, seu marido sobe correndo e a ampara enquanto ela desce, devagar e desajeitada.

O gesto é tão amoroso e gentil que minha garganta se aperta de emoção.

Imagine ter alguém com tanto medo de que eu caia. Eu realmente amaria ter algo assim. Teddy vai tentar fazer uma cara de que está tudo bem, mas obviamente isso o afetou. Ele não levanta os olhos. Está rabiscando um ponto do caderno com o lápis, quase rasgando a página.

— Você está bem?

— Foi melhor que de costume — diz, com um otimismo fingido. — Ela não despejou bebida na minha cabeça nem me deu um tapa.

— O que ela acabou de dizer foi injusto? — Observo enquanto ele pensa, balançando a cabeça em seguida. — Com quantas garotas fez isso? — Quero dizer, *desapontar* e *magoar* e *abandonar*. Ele entende exatamente. Antes mesmo que abra a boca, sei qual vai ser a resposta, porque os olhos dele confessam.

— Todas elas. É como minha mãe diz. Nada dura para sempre.

— Me fale sobre ela. Sua mãe.

— Ela é muito bonita, com um cabelo melhor que o meu. Parece impossível, né? — tenta brincar, mas não sorrio. — O nome dela é Ruby.

Ruby… — faz uma pausa para pensar. — Hardiman. Grant. Não, ela é Ruby Murphy agora. Estranho não saber o nome da própria mãe.

— Quantas vezes ela se casou?

— Às vezes, nem tenho tempo de buscar meu terno na lavanderia para o próximo casamento. Seis vezes. E, como descobriu esta noite, sou bem parecido com ela.

Os olhos dele buscam os meus.

— Sabe que vou embora, certo? E não vai tentar me deter?

— Claro que não. Porque vai ser o gerente do seu próprio estúdio. E, um dia, vou dirigir até lá para fazer a minha tatuagem. Todo mundo tem, menos eu. Brianna tinha um pássaro azul seu.

Ele parece surpreso.

— Como sabe que era meu?

— Reconheço um talento quando o vejo. — Ele sorri, e sorrio junto. — Eu reconheceria você em qualquer lugar, Theodore Prescott.

— Se o estúdio não der certo para mim, não sei o que vou fazer — confessa em um sussurro. — Estou a milhares de dólares do que preciso. Alistair está falando em procurar lojas para alugar, e sei que ele acha que não vou conseguir ir junto.

Meu celular nos interrompe e o que aparece na tela faz com que olhemos um para o outro em pânico.

— São as Parloni. Alô? O que houve?

É a Renata. Ela grita, tentando sobrepor a voz a um barulho alto.

— Ruthie, o que é esse maldito barulho? — Ao fundo, ouço uma sirene distante. — Estamos todas surdas e semimortas, e mesmo assim esse negócio está conseguindo nos deixar acordadas. Metade da velharada está fora de casa pensando se não são os bombeiros.

Dou-me conta do que é o barulho.

— O alarme do escritório disparou.

Renata diz:

— Bem, então vá arrumar. Não sei como não está ouvindo. Não consigo falar com Theodore. Não tenho ninguém aqui para dar um jeito nesse barulho. Não é pedir muito, é? Paz e silêncio? Sabe quanto pagamos para morar aqui? — Ela dá um grito de frustração.

— Desculpe. Estarei aí em cinco minutos. Por favor, não diga para a Sylvia. Tenho certeza de que tranquei a porta. Absoluta.

— Deve ter disparado sozinho. Não tem nada para roubar no escritório. — Teddy acha que está ajudando, mas essas palavras congelam a comida no meu estômago. Estou suando. Me sinto como um animal, nada além de reações instintivas. Ele tenta pegar minha mão, mas me afasto.

— Vamos juntos — diz, mas é lento demais. É uma pessoa que nunca está com pressa. Não tem serventia para mim. — Ruthie, espere por mim.

Já estou correndo escada abaixo, a mão deslizando pelo corrimão. Se eu cair, eu me seguro. Não penso nele enquanto corro para o meu carro. Na verdade, não tenho pensamento nenhum.

Dirijo para casa como se a Brianna estivesse em trabalho de parto no banco de trás. Vou correndo até o escritório, que chora como um bebê. Tropeço ao tentar desviar de uma tartaruga. Por um instante me vejo de cima e essa corrida frenética, como um moinho com pernas, é triste de ver. Agora começam a se misturar a este momento minhas lembranças de quando tinha dezesseis anos e era irresponsável, distraída com um garoto.

O alarme disparou, mas não consigo ouvir outra coisa além das batidas do meu coração.

Minha mão agarra a maçaneta e é só quando começo a sentir dor que percebo que a porta está trancada. Derrubo minhas chaves duas vezes, destranco a porta, caio para dentro, desarmo o alarme e me sento na mesa da Melanie. Em seguida, tenho um ataque de pânico, chiando e gritando.

— O que aconteceu? — Teddy diz da porta. No fim das contas, ele consegue ter pressa quando quer. — Estava trancado? — Pergunta isso como se realmente me conhecesse. — Respire, respire. — Ele me leva até a cadeira da Mel e me faz pôr a cabeça entre os joelhos. Puxo o ar como se minhas vias aéreas tivessem se transformado em uma via de sentido único.

Não sei o que me diz em seguida, mas, em meio à escuridão, de algum modo, ele me ajuda a soltar o ar, enfim.

Quando consigo, respondo:

— Sim, estava trancado. Não aconteceu nada. O alarme disparou sozinho. — Relaxo um pouco. Por que ele tinha de me seguir? O último cara que testemunhou um surto como esse foi o Adam. Cada vez que olhava para mim, a lembrança ficava estampada nos olhos dele. Sei que isto aqui não é nada atraente.

Quando Teddy se ajoelha entre os meus pés e abre os braços, desabo sobre ele. O cheiro do corpo que atravessa a camiseta me é familiar agora. Isso é por causa de todo o tempo que ele tem ficado na minha porta, me

seguindo por aí, reparando e fazendo perguntas sobre tudo o que eu faço. Parte do seu cheiro delicioso já aderiu na almofada do sofá. Meu cachecol tem o cheiro dele, meu travesseiro, meu banheiro inteiro…

Espere aí.

— Você tem usado meu xampu? Isso é roubo. Está explicado por que seu cabelo tem estado ainda mais brilhante ultimamente.

Ele recua e não se deixa distrair.

— Pode me dizer o que aconteceu? — não está falando de agora. Está falando do que aconteceu anos atrás. — A maioria das pessoas não confere toda porta como você.

— Como diabos você roubou xampu sem eu perceber? — Me afasto até as rodinhas da cadeira começarem a rolar. — Gostaria de ter falado com a Brianna um pouco mais, para descobrir se você sempre foi assim. Se quiser alguma coisa, basta pedir.

— O que eu quero é saber essa história que está consumindo você. — As mãos dele puxam a cadeira de volta. — Um alarme disparar e estragar sua noite é irritante, mas não o fim do mundo. Mas pareceu que era, para você. Pode me contar.

Respiro fundo. Faz anos desde que falei sobre isso em voz alta pela última vez.

— Quando eu tinha dezesseis anos, aprendi a importância da segurança. Só isso.

Ele balança a cabeça.

— Isso é tudo? Acho que não.

Nunca ninguém me perguntou sobre isso, então não sei por onde começar. Pelo começo, talvez?

— Quando eu tinha dezesseis anos, nossa igreja fez um evento enorme para arrecadar fundos para… alguma coisa. Um furacão, ou um terremoto. Foi um evento bem importante. A rádio local estava lá. Teve jogos, uma apresentação, um concurso de quem comia mais tortas, os trabalhos. Foi mesmo muito bacana. Como um episódio de *Enviado do céu*.

— Posso imaginar. Só para informar, imagino seu pai como o Pastor Pierce.

Sorrio relutantemente.

— Quem dera. De qualquer forma, meu namorado, Adam, estava lá também. Pensei que estava apaixonada. Ele havia ido para uma escola diferente, e poder passar o dia juntos foi um presente. Sob observação dos

pais dele e dos meus, claro. — Quando penso naquele dia, só consigo me lembrar da cor da polo do Adam e do fedor de sangue queimado que vinha das churrasqueiras. — Nossos pais aprovavam o relacionamento. Estava tudo perfeito.

Teddy começa a fazer uma careta.

— Odeio a parte da história em que as coisas dão errado para você. Mas está chegando. — Ele se aproxima, de joelhos. — Essa é a parte dolorosa, não é?

Respiro fundo.

— Tinha um leilão de caridade, do qual viria a maior parte do dinheiro. No fim do dia, contamos dez mil dólares. Era uma quantia enorme, mais do que imaginávamos, e em dinheiro. As pessoas foram realmente generosas. Dez mil dólares. Meu pai pediu que eu guardasse o dinheiro no escritório.

— Ah. — Há uma nota de fatalidade na voz do Teddy. — Merda.

Falar sobre isso só parece possível porque Teddy é um excelente ouvinte. É o que sempre gostei mais nele. Sua expressão está sempre mudando conforme eu falo. Se suaviza com simpatia ou se aperta de preocupação, os olhos se acendam com a surpresa, ou sua testa endurece diante de um ultraje. A maneira como me escuta faz com que seja possível eu falar sobre o momento em que perdi a autoconfiança e a fé.

— Levei o dinheiro até o escritório. Estava conversando com o Adam enquanto colocava na gaveta da mesa do meu pai. O dinheiro foi roubado no comecinho da noite, acredito que enquanto estávamos comendo as sobras do churrasco.

Teddy parece chateado.

— O que a polícia disse?

— Meus pais não chamaram. Era humilhante demais admitir para todo mundo que aquela enorme arrecadação de fundos foi em vão, porque a filha deles não trancou a porta. Não houve arrombamento.

— Ruthie — diz com tanta simpatia.

— Meu pai estava tão furioso. Disse que eu estava ocupada demais comigo mesma e com um garoto para fazer a única coisa que havia me pedido. Dez mil dólares. Levados embora.

— O único culpado é a pessoa que roubou o dinheiro.

— A última coisa ruim a acontecer foi que meus pais usaram o pouco que havia para a faculdade para cobrir a quantia roubada. Eles conversaram por um longo tempo, considerando cobrir o valor total. Mas não era lição

suficiente. Meu pai me fez ficar diante de todo mundo no domingo e explicar minha falta de cuidado. E que abria mão do meu sonho de ser veterinária para consertar as coisas.

— Isso é uma palhaçada total. — Teddy fervilha de raiva. Parece um demônio, ajoelhado aos meus pés.

Fico surpresa com o quanto está enfurecido.

— Por que está bravo? Eu mereci.

— Eles deviam ter apoiado você. Se disse que trancou a porta, é porque trancou.

— Mas não tranquei. Não consigo lembrar. É uma lacuna na minha memória. E jurei para mim que nunca mais me sentiria daquele jeito. Dali em diante, criei rotinas e check-lists para mim. Gostaria que você e a Melanie não tivessem percebido.

— E o Adam? Ele apoiou você? — Os olhos do Teddy se estreitam enquanto fala. — Sua mãe? Ela acreditou, né? — Silêncio. — Você poderia ter sido veterinária, mas em vez disso o dinheiro da sua faculdade foi gasto com um furacão. Não consigo acreditar em tudo de que deve ter aberto mão ao longo dos anos.

— Eu não era iludida; não achava que realmente seria veterinária um dia, mas talvez enfermeira veterinária? Quando o saldo da conta foi para zero, todos soubemos que não ia rolar. Mas a pior parte é que meu pai podia perdoar todo mundo naquela congregação, mas não a filha. Ele perdeu a fé em mim, e eu perdi a fé em Deus.

Teddy se inclina para trás, para ver melhor meu rosto.

— Acho que preciso sair e dar um soco em alguma coisa. Ruthie, vou lhe dizer uma coisa, e precisa acreditar em mim, tudo bem? Está pronta? — Faço que sim com a cabeça. — O que aconteceu com você foi uma merda e eu sinto muito. E quero que saiba que é hora de deixar isso para trás. — Ele analisa meu rosto e decide arriscar. — Tem uma terapeuta com quem falo de vez em quando. Posso passar o contato dela.

Tenho uma sensação de catarse no meu peito. Seco meus olhos.

— Então é por isso que você é tão bom ouvinte?

— Sou? — Ele parece confuso. — Não pensei que fosse.

— Você é o melhor ouvinte que já conheci. — Passo a mão pelo cabelo dele, admirando o brilho vítreo que meu xampu lhe conferiu. — Já pensei algumas vezes em falar com alguém sobre minha saúde mental. Por que vai a uma terapeuta?

— Para lidar com o fato de ter um cabelo tão foda assim. — Ele fica de pé e me ajuda a levantar. — Reinicie o alarme. Vou trancar a porta. — Fazemos isso, e só quando estamos subindo a colina me dou conta de que estamos de mãos dadas e que ele desviou da minha pergunta séria fazendo uma piadinha.

— Podemos falar sobre por que faz terapia?

Dessa vez, Teddy desvia de uma tartaruga.

— Quero que saiba que sempre estarei do seu lado. Mesmo quando estiver em Fairchild, é só me ligar, tá bom? — Ele está fazendo uma voz animada e isso faz com que me sinta pior. Ele simplesmente me desmontou inteira e ficou sabendo do pior momento da minha vida. E não vai me dar nada em troca. Mas não posso forçá-lo.

— Gostaria que confiasse em mim como confio em você.

— Não sou um cara em quem deva confiar. Pensei que a Brianna tivesse explicado isso.

Eu o arrasto até o nosso quintal. Lá está a Garota dos Sonhos, no escuro, onde ele a desmontou também.

— Vou poder dar uma volta antes de ir embora? Como vai levar duas motos, de qualquer forma?

— Com certeza vou levar você para dar uma volta, prometo. — Ele usa minha chave e abre minha porta, me coloca no sofá e acende as luzes. Agora está na cozinha, como se fosse dele, pegando minha caneca preferida.

— Uhmm. Chá de camomila ou chocolate quente? — Ele olha para mim. — O que está esperando? Está na hora de *Enviado do céu.*

Enquanto arruma o travesseiro torto atrás das minhas costas e me entrega a caneca fumegante, penso que com certeza é essa a sensação de ser adorada.

— Desculpe ter roubado seu xampu — diz enquanto aperta o *play* no episódio. — Suponho que não poderia ter uma chave reserva? Gostaria muito de tomar um banho na sua banheira, com as velas acesas. É algo que quero fazer antes de ir embora.

Depois de tudo que compartilhei esta noite, esse pequeno pedido já é alguma coisa.

— Claro.

CAPÍTULO DEZENOVE

— **T**udo de que precisamos agora é uma foto deslumbrante e estamos prontas para publicar seu perfil — Melanie me conta. — Aqui, coloque isso. E isso, isso, isso. — Ela joga cosméticos aleatórios na minha cabeça através do escritório. — Isso, isso, isso.

Abaixo os braços quando é seguro.

— Está esquecendo. Não fazemos isso durante o expediente. — Levanto da minha cadeira para coletar a maquiagem, mas estou tão travada que não consigo endireitar as costas. — Ai, minha coluna. — Meus óculos balançam na correntinha e batem no meu rosto.

— Sua vovozinha — diz, com afeto. — Se não tomar cuidado, vou usar uma foto da sua bunda, inclinada assim. Ia receber um monte de mensagens dos esquisitões.

— Vou matar… — agacho e pego do chão um batom — você… — um blush — Melanie Sasaki. — Delineador. Curvador de cílios. Ela joga até um pincel para maquiagem. Endireito-me com dificuldade. — Juro, sinto nas minhas juntas quando uma tempestade se aproxima.

— Você está envelhecendo rápido a cada dia. Na sexta semana vou ter que tingir de castanho seus cabelos brancos. Preciso tirar você daqui antes de eu ir embora. — Ela pega a garrafa enorme de suco verde-pálido da mesa e toma um longo gole. Já sei, pelos seus goles anteriores, que tem gosto de aipo com diarreia. É quarta-feira e o terceiro dia da limpeza da Mel. Estou desesperada para que a determinação dela falhe. Mas, mesmo quando reclama ou conta detalhes desnecessários, me faz rir.

Uma vez pensei que não aguentaria ficar no mesmo espaço que ela até a hora do almoço sem gritar, mas agora o tempo está passando rápido demais.

— O fim do seu contrato é daqui a um mês.Tão pouco tempo.

— A agência de trabalhos temporários já está mandando novas vagas para eu dar uma olhada. Acham que vou topar qualquer coisa. Geralmente topo, mas estou cansada. Espero que a gente consiga pensar no meu trabalho dos sonhos até lá.

Faço a seguinte pergunta, mesmo sabendo qual vai ser a resposta:

— Consideraria trabalhar para as Parloni?

Ela me olha com *aquela* cara.

— Nossa, me odeia mesmo, hein? Sabe o que fizeram o Teddy fazer ontem, na hora do almoço? Pediram McDonalds e ele teve de empratar como se fosse em um restaurante cinco estrelas. — Ela procura no celular. — Olha só essa doideira.

Ele cortou os Big Macs em pequenas fatias. Elas estão colocadas de lado, junto a uma pilha de batatas estilo torre Jenga, um nugget e uma mancha artística de molho agridoce. Não posso dizer à Mel que já vi essa foto, enquanto Teddy estava deitado no meu sofá com a cabeça em uma almofada. Uma almofada que estava no meu colo.

Desde o meu surto durante o alarme falso, na sexta-feira passada, Teddy deixou de tentar se afastar do meu chalé. Não fica mais parado na porta; em vez disso, tem aproveitado de corpo e alma a minha hospitalidade, e digo isso literalmente. Tem se afundado de corpo e alma na minha banheira, cantando "Wonderwall" por trás da porta destrancada. Melanie teria uma hemorragia nasal se soubesse. De fato não sei como aconteceu, então não seria capaz de explicar.

Ele não fez com que me sentisse um lixo por ter surtado e tem me acompanhado em todas as minhas rondas noturnas. Lava os pratos e sabe cada subtrama e história de fundo de *Enviado do céu*. É como se o Teddy tivesse sido mandado para mim. Sei que pensar assim não vai ajudar.

Voltemos ao trabalho.

— Como um dos seus últimos projetos, estava contando com a sua ajuda para planejar a festa de Natal. Estava pensando no tema "baile vintage" para este ano. Imagine todas as senhorinhas em belos vestidos.

— Sim, sim, sim — Melanie se entusiasma. — Festas são algo que curto muito. Adoro organizá-las. Adoro convidar as pessoas, adoro vê-las se divertindo. Vivo para isso. — Ela saca o caderninho e começa a escrever. — Comida. Decoração. Trilha sonora. Convites. Comida. O que vou vestir. Ai, meu Deus, posso fazer um penteado colmeia. Delineador. Comida.

Ela finge mastigar o bocado seguinte de suco antes de engolir. No meu caderno dedicado ao Projeto Midona, na página com o título CARREIRAS POSSÍVEIS PARA A MEL, escrevo "promotora de eventos".

— Vamos começar com os convites. Geralmente entrego com quatro semanas de antecedência; precisam ficar prontos nesta semana. Tem alguma

habilidade relacionada a design?

— Tenho feito trabalhos temporários há dez mil anos. Tenho todas as habilidades. — Esse pensamento faz sua animação diminuir um pouco. Melanie olha em volta. — Não acredito que vou dizer isso, e pode ser efeito do suco, mas vou ficar triste quando for embora. Estou cansada de gente nova, mesas novas. Seria legal descansar um pouco.

— Não tem mais medo de gente velha?

Ela respira fundo.

— Eu tinha, no começo. Encontrei seu álbum de fotos e vi os programas de funerais na sua gaveta. Tenho medo desse lado de estar aqui. Mas, se mantivermos todo mundo feliz e ocupado, acho que vai ficar tudo bem. E, além disso, você está aqui.

Melanie atende uma ligação de uma moradora. Quando desliga, concordo com ela.

— Nosso trabalho é fazer com que a vida deles seja a melhor possível. — Confiro minha caixa de entrada. Tem um e-mail da Dorothea, da CIP, marcada como "Pedido". Antes de eu terminar de ler, ouço:

— Já enviei para ela.

— Obrigada.

A CIP mandou um analista aqui ontem. Caminhei pelo terreno com ele, tentando descobrir o propósito da visita. Esforcei-me para demonstrar as virtudes do nosso lago e da encosta. Finalmente, ele disse: "A menos que seja uma analista qualificada, acho que já ajudou bastante".

Vermelha de vergonha, me esgueirei de volta para o escritório só para encontrar uma mensagem de Rose Prescott na minha mesa. Ela me fez desenterrar uns testes de amianto de 1994, porque é claro que me odeia. A Melanie tirou teias de aranha do meu cabelo quando voltei do abismo do arquivo.

Valeu a pena ouvir a aprovação hesitante na voz da Rose quando liguei de volta.

Vou dar à Mel algum feedback positivo agora.

— Você tem feito um trabalho excelente. Não teria conseguido passar por essas últimas semanas sem você. — Minhas palavras conferem um lustro rosado a ela. — Usando seus conhecimentos de design, poderia fazer um modelo de convite que pareça de baile estilo anos 1950?

— Que fofo. Faço sim. Talvez me junte com o velho Tedster para fazer, já que ele tem estado "tão inspirado recentemente". — (Faz aspas com os

dedos.) Depois estreita os olhos. — De onde vem essa inspiração toda? Tem alguma ideia?

De mim e da tela em branco e segura que é o meu chalé. É porque o Teddy afinal sabe como vai ser cada noite, e isso tirou aquela inquietação desorganizada dele. *Nunca estive tão em paz, Ruthie*. Mas não posso dizer isso.

Dou de ombros em resposta.

— Ótima ideia sobre os convites, vamos fazer o Teddy participar. Espero de verdade que você venha à festa, embora o seu contrato já tenha terminado até lá. Vamos dar um para o Teddy também — acrescento, despreocupada. — Ele não vai conseguir vir, mas vai saber que é sempre bem-vindo.

Mel revira os olhos.

— Ele enfim resolveu a situação dos impostos. Adivinhe só: ganhou uma restituição. Achou que ia para a cadeia, mas, em vez disso, recebeu um cheque. Será que nasceu com a bunda virada para a lua? A conta dele está engordando bem. — Ela tira os olhos da lista de planos para a festa e olha para mim. — Nunca ninguém fez parecer tão fácil economizar para realizar seus sonhos. Eu o odeio.

Teddy me conta tudo, mas não contou isso.

— Eu também. — Somos duas mentirosas que vão sentir muito a falta dele. — Ele é simplesmente inacreditável.

— Então, isso aqui é o que vamos fazer sobre o seu perfil — Melanie começa, consultando sua tela. Uma figura vestida de preto, na porta, tira nossa atenção. — Ah, vá embora, por favor, estamos fazendo coisa séria aqui.

— Não vou embora — Teddy diz, indignado, sentando-se na cadeira de visitas na frente da minha mesa. — Vou ficar até a comida chegar. Quem é inacreditável?

— Comida. — Melanie está distraída de novo. Ela diz que o suco é para eliminar toxinas dos órgãos; quais órgãos, não sabe. Pelo que vejo, o suco está é produzindo tontura e acessos paranoicos aleatórios. Com olhos de loba, pergunta ao Teddy: — O que elas pediram?

— Saladas grandes.

— Saladas — repete com pesar.

Para puxar papo, digo:

— Soube que ganhou um presentinho da Receita.

— Sim. Não esperava que minha próxima Boa Samaritana fosse a Receita Federal. Ia contar para você. — Mas não contou, porque notícias do seu progresso deixam uma parte minha bem secreta muito triste, e ele sabe disso.

Muito tempo atrás, afundava cheia de gratidão no meu banheiro iluminado por velas, como um templo. Pensava que minha rotina era sagrada e intocável, mas sei que as coisas mudaram agora. Tê-lo sentado no meu sofá toda noite, e Melanie perto de mim durante o dia, me deixou mimada. Estou começando a ficar preocupada comigo.

— Então, o que está rolando aqui? — Teddy pergunta à Melanie com a voz cansada.

— Ia ler o perfil da Ruthie que a gente fez para o aplicativo de encontros. Exceto, claro, que eu não faria isso durante o horário de trabalho — acrescenta, em resposta ao que quer que tenha visto na minha expressão. — Ia fazer isso às dezessete horas e um minuto, depois de Ruthie e eu conferirmos as contas de água do Providence com os valores que a gente pagou.

— Pessoal, não me importo com o que fazem aqui. — Teddy se esparrama na cadeira e tira o elástico do cabelo. Agita aquela lindeza desgrenhada com as mãos. — A Rose vai transformar isto aqui em um rancho de alpacas só para me sacanear. Apenas aproveitem enquanto durar.

Afagam, deslizam; as mãos dele passeiam pelo cabelo até a ponta dos meus dedos queimarem nos apoios da cadeira. Não sou a única a ser afetada.

— Pare de me atormentar — Melanie diz para o Teddy, mal-humorada. Ela levanta, corre até o banheiro e bate a porta. O suco a limpou pelo menos quatro vezes desde as nove da manhã.

Ele olha para mim como se estivesse magoado.

— O que foi que eu fiz?

— Você fez com que sentisse que o cabelo dela é inferior. Ela usa o aplique de rabo de cavalo todo dia agora. É incômodo. — Estou desconcertada quando volto ao comentário dele. — Rancho de alpacas? Soube de alguma coisa?

Teddy continua passando a mão no cabelo, com a cabeça jogada para trás. Olhando o teto, responde:

— Não, mas, mesmo se tivesse ouvido alguma coisa, não poderia contar. Coisa de conselho, cotas e tal. Não quero ser processado pelo meu próprio

pai, seria esquisito. — Ele boceja. Lá estão os molares do fundo, dos quais estava com saudade. — A Rose seria a primeira a testemunhar contra mim.

— Um analista esteve aqui.

Ele estremece.

— Isso nunca é bom sinal. Pare de me olhar com esses olhos castanhos enormes. Sei o que quer de mim, e não posso fazer isso.

Melanie volta com o rabo de cavalo recolocado.

— Teddy, qual condicionador você usa?

— Deixe de molho na água da chuva com um pouco de vodca.

— Sério? — Mel fica maravilhada, se inclinando na mesa e com os olhos parecendo espirais de desenho animado. — Tem que ser com a água fria?

— Bem fria. Como gelo. — Ele tira as mãos do cabelo. — Você tem uma escova na bolsa, Mel? Claro que tem, você é uma garota. Venha me escovar.

— Posso tentar fazer uma trança redinha em você, para praticar? — (Ele assente.) Ela se aproxima um pouco insegura e põe as duas mãos em seu cabelo, fazendo os olhos dele se fecharem, relaxados. Os meus também, provavelmente. As mãos dela estão afundadas até os punhos naquele monte preto e brilhante. Eu a amo, mas quero gritar com ela.

E ele está de olho na minha reação, então é melhor me controlar.

— Isso tem que ser peruca. É perfeito demais. — Melanie puxa o cabelo dele, até ele reclamar. — Tá bom, é o suficiente. Os ossos da Ruthie me disseram que vai chover. Vou colocar um balde embaixo da calha da garagem.

Poupo-a do esforço.

— Ele está brincando. Por favor, coma isto antes que desmaie. — Dou uma banana para a Mel. Isso faz com que ela abandone o cabelo dele e respiro aliviada, liberando o vapor sufocante que vinha se acumulando em mim. As narinas do Teddy oscilam e juro que ele fareja. Um sorrisinho surge em sua boca. Tenho vontade de enfiar sua cabeça em um balde de água suja.

— Minha limpeza — diz Melanie, como um cordeirinho balindo. — Minhas toxinas. — Nós a vemos descascar a fruta com violência e abocanhar metade de uma vez. Com a boca desagradavelmente cheia, diz algo como: — Antes que pergunte, não, não vou contar o que coloquei no perfil da Ruthie.

— Vou olhar o perfil de todas as garotas do mundo até achar o dela.

— Sei que olharia — diz, sombria, depois de engolir com dificuldade.

— Parece que já olhou. — Uau, realmente disse isso. Volto a olhar para o computador e abro um e-mail do pessoal da manutenção enquanto o Teddy olha para mim. — Então, parece que vão mandar um eletricista quinta-feira que vem. — Respondo ao e-mail, coloco na agenda, tudo sob seus brilhantes olhos de avelã.

Mel contribui com este comentário brilhante:

— Banana é bom.

— Por que está tomando só suco? — Teddy pergunta.

— Me encontrei com um cara na Cúpula do Trovão. Ele disse que eu era maior do que ele esperava. — Não foi o que ela me falou sobre o suco *detox*. Mas tudo bem. Teddy tem um jeito de conseguir arrancar a verdade da gente.

Fico brava na hora.

— Espere aí, ele disse o quê?

— Meu perfil diz que sou metade japonesa, então ele supôs que eu fosse menor. — Ela passa a mão na testa. — Deveria ser.

Teddy está igualmente afrontado.

— Pretende mudar a si mesma pensando só por causa da imaginação de um cara qualquer? Você é mais inteligente que isso, Mel.

— É que não tenho tido muita sorte recentemente — diz, na defensiva. — Desculpe, Ruthie, mas lá fora é uma selva.

— Ele poupou o seu tempo, mostrando logo de cara o idiota que é. Não mude nada em você. Pode ficar com meu iogurte. — A colher que estou segurando é arrancada por uma mão desesperada.

Melanie joga a casca de banana no lixo e ela gruda na parede.

— Obrigada, mãe e pai, vocês são os melhores. — Ela vai até a geladeira. O silêncio preenche o escritório, exceto pelo raspar da colher, o som de comida sendo engolida e gemidos de *uhmm.* Quando volta para a mesa, toma uma decisão: — Vou ler o perfil da Ruthie, mas só porque quero a opinião de um cara decente.

Isso é embaraçoso para ele.

— Encontre outra pessoa, então.

— Morena de vinte e cinco anos linda como uma flor…

Ergo a mão.

— Protesto.

— Negado — o juiz presidente Theodore Prescott rebate. — Até o momento, está bem preciso.

Bananas misturadas com iogurte são um baita remédio. A Melanie já está com as faces coradas de novo.

— Só me deixem ler até o fim. Sem interrupções. Morena de vinte e cinco anos linda como uma flor procura alma gêmea à moda antiga para deixar o mundo dela de pernas para o ar. Nada de encontros casuais, esquisitões, pintos pequenos, caras falidos ou viciados.

Estou chocada.

— Melanie. Tire esse último trecho.

— Peguei uma parte emprestada do meu próprio perfil — diz para o Teddy com um sorriso levado. — É bom demais.

— Bem, isso me exclui. — Ele se levanta pesadamente ao ouvir uma *scooter*. — Tenho certeza de que vão debater isso na minha ausência.

— Cara sem conserto — Melanie e eu dizemos ao mesmo tempo quando sai.

— Ele também é um esquisitão — Melanie acrescenta. Eu a interrompo, balançando a cabeça, antes que ela pondere sobre o resto. — Estou me sentindo bem melhor, mas preciso de um pouco de ar — ela diz quando Teddy entra segurando a encomenda. — Eu levo isso para as garotas. Quero falar com a Aggie sobre carreiras. Sabia que ela era uma advogada chique? — Ela pega as sacolas emaranhadas da mão dele e se põe colina acima.

A luz abandona o escritório. Este é tradicionalmente o momento que me faz sentir como se a vida tivesse acabado, mas está só começando, porque ele está aqui. As manchinhas cor de limão dos olhos dele são as únicas coisas iluminadas agora.

Então é isso. Mais um daqueles momentos dos quais vou me lembrar um dia balançando a cabeça ou comemorando.Tive um vizinho lindo e solteiro, do tipo que pode ser encrenca, mas sou campeã em ocultar meus sentimentos. Estive treinando para esse grande e tatuado erro a minha vida inteira. Se pedisse a ele que somente me desse essas últimas semanas que vai ficar aqui, o que será que diria?

Antes que eu tenha chance de dizer alguma coisa, ele levanta o celular e diz:

— Vou tirar uma foto do seu perfil. Caramba — diz para a tela, desesperado.

— Mostra.

Ele segura a tela para mim. Para um aplicativo de encontros, não é a melhor foto. Estou à mesa com os óculos pendurados no pescoço e, sim,

marrom e creme não me favorecem muito, mas pareço alguém que tem integridade, pele bonita e corada, luminosidade no olhar e uma maciez afetuosa nos lábios.

— Pareço uma nerd bonitinha. Pelo menos não é propaganda enganosa. — A piada não o faz sorrir. Ele afunda mais na cadeira, encarando a tela, limpando uma mancha da tela com o dedão. Seu peito se ergue e abaixa conforme respira fundo.

Vou agir como ele agiria. Se eu disser como se fosse brincadeira, não vai saber que é sério.

— Estou preocupada, não sei se vou me lembrar de como se beija. Não beijo ninguém desde o Adam. O baile de formatura parece que foi há tanto tempo.

Teddy fica estupefato por um momento, enquanto pensa na extensão da minha seca. Ele se inclina para a frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos.

— Desencana. Devia ver sua boca quando fala. Quando sorri — acrescenta assim que abro um sorriso. — Acho que você beija bem.

Será que eu poderia convencê-lo a pôr essa teoria à prova?

Olho as horas.

— Quer jantar em casa sexta à noite, depois de eu ir comprar roupas com a Mel? — Basta mencionar a palavra *comida* para o Teddy concordar. Ele esfrega as mãos nas coxas, para cima e para baixo. Fico pensando se não estou sendo um pouco dissimulada, já que o motivo tem a ver com um beijo. Melhor ser direta. — Acho que devo dizer que vou tentar um beijo de boa-noite. Por razões puramente científicas.

Ele está boquiaberto com a minha ousadia, e rindo, e preocupado.

— Não é uma boa ideia. Meu autocontrole com relação a você tem sido bem impressionante. Não queremos que eu volte aos velhos hábitos.

Mantenho-me firme.

— Eu não me importaria. Então, sabendo o motivo do convite, ainda vem jantar? Não posso me convidar para o seu abrigo nuclear. É mesmo uma pena que seu pai não tenha arranjado um lugar mais aconchegante.

— Ele disse que eu poderia pegar alguma casa desocupada no condomínio. — Teddy dá de ombros, com displicência. — No meu segundo dia, as Parloni disseram que eu poderia ficar com o quarto de hóspedes delas. Tive opções bem aconchegantes. Mas vou ficar exatamente onde estou.

— Por quê?

— Porque você é minha vizinha.

Estou totalmente encantada, e tenho certeza de que ele sabe. Alongo os braços sobre a cabeça.

— Obrigada pela foto de perfil. Quando a Mel voltar, vai publicar. Que chovam os pintos. — Cubro o rosto com as mãos. — Deixa eu reelaborar essa frase.

— Nem me fale de todos esses babacas com pintos — ele diz, desanimado. Anexa minha foto a uma mensagem e um segundo depois o celular vibra em seu bolso. — Sobre sexta-feira. Vou ser um bom menino, então não crie expectativas. — Não sei se são as sombras se alongando que confundem meus olhos, mas ele parece um pouco nervoso. Por que estaria? Sou apenas eu.

— Um dia desses vou ser uma menina má. Talvez você esteja por perto para ver. — Mal posso acreditar nas coisas que tive a coragem de dizer a ele esses dias. Aí destruo por completo a aura sexy de menina má, mas não acho que se importe: — Agora vamos falar sobre o pacote de softwares. O que achou que pode ser útil para o estúdio?

CAPÍTULO VINTE

— **T**ive de convidá-las — Melanie diz quando paramos em frente ao brechó, estacionando seu carrinho minúsculo atrás de um Rolls-Royce Phantom um tanto quanto chamativo. — As duas estavam me perguntando quando e onde íamos fazer sua transformação, e disse que ia ser aqui, e falei quando, e foi assim que aconteceu. Qual é o problema? — Ela está sem ar.

— Não tem problema nenhum. Por que está tão nervosa? — Quero dizer, agora também estou, se o Teddy estiver junto.

— Tem muita coisa em jogo nessa terceira semana — é tudo o que responde.

Quando entramos, encontramos Renata conversando com o Kurt, o vendedor que geralmente fica atrás do balcão. Ela diz:

— Bem, quanto você me dá por uma jaqueta vintage Hermès? Não gosto dos botões dela. Liberaria espaço no meu closet.

— Não compramos roupas — responde, devagar e com paciência, como se já tivessem tido essa conversa. — A senhora nunca deu roupas para caridade?

Renata começa a mexer nos anéis de um mostrador no balcão, jogando de lado cada um deles como um papagaio rejeitando sementes.

— Se eu doasse, por quanto venderia?

Teddy responde lá de trás, na seção masculina:

— Está escrito bem ali, todas as jaquetas são três dólares.

— Três dólares? — Renata esbraveja. — Por acaso o mundo enlouqueceu?

— Doações não são obrigatórias, mas ficamos bastante gratos — Kurt diz a ela, recolhendo as joias. Sua expressão se ilumina quando me vê. — Ah, oi, Ruthie. Como vai?

Kurt tem uns vinte e cinco anos e, aleluia, finalmente fez alguma coisa com aquele cabelo. Costumava usar um corte tigelinha meio comprido, que se emaranhava nos cílios quando ele falava, mas agora cortou e tem uma

testa. Sempre achei que haveria umas espinhas espreitando ali, mas na verdade ele tem uma pele bonita e até que é atraente.

Se eu não tivesse conhecido Teddy Prescott, talvez até viesse a achar o Kurt bonitinho.

— Estou bem, obrigada. Oi, Renata, oi, Teddy, obrigada por virem. A Aggie não veio hoje? — Olho as araras de trás.

— Ela está muito cansada — avisa a irmã, baixando os olhos e apertando os lábios.

Olho a arara atrás do balcão. Como esperava, Kurt vira e me entrega uma pequena seleção de peças.

— O que temos aqui?

— Sei que disse que não usa preto — começa —, mas isso meio que tem a sua cara. Ou é curto demais, de novo?

Lá de trás, um Teddy furioso se ergue em toda a sua imponência, parecendo um touro. Está se preparando para a investida, mas Melanie toma a iniciativa primeiro.

Ela aperta a mão do Kurt.

— Melanie Sasaki, fundadora do Método. — (Isso não faz sentido nenhum e ele não está entendendo nada.) — Vamos ver. Ah, curto demais. E este aqui, com certeza, não. — Ela é severa ao descartar um vestido marrom. — É o que a velha Ruthie escolheria. Chega de roupas marrons de bibliotecária. Mas as outras, tudo bem. Vamos provar logo mais.

— Não vá estragar a cara de certinha dela — Teddy grita lá de trás.

Renata bate na pilha de roupas do balcão.

— Coloque essas no provador — ordena ao Kurt como se estivesse em uma butique. — Agora explique o que significa isso. — Ela estala os dedos e Teddy vem até mim, como um capanga da máfia, tirando um envelope do bolso de trás do seu jeans. É o convite para a festa de Natal.

Preparo-me para a discussão iminente.

— Que parte do convite precisa que eu explique?

— O tema. “Baile vintage.” — O olhar da Renata é como um laser enquanto tira o cartão das mãos do Teddy e coloca diante de mim. — Você fez isso para me provocar?

Estou surpresa.

— Como? — Olho para o Teddy, mas ele dá de ombros. — Trabalho o ano inteiro para fazer essa festa. E nunca provocaria você por nada.

— De alguma forma soube que não fui ao meu baile de formatura. O maior arrependimento da minha vida, e você sabia. Como? — Olha de novo para o convite pastel. — Você olhou no Google, não foi? Vi um programa na TV que disse que os segredos de todo mundo estão na internet agora.

— Não acho que isso se aplique se você nasceu antes de 1930. — Teddy solta essa gracinha e ganha um soco no estômago de sua pequena empregadora. Não deve ter feito nem cócega, mas ele se curva, mesmo assim, com as mãos no estômago. — Chame… a segurança… — diz quase sem ar, fazendo dramalhão, olhando para o Kurt, que está constrangido e sem saber o que fazer.

— Renata, eu não leio mentes. — Tento manter a paciência, apesar de que, de alguma forma, sempre parece que estou errada. Está claro que isso é algo muito doloroso para ela. — Agora é sua chance de vir ao nosso Baile Providence especial.

— E vou ter que ir como uma pessoa velha — reclama entredentes. — Deveria ter ido como eu mesma, quando era jovem. Queria entrar com meu verdadeiro amor, na frente de todo mundo. Mas Aggie disse que não podíamos.

— Por quê? — pergunto, mas a Melanie já estava incomodada com o tom e interrompe.

— A maioria das pessoas está empolgada. Estou combinando com uma loja de aluguel de roupas para que apareçam lá uma semana antes, para quem quiser alugar um vestido. Meus convites ficaram tão bonitos. Até você tem que admitir.

Renata é fisgada por um detalhe.

— Alugar um vestido? Alugar. Um. Vestido? Isso está cada vez pior.

Melanie dá de ombros.

— Faça o que quiser. Não é obrigada a participar.

Intervenho:

— Mas esperamos que participe. Poderia aparecer vestindo algo totalmente espetacular. — Essa perspectiva a deixa tentada. — Vai ter o rei e a rainha do baile. Toda a música vai ser como… naquela época.

Teddy diz para mim:

— Meu pai recebeu um convite. Melanie disse que você mandou até para a Rose. Mas cadê o meu? — Ele parece genuinamente chateado agora. As mãos dele ainda estão sobre o estômago. — Quando nos conhecemos, não disse que adoro festas à fantasia?

— Aqui está. — Tiro da minha bolsa. — Eu ia entregar hoje à noite.

— Hoje à noite — Melanie diz devagar. Desconfiada. — O que tem hoje à noite?

— Quero resolver minha tatuagem do verdadeiro amor. — Renata abre o convite mais uma vez. Está fascinada. Dá aquela olhada de novo, afiada e analítica. — Tem algumas coisas que quero fazer. O Teddy aqui tem um contato.

Ele traduz:

— Renata quer falar com o Alistair.

— Eu disse que um tatuador de cadeia seria suficiente, mas ele se recusa, esse garoto obstinado — conta. — Me imagine só com uma daquelas tatuagens de lágrima. — Ela aponta as rugas profundas de sua bochecha. — Bem, quero que você desenhe, Teddy, mesmo que insista que seu amigo a tatue. Se ficar horrível…

— Vai ficar incrível. Obrigado pelo convite — ele acrescenta, enfiando-o no bolso. Todas nós percebemos seu tom de pesar.

Diz Renata:

— Ruthie, diga o nome de um único rapaz que tenha voltado para fazer uma visita depois de ir embora.

— Para ser justa, você destruiu cada um deles — digo, com um sorriso fraco. Quero que o Teddy a contradiga, mas o silêncio se estende a ponto de talvez estar aceitando que essa seja a verdade. — Você nunca diz se está chegando perto do seu objetivo.

Ele se afasta para ver pijamas femininos em uma arara próxima, desanimado, e não responde.

Renata diz:

— Falei para a Aggie pagar abaixo do salário mínimo, mas ela não me ouve. E, como ele ganha dinheiro demais, vou ter de arranjar um novo rapaz. É impossível contratar na época do Natal. — Ela esconde a tristeza com egoísmo. Vou tentar fazer a mesma coisa.

— Talvez eu tenha um pouco de paz à noite. — Teddy não sorri e me sinto péssima. Digo à Renata: — Devo entender que está recusando meu gentil convite?

— Não tire conclusões apressadas — reluta. — Deixe eu falar com a Aggie. Talvez seja hora de corrigir esse erro. — Fico pensando: será que esse verdadeiro amor dela ainda está vivo?

Dou-me conta de que a Melanie não está mais participando da conversa, e não me surpreendo ao ver que está em transe, passando o dedo para a esquerda e para a direita na tela do celular. Ela diz, para ninguém em particular:

— Estou ouvindo mais um sininho!

Quer dizer que alguém deu *match* no meu perfil e chegou uma mensagem. Acho que é assim que funciona. Na verdade, ela não deixou isso na minha mão. Segurando o celular junto ao peito, protetora, acrescenta:

— Me deixe ver primeiro. — Ela olha e solta o ar, aliviada. — Ufa, tá limpo. — Teddy faz cara feia mesmo assim.

Renata arranca o celular da mão da Melanie e olha com desaprovação para a tela.

— Não. Não serve para a Ruthie.

Estendo a mão.

— Eu vou decidir.

— O que está acontecendo? — Kurt me pergunta. Está literalmente preso atrás do balcão, cercado por um bando de gente louca.

— Consegui mais um *match* solitário no MatchUp. Também conhecido como milagre. — Leio a mensagem. Como as outras que recebi até agora, é um simples *td bem?* Um cara padrãozinho, sentado no capô de um carro. — Não é muito inspirador. Ah, olha, minha saia de lã.

Havia doado todas as roupas rejeitadas na análise da Melanie. Vou ver a saia como se fosse uma amiga, mas percebo agora que é um material pesado, de um marrom apagado e sem alegria. Posso fazer melhor que isso. Começo a procurar.

— Também estou no MatchUp — Kurt me diz, se debruçando no balcão.

— O que aconteceu com a gente? — digo, fazendo uma cara triste.

Teddy vem até onde estou, no pequeno espaço entre saias e calças, e gruda em mim por trás. O cabide no qual estou segurando range pelo trilho.

— O jantar de hoje ainda está de pé? — A pergunta parece inocente, mas é qualquer coisa menos isso. — Pensei na sua sugestão de sobremesa. — O antebraço dele desliza em volta do meu pescoço e ele me aperta gentilmente. Sou engolida pelo calor dele, os músculos macios, as linhas desenhadas em todo seu corpo. E como encaixamos bem!

— Ei! — Melanie grita antes que eu possa responder. — Larga ela. Já conversamos sobre isso. — Ela vem até onde estamos, decidida, pega o Teddy pela roupa e o arrasta de volta até o fundo da loja. Aos cochichos,

começam uma discussão na qual estou muito interessada, mas não posso ir ouvir escondida porque a Renata está me puxando pela manga.

Ela me entrega um vestido.

— Aqui. Segure este, na frente do corpo. Uhmm, coloque este no provador também — diz ao Kurt. Para mim, acrescenta, relutante: — Este lugar é interessante. É como mergulhar em uma lata de lixo. Quem sabe o que vou encontrar. — Ela desaparece em uma arara de suéteres.

"Desculpe", sussurro para o Kurt, que apenas sorri. Vou até o balcão.

— Ela acha que estamos em uma butique.

— Tive essa impressão. — Ele olha para Melanie, que está dando uma bronca em um Teddy triste e encolhido. — É a primeira vez que traz amigos.

— Eu não tinha amigos antes. — Subitamente me dou conta de que faz dias, talvez até uma semana, que não escrevo nada no grupo dos meus amigos do fórum, e a última vez foi sobre questões administrativas.Tivemos dez anos de bate-papo, confissões profundas e memes de qualidade. — Bem, quero dizer, não tinha amigos na vida real com menos de setenta anos.

— E eu? — Kurt finge estar triste. — Tenho guardado todas as peças boas para você faz um ano.

— Claro. Você é um ótimo amigo de brechó. Bem, é melhor eu começar. — Vou até o provador e dou uma olhada na pilha bem aleatória de roupas. Parece que todo mundo tem uma ideia diferente de quem eu deveria ser. Depois de um mau começo, quando não consigo fazer uma saia de couro subir além dos meus quadris, coloco um vestido. Ele serve e, em um brechó, isso são três quartos do caminho andado.

— Melanie, pode fechar o zíper para mim, por favor? — Agora sou eu que acho que estou em uma butique? Abro um pouquinho a porta e ela desliza para dentro.

— Menina! — solta, enquanto sobe o zíper. — Que par de peitos você tem! Esse vestido faz justiça a eles.

— Bem, não vou sair agora. — Coloco as mãos nas bochechas, que começam a ficar vermelhas. — Mas é um bom argumento.

Melanie olha a etiqueta.

— Quatro dólares. Vendido. Encontramos o vestido do primeiro encontro! — acrescenta, gritando para o resto da trupe.

— Não posso vestir isso.

— Teddy, dê sua opinião de homem. — Ela gira a maçaneta. Ele cai para dentro; estava ouvindo na porta. Melanie fica irritada, eles trocam um olhar. A discussão anterior ainda está no ar. — A Ruthie aparece assim para o primeiro encontro. A reação é…?

Teddy olha para mim no vestido. Abre a boca, leva o punho até ela e morde.

— Tá bom. Certo — Melanie diz com agitação, empurra-o para fora e fecha a porta na cara dele de novo. — Olhe só para você, Ruthie. Olhe bem. Dá para ver — ela se esforça para encontrar uma palavra que não seja *peitos* — sua silhueta.

É verdade. Dá para ver mesmo. E não é ruim.

— Eu sou homem — Kurt diz. — Reservei o vestido para ela em vez de pôr na loja. Não mereço ver?

— Melhor não me irritar, amigão — Teddy dispara.

— Eu decido — diz Renata. — Deixem-me entrar. — Ela é admitida pelo nosso guarda-costas, Teddy. O espaço está ficando claustrofóbico. Mal posso acreditar que estou sendo pressionada por pessoas que se importam comigo. — É, acho que pode dar certo. Imagino se não poderiam ajustar um pouco a barra. Ruthie é das baixinhas.

Melanie suspira.

— Aqui não tem alfaiate, senhora Parloni.

— Posso entrar também? — Teddy diz perto das dobradiças. — Nos seus sonhos — Renata responde.

— Vou precisar que alguém saia, senão não vou conseguir tirar. — Vejo Melanie e Renata se encarando. Quem vai impor a superioridade? Para minha surpresa, Renata cede. — Na verdade, Mel, você vai sair também. Sou sua chefe, não pode me ver de lingerie.

Agora que estou sozinha, posso me ver no vestido. Mordo meu próprio punho. Caramba. Pareço ter exatamente a minha idade.

Nada mais se compara a esse incrível achado, mas, entre a Melanie e a Renata, um pequeno guarda-roupa está se formando. Todo o processo é acompanhado por um debate acalorado.

— Compro novos para ela — Renata diz da arara de jeans quando coloco a cabeça para fora para ver o que está acontecendo. — Não, jeans usados não. Olhe só este aqui. Tem um buraco na virilha. — Pare de apontar seus dedos velhos e ossudos para mim — Melanie grita. — Vou ter um pesadelo essa noite.

— Nunca ouvi a palavra *virilha* ser dita com tanta violência — digo ao Teddy para fazê-lo rir, mas ele está todo sério. Olho no espelho para ver o vestido rosa que estou vestindo agora. Comparado ao vestido milagroso, este é meio apagado. — Obrigada por ter vindo junto para me ajudar hoje.

Ele responde com secura:

— Sou tão abnegado, vindo junto para ver você experimentar vestidos. Que santo.

— Não, estou falando sério. O apoio moral de todo mundo fez com que eu sentisse que… bem, que eu consigo. Até que enfim posso olhar para mim mesma e ver algo diferente, e sair da minha zona de conforto. — Aliso alguns vincos no vestido. Ele não responde e sinto uma pontada de embaraço. — Foi profundo demais?

Melanie se aproxima, com olhos críticos no meu vestido.

— Curto demais. Quer dizer, ficou ótimo, mas você nunca vai usar.

Confesso:

— Isto é estúpido. Sempre quis provar um macacão longo, mas nunca tive coragem.

— Kurt. Macacões. — Melanie estala os dedos. Ele se sobressalta para obedecer. Renata vai atrás com seus passinhos, gritando sobre como Emilio Pucci faz um ótimo, de seda.

— Certo, esses são os que vou levar — digo a mim mesma enquanto olho para as roupas penduradas no provador. — Já tive o meu milagre hoje. — Estou tentando alcançar o zíper nas minhas costas, quando Teddy se espreme pela porta aberta, me faz dar alguns passos para trás e fecha a porta atrás de si.

— Não aguento isso. — Ele toca meu queixo com sua mão quente, os olhos na minha boca. — Não posso ficar lá fora enquanto você está aqui. O pior de tudo é que não sabe a verdade sobre si mesma.

Fico surpresa com quanto ele parece sofrer.

— Não sei o quê?

— Dói saber que não faz ideia do quanto é adorável, do jeito que você é. Não precisa mudar. Não precisa pôr um vestido, como se fosse consertar alguma coisa. Você não tem nada que precisa de conserto.

— Eu sei — consigo dizer, sem ar. — Mas mudar algumas coisas vai me dar a sensação de estar recomeçando, e vou poder convencer outra pessoa disso também.

— Você é o vestido de mil dólares pendurado nesta loja e não consigo acreditar que ninguém a escolheu ainda. — Ele está frustrado comigo. — O que é que falta para acreditar em mim, eu perder um pouco dessa compostura?

Acho que tudo o que falta é um convite.

Eu o puxo para baixo com dois montículos de roupas e arranco o beijo no qual tenho pensado desde que o vi pela primeira vez. Ele sabe que preciso de ajuda neste momento, e suas mãos me mantêm firme. Prensamo-nos um contra o outro, firmes, quentes e sem hesitar. Posso lidar com isso, está tudo perfeitamente bem. Na verdade, sentir o dedo dele sob a minha orelha está me deixando mais arrepiada que nossas bocas. É um privilégio sentir o cheiro da pele dele assim de perto.

Com o que eu estava preocupada? Estou fazendo o que queria e está tudo bem. Conforme o pensamento se cristaliza e eu relaxo, ele move os nossos lábios e sua mão desce o zíper pelas minhas costas, a sensação percorrendo todo o meu corpo. Essa é a parte da qual tinha me esquecido. Movimento. Ele vai me fazendo abrir mais a boca, com confiança. Sei que isso é tudo prática que adquiriu com um monte de outras garotas, mas nem me importo, estando nas mãos de alguém tão capaz.

Meu estômago está em queda livre, e esse beijo me dá um surto de adrenalina pelo qual não esperava. É obscena, essa linda boca junto à minha. Eu o puxo para mais perto, mais, e mais. *Me mostre o que você sabe. Me ensine o que eu não sei.* Não me importo que ele vá embora, se posso tê-lo neste momento.

Centenas de minutos podem ser preenchidos com seu beijo antes que desapareça.

E, tão de repente como quando começou, estou de volta àquele lugar solitário: a vida quando não estou sendo beijada por Teddy Prescott. Nem pude colocar as mãos no cabelo dele.

Ele resiste às minhas mãos enquanto tento puxá-lo para mim de novo, mas qualquer rejeição que possa sentir é banida para longe por sua mão nas minhas costas nuas. Em um piscar de olhos, me dou conta de que ele precisa de um momento para se recompor. Sei que se trata de alguém que já beijou um monte de garotas, e vê-lo assim chocado me deixa meio tonta.

— Nossa, você é boa — solta, como se fosse uma confissão. — Você beija muito, muito bem.

— Posso ajudar com alguma coisa, Ruthie? — Kurt diz do outro lado da porta. Até ele acha que trabalha em uma butique agora. O que pode fazer? Buscar um tamanho diferente para mim?

Teddy tira a mão de dentro do meu vestido e, quando penso que acabamos, enche a mão com a minha bunda. Olhamos nos olhos um do outro. Seus olhos estão afiados de ciúme.

— Não, está tudo bem — digo com uma voz estranha.

— Ei, vou mandar uma solicitação de amizade, se quiser trocar mensagens depois — Kurt diz como se me confidenciasse algo. A mão do Teddy aperta minha bunda com mais força e não tenho mais nem um neurônio disponível para responder. — Hã, certo — Kurt diz após um longo silêncio. Pobre sujeito, como isso é constrangedor. — Pense nisso.

— É, pense nisso — Teddy sussurra contra o lóbulo da minha orelha. — Quer ele aqui com você, em vez de mim? — Seus dentes perfeitos me mordem. Tenho vontade de pregar aquela porta. — Talvez da próxima vez eu lhe dê um beijo de verdade.

— De verdade? — Quase desfaleço.

Ele ri e esfrega o polegar na minha bochecha ardente. Quando olho de lado no espelho, vejo as nossas diferenças em toda a sua extensão; ele é tão grande, parece tão perigoso, mas a mão no meu queixo é artística e suave. Durante todo esse tempo, pensei que não combinássemos, mas, por baixo das roupas, na pele, acho que combinamos mais do que imaginei. Minha cor é fantástica depois de alguns toques da boca dele. Ele é sobrenatural.

— Você gosta de ver nosso reflexo no espelho. Vou me lembrar disso. Sabe o que quero dizer? — Um sorriso sexy se forma em seus lábios. — Não, não fique com vergonha. É mais divertido para nós dois se me disser a verdade sobre o que você gosta.

— Eu não sei do que eu gosto. — Estou sendo muito honesta. — Mas tenho a mente bem aberta.

— Hum… Uau. É melhor eu sair daqui antes que vá longe demais. — Ele dá um sorriso maldoso em direção ao Kurt. — Fico feliz de estar por perto para espantar seus admiradores.

— Ruthie — Melanie diz do outro lado da porta. — Não achamos nenhum macacão longo, mas achei um curto que é a coisa mais linda. — Abro a porta uma frestinha e ela me entrega. — Não sei onde o Teddy está, mas preciso dar uma chamada nele — diz perto da dobradiça da porta. — Ele está sendo ridículo.

— Ele costuma ser — respondo, só para que faça aquela cara de ofendido.

— O Kurt está a fim de você, e é bem o tipo que você descreveu no questionário.

— É, eu acho. — Minha voz sai esganiçada, quando a mão grande na minha bunda aperta de novo.

— O Teddy está sabotando você na maior cara dura. Ele não pode participar do Método Sasaki se vai deliberadamente bagunçar as coisas, só para continuar no seu sofá. Vou ver se ele está lá fora… — Sua voz resmungona desaparece.

Olho para o Teddy.

— Ela está errada?

— Na verdade, não. De jeito nenhum vou ceder meu lugar como Favorito da Ruthie. — É só nisso que ele pensa. Em si mesmo, no meu queijo, no meu sofá, na minha adoração. Não pensa no que acontece depois que for embora. Depois que a Mel for embora.

Quando a Sylvia voltar, e o inverno chegar ao Providence, estarei sozinha e vai ser mais difícil do que nunca.

— Fora — digo, e ele obedece. Claramente tem bastante experiência em escapar de quartos de garotas, porque não ouço nenhum grito vindo da Melanie e da Renata. Kurt não diz algo como "Fora daqui, seu tarado". Nada acontece. Quando se trata do Teddy, é sempre um crime perfeito.

Gasto um total de sessenta e sete dólares. No mundo dos brechós, é roupa o bastante para encher a caçamba de uma caminhonete. Cada peça foi aprovada em conjunto pela Melanie e pela Renata, então estou confiante e, enquanto o Kurt coloca tudo em sacolas, percebo que uma paleta de cores emerge: rosa, amarelo, cinza. Ainda estou atônita com o que o Teddy fez comigo e formulo o sermão que vou passar sobre como amigos de verdade se apoiam, quando Kurt empurra um bloquinho e uma caneta sobre o balcão.

— Me passa seu número. Se quiser, eu mando mensagem para você. — Tem um bocado de tensão nos olhos dele. É um risco grande que está assumindo, e sei como deve ser assustador fazer isso. Melanie está me olhando da porta. Ela faz sinal de positivo.

E, sim, já pensei nisso.

✓ Kurt é legal

✓ Ele não é nenhum supergato
✓ Ele tem residência fixa aqui
✓ Estou razoavelmente certa de que não vai me matar
✓ Ele tem pensado em mim e nas roupas de que gosto há um ano

Escrevo meu número. Tenho que ser realista sobre o que posso esperar do Método Sasaki. Não posso decidir se Kurt poderia ser bom para mim enquanto Teddy está enchendo o ar que respiro com a energia crepitante dele.

— A gente pode sair para jantar — Kurt diz, bem quando uma mão familiar desliza pelas minhas costas, apertando minha nuca. Kurt pega o bloquinho de volta, desviando os olhos. Teddy é o urso maior, e está reivindicando a garota que tem o queijo.

— Obrigada por ajudar hoje — respondo, tentando me chacoalhar para me livrar daquela mão quente. Ninguém pode dizer que não sou profissional quando tenho um objetivo em mente. — O jantar parece uma ótima ideia. Nos falamos em breve. E obrigada pelas roupas, como sempre.

Como a Renata ainda está lá dentro, pagando por uma peça de algum estilista obscuro que desenterrou, tenho a liberdade de trocar uma palavra com o Teddy. Empurro a porta e, quando estamos na calçada, me viro para ele.

— Me explique como pode ser um bom amigo fazendo coisas como as que fez.

— Não gosta de me beijar no provador? — Ele dá um sorriso maldoso. — Você me agarrou, lembra? Senti seu coração batendo. Aquele cara entediante nunca faria isso por você.

— Você finge me ajudar, mas só está interessado em si mesmo. Tenho me esforçado para apoiar você em sua meta, mesmo que isso signifique ter de se mudar. Faço isso porque sei o quanto significa para você. E engulo quanto vai doer.

— Não quero magoar você.

— É por isso que não me diz quanto falta para ir embora? Quanto já conseguiu economizar?

— Liguei para o Alistair ontem para dizer que posso transferir metade agora.

— Isso é maravilhoso. Viu? — acrescento, com os braços abertos e um buraco no peito. — Isso é ficar feliz por um amigo e pelo progresso dele. E

o que o Alistair disse? Aposto que ficou feliz.

— Ele disse que é tudo ou nada. Não acha que vou conseguir. A esta altura, você é a única pessoa no mundo que acha que consigo. E é por isso que não quero desistir de você. Você parece não ver nenhuma razão pela qual não vou pôr as mãos nas minhas chaves até o Natal.

Estou perplexa.

— É claro que vai conseguir. Você é Teddy Prescott.

— É. Eu sou eu. Nunca terminei nada importante na minha vida.

— Essas aí parecem muito bem terminadas, na minha opinião. — Aponto para as tatuagens dele. São apenas linhas, tinta preta sem nenhuma outra cor. Mas cada uma delas foi feita com perfeição. Ele desvia o rosto, como se estivesse irritado pela minha fé nele.

— O Alistair me disse que eu não teria paciência para ficar sentado até que elas fossem coloridas. Acho que tem razão.

— Parece que várias pessoas têm lhe falado como você é. É hora de decidir se acredita nelas. — Quando ele vai responder, somos interrompidos.

— Vocês podem dar uma carona para a Ruthie? — Melanie grita, de longe. Ela está com a porta do carro aberta. — Obrigada, amo você, beijo. Ah, espere — berra, erguendo o braço. — Mais um sininho para a Ruthie. Vamos ver todas as mensagens segunda-feira.

— Qual é o problema aqui? — Renata diz ao sair da loja.

— Apenas eu, sendo um tomador, como sempre — Teddy responde à sua empregadora, levantando a mão com TAKE tatuado.

— Não tem nada errado, Theodore Prescott — Renata diz enquanto ele abre a porta do carro. — Você foi um garoto muito egoísta hoje. Ela não é seu brinquedo, ou um passatempo. É uma pessoa de verdade.

Ele fica em silêncio pelo resto do caminho.

CAPÍTULO VINTE E UM

Já está escuro quando escapamos das Parloni, e Teddy me acompanha enquanto faço minha ronda de segurança.

Sigo todo o meu check-list, testando maçanetas e fechando com firmeza a porta das lixeiras. Finjo que ele nem está aqui, praticando para quando se for. Paramos diante do alambrado um ao lado do outro e, enquanto olho as luzes lá embaixo, os olhos dele estão em mim.

Finalmente digo alguma coisa:

— Você está bagunçando todos os meus planos. — Minha fúria já queimou, me deixando gelada e triste.

— Você está bagunçando os meus.

— Como?

— Você acha que posso alcançar meu objetivo. Tem tanta certeza de que vou embora daqui no tempo previsto e ter minhas chaves do estúdio. — Ele diz como se eu estivesse errada.

— Eu deveria me desculpar por isso?

— Não. É que ninguém nunca fez isso antes. Não consigo processar direito esse tipo de confiança total. É porque não decepcionei você ainda. — Ele vira o rosto, agora oculto pelas sombras. — E toda hora me pego pensando no que aconteceria se apenas desistisse. Não seria tão ruim assim.

— Ouça alguém que teve um sonho uma vez e nunca o perseguiu. Você precisa continuar. Continue se esforçando. — Estou precisando de cada vez mais energia para manter essa fachada de amiga platônica e líder de torcida. — Escolhi uma luz lá embaixo e a visito toda noite. Se houver um dia em que a Renata tenha humilhado você, ou que esteja de saco cheio de viver na pobreza, suba aqui e visite a sua luz.

— Qual é a sua? — Ele olha para a cidade. — E qual é o seu desejo?

— Sabe o que eu desejo. É por isso que fiquei tão brava com você hoje. Não tenho tantas chances assim na minha vida, por isso cada uma delas conta.

Começo a descer a colina, minha enorme sombra bem atrás de mim.

— E se eu não quiser ter sucesso? — diz às minhas costas enquanto abro a porta do meu chalé. — E se quiser gastar tudo em uma viagem? Ou talvez eu apenas fique vagando ao redor do Providence indefinidamente.

Sinto algumas coisas. Meu coração se levanta, cheio de esperança, claro. Minha cabeça rapidamente o contém.

— Não pode contar que o Providence vá continuar existindo para sempre. A cada dia fico menos confiante.

— Vou me aposentar aqui, agora.

— Não, não vai. — Abro a porta, entro e deixo as compras do brechó no sofá. Dessa vez, ele não me segue. — Às vezes é muito difícil ser a abnegada — reclamo comigo mesma.

Lá fora, no quintal, a lua cheia dá ao cabelo dele uma cobertura prateada. Ele parece um pesadelo erótico, uma figura negra que deveria me dar vontade de correr para longe. Está sentado em uma das cadeiras do quintal, com suas longas pernas largadas, cada uma em uma direção. Reparo que daria para sentar no colo dele, mas seria um desafio. Esse pensamento me faz balançar e fico feliz por estar escuro. Estou indo fechar a porta quando ele diz:

— Acha que já terminou comigo?

Como diabos eu deveria responder?

— Hã…

— Porque eu não terminei com você.

Sabe aquela voz especial, rouca e manipuladora que ele é tão bom em fazer quando quer algo de mim? Ela está em sua mais pura forma agora. Perco o equilíbrio; um dos meus joelhos falha. É essa voz.

— Está tarde.

— Ainda não acho que atingimos todo o nosso potencial. — A mão dele desliza pela coxa e bate em seu colo em seguida. — Vem aqui. Vem ganhar seu beijo de verdade.

Com certeza ele é uma provação enviada para mim. Afinal, como é possível resistir a uma oferta dessas?

Ele continua falando:

— Quero que faça o que fez no provador. Só que por mais tempo e menos vergonha. E meio que… pegue no meu cabelo. — Suas pernas se movem de maneira inquieta. — Vou pôr a mão no bolso do seu cardigã bem devagar.

— O que deu em você? — Meus pés me levam para mais perto.

O sorriso dele brilha para mim.

— Tive um gostinho seu. E estou sendo o corajoso. Sei que vai entrar e suar pensando em mim a noite inteira.

— Como é ser assim tão arrogante? — Faço ele piscar ao dizer isso. — Nunca conheci alguém que tivesse tanta certeza de ser irresistível.

— Irresistível para você.

Ignoro isso.

— Foi a maneira como o criaram? Você tem quatro irmãs, certo? Era o bebê mimado, que podia tudo, e quando não recebe mil por cento da atenção de alguém se sente esquisito?

O silêncio que recai sobre o quintal agora é perfurante.

— Não conheci minhas irmãs antes de completar oito anos. Então, não, não acho que tem algum lance psicológico rolando. Mas vou falar com minha terapeuta para ter certeza. — Seus olhos se estreitam até eu começar a sentir a pressão perigosa de seu olhar nas minhas roupas. — Sou só um cara comum que gosta de beijar você. E fui altruísta ao me oferecer como alguém com quem poderia ser inconsequente e egoísta.

Tento não me distrair.

— Pensei que tivesse três irmãs de pai e mãe e que Rose fosse a meia-irmã.

— São todas meias-irmãs — explica pacientemente, como se eu fosse muito lenta. — Não encontrou esses detalhes quando bisbilhotou sobre o meu pai na internet? São todas do primeiro casamento dele. O que eu meio que arruinei.

— Eu não bisbilhot…Tá, bisbilhotei, sim. Desculpe. Não sabia.

— Agora estou sacando a imagem que você faz de mim. Filho rico e mimado do Prescott, matando o tempo enquanto espera a herança, todo viciado em atenção.

— Você não deixa eu me aproximar o suficiente para saber de fato quem é. Você é ótimo em se esquivar.

Ele continua como se eu não tivesse dito nada:

— Gostaria que pudesse ter uma segunda impressão sobre mim, mas não faço ideia de como fazer isso.

— Você pensou que eu fosse uma idosa, e tenho medo de que sua primeira impressão estivesse certa. É por isso que estou me esforçando tanto para ter vinte e cinco anos. Me fale por que faz terapia. É por causa da sua família?

— Sim, é claro que é. Ninguém me queria de verdade quando eu era criança, e agora tenho esse reflexo doente de fazer todo mundo me amar. Fiz isso com você, também — acrescenta, sem se dar conta de que as palavras "me amar" caem em mim como uma pedra atirada na água. — Sei o que eu faço e quero ser diferente com você.

— A razão de querer tanto seu estúdio de tatuagem é que… — deixo a frase no ar. De novo, ele bate a mão no colo. — Não, responda. Sei que é mais do que simplesmente algo para pôr no currículo. Você quer alcançar seu objetivo até o Natal porque…

Ele não consegue tolerar o silêncio deixado por mim.

— Quero ver a cara da Rose quando eu contar.

— Ah. — A maioria dos caras trabalham a vida inteira para provar algo para o pai. Mas Teddy está tentando desesperadamente impressionar a irmã. — Rose é a pessoa que nunca conseguiu conquistar?

— É mais ou menos isso. As outras três, Poppy, Lil e Daisy, pensam que sou um idiota incurável, mas me amam. Rose acha que sou uma pessoa sem teto e sem talento. Me despreza pelo que fiz com a família dela. Eu nasci, e a partir daí a coisa começou a ir ladeira abaixo.

Como se me tivesse laçado com uma corda invisível, sou puxada em direção a ele sem nenhum esforço consciente. Estou parada entre suas botas agora. Acho que tem poderes.

— Aquele beijo no brechó? Não foi um beijo comum. Já beijei centenas de vezes, e aquele foi diferente de todos. Por favor, não me peça que fale sobre família. — A voz dele se torna gentil, e inexplicavelmente meus olhos se enchem de lágrimas. — Apenas me deixe sentir sua boca de novo.

Inclino a cabeça dele para trás com a mão no seu queixo, e a faísca em seus olhos e a sua língua passando nos lábios são mais do que posso aguentar. Mas preciso pedir algo importante.

— Quando for embora, por favor, seja o mais gentil possível, tá?

Ele faz que sim com a cabeça. Agora, tenho tudo o que quero, aqui neste quintal: um parceiro para a exploração que quero fazer; alguém que se importa comigo, que vai me manter em segurança e que vai se assegurar de que eu não fique magoada demais quando me deixar. É uma garantia maior do que qualquer homem em um aplicativo de encontros poderia me dar.

Nosso beijo tem gosto de alívio, como se apoiar na porta do seu quarto depois de um dia difícil. Tudo é simples agora. Deixamos nossos corpos fazerem o que precisam fazer. Esse beijo é o gemido de prazer depois de um

longo esforço. Coloco a perna por cima da coxa dele; minha saia é justa demais e sou pega pelo meu próprio recato. Puxo-a até a metade da coxa e subo no colo dele, me segurando na fivela quadrada do cinto dele e em seu pescoço. Ele não estava preparado para nenhum desses toques.

Enfim coloco as mãos no cabelo dele. Agora meu mundo inteiro é de veludo escuro e fresco. O gemido que solto é francamente embaraçoso, e ele ri na minha boca.

— Você morre de tesão pelo meu cabelo, eu sabia — diz puxando o ar, e beijo essa boca sorridente até sorver o ar que sai dela.

Ele não está errado. Deslizo as pontas dos dedos pelo breu denso e sedoso. Vou até o escalpo. Fecho as mãos e puxo, o que o afeta com mais força. Ele ofega, torturado pelo puxão suave. No fim das contas, gosto mesmo de tirar o juízo de Teddy Prescott, e sou obrigada a recuar um pouco para ver o progresso que fiz. Seus olhos estão brilhando com manchinhas verdes e cor de âmbar.

— Adoro seus olhos de casco de tartaruga — revelo com sinceridade, e a maneira como ele pisca faz meu estômago virar. Será que acabei de causar alguma emoção forte no Teddy?

Encontrei alguém em quem posso confiar e decido pôr de lado o escudo que tenho que manter quando estou perto, com seu charme perigoso. Tenho certeza de que aguentei mais tempo que qualquer outra pessoa. Olho para seu lábio inferior, perfeito, e penso em como está sempre formando um sorriso atrevido. Agora eu o beijo. Passo a língua nele.

Falando em dentes, os dele são brancos e encantadores. Pressiono a língua contra a presa dele só para sentir a dor. Ele me permite esse tipo de acesso, que nunca imaginei que ia querer, colocando minha língua contra a dele, tudo úmido, afiado, macio.

Cabelo, boca e dentes… Agora vou adicionar a pele à minha queda livre na órbita do Teddy. A pele dos homens é muito diferente da das mulheres; sei disso agora que envolvo seu maxilar com as mãos, passando os dedos pela barba por fazer antes de deslizar para sua garganta. É uma pele mais grossa e quente que a minha; aguenta minhas unhas e meus dentes deslizando nela.

Sua boca se abre mais junto à minha, como se fosse doloroso não passar a mão por todo o meu corpo.

— Se me tocar, com certeza vou perder a linha — sussurro rente ao pescoço dele, quando encontro sua pulsação. — Estou lisonjeada —

observo, abrindo a boca sobre ela. O som que emite é puro sexo. Entendo os vampiros agora. Lá no alto, o céu está escuro e pontilhado de estrelas.

— Ruthie. — Ouço uma nota de alerta e as mãos dele me apertam.

Na minha voz há apenas um apelo:

— Só mais um pouco. Está tão bom. — Vou juntar meus lábios aos dele de novo, quando ele põe a mão no meu queixo.

— Minha vez — determina.

Sinto suas mãos se movendo. Sinto um puxão leve no meu ombro. Ele põe a mão no bolso do meu cardigã. Rio na boca dele.

Não me é permitido rir muito; ele tem planos para mim.

Ele quer que eu tire o que quer que ele me dê, com uma atenção grata. Preciso lhe dizer quanto é lindo com cada movimento da minha boca. Tremo e me derreto com cada mudança de ritmo e a cada desdobramento inesperado. É como se ele estivesse desenhando em mim, é como sinto; leveza, sugestão de formas, e depois linhas mais escuras, mais fundo no papel. De novo sombreando os cantos. Nem de longe tenho medo da pintura ampla que estamos criando agora; minhas mãos procuram as barras das roupas dele.

— Calma, calma — me tranquiliza enquanto sinto seu hálito quente no meu pescoço. Parece que não aguenta tirar a boca de mim. E é verdade: sinto uma lambida, em seguida seus lábios e seus dentes raspando. Se ele quiser fazer isso por todo o meu corpo, aleatoriamente, seria ótimo.

— Ruthie… — diz com a boca no meu ombro. — Uhmm. — Está perdendo o foco, sua voz se perde em um resmungo rouco. O ombro do meu cardigã interrompe seu progresso e ele o morde, enchendo a boca. Solto uma gargalhada, ecoando alto nos muros de pedra do quintal.

— Não coma meu cardigã, por favor. Preciso dele.

— Eu não — responde, e suas mãos deslizam pelas laterais do meu corpo.

Sinto suas mãos se fechando na barra da minha saia e fico toda dura. Que calcinha estou usando? Algodão branco simples. Teddy se levanta, sou colocada de pé e ele recua para trás da mesa para ter uma barreira física entre nós.

— Desculpe — diz de repente. — Viu? — Está com uma cor bonita no rosto, olhos brilhando, a tinta em seus braços contrastando com o rubor à luz da lua, veias entumecidas e punhos cerrados. — Sempre me deixo levar.

— Não. Está tudo bem, só estava me lembrando de que minha calcinha não é sexy. — Tenho que provar que não estou perdida de amor por ele, mas o que digo em seguida é tão honesto que estremeço: — Foi o melhor beijo que já tive.

— Então por que parece tão culpada?

— Acho que fui intensa demais. — Conforme começo a recapitular o que acabei de fazer com ele, os sons que fiz, começo a me encolher por dentro.

— Ei, não tem nada de que se envergonhar. Você é incrível. — Ele diz isso de uma maneira realmente gentil. Também é o começo de frase que garotas como eu ouvem o tempo todo. *Você é incrível, mas vamos ser só amigos.*

— Peguei pesado demais?

Teddy ri e pega as chaves.

— Sou um menino crescido. Posso dar conta de você. Mas é melhor a gente parar por aqui. Feche a sua porta antes que eu a siga.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Asemana 4 do Método Sasaki chegou e nem me importo mais com isso, mas é imperativo que Melanie e Teddy não percebam, porque ainda tenho um pouco de orgulho. É sexta-feira à noite e estamos todos à beira do lago. No meio de nós tem uma caixa de pizza vazia. O TJ tem permissão para pastar perto da toalha de piquenique, sempre sob o olhar vigilante do pai.

A Melanie agora está me contando:

— Tenho conversado com três caras legais na sua conta do MatchUp a semana inteira. Nada de pintos, nem príncipes estrangeiros, nem pedidos de dinheiro via Western Union, nem pedidos de nudes. Acho que temos candidatos de verdade.

— O sarrafo está tão baixo que nem o TJ conseguiria passar por baixo — Teddy observa, ácido, esticando a mão para girar sua tartaruga noventa graus. Então fazemos contato visual, e Teddy cora como um pôr do sol cor-de-rosa.

Sempre supus que seria eu quem ficaria boba depois do nosso beijo, mas aconteceu o oposto. Segurei a onda. Enquanto isso, Teddy ficou tão perturbado que tem feito coisas como:

- ✓ Derrubar as sacolas de delivery
- ✓ Tropeçar nas cercas-vivas/se enroscar em teias de aranha/escorregar no excremento dos patos
- ✓ Perder a linha de raciocínio a ponto de a Renata o acusar de estar roubando os remédios delas

Isto é o que faz meu coração bater tão rápido no peito o dia inteiro: ele tem agido de maneira tão estranha porque não consegue se recuperar da maneira como o beijei. E sou a única pessoa que sabe disso.

Melanie dispara:

— Se for para dificultar, é melhor ir embora. De qualquer forma, cá estamos, Ruthie. Semana 4, você assume seu perfil no MatchUp. Aqui estão seu nome de usuário e senha. — Esse presente me é dado de maneira cerimoniosa, digitado no cabeçalho da folha da Semana 4, que descreve a atividade da semana.

Faço um resumo em voz alta, pelo Teddy:

— Objetivo: um encontro na Cúpula do Trovão. Método: flertar por meio de mensagens e bater papo on-line com dois caras; flertar com dois caras na vida real dá mais pontos.

— Não consigo parar de pensar em você. Um já foi, linda. — Teddy levanta a mão, fazendo sinal de "toca aqui". Mas não toco; a Melanie é assustadora demais para eu arriscar. Abaixando a mão novamente, diz: — O que foi, não sou um cara, por acaso?

Ele olha nos meus olhos e agora estamos viajando de volta no tempo; estou montada nele, beijando-o até o ar dele faltar e suas mãos apertarem meu corpo com mais força…

— Você com certeza não é um cara. — Melanie está de saco cheio. — Suas tentativas constantes de estragar tudo para manter a atenção em você são mesmo irritantes. — Empilhada ao lado dela na toalha está uma variedade do que acredito serem seus livros de referência, cujos títulos incluem:

- ✓ *Verdadeiro amor e astrologia*
- ✓ *A aura dele, a aura dela, a aura deles*
- ✓ *Cristais para sorte, amor e energia sexual*
- ✓ *Melhores nomes de bebês*

O último é preocupante, e está cheio de marcadores roxos.

— Avisei você sobre se empolgar demais. — Tiro o último da pilha.

— Mas que diabos — Teddy fala baixinho ao ler a lombada.

Ela balança a cabeça.

— Não, não. Estou consultando o nome dos caras com quem estou conversando em seu nome.

Abro um dos marcadores e olho a página, procurando uma pista. Há uma marca bem leve de lápis ao lado de um nome e eu leio em voz alta:

— Paul. Pequeno, humilde, contido.

Mel dá de ombros.

— Cheguei à conclusão de que não era uma boa para você.

Abaixo o livro.

— Só para eu entender. Você está escolhendo caras para mim de acordo com o significado do nome deles?

Ela faz que sim com a cabeça, como se isso não fosse muito, muito esquisito.

— Minha melhor escolha no MatchUp é Brendan. Significa espada, o que é meio sexy.

Teddy deita de costas para o chão, se contorce e põe a cabeça no meu colo. Nota: estou usando jeans novos e justos. Usei no escritório. Em uma sexta-feira. E eles deixaram o Teddy meio encabulado. Com sua cabeça pesada nas minhas pernas, olha o livro de bebê nas minhas mãos.

Aposto um bilhão de dólares que sei o que vai dizer. O que alguém que se ama tanto diria? Já estou folheando até a letra T. Do meu colo, Teddy diz:

— Veja o que Ruthie significa.

Um bilhão de dólares pelo ralo. Olho para ele de boca aberta.

Teddy estica o braço para redirecionar o TJ de novo. Intimamente penso que ele quer continuar andando e não teria problema nenhum se continuasse. Mas Teddy é de fato devotado a seu pequeno amigo. Ele adaptou a letra da música que canta durante o banho para "Wonderuga". Também me perguntou: dá para ficar com o TJ? *Fairchild fica muito perto do Zoológico de Répteis. Vinte e cinco minutos. Eu poderia colocá-lo no* day care. *Sabia disso, Ruthie, o quanto é perto de onde vou estar?*

Melanie diz:

— Sei que parece loucura, mas acho que as pessoas têm muito a ver com o significado do nome delas. Tipo, Melanie significa "preto". E olha só. — Ela segura o rabo de cavalo preto como prova. — Excluí alguns candidatos que não iam conseguir chegar à próxima rodada. O nome de um dos caras significava "leiteiro". Dá para imaginar?

Penso em todas as possibilidades que deve ter deletado.

— Tenho sorte de alguém querer me escrever, mas você vai rejeitar o Paul só porque o nome dele significa pequeno? Ele pode ter dois metros de altura. — Com o canto do olho, vejo as pernas do Teddy se esticando. — Ele poderia ser minha alma gêmea, e você só decidiu por causa de um nome antigo?

Melanie balança a cabeça.

— Eu perguntei. Ele tem um e sessenta.

Teddy pega de mim o livro e minhas mãos caem no meu colo/ no cabelo dele. Melanie não parece perceber, então vou só desembaraçar essa parte bagunçada aqui. É como tricotar. Algo repetitivo e relaxante com que me ocupar durante as noites, no sofá, enquanto *Enviado do céu* me preenche com aquela nostalgia deliciosa.

Passar os dedos pelo cabelo do Teddy é uma coisa viciante que posso fazer por horas.

Ele folheia o livro.

— R. Vamos ver. Rhiannon, Rhonda, Rose… — Nesse último, ele para. — Rowena, Rukmini, Ruth. — Ele lê a definição e abaixa o livro. — Surpreendente. Quer saber, Mel? Você pode escrever uma sequência para o Método Sasaki. Selecione suas opções afetivas de acordo com o significado do nome. Agora eu acredito.

Ela fica toda convencida.

— Já tenho até o título. *O Significado de Sasaki*.

Teddy e eu dizemos em perfeito e incrédulo uníssono:

— Puta merda.

— E Ruth, o que significa? — Ela está pronta para me provocar, isso está claro. Houve uma época em que ver uma piada prestes a ser feita à minha custa me faria ficar na defensiva. Agora, estou sorrindo. Tenho mais um daqueles momentos *onde estou?* Amigos, piquenique, lago, pôr do sol.

Ela solta a piadinha:

— Deixa eu adivinhar. Ruth significa “gerente”.

Atiro um pedaço da borda da pizza em sua cabeça.

— Significa “empregadora”.

Teddy lê em voz alta o trecho do livro:

— Ruth. — Ele mira um enorme sorriso na minha direção e o sinto no meu coração. — Gentil. Amiga compassiva e companheira.

— Sexy, não? — digo.

Deste ângulo, posso ver que terminou de ler a descrição, mas continua:

— Ser sublime e de olhos castanhos. Aquela que tem cardigãs com bolsos macios e fundos. Que toma banhos de espuma. Que pula na piscina. Provedora de queijos. Que brilha ao pôr do sol. Enviada do céu.

É a descrição mais adorável que já fizeram de mim. Passo a mão pelo lindo cabelo dele.

— É um significado mais interessante que o original. Ser Ruth e virginiana tem sido minha cruz.

Melanie diz:

— Você é leonino, Teddy. É tão óbvio. Olha só o leão, deitado e sendo paparicado pela virgem.

Sou forçada a rir.

— Ai. Perto demais da verdade. — Percebo a pergunta que a Mel está com medo de fazer. — Perdi a virgindade na noite do baile de formatura. E… foi a última vez. Teddy já sabe.

— Depois de uma seca tão grande, vou dar um passe livre para uma noitada casual no período do Método. — Mel olha as minhas mãos no cabelo dele, as pernas intermináveis dele largadas, displicentes. Aperta os lábios. Uma noitada casual com um estranho, não com esse aí. — Mas o que o nome Theodore significa, afinal?

— Adivinhem. — Se ele esperava lisonjas, vai ficar dolorosamente desapontado.

Eu:

— Vagabundo.

Melanie:

— Bebê urso.

Eu:

— O senhor das pernas.

Melanie:

— Acidente de trem.

Eu:

— Desastre total.

Melanie:

— Menino rico e preguiçoso.

Ele ri e nos odeia.

— Calem a boca, vocês duas. Estão tão erradas. Me deram o nome perfeito. — Ele estica a mão e coloca o TJ na nossa direção novamente.

Folheio procurando o T e leio em voz alta:

— Theodore. Só pode ser brincadeira. — Fecho os olhos. — Presente de Deus.

O uivo da Melanie ecoa pela encosta.

— Acha que sou o presente de Deus? — Ele se aconchega mais para cima nas minhas coxas. Faz com que sinta que tenho o melhor colo do

mundo. — Obrigado, Ruthie. Você sempre me faz sentir bem comigo mesmo.

— Vamos voltar ao assunto atual: fazer a Ruthie se sentir bem consigo mesma — Melanie diz, em tom de aviso. — Abra o aplicativo, srta. Midona. Agora abra as mensagens. Os três primeiros são os senhores Ruthie em potencial.

— Com quantos caras você tem falado em meu nome? — Deslizo a tela interminavelmente. — Mel, que loucura. Quanto tempo passou fazendo isso?

— Tenho explorado o oceano por você — ela se defende. — Deveria me agradecer. Esse cara sexy de óculos, chamado Christopher, convidou você para um café. — Escuto um rugido de urso vindo do meu colo.

— Como consegui tantos *matches*? Você *photoshopou* minha cabeça em um biquíni sexy? — Não, ela não fez isso. É apenas a foto que o Teddy tirou de mim no escritório. A lisonja é um fogo aconchegante com o qual acabo de me deparar, e estou sentindo seu calor. — Que estranho.

Teddy fica azedo.

— Caras aleatórios deixam você mais lisonjeada do que eu.

Massageio a testa dele, para desfazer as rugas.

— É porque não estão atrás da minha senha do wi-fi.

Mel se lembra de algo.

— Onde está aquela sua moto velha e quebrada? Sumiu do seu quintal.

— Acho que está na cama dele. Com os guidões no travesseiro. — Toda vez que consigo uma careta dele, parece que ganhei alguma coisa.

Ela pega o celular da minha mão e começa a digitar.

— Se não tiver objeções, vamos de Brendan. Objeções da Ruthie — esclarece, quando Teddy abre a boca para falar. Ela olha para a tela e sorri. — Respondeu na hora. Ele é afiado. Próxima quinta-feira. Tenho um encontro também. Podemos ir juntas para a Cúpula do Trovão, e eu tomo conta de você de longe.

— Parece bom. — E assustador.

Mel olha as horas.

— Ops. O sol está sumindo. Tenho que ir. Leia a Semana 4. Converse com os caras no MatchUp. Vá flertar com dois caras na vida real, não importa que sejam nerds em uma biblioteca. Apenas pratique um pouco com alguém que não seja o Teddy. Aí vamos combinar o encontro para a próxima quinta-feira.

— Ela pode praticar comigo o quanto quiser — diz o Teddy, se esticando e se aconchegando de novo.

Mel sorri mostrando todos os dentes.

— Aproveite esse colo enquanto puder, colega.

— Com certeza farei isso — ele responde, exatamente com a mesma doçura forçada.

Melanie recolhe as coisas dela, o que demanda bastante tempo, e vai embora.

— Beijo — grita sob o pôr do sol róseo. — Teddy, precisa se preparar para abrir mão da Ruthie.

— Cuidado por onde anda — Teddy grita de volta, apoiando-se sobre um dos ombros. Uma das mãos está sobre o TJ. — Argh, ela não está olhando — ele resmunga para si mesmo antes de rolar de volta para o meu colo, com um gemido.

Toda vez que olha para cima e busca contato visual comigo, sei que rolou aquele encantamento. Tenho um encontro com alguém chamado Brendan semana que vem. Ou era Brandon? O cara-espada. Como pensar em qualquer outra pessoa quando tenho essa pessoa confortavelmente em cima de mim?

Teddy diz:

— Estava pensando se gostaria de fazer um trabalho de campo comigo e as Parloni domingo.

Vejo a testa dele se franzir e a língua passar nos lábios, nervosa.

— Aonde vamos?

— O Alistair vai estar no estúdio novo para ver o progresso dos trabalhos. Ele mencionou como se não achasse que eu iria. Dá para matar dois pássaros com uma pedrada só. A Renata vai ouvir quanto a tatuagem do verdadeiro amor vai custar e se ele topa fazer. Ela enfim vai parar de pegar no meu pé com isso. De qualquer forma, venha com a gente. As duas vão pegar no sono no banco de trás. A gente pode ouvir o podcast de *Enviado do céu* que eu achei.

Ele sabe como deixar as coisas tentadoras.

— Com o que aconteceu da última vez, o alarme… Acho que não posso. — Vejo a decepção nos olhos dele quando faz que sim com a cabeça e desvia o olhar para o lago, sem dizer nada. Argumento, mesmo assim: — Como eu poderia apenas sair?

— Eu enfio cada morador dentro da sua casa. Coloco um campo de força em volta do Providence inteiro. — Ele volta o rosto para mim e meu coração para de bater por um instante. Começo a morrer quando murmura: — Eu mesmo confiro se cada porta está fechada. Carrego você no meu ombro e coloco no banco do passageiro. Vai ser fácil.

— Ainda não sei por que precisa que eu vá.

— Estou nervoso sobre ver o Alistair e quero exibir para você a sala do estúdio que vai ser minha. Por que preciso que vá? Que pergunta estranha. Sempre preciso de você. — Ele está com aquela linhazinha na testa de novo. — O que acha que está acontecendo aqui, exatamente? — Faz um gesto vago ao nosso redor e meu coração se contorce. Quando viro para olhar a linda paisagem encapsulada neste momento, vejo algo.

Uma tartaruga dourada está vindo em nossa direção. Vejo algo vermelho nela e logo me acalmo, porque não é sangue. É o Sharpie.

— Ei. Olha. É o Número Um. Teddy, é minha primeira tartaruga.

Ele sorri para mim, com a cabeça no meu colo.

— Você nunca esquece um rosto? Essa garota é tão fofa — acrescenta para si mesmo.

Inclino-me e pego a tartaruga. É um menino saudável agora, do tamanho de um livro, chutando e reclamando vigorosamente por ter sido tirado do chão. Olho para o Teddy e tento não sorrir com a expressão dele.

— Vou só levar um particular aqui com a tartaruga, o que pode ser esquisito, mas quem sabe quando vou ver esse carinha de novo.

— À vontade.

Digo à criaturinha de olhar perfurante:

— Número Um, quando peguei você pela primeira vez, não sabia nada. Mas você me fez perceber que ainda poderia ajudar mesmo sem ser veterinária. Me deu esperança. Foi você quem mudou tudo para mim e espero que a gente se veja de novo, um dia. Só mais um momentinho… — Coloco a tartaruga sobre a toalha, tiro algumas fotos e depois vasculho minha bolsa. Usando o cabo do carregador, meço o diâmetro do casco e marco a medida com um prendedor de cabelo. — Posso registrar o tamanho dele nesta tabela.

Quando permito, o Número Um vai embora, bravo.

— Deixá-los ir é a parte mais difícil. Fui tão descuidada. Deveria saber que o marcador mancharia o casco. — Passo álcool em gel nas mãos e fico pensando se isso pode ajudar a convencer o Teddy a soltar o TJ. — Agora

essa criaturinha rara e preciosa vai ficar marcada para sempre por minha causa.

A combinação de palavras que escolhi parece as palavras mágicas de um feitiço sob esse céu brilhante e róseo. Com o peso da cabeça desse homem sobre as minhas pernas, sinto uma melancolia pela qual não esperava. E, como sempre, como dividimos tudo, Teddy a sente.

— Você não é descuidada. — Ele diz isso com uma convicção tão tranquila que cai como um bálsamo nessa pequena fissura no meu coração. — Estamos deitados bem no meio do resultado do seu trabalho duro e da sua gentileza. Sua marca está espalhada por toda parte. — Ele olha para seu antebraço tatuado e depois suspira para o céu. — Gostaria de ser ao menos uma fração da pessoa que você é. Às vezes, perco toda a compostura quando olha para mim. Você tem um jeito de olhar que… me deixa no chão.

— Estou longe de ser boa assim — digo desconsoladamente, e isso o faz rir. — Teddy, você é uma boa pessoa. Garanto eu mesma que é. Você é bem vaidoso, mas por que não seria? — Passo os dedos pelos seus cabelos negros e sedosos. — E fez algo que ninguém mais fez.

— O quê? — Os olhos dele têm a luz das estrelas agora. Não posso acreditar que o tenho aqui, em cima de mim, essa criatura rara e preciosa. Ele vai partir meu coração quando for embora, noite adentro.

— Você ficou mais tempo que qualquer outro rapaz. — Inclino-me e beijo sua testa. — Não importa quanto tempo mais fique, estou feliz de ter tido você aqui. Não tem ninguém no mundo que possa se comparar a você. — São palavras que ele adora ouvir, e espero que seja porque sou eu quem está dizendo. Agora tenho que dizer algo que pode magoá-lo. — Não acha que é hora de deixar o TJ partir?

Teddy olha de lado para a tartaruga, sempre a um braço de distância.

— Não acho que ele esteja pronto.

— Acho que ele precisa seguir o caminho dele, como o Número Um. E como você, em breve.

— Você sempre fala como se estivesse dizendo adeus para mim. Outras garotas falavam comigo como se eu fosse uma parte permanente da mobília, e isso me fazia querer levantar e ir embora. Mas o que você faz é pior. — Os olhos dele buscam os meus.

— Pior por quê? — Penteio seu cabelo com os dedos e, como não encontro nenhum nó, me dou conta de que tenho estado apenas acariciando-o. — Está tudo bem. Sempre soube que você iria embora.

— Você esperando que eu vá embora me faz sentir… coceira. — Ele bate o dedo no peito e, sem pensar, começo a coçá-lo por cima da camiseta. Ri, mas está triste. — Pare de sempre tentar me dar alguma coisa. Não mereço sua adorável coçadinha.

Ele rola para fora do meu colo e a perda do peso dele sobre mim é tão terrível quanto eu imaginava. Pega o TJ e diz:

— A Ruthie acha que você já está pronto. — Em seguida, fala para mim: — Tem certeza de que não posso levar o TJ comigo? Eu cuidaria muito bem dele.

Ajoelho-me também.

— Sei que cuidaria. Mas ele precisa encontrar uma esposa. Ou marido. Na verdade, não sei se é uma tartaruga macho. Este é o lugar dele. Não acho que viver em um tanque na sua nova casa vai se comparar a isto.

Olhamos para o domo celeste se formando sobre nós enquanto o sol afunda no horizonte. Há mil tons de violeta no céu. Uma brisa desliza sobre nós. Posso sentir o cheiro do pólen e o perfume da Renata, que está impregnado no Teddy. (Ele o chama de Cruel Número Cinco.) Vemos a margem lamacenta do lago e o tecido felpudo da toalha. O Providence está seguro, envolto por esse domo de estrelas prateadas, e talvez, pelo menos esta noite, eu possa descansar.

— Estou bem cansada de tomar conta de tudo — confesso abruptamente, mas ele apenas faz que sim com a cabeça e coloca o TJ no chão. Observamos enquanto caminha para o lago. — Estou orgulhosa de você. O meu primeiro saiu andando assim e isso meio que me deixou chateada.

— É. Bem, talvez seja melhor irmos para casa. Viu os sorvetes chiques que coloquei no freezer? Eles têm sido minha razão de viver. — Ele fala como se a gente morasse junto, desde sempre, aninhados embaixo das cobertas.

Sei que as coisas não são assim, mas, meu Deus, seria ótimo ter uma lembrança apaixonada, ousada, para quando estiver sozinha de novo. Nós nos encaramos agora, de joelhos, perto o bastante para nos tocarmos.

Tenho que agarrar esse momento enquanto minha criatura rara e grande ainda está comigo, nesta toalha de piquenique. Tenho que fazer algo grande, ou então tudo o que vai me restar são os *e se*.

— Sou bem inexperiente nessas coisas, mas realmente parece um cenário romântico.

— E é. — Ele olha para mim com uma centelha de interesse nos olhos. — Só percebeu agora?

Estou sendo tragada por suas pupilas negras como se estivesse me hipnotizando.

— Posso pedir que me beije, por favor?

— Seu desejo é uma ordem — diz, se inclinando. Uma fração de segundo antes de seus lábios tocarem os meus, ele fala: — Mas só se for até o estúdio comigo.

— Tá bom — respondo, e meu desejo é atendido. É tudo o que eu esperava que fosse.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

— Já chegamos? — Renata pergunta do banco de trás, bocejando como uma criança. — Foi rápido.

Não foi rápido. Foi uma longa viagem, e Teddy e eu quase terminamos de ouvir os onze episódios do podcast de *Enviado do céu*. A parte posterior das minhas coxas está rígida por eu ficar tanto tempo sentada, e meu estômago dói de tanto que eu rio de tudo que o Teddy diz. Não deveria ser proibido ter um perfil de rosto tão lindo?

— Aggie. Aggie. — Renata cutuca a irmã. — Estamos no salão de tatuagem. Aggie. — Viro para ver lá atrás. Aggie está recostada na porta, olhos fechados, boca aberta. Meu coração salta de medo e a Renata começa a chacoalhá-la. — Acorda. Já.

Um gorgolejo profundo e seco escapa da garganta da Aggie e ela se endireita no banco. Todo mundo respira aliviado.

— Pensei que estivesse morta — Renata a acusa.

— Não muito — Aggie retruca. Ela permite que a Renata a ajeite, e o faz por um longo momento, endireitando o colarinho, dando um tapinha carinhoso na mão. Quando olho pelo espelho retrovisor, noto que os olhos da Renata estão cheios de lágrimas. — Está tudo bem, está tudo bem — Aggie repete.

— Você me assustou de verdade — retruca, e um soluço rompe sua voz. — E veja como estou perto da minha tatuagem. Acabaria chegando tarde demais.

— Bem, não é tarde demais — Elas se inclinam uma em direção da outra, suas testas se tocam. Teddy e eu somos intrusos agora, em um momento que é delas, e saímos do carro. Algo me escapa, mas não sei o que é.

— Ufa, parece que essa foi por pouco — Teddy diz. — Momentos como esse acontecem bastante com você?

— Sim, bastante. Conheci bastante gente que faleceu.

— Sério? — Teddy está surpreso. — Como lida com isso?

— Tenho um check-list para me guiar nessas situações. — Olho para ele e vejo que essa resposta nem de longe é suficiente. — Aí, depois que o pessoal da funerária e os familiares vão embora, choro no banheiro.

Não quero me lembrar da última vez que isso aconteceu, apenas quatro meses atrás. A pequena e frágil sra. Higgins não atendeu à porta quando fui dar uma olhada nela. Eu a encontrei na cama, fria como gelo. E deixei esses três me convencerem a sair do condomínio de novo, deixando todo mundo lá.

— Por favor, me fale do seu estúdio — digo, com um nó na garganta. — Por favor, me ajude a pensar em outra coisa.

Teddy envolve meus ombros com o braço.

— Esse é o meu pedaço. Bem, vai ser. O que acha? Colocaram a placa ontem. — No vidro da frente tem uma tatuagem antiquada de marinheiro, uma âncora com uma faixa em cima. Leio o nome do estúdio em voz alta. — *Sempre e Para Sempre*. É um nome bem romântico para um estúdio de tatuagem.

— É o que sempre pensei também. Vai entrando, vou ajudar as meninas a saírem do carro.

Andar em um lugar assim deve valer como um miniexercício do Método Sasaki, porque exige coragem. Estou em uma sala de espera quase terminada. Tem um sofá preto ainda embrulhado no plástico, um computador desligado e um expositor vazio com uma pilha de caixas de joias. Espalhadas sobre o balcão há fotos impressas de tatuagens. O aspecto irritado da pele recém-tatuada me faz estremecer, mas começo a ver trabalhos do Teddy.

— Aqui, aqui, aqui. — Toco as fotos com os dedos.

— Posso ajudar? — Um homem aparece, depois olha atrás de mim e vê o Teddy lá fora. — E não é que ele veio.

Não gosto do tom. Aponto para as fotos.

— Estava só vendo quais foram criadas pelo Teddy.

— É bem fácil reconhecer esse tipo de talento. Vamos pendurar essas naquela parede. Sou Alistair. — É um cara barbudo, mais velho do que eu imaginava e com uma camisa de flanela amassada. Parece mais um trabalhador de construção, ainda mais com o braço sujo de tinta e uma camada de poeira.

Estendo a mão.

— Sou Ruthie Midona. Vizinha do Teddy.

— Você é a Ruthie — ele repete, como se eu fosse famosa. Apertamos as mãos. — Bem, não esperava por essa.

— O que quer dizer?

— Você não é o que eu esperava — Alistair diz, o que é intrigante, e frustrante, quando se distrai com a visão das Parloni apoiadas nos braços do Teddy. — Uau. Pensei que ele não ia durar nem uma semana fazendo isso.

— Nem eu. Mas ele trabalha doze horas por dia. Nunca reclama e, acredite, elas dão bastante motivo para reclamações.

— Vou fazer o tour com ela — Teddy grita de fora, sob o peso de suas empregadoras anciãs. — Esperem por mim.

— Espero que pare de dificultar as coisas — digo ao Alistair, devagar. — Ele está se matando de trabalhar, e é algo que quer tanto. Faça com que ele sinta que você realmente o quer aqui, tá?

Alistair pisca, hesita, fica vermelho e vai abrir a porta da frente.

— Chegou bem a tempo. Preciso da sua opinião sobre a tinta que o empreiteiro sugeriu.

Teddy abre um sorriso brilhante, depois olha para mim, por reflexo, e estou apaixonada.

Sempre achei que o amor pareceria algo suave, mas não é nada disso. Sinto um desejo desesperado, selvagem, de segurar o coração dele nas minhas mãos e protegê-lo de qualquer coisa que possa danificá-lo. O mundo fora do Providence é uma coisa caótica que nunca para, cheia de decepções e dor. Sou a única pessoa cuidadosa o bastante para tomar conta de algo tão precioso.

— Vá buscar a agulha, não vou viver para sempre — Renata diz ao Alistair.

— Concordamos que isso seria uma consulta, para começarmos a pensar no desenho — Teddy responde à Renata quando ela abre a boca para argumentar. — Não vou desenhar para você e ponto final. Alistair é o melhor.

A julgar pelo que vi na sala de espera, Teddy é o melhor. Gostaria que ele percebesse. Estou surpresa com quão rápido me adaptei a essa coisa de estar apaixonada. É como pegar um casaco no brechó e colocar; serviu. Nem preciso olhar no espelho para saber. Apenas continuo usando. Minhas costas estão doendo depois dessa viagem interminável. Não sei quantas vezes mais eu seria capaz de fazer isso.

Alistair leva Renata e Aggie para uma salinha no corredor e as acomoda.

— E então, o que temos aqui?

— Tenho algumas ideias — Renata diz, procurando o caderninho em sua Birkin. — É um tributo para o amor da minha vida.

Ele morreu? O caso aconteceu há quanto tempo? Sei que ela nunca se casou. Naquele vídeo no YouTube em que passa uma descompostura em Karl Lagerfeld, é a Aggie quem está sentada do lado dela, com uma aparência jovem e adorável. Havia algum tipo de tensão entre as duas que remete à noite do baile de formatura. Talvez estivessem apaixonadas pelo mesmo homem. Fico bem empolgada com essa minha teoria picante e decido discuti-la com o Teddy mais tarde.

— Você vai transformar em realidade um desejo que ela teve a vida inteira — Aggie observa para o Alistair. — Ela nem conseguiu dormir ontem à noite, ficou se revirando na cama.

— Estou honrado — Alistair pontua, sorrindo para as duas. — Acho que preciso dar uma olhada na sua pele para saber se é viável fazer o trabalho.

— Por quê? — Renata fica imóvel, como uma serpente antes de dar o bote. Alistair não a conhece, e vai descendo ladeira abaixo.

— A senhora é mais velha que a média dos meus clientes. Nunca trabalhei em ninguém velho como… — Sua voz some e ele percebe que acabou de retirar o pino de uma granada. Teddy e eu já estamos na metade do corredor quando ela explode.

Vamos para uma sala no final do espaço. Tem uma maca para o cliente, uma bancada e um banquinho.

— Esta vai ser a minha sala — Teddy me conta, e observo enquanto ele passa a mão pelo tampo da bancada. — Gosto desta sala porque daqui dá para ver até a mesa da recepção. Mal posso esperar até ter minhas próprias fotos aqui. Então, o que acha?

É a segunda vez que pergunta, e está nervoso quanto ao que vou responder.

— É ótima, Teddy. Mas todo chefe tem um escritório. Cadê o seu?

A pergunta o pega de surpresa.

— Não pensei nisso. Vou morar no andar de cima, então acho que posso usar o outro quarto? Vou conversar com o Alistair sobre as coisas que quero fazer por aqui.

Agora percebo que ele tem uma pasta enorme embaixo do braço. Ele diz:

— Fiz uma cotação do software. E baixei uma versão gratuita para teste e montei um modelo de como vai ser. Foi ideia sua. São coisas desse tipo que

vão fazer o Alistair me levar a sério.

— Você se levar a sério. Isso é o mais importante. Estou orgulhosa.

— Obrigado — diz, com tanta sinceridade que sei que é uma das primeiras despedidas que vamos ter. Minha reação é não querer ouvir, mas ele continua: — Você me ajudou a ter confiança nisso. Não sei administrar um negócio. Entre você e o Alistair, já sei a quem vou recorrer quando precisar perguntar alguma coisa.

Eu estarei de volta ao Providence, na minha mesa, recebendo uma ligação dele quando não souber como cadastrar um novo cliente no banco de dados. Vou ouvir garotas bonitas ao fundo, se inclinando sobre o balcão de vidro para escolher seus piercings, esperando o Teddy sair do telefone para flertar com ele. Sempre soube a real, mas, mesmo assim, isso me faz sentir pequena. Já ajudei vários garotos bonitos com suas lições de casa ou com as Parloni ao longo dos anos.

— Tudo bem se eu esperar no carro?

Ele fica devastado.

— Mas esperei tanto tempo para estar aqui, e quero que esteja comigo. Vem, senta aqui. — Ele dá um tapinha na maca, onde suponho que os clientes vão se deitar. Sento na beirada. Ele pergunta: — O que está acontecendo com você?

— Vamos fingir que sou uma cliente nova. — Estendo o braço na esperança de que me toque.

Ele ri e aproxima o banquinho, deslizando.

— Certo, Cliente Nova, o que vai querer?

— Quero ser adicionada corretamente no seu banco de dados, com um lembrete da minha próxima consulta. E quero uma tatuagem de um pássaro azul.

Ele está perplexo.

— De onde tirou isso?

— Vi a tatuagem que você fez na Brianna. É linda e fiquei com inveja. Vou querer um pássaro azul imaginário, por favor. — Ele desliza para trás, pega uma caneta e desliza de volta para mim. Depois de destampá-la, olha indeciso para minha pele. Digo: — Vá em frente.

Ele hesita, olhando a parte interna do meu antebraço.

— Você literalmente não tem pelos nem sardas. Essa pele é de verdade? — Ele esfrega o polegar nela, depois a palma da mão. Criando uma fricção

quente entre nós, esfrega minha pele com admiração nos olhos. — Como eu poderia fazer um ponto sequer aqui?

— Quero que me surpreenda. — Olho para o teto e sinto o toque gelado da caneta. — A Ruthie do ensino médio está tendo um ataque agora. Está dizendo para eu não confiar em você e que você vai escrever algo maldoso em mim.

— Não vou. — A ponta gelada da caneta começa a deslizar em mim, fazendo cócega. — E a análise do Providence, como está indo?

Fecho os olhos, cansada só de pensar.

— A Rose parece realmente descontente com tudo que entreguei. Não importa o que eu dê, ela sempre pergunta: "Cadê o resto?". Acho que não percebe que somos um escritório bem pequeno e que as coisas aqui são bem mais simples do que ela está acostumada. Estou fazendo o melhor que posso sem a Sylvia.

— Se a filosofia do meu pai é "A vida é mudança", a da Rose é "Cadê o resto?" — Teddy repete, em um tom suave. A caneta para na minha pele, e juro que a sinto tremer e saltitar. — Mas a Melanie disse que você está dando conta muito bem. Estou orgulhoso. De verdade.

Mais daquela sensação de adeus. Olho para o teto.

— Quando a Rose souber que é sócio daqui, vai ficar impressionada.

— Ela vai me perguntar quanto tempo até eu me entediar e abandonar. É melhor eu sair do Providence antes que faça alguma coisa realmente perversa. — Ele move a caneta, se detendo em algum detalhe. Gosto de sentir sua mãozona segurando meu cotovelo e os nós dos dedos roçando minha pele. — Este lugar não vai ser nada impressionante para ela.

Vejo quanto isso o deixa triste.

— Por que ela é tão má com você?

Ele sorri com o tom assassino da minha voz.

— Ela tem uma paranoia de que eu vou acordar um dia e tentar assumir o lugar do nosso pai. E odeia o fato de que sou o único filho homem. — A caneta para. — Ela é a única que dá alguma atenção a isso. Talvez algum membro do conselho tenha dito alguma coisa.

Abaixo um pouco a cabeça para ver o rosto dele, mas evito olhar para o meu braço. Esta deve ser minha única chance de ter a arte dele no meu corpo, e quero sentir todo o impacto do trabalho pronto.

— Qualquer um que o conheça sabe que não está interessado em tirar o emprego dela.

— É, mas ela não me conhece. Ela sempre foi como um cão de guarda, rosnando quando eu me aproximava. — Ele dá uma olhada no meu rosto e percebe minha atenção. — Nada de espiar.

— Claro que eu não ia espiar. Não sou digna de confiança? — Sorrio quando ele sorri.

— É digna de toda a confiança — diz como se estivesse se dando conta, e o brilho de seus olhos se intensifica. — Aposto que guarda segredos para o resto da vida.

— Não me contaram tantos para eu guardar. — Abraço-me com o braço livre. — É esse o problema da Rose com você? Ela acha que um dia você vai aparecer de terno e reivindicar seu direito como o homem da família Prescott?

— Aí é que está — responde, parando a caneta. Ele endireita as costas. — Não tenho direito.

— Sei disso. Você nunca faria algo assim.

— Não, quero dizer literalmente. Sou do segundo casamento do meu pai. Sou um filho ilegítimo. — Faz sinal de aspas ao dizer essa última frase. — Eu disse que não conheci minhas irmãs até completar oito anos. Isso foi porque eu não fazia ideia de que existiam. E elas também não sabiam de mim.

— Poxa, Teddy. O Jerry — seu pai — estava presente na sua vida?

Ele olha de lado, relembrando.

— Tenho poucas memórias antigas sobre ele, e em geral são de que viajava muito. Minha mãe dizia que ele estava sempre fora em alguma viagem de negócios e, quando voltava, me dava materiais artísticos, que eu adorava. Mas a verdade é que ele ia para casa, para junto da esposa, Dianne Prescott, e as quatro filhas. E, entre uma visita e outra, ficávamos sem dinheiro. Minha mãe nunca foi de economizar. Dizem que minha semelhança com ela é assustadora.

Tenho a sensação de que foi a Rose quem disse isso.

— Então, como ficaram sabendo sobre você?

— Foi um grande fiasco, causado pela minha mãe, claro. Ela é dramática — acrescenta com sarcasmo. — E às vezes bebe demais, apesar de que deu um jeito nisso nos últimos tempos. Ela apareceu durante a cerimônia de renovação de votos do Jerry e da Dianne, bêbada como um gambá, e, sabe aquela parte da cerimônia em que perguntam…

— Se alguém se opõe a esse matrimônio… — completo, com um misto de fascinação e horror. — Ela não fez isso.

— Pois fez. Ela acabou com o casamento deles. Dianne fez as malas, limpou a conta bancária, pediu o divórcio. O discurso oficial é de que ela foi para um *spa* na Suíça, mas acho que teve um colapso.

— Que coisa horrível.

— Imagina esse desastre todo. Deixar para trás quatro florezinhas. Daisy, Lily, Poppy e Rose: margarida, lírio, papoula e rosa. Elas ficaram confusas, sem saber para onde a mãe tinha ido nem por que seus pais não estavam mais casados. Nosso pai entra comigo na sala de estar, diz às meninas que eu era o novo irmão e, então, recebe uma ligação do trabalho e sai.

Ele se inclina, pega de novo meu punho com sua mão quente e recomeça a desenhar, como se precisasse se distrair.

— Embaraçoso não é o suficiente para descrever a situação.

— Elas foram más com você?

— A Daisy, a Poppy e a Lily eram mais novas que eu. Falei que poderiam me vestir como quisessem. Isso as deixou felizes e, quando deixei meu cabelo crescer, começaram a praticar penteados em mim. Me amaram logo de cara. Até os treze anos, me chamavam de… — Ele para e ri. — Por que conto tudo para você?

Sinto um nó na garganta. Preciso que me conte tudo, para sempre.

— Por favor, me conta qual era o apelido. Eu guardo segredo, lembra?

Ele se levanta, segura a barra da camisa e a levanta. Procura em si mesmo como se revirasse a gaveta de bagunça da cozinha atrás de uma tesoura.

— Certo. Aqui. — Ele vira para o lado e, enquanto tento me concentrar na arte e não no corpo (o que é difícil), encontro o que ele quer me mostrar. Mais uma tatuagem de flor escondida entre as outras.

— Seu apelido era Girassol? Combina com você. — Agora que já terminei de admirar a arte, cumprindo meu dever, me permito dar uma olhada no corpo enquanto abaixa a camiseta. Como costelas e músculos podem coexistir tão perto, não faço ideia.

Ele se deixa cair sobre o banquinho, pesadamente.

— Mas a Rose tinha a minha idade. Na verdade, temos menos de seis meses de diferença. Como meu pai conseguiu fazer dois bebês ao mesmo tempo… Bem, vamos ignorar essa última parte. Ele mal aparecia. Minha

mãe diz que ele vinha até em casa duas vezes por semana, fingindo que ia para a academia.

— Mas ele e sua mãe estavam apaixonados — arrisco. — No fim se casaram, não? — Sei que não vai ter final feliz.

— Essa é a pior parte. Eles ficaram casados por um ano e meio. A verdade é que minha mãe meio que gostava de ter um namorado secreto rico a visitando duas vezes por semana e trazendo dinheiro. A qualquer momento ela deve trocar de marido agora. Sempre tive medo de ser igual. Tenho sido assim — esclarece com a voz mais tranquila.

— Acho que você pode ser o que quiser.

Agora ele está pontilhando meu braço com a caneta e sinto que está quase acabando.

— Vinte anos depois, a Rose ainda está furiosa por eu ter pisado naquela sala de estar. Você estava completamente certa quando disse que ela foi a única garota que não consegui conquistar. E estou dizendo isso porque não vou ser capaz de salvar o Providence dela. Eu estar ali aumenta o perigo a cada dia.

— Ela sabe que você tem uma tatuagem em homenagem a ela? Eu vi na parte de trás do seu braço. É tão linda.

— Todas ganharam uma — diz com leveza, como se não significasse nada andar por aí com um tributo para cada uma das irmãs. — Mas essa rosa doeu mais que todas as outras juntas.

— Mostre que ela é importante para você e que gostaria de uma chance de causar uma impressão nova. Acho que da próxima vez que estiver na mesma sala que você, vai ser diferente.

— Não faz sentido tentar — explica pacientemente. — Apenas aceito as coisas como são. Do contrário, é doloroso demais. Obrigado por ser uma ouvinte tão boa, Ruthie Midona. Espero que goste da sua tatuagem temporária.

Ele se levanta para ir ver a Renata e sou deixada aqui, sentada, petrificada com a obra no meu braço. É um anjo, de uns doze ou treze centímetros. Ela tem robes flutuantes — ou isso é um cardigã? — envolvendo sua bela e delgada figura, com pezinhos delicados e asas esticadas em direção aos céus. E, nas mãos dela, menor que metade de uma unha, o inconfundível contorno de uma tartaruga.

Não gostei. Amei.

Vejo o que poderíamos ser, em outra realidade, na qual o sonho dele não esteja tão longe e eu não tenha assumido um compromisso para a vida inteira com o Providence. É provável que tenha que seguir seu exemplo e aceitar as coisas. Do contrário, é doloroso demais.

— Vamos, temos que terminar o tour — Teddy diz do corredor. — Quer ver meu quarto novo?

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Fico em silêncio durante a viagem de volta. As Parloni, não; elas estão capotadas, uma apoiada na outra, roncando com a boca aberta.

— Está cansada? — Teddy me pergunta. — Está com fome? Posso parar em algum lugar.

— Estou bem. — Odeio o quanto meu tom é ameno. Preciso fazer melhor que isso. — É que tudo parece mais real agora, vendo seu estúdio e seu apartamento.

— É legal, né? — Teddy está sorridente e envolto no brilho que emana de seu novo futuro. — Vou estar mais próximo do trabalho do que no Providence. Posso descer as escadas em uns vinte segundos. O que achou do banheiro? — É a segunda vez que ele me pergunta. — Deitei na banheira para ver se é confortável.

Que fique registrado que o apoiei o tempo todo enquanto ele me levava para o andar de cima para desfilar comigo pelo seu apartamento novo. Com suas adoráveis mãos quentes que dão e tiram em volta dos meus ombros, fui conduzida por ele e admirei tudo, diligentemente:

- ✓ O banheiro (— Uau, é tudo novo; amei os azulejos!)
- ✓ A cozinha (— Dá para assar um peru inteiro nesse forno, Teddy!)
- ✓ A sala de estar (— Por favor, não vá colocar aqui um sofá que achou na beira da estrada.)
- ✓ A vista (— Essa árvore deve ficar linda quando as folhas mudam.)

Quanto mais dou a ele, mais feliz e empolgado fica. Não pude dizer nada sobre o quarto, porque nunca estarei nele. Mas era adorável, também. Meu corpo se arrepia todo só de pensar em como ele me levou para dentro e massageou meus ombros enquanto detalhava o sistema de aquecimento para mim. É superior, claro.

— Acho que o outro quarto vai servir bem como escritório — ele comenta entusiasmado, agora apertando minha perna antes de baixar o ar-condicionado e tirar a grade de ventilação da minha direção. — Se colocar minha mesa embaixo da janela, vou me distrair o tempo todo. Tem espaço suficiente para duas mesas.

— Acho que sim. É um ótimo espaço. — Será preenchido com a luz do sol pela manhã. — Coloque duas mesas e deixe uma para você desenhar.

— Em que parede você colocaria sua mesa?

Já gastei todo o meu repertório de opiniões.

— Não sei. Na parede do fundo. — Estamos quase chegando ao Providence. Só preciso manter essa fachada de satisfeita mais um pouquinho, e depois vou poder me afundar no banho e sentir pena de mim mesma. Sempre soube que isso ia acontecer. Os moradores daqui não se mudam e mandam cartões-postais depois. Agora preciso começar a lidar com a morte lenta dessa amizade especial.

Ele diz:

— Vou colocar minha mesa embaixo da janela. É um lugar bom para pôr uns vasinhos também, bate bastante sol. — Com a decisão tomada, ele está feliz e cantarolando enquanto dirige até o estacionamento de cima, para que as Parloni não precisem andar tanto. Elas estão com olhos vermelhos, cansadas, e a Aggie está pesando tanto no meu braço que, quando finalmente tranco a porta delas, me sinto exausta.

A visita ao Sempre e Para Sempre (filial de Fairchild) foi um sucesso. Alistair ficou pasmo ao ver que Teddy realmente apareceu, além de ter escolhido alguns softwares para implementar no estúdio, mas disfarçou bem. A conversa deles foi ficando cada vez mais animada, tratando desde sobre o espaço para depósito até empresas de coleta de resíduos. Alistair agora está convencido de que o Teddy se tornou mais profissional, e o Teddy está feliz da vida.

Estou feliz de verdade por ele.

— Nem vi o desenho da tatuagem — digo à Renata enquanto se acomoda em sua poltrona.

— Gosto de grandes exibições. Vou fazer na próxima terça-feira. — Ela olha para a cozinha, abre a boca para gritar algo, mas percebe que o Teddy já está esquentando algo no micro-ondas. — Bom — resmunga. — Que pena ter que arrumar outro rapaz logo quando consigo deixar esse do jeito que eu gosto.

— É uma pena, mas sabíamos que isso ia acontecer. — Coloco o controle da TV perto dela e solto seus sapatos. Aggie já está dormindo profundamente. — Já vou indo. Boa noite — digo alto em direção à cozinha.

— Espera — Teddy solta, como eu sabia que responderia, mas não posso mais esperar.

O ar frio da noite traz à tona toda a frustração que eu vinha acumulando. Ele é tão desligado. Isso é o que me chateia no Teddy; só pensa em si mesmo, sempre tirando, sem se dar conta de como é horrível ser deixado para trás. Passo pelo número 15, onde encontrei a sra. Higgins. Ela tinha fotos do marido e dos filhos ao lado da cama. Do jeito que a coisa está indo, não sei se vou ter isso também quando alguém me encontrar um dia.

Sinto uma mistura de emoções: tristeza precoce por perder o Teddy; uma sensação deprimente de que meu tempo no Providence vai ser pontuado por pessoas com quem me importo partindo. Amei o novo apartamento do Teddy. Meu chalé é escuro e frio comparado a ele, e sei que nunca vou ter coragem para arrumar outro lugar, empacotar minhas coisas e ir embora.

Um dia, Teddy vai encontrar uma garota que seja exatamente o seu tipo, e ela vai usar aquele forno novinho em folha e aquela banheira divinamente funda.

— Droga — grito para o céu quando chego à minha porta. — Droga!

Estou com a chave na fechadura quando ouço os passos do Teddy correndo. Ela já está trancada quando entra no quintal.

— Abre — diz. — Por que estava gritando?

— Estou cansada. Vou tomar um banho. Boa noite. — Olho para a anjinha-tartaruga no meu braço. Vai desaparecer assim que eu a molhar. Minha frustração aumenta mais ainda. Não posso ter nada que dure para sempre?

— Vou entrar — e usa a chave que dei para ele. Agora está diante da entrada, sua silhueta iluminada pela luz do quintal e com mariposas voando ao redor. Ele é tudo o que eu poderia querer. Tenho um encontro quinta-feira, e vai ser o primeiro teste da minha segunda opção. Ninguém nunca estará à altura.

— O que deixou você toda esquentada, Garota Certinha? — Ele estica o braço para mim, talvez para tirar uma mecha de cabelo do meu rosto, mas acaba tirando é o pino da minha granada.

— Não me chame assim.

— Mas é assim que chamo você — protesta, e parece se encolher. Parece que acabei de bater nele com um jornal enrolado. — O que está rolando? Eu resolvo. Conta para mim, conta — ele diz, se aproximando, como se se importasse muito comigo.

Empurro o peito dele.

— Não percebe quando alguém quer ficar sozinho? Esta é a minha casa. Me dê essa chave.

— Quero entender o que está acontecendo. Foi algo que eu disse?

— É mesmo frustrante como você nunca pensa em como as coisas me afetam, em como fazem eu me sentir. — Odeio a preocupação e o carinho nos olhos dele. Preciso fazer com que ele saia. — Fiz o que queria. Fui com você, o mantive acordado durante a longa viagem. Vi seu estúdio e seu apartamento novo. O que mais você quer?

É uma resposta fácil, aparentemente:

— Quero que fique feliz.

— Impossível.

— Como se sentiu esta noite?

— Como sempre. Deixada para trás. — Não consigo conter as palavras. — Você apenas esfregou sua vida nova na minha cara, e olhe onde estou de novo. Estou de volta ao Providence, onde devo ficar para sempre, porque morro de medo de mudanças e de fazer más escolhas.

— Não estava esfregando na sua cara. Queria impressionar você.

— Por quê? Por que se dar o trabalho? Está tentando refazer comigo sua relação com a Rose ou algo assim? — No momento em que digo essas palavras, esse pensamento toma conta de mim. — Está. Está tentando me seduzir para convencer a si mesmo de que é capaz. Não sou mais do que um desafio para passar o tempo. Não vai ficar satisfeito até eu ficar perdidamente apaixonada por você. — Digo isso com um bocado de sarcasmo.

Ele baixa as sobrancelhas.

— Queria impressioná-la porque você é importante para mim, de verdade.

— Já ajudei vários garotos bonitos com a lição de casa para saber que, assim que puser as mãos na chave do estúdio, as provas vão ter acabado e não vou mais ser necessária.

Ele está completamente perplexo.

— Não vai mais ser necessária?

— Como poderia ser? Você vai embora. Vai me deixar — me forço a ser clara. — Você vai me deixar. Vai me deixar para começar uma vida nova, e vou estar aqui, de novo, sem ninguém para se importar comigo. Ninguém para cuidar de mim ou para me defender. A Sylvia vai voltar e me colocar no meu lugar. Vou ter que assistir enquanto a CIP muda o Providence, e cada pessoa no alto dessa colina vai morrer, uma hora ou outra. E aqui está a Ruthie. Para sempre. Presa bem aqui.

— Você não poder sair daqui é algo que me mata. — Ele ignora meus gestos e me envolve em um abraço divino. — Tentei impressionar você esta noite porque queria mostrar que tem um mundo inteiro lá fora, se quiser. Você é como um coelho em uma armadilha. Este lugar não é bom para você.

Estou inclinada a concordar, mas balanço a cabeça automaticamente contra o peito dele.

— Quero levá-la comigo. Por isso queria que gostasse da banheira.

Já foi pega de surpresa pelo som do seu próprio coração batendo? Talvez tenha encostado a cabeça no travesseiro de um jeito estranho, e agora tudo o que pode ouvir é a prova de que está viva. Você é confrontada com sua mortalidade da maneira mais simples, como o tique-taque de um relógio: tem uma sala de máquinas, e ela tem uma vida útil finita. É um milagre e um privilégio.

É como estou me sentindo agora enquanto absorvo as palavras dele.

— Pela minha vida inteira, eu rezei — diz com suavidade sobre a minha cabeça, me abraçando mais forte. — Em cada momento caótico e fodido pelo qual já passei, fiz essa oração aleatória na minha cabeça. Desejei encontrar algum tipo de paz. Cada vez que perdi a carteira. Durante o divórcio, quando minha mãe deu um escândalo na frente da casa do meu pai. Quando nenhum deles concordava sobre quem ficaria comigo. Eu sempre sabia que estava no lugar errado. Rezei, pedindo por paz, tranquilidade, certeza. E é você. Estou apaixonado por você.

Tiro a orelha do peito dele e olho para cima.

— Espera, o quê?

É tudo o que consigo dizer antes de ele levantar meu queixo e me beijar. Não preciso pedir que repita isso agora, porque ele me diz de novo com um sorriso nos lábios e um riso na garganta. Sinto a mobília com a parte de trás do meu corpo: balcão, sofá, parede? Não tenho certeza. Tudo o que sei com

certeza é que Teddy Prescott me ama, e não está mais guardando isso para si. Melhor de tudo: acredito nele.

Quantas vezes fantasiei com como seria ser o único foco dele? Agora eu sei. Ele é brincalhão e afetuoso com a boca e as mãos, com um tremor no corpo como se estivesse a um passo de cair em uma gargalhada.

O desejo dele é atendido quando tiro sua camiseta: agora meu papel de parede está em sua pele. O contraste entre suas tatuagens, que parecem tiradas de um livro de adesivos, e as flores e vinhas é algo digno de observar. Olho para ele por longos momentos, enquanto ele se arrepia e leva as mãos ao cabelo, com a respiração leve e rápida.

Entendo o que está por trás de seu olhar. Ele está se expondo.

Seguro sua mão e me exponho também.

— Também estou apaixonada por você.

O alívio dele é o meu alívio. Sempre foi assim, desde o momento em que o resgatei no posto de gasolina. Seus ombros relaxam, ele solta o ar e me toca. Agora estou envolta pelas flores de contos de fadas, sendo despertada pelo beijo do meu verdadeiro amor.

Certinha, bagunçado. Dar, tirar. Adorador, adorando. Juntos, podemos ser tudo isso. É a coisa mais natural do mundo ir de costas para o único cômodo no qual Teddy jamais se aventurou até agora. Ele separa sua boca da minha e está excitado demais.

— Sonhei com isso várias vezes. — Por um minuto ou dois, deixo que ele mexa na minha penteadeira. Sempre pensei que fosse porque tirar e pegar para si fosse uma espécie de reflexo, mas ele apenas quer desesperadamente me conhecer. O dedo dele desliza pela minha escova de cabelo e pega um hidratante para ler o rótulo. — Ah — diz, alegre —, que bonitinha. Você não tem marcas de expressão. Seu rosto — ele me puxa para si de novo — é tudo com que já sonhei.

Enquanto sou gentilmente empurrada para a cama, ele diz, com os lábios junto aos meus:

— Por favor, me conta o nome do seu ursinho.

— Teddy.

Então, no fim, ficar nua com outra pessoa pode ser divertido.

Sigo as linhas e padrões no corpo dele, todas essas flores e joias. Ossinhos da sorte, peixinho dourado, uma rainha de copas. Beijo um coelho, um anel de diamante, uma coroa. Tem uma caveira assustadora no flanco, mas dou um beijo na bochecha dela. Tem uma seção inteira de penas

e folhas. Ele é uma obra de arte, cada centímetro, e digo isso a ele. (Ele ri e diz obrigado.) Minhas mãos desafivelam seu cinto só para terem algo com que se ocupar.

Minha blusa branca sem graça e minha saia jeans são a coisa mais excitante que já aconteceram ao Teddy. A maneira como me olha é de uma admiração tão franca que eu só posso ter entendido errado. Isso tira minha atenção e tenho que fazer com que olhe para mim de novo.

— Como posso ser sexy? Quero dizer, tenho uma etiquetadora, pelo amor de Deus. — Ele desaba nos meus braços como se suas juntas tivessem perdido toda a força. Tem alguma coisa dura na parte da frente do jeans caro. Sou muito, muito sexy.

Pensei que ele seria suave, com um olhar sombrio, soltando meu sutiã com o dedo, mas ele não é o Casanova que sempre pensei que fosse. Teddy é uma bagunça sexy na cama, mas da melhor maneira possível. Para começar, se distrai facilmente. Vê uma sarda na minha clavícula e perde a compostura. Com a boca grudada em mim, acho que diz algo como *vi isso e sempre quis fazer isso*. Desorganizado até o último fio de cabelo, tirou uma das minhas meias, baixou o zíper da minha saia, soltou dois botões de baixo da minha camisa (e um do meio, aleatoriamente) e depois esqueceu tudo para colocar um cobertor sobre a gente.

— Estou sonhando — diz, beijando o todo o meu pescoço. — Estou na minha cama, tendo um daqueles meus sonhos com a Ruthie. — Sinto ele se alongar; está se esticando para tocar a parede.

Devo estar sonhando; aninhada no berço adornado de seu bíceps, sou beijada com ternura por alguém que acha que sou o próprio sol. Só quando sinto o calor do tronco dele no meu e os lençóis nas minhas pernas é que percebo que tirou minhas roupas. Parece que tem mesmo habilidades significativas.

Ele me sente ficar imóvel. Flutuamos juntos, sem ar, como na piscina.

— Quer continuar? — pergunta, e seus olhos se fecham de alívio quando faço que sim com a cabeça e coloco a mão no cabelo dele. Mergulhamos. Perdemos o ar. Ele me mostra coisas que saíram das minhas fantasias febris da meia-noite: como é ver a mão tatuada dele nos meus seios, a seda negra e sem peso de seus cabelos no meu travesseiro. Tudo está se partindo ao meu redor, as pequenas flores do papel de parede e as margaridas no antebraço dele, conforme ele vai descendo a mão e me diz que sou como um sonho.

Ele fica cheio de si com quanto me deixou excitada. Exige elogios e louvores antes de continuar movendo os dedos. Estou no quarto ou quinto quando ele ri e cede. Faço mais uns vinte elogios depois disso. Nunca cheguei perto de me satisfazer com meu primeiro namorado, Adam; estava muito preocupada com o conforto dele e a experiência que estava tendo. Nunca pensei no meu corpo senão como um instrumento para o prazer dele. Tudo o que o Teddy quer é me fazer sorrir e me deixar arrepiada, e nem parece dar atenção para o próprio corpo. É seu estilo sossegado, típico dele, que me faz ter meu primeiro orgasmo. Isso me pega de surpresa, porque ele não parecia ter um objetivo específico, só me tocar com delicadeza.

— Ah, isso — diz quando estremeço e tenho espasmos com sua mão entre minhas coxas; a mão que dá. Se já pensei que tocá-lo em retribuição seria esquisito, estava errada: somos amigos, acima de tudo, e podemos falar sobre essas coisas: posso falar quanto quero tentar isto, aquilo… Ele deixa.

— Perfeito — digo, quando seu pênis se revela. — Mas pensei que teria uma tatuagem. Ou um piercing enorme.

— Algumas coisas são sagradas — Teddy explica, com uma meia risada. — Espero que não esteja decepcionada. — Ele geme quando mostro que não estou, e então entrelaça os dedos nos meus. Dou e tiro até ele ficar úmido de suor.

Quando decido que gostaria de tirar, ele aquiesce com humor e um beijo cortês na minha bochecha.

— Na gaveta — digo, apontando com cabeça. — A Melanie insistiu para que eu comprasse camisinhas. Disse que todo peregrino precisa de suprimentos para a jornada, algo assim.

Teddy abre a embalagem com os dentes e cospe o plástico no chão.

— Ainda bem que comprou, mas são todas minhas agora. Sabia — diz no meu ouvido — que vou acabar com todos os seus planos de se encontrar com outros caras daqui em diante?

Estou distraída, porque não decidimos quem fica em cima e quem fica embaixo, mas o Teddy ajeita minhas pernas, me pergunta duas vezes se está tudo bem, põe a boca embaixo da minha orelha e ergue meu joelho na altura do seu quadril. Esquecemo-nos de tudo agora.

— Mais — digo, e nos arrepiamos e esticamos um contra o outro, até ele ser meu. A ternura dos seus dedos enquanto ele tira meu cabelo de cima dos meus olhos faz com que eu queira esconder o rosto no seu ombro, mas ele

não deixa; meu rosto está inclinado para trás e ele observa meus olhos enquanto se move. Está aberto a opiniões e, quando acha a posição perfeita, ri da cara que eu faço.

— Ah, agora sim. Vem mais pra cá, se puder — convida. — Mas, se não puder, sem pressão. Tenho um monte de truques na manga.

— Acho que vou gozar, se continuar assim, e eu fizer…

Tento afastar meus pensamentos. A cama range e me sinto tão viva. Tenho vinte e cinco anos, meu sangue corre nas minhas veias e os olhos cor de avelã do Teddy me olham com um afeto tão interessado, como sempre; viro-me na beirada da cama e estou gozando, e ele me louva, abraçando meu tronco convulso.

É prazer, mais do que já senti, porque é compartilhado com ele.

— Bom? — me pergunta e faço que sim com a cabeça, sem palavras. — Certo. Ótimo. Consegue continuar? — Agora começamos de novo. Ainda sinto os espasmos, e agora é a vez do Teddy de se mexer de um jeito mais gostoso para ele; tudo é sedoso, suave e fácil, mas o ângulo é diferente, uma fricção diferente.

— Só me deixa… — começa a dizer, mas não termina.

Sua respiração fica cada vez mais curta; o esforço faz seus músculos se retesarem, e ele está dando um duro danado… Firmo meu corpo e retribuo quando sinto que ele começa a fraquejar. É o que o faz gemer, estacar, e depois se dissolver em espasmos trêmulos.

Não sei o que fazer agora, então coloco os braços ao redor de seus ombros e o abraço até sua tensão se dissolver por completo e ficarmos os dois jogados neste quarto: duas pessoas que agora se conhecem por completo. Beijamos a bochecha um do outro. Sempre imaginei como seria depois do prazer: gratidão, um sorriso, e estou tão feliz. Conto para ele.

— Não esperava que fosse tão bom, logo de cara — confesso, fazendo-o rir. — Não, mas sério, tão bom. Depois de achar o ângulo…

— O segredo está nos ângulos, na minha experiência — diz, e então parece estremecer com as próprias palavras. — Quer dizer…

— Está tudo bem. Você sabia o que estava fazendo, e eu gostei. — Ficamos abraçados por um longo tempo. Confessamos cada momento em que nos desejamos. Ele fica louco de tesão quando me vê de óculos. Conto que a bunda dele no jeans é pura arte. O som do encanamento quando encho minha banheira o deixa duro. O brilho de seu cabelo me dá uma cocegazinha no útero.

Conto coisas que não acredito que tenho coragem de dizer.

— Quero ser tatuada em você. — Ele apenas assente em resposta, e nossos beijos são apenas uma continuação da conversa embriagante.

Percebo a hora no relógio.

— Talvez eu precise dar uma conferida no escritório.

— Nada como conferir o escritório depois de um sexo fantástico — concorda. — Mas já conferi para você. Está tudo bem, Garota Certinha. Ele está em segurança. Você está em segurança. — Ele beija minha têmpora e me cobre.

A maneira como aceita minhas tendências compulsivas me deixa enternecida.

— Provavelmente vai soar esquisito perguntar isso agora, mas pode me falar o nome da sua terapeuta?

Ele dá uma gargalhada.

— Traumatizei você tanto assim esta noite? — O sorriso dele se desfaz. — Sim. Claro. Levo você. Vou segurar sua mão na sala de espera. Vai ficar tudo bem.

O resto da noite é fabuloso.

Tomamos banho juntos, e é infinitamente mais prazeroso do que conversar através da parede. Teddy cheira como um unicórnio cor-de-rosa quando tira minha toalha e me joga de novo na cama. Na segunda vez em que mergulha dentro de mim, estou mais preparada para a sensação e encontramos um ritmo mais solto e rápido. Mudamos três vezes, quatro vezes, rindo e dando o travesseiro para o outro se ajeitar, até não conseguirmos mais parar de nos mexer e não haver mais pensamentos. Enrijeço-me toda, e um orgasmo inacreditável reverbera como uma pedra atirada em um lago. Logo depois Teddy me acompanha.

Faço macarrão com queijo, usando a toalha como vestido.

— Esse estilo casual combina com você — me conta, sentado no banquinho diante do balcão enquanto comemos. — Você me mima bastante.

— Na verdade, gosto de mimar as pessoas. Levo um iogurte a mais toda tarde para a Melanie. Ela ainda não percebeu. É minha linguagem do amor. — A palavra *amor* ressoa e me atrapalho; será que imaginei a coisa toda? Quando vejo seu rosto, ele está todo bobo de alegria, com os olhos fechados e sorrindo, a bochecha apoiada no punho. — Você está bem?

— Só apaixonado pela garota dos meus sonhos.

Faço uma careta.

— A Garota dos Sonhos está estacionada… onde está essa moto, aliás? Você ia me levar para dar uma volta, lembra? — Levo nossos pratos para a cozinha e começo a enchê-los de água quente. Ele permanece em silêncio. — Não é? Vai me deixar dar uma volta?

— Realmente sinto muito. Consertei e coloquei à venda. Pensei que teria tempo, mas recebi uma oferta em poucas horas. Sei que vocês acham que era uma lata velha, mas tem muita gente que coleciona Indians.

— Ah. — Tenho o coração dele agora, mas é absurdo quanto fico triste em saber. — Conseguiu um bom preço?

— Uma fortuna. — Ele não parece feliz. — Nunca falo com você sobre isso, porque seus olhos ficam muito tristes, mas já juntei quase todo o dinheiro. — Quase todo o dinheiro para ir embora, quando enfim o tenho.

— Vamos dormir — digo, porque é uma resposta fácil de dar. Ele me segue sem dizer nada até o quarto, onde nos deitamos, pele com pele, e me concentro em cada sensação, para catalogar tudo com a precisão de uma arquivista. Estou criando memórias das quais vou precisar um dia.

No geral, ainda sou a garota mais sortuda do mundo.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Estou um caco. Um zumbi. É segunda-feira de manhã e estou na minha mesa, encarando o computador, tentando entender o que diabos estou olhando. Por que a tela parece diferente? Está com um azul brilhante, em vez do verde-acinzentado. Será que uma noite de sexo intenso e perfeito com o Teddy mudou minha visão?

— E aí, menina. Nossa, parece acabada — Melanie diz ao chegar, animada e na hora, surpreendentemente. — O que aconteceu com você?

Estou com as pernas bambas, os lábios inchados, a cabeça pesada, um bagaço. Ninguém merece sentir tanto prazer em uma só noite. Acordei enrolada no Teddy. Ele inclinou meu rosto em direção a um raio de sol sobre meu travesseiro para descrever com precisão o tom castanho dos meus olhos, antes de pular da cama para me fazer chá.

A Melanie ainda está me olhando, então vou optar pela explicação mais fácil.

— Tem alguma coisa errada com meu computador. — Digito minha senha e nada acontece. Coloco meus óculos e estreito os olhos para ver as letrinhas da janela que aparece: — "Entrar com a senha do Administrador." O que isso quer dizer? A gente nem tem um administrador.

— Isso quer dizer que a sede fechou a rede. Vi isso acontecer em vários escritórios. Vai ter que ligar para a CIP. — Ela boceja e vai para o banheiro com seu estojo de maquiagem.

— Não sei nem se eles vão estar lá assim tão cedo. — Disco o número da assistente de Rose Prescott. Cai na caixa postal. Deixo uma mensagem, pedindo que ligue para mim. A Mel reaparece, dessa vez maquiada. — E agora, o que a gente faz?

Ela dá um sorriso atrevido e gira na cadeira.

— Quer bolar uma estratégia para o seu encontro?

— Não no horário de serviço. — Vou ter de pensar em uma maneira de dizer obrigada, mas o Método Sasaki acaba aqui. Já cancelei o encontro pelo aplicativo, no caminho para o escritório. Espero ter essa conversa

quando já tiver respostas para o que ela vai perguntar em seguida: “Você vai sair daqui? Ele vai ficar?”.

Culpo o extremo cansaço por demorar tanto para perceber que tem alguém à porta.

— Posso ajudar?

Um homem grisalho e de terno entra, encosta uma pequena maleta na parede e tira um cartão do bolso.

— Meu nome é Duncan O’Neill. Sou auditor financeiro, contratado pela CIP. Rose Prescott é a responsável pela análise. É a ela que me reportarei na próxima parte do processo.

— Isso é novidade para mim.

— Auditor financeiro — Melanie repete. — Vocês acham que alguém está roubando. — Duncan dirige-lhe um olhar cortante, mas ela me diz: — Já trabalhei em lugares onde isso aconteceu. É por isso que não consegue entrar no sistema. Ficamos de fora e ele vai vasculhar todos os seus arquivos e contas. Não é?

— É, mais ou menos — Duncan diz, um pouco agitado. — A Rose identificou algumas anomalias.

Já estou ligando. Ela responde no segundo toque.

— O Duncan chegou, imagino.

— Você está no viva-voz com a Melanie e o Duncan. Poderia me informar o que está acontecendo? Gostaria de ter sido avisada com antecedência.

— Não é assim que esse tipo de auditoria funciona. Ruthie, vou ser franca com você — Rose diz. Ela parece tão cansada quanto eu. — Tenho me virado do avesso tentando entender os livros que me forneceu. A receita que vem dos moradores, menos as despesas e os custos para manter o local, não bate com o que está na conta.

— Não entendo. Faço um relatório toda segunda-feira, e está sempre exatamente certo.

Rose perde a paciência.

— É, é, você faz tudo perfeito. Parece que administra sozinha o Hilton de Paris, não trinta e nove casas velhas de condomínio.

Isso por acaso é uma pegadinha?

— São quarenta casas, e você saberia, se ao menos viesse ver o lugar que tanto quer transformar. — Aguardo meu destino, prendendo o ar.

O Duncan se inclina para falar perto do fone.

— Preciso que ligue no meu celular, Rose. Urgente.

— Sim. Acho que encontramos o problema.

— Eu? — Olho para o Duncan. — Posso abrir minha conta bancária aqui na tela agora mesmo. Vivo de salário em salário. O que quer que ache que fiz, não fui eu. — Já disse palavras como essas antes, mas, desta vez, estou disposta a me defender até a morte.

Rose suspira.

— Não é você quem está em um cruzeiro. Apenas deixe o Duncan trabalhar, entregue o que ele pedir e não ligue para a Sylvia. Se ela tentar contatar você, quero que desligue. Fui clara? Tenho monitorado seus e-mails e sei que a tem mantido informada de tudo o que acontece aí.

Teddy está na porta, fingindo fazer musculação com um enorme saco de compras.

— Estou passando para deixar um café da manhã quente para minha linda menina. Não se preocupe, trouxe um pouco de *hash browns*[2] para você também, Mel. Hã, oi — diz agora para o Duncan. — Não trouxe nada para você. Foi mal. Estão em uma reunião. — Ele faz um jeitinho fofo de quem acabou de fazer uma trapalhada e uma careta de quem se vê em uma saia justa. — Me ignorem. — Caminha a largas passadas até minha mesa. — Vou deixar isso aqui para você.

Enquanto a mão dele ajeita meu cabelo atrás da orelha, consigo dizer:

— Teddy, ele é um auditor. Estamos sendo auditados porque está faltando dinheiro. E sua irmã está no viva-voz.

— Meia-irmã — Rose dispara automaticamente, e é terrível ver a luz se esvair dos olhos do Teddy. Com muita calma, ela pergunta: — Está dormindo com alguém do escritório, Theodore? Qual delas é a sua linda menina? Para quem trouxe café da manhã quente? — Está sendo sarcástica, e eu a odeio.

Duncan quer pular da janela. Melanie se empertiga, ultrajada. Teddy está todo atrapalhado, e agora cabe a mim responder.

— Teddy e eu estamos nos vendo, sim.

Melanie grita *O QUÊ?!* tão alto que fico surda por um instante. Quando paro de ouvir o sininho nas minhas orelhas, Rose está passando um sermão no Teddy, enfurecida.

— Disse só uma coisa para você. Ficar longe da equipe, Theodore. Assim o pai não ia ter de se preocupar, e eu disse que tudo bem. Claro. Ele pode

ficar naquela cabana de zelador mofada. Mas tinha só uma coisa que devia fazer. Manter seu pinto dentro das calças.

— Que pena. Estou apaixonado pela Ruthie. — Ele faz essa declaração como um fato consumado, e Melanie coloca a mão na cintura. É óbvia a expressão acusatória no rosto dela.

Falo baixinho para ela:

— Desculpe. Não sabia como contar para você.

— É só abrir a boca e dizer. Simples assim. Há quanto tempo isso está acontecendo? Vocês dois têm mentido na minha cara? — Ela olha para nós dois. O telefone está em silêncio. — Quer saber? Não me importo mais. Entregue seu coração para alguém que vai embora e que vai deixá-lo em pedacinhos. Coloquei tanto esforço no Método, e para quê?

— Eu sou grata, de verdade. — Pego meu caderno. — Quero falar com você sobre sua carreira, tenho algumas ideias.

Ela apanha as chaves do centro de recreação de cima da minha mesa.

— Vou pendurar a decoração para a festa de Natal. — Está chorando quando sai.

Duncan pigarreia.

— Vou preparar… — Ele bate em retirada, apressado, para o canto mais distante da sala com a pasta do notebook. Agora somos só eu, Teddy e o telefone silencioso.

Com uma voz notoriamente profissional, digo:

— Rose, ainda está na linha?

— Theodore, arrume suas coisas e dê o fora. Se a Ruthie quisesse, poderia abrir um processo de assédio sexual. Seu sobrenome é Prescott. Seu pai é o chefe. Ela se sentiu pressionada com a análise, e você deve ter prometido que salvaria o dia se…

Eu a interrompo.

— Sou uma mulher adulta e estamos nos conhecendo fora do horário de serviço. Ele não me fez promessa nenhuma. Não vou processar ninguém.

Ela me ignora.

— Estou falando sério. Teddy, se não estiver fora daí até à noite, o Duncan vai me contar.

Duncan está claramente desconfortável. Ele não foi contratado para auditar a vida amorosa de ninguém.

Teddy a desafia:

— Vai fazer o quê? Vai fazer o quê se eu não for embora?

— Vou notificar a Ruthie. Ela foi alertada pelo meu pai a não se envolver com você e se envolveu mesmo assim. Além disso, houve algum tipo de conduta indevida aí no escritório; até onde sabemos, ela está envolvida. Teddy, você é um merdinha egoísta, mas estou curiosa de verdade para saber o que vai decidir, porque você nunca se sacrificou por nenhuma alma viva, até onde sei. Qual é a sua escolha?

Teddy olha para mim.

— Um momento, por favor. — Ele aperta o botão e me diz: — Então? Você vem comigo para Fairchild?

— Espera que eu simplesmente vá embora, com uma ameaça dessas à minha reputação? Já fiz isso antes e não deu muito certo para mim. — Aponto a luz piscando no telefone. — Vamos lá, me ajude. Me apoie. Ela está insinuando que desviei dinheiro daqui.

— Claro que sei que não fez isso. — Diz isso com a confiança absoluta que eu adoraria ter ouvido dos meus pais. — A Rose sabe também. Mas quem se importa? Vamos dar o fora daqui em grande estilo. Sabe que existe um mundo fora do Providence, não sabe?

Uma moradora passa em sua *scooter* elétrica e acena para mim. Se eu for embora, todos ficarão abandonados aqui.

— Quem vai tomar conta deles?

— Sei lá, a família deles? — Ele estremece ao perceber quanto soou insensível. — Quero dizer, podemos fazer um estoque de mantimentos para o pessoal, então vão ficar bem por algum tempo. A Rose vai arrumar alguém novo para administrar.

— Ninguém pode cuidar do Providence tão bem quanto eu.

— Você deu tudo o que podia para este lugar. Tire algo para si mesma.

A luz vermelha está piscando. Tudo em que posso pensar é naquela porta destrancada que mudou minha vida uma vez.

— Se eu for embora agora, vou parecer culpada. Além disso, não sou do tipo que pode colocar tudo em uma mochila e partir. Não posso assumir esse tipo de risco.

— Acha que sou um risco? — Ele está magoado. — Você foi a única que acreditou em mim. Estou fazendo isso porque disse que eu podia. Você viu meu estúdio e meu apartamento. O Zoológico de Répteis fica a vinte minutos de lá e tem um curso para aprendizes que vale créditos para uma qualificação de enfermeiro veterinário. — Teddy respira fundo. — Estou pedindo que me escolha, por favor.

Não ocorreu a ele que pode fazer seu sonho esperar um pouco para ficar aqui comigo. Digo aquilo que sei que vai fazê-lo se deter.

— Mas ainda não pagou sua parte na sociedade, pagou?

A luz vermelha pisca no meu telefone e não aguento mais.

— Rose, obrigada por esperar.

— Bem, qual é a decisão? Quem vai embora?

Levanto a cabeça, e ele já está de partida.

— O Teddy. É o Teddy que está indo embora. Como ele sempre disse que faria.

Batata ralada, frita e prensada formando crostas. Prato comumente servido em cafés da manhã nos Estados Unidos. (N.T.)

CAPÍTULO VINTE E SEIS

— **C**aramba, que drama — Melanie diz do alto da escadinha. Ela está pregando a faixa BAILE DE NATAL e estou supervisionando, por questão de segurança. — Que semana. Mais drama do que este lugar já viu.

O Método Sasaki foi abandonado, mas, na real, tudo ficou abandonado depois que ele foi embora.

Depois de desligar o telefone com a Rose, segui o Teddy colina acima, até nossos chalés, onde o encontrei enfiando seus mirrados pertences na mochila. Tivemos uma briga, discutindo de novo tudo o que já havíamos discutido, mas de outras e dolorosas maneiras.

Ele odeia que eu não deposite minha fé nele e vá embora também. Eu odeio que ele não fique comigo para assegurar que o Providence sobreviva. Nós dois gritamos um com o outro dizendo coisas como *você não me ama* e *isso foi um grande erro*.

Coisas ruins. Coisas que me mantêm acordada.

— Sabe de uma coisa, Ruthie? — ele disse, colocando a mochila nas costas. — Não posso fazer você sair daqui. Não posso colocá-la no ombro e carregá-la daqui. Quando vier, quero que seja com suas próprias pernas. Mas realmente tenho medo de que não tenha coragem suficiente. — Ele tocou meu queixo com o polegar, saiu, e agarrei a maçaneta da porta trancada do chalé dele como se fosse uma corda de salvação.

— Ainda estou muito brava com você — Melanie diz agora, mas não estou surpresa. Ela me repete isso a cada meia hora, mas o veneno passou. — Avisei para não se apaixonar pelo primeiro garoto que visse. Disse que ele era uma Lamborghini, e olha só o que fez. Se arrebentou no muro. Está de coração partido.

— É. — Não posso fazer nada senão concordar, porque me vi no espelho. Voltei aos noventa e cinco anos de idade.

— Me esforcei tanto para criar um programa e encontrar um bom homem para você. Um homem que fosse seguro. — Ela balança um pouco no degrau e estendo a mão para se equilibrar. — Acabou nem experimentando

um encontro terrível e decepcionante na Cúpula do Trovão. Queria sentar no bar e espionar você, e aí a gente podia ficar bêbada depois e ficar falando mal dos homens.

— Eu sei.

— Então, o que aconteceu?

— Vi o cabelo dele no posto de gasolina. Aí ele virou e… bem, você sabe qual é a aparência dele. Aí ele riu. Eu nunca contei, né? Ele pensou que eu fosse uma senhora. Foi uma primeira impressão bem correta, na verdade.

— Você não é velha — protesta.

— Ele me adorou. Não tenho provas, e talvez isso acabe, mas me adorou de verdade. Você disse que eu mereci. Então, mesmo que nunca mais o veja, não me arrependo. Uma coisa que o Providence me ensinou é que a vida é curta.

— Ele não atende o telefone.

— Eu sei.

Pelo menos não sou a única a deparar com a caixa postal.

— Mel, você fez um ótimo trabalho.

Melanie arranjou o serviço de bufê e comprou as bebidas, criou um esquema de decoração coeso e cuidou de cada detalhe. Pela primeira vez, irei apenas como convidada. O contrato da Mel expira amanhã, mas ela me assegura que vai vir mesmo assim. Talvez. Se não estiver brava demais comigo.

— Você se esforçou tanto nesses anos todos — diz como se estivesse com pena de mim. Desce a escadinha e resolve me dizer uma coisa. — E essa é a última festa de Natal. Sinto muito, Ruthie, mas este lugar foi tão mal administrado que não acho que a CIP vai conseguir ter um retorno rápido o bastante para manter do jeito que está. Sempre foi o plano deles — acrescenta, com delicadeza. — A data do fim dos contratos dos inquilinos, trinta e um de dezembro do ano que vem? É sua data de saída, também. Talvez deva decidir se quer adiantar isso e ir embora do seu jeito.

Ela vai até a despensa para procurar mais ouropel.

Meu celular apita; é o bate-papo dos meus amigos do fórum. Não ficaria surpresa se estivessem me escrevendo para me pedir que deixe de ser administradora do fórum. Abro a mensagem e vejo que é um link.

ATOR QUE INTERPRETA O PAI EM *ENVIADO DO CÉU* É ACUSADO DE ASSÉDIOS SEXUAIS QUE DATAM DESDE A DÉCADA DE 1990

Leio o artigo, e parece que ninguém no set estava a salvo do ator que interpretava o Pastor Pierce Percival. Sento em uma cadeira perto da janela e observo o mundo verde lá fora.

Meus prazeres nesta vida são modestos. Um banho, jantar no mesmo horário e a descomplicada e saudável série de televisão que substituiu meus pais nos anos mais árduos da minha vida. Tive uma infância cheia de bullying, solidão e fé vacilante, mas, não importava o que acontecesse, sabia que horas essa série ia passar. E penso no pequeno Teddy, sentado na frente da televisão dele.

Tudo acaba. Sei disso melhor que qualquer um. Mas realmente preciso de algo em que me apoiar. Seco com a manga do cardigã as lágrimas que se juntam nos meus olhos e, na calçada lá fora, eu o vejo: um pequenino montículo, atravessando cheio de determinação. Como eles conseguem continuar seguindo em frente, mesmo com o gramado se estendendo interminavelmente diante deles? Apenas continuam, um passinho por vez.

Preciso dar um jeito de sair desta situação também, passinho por passinho.

— Mel, as tartarugas estão ameaçadas de extinção. Com certeza isso deve ter alguma importância.

— Deve, sim — diz, pensativa. — Mas a CIP vai ter algum assessor ambiental na folha de pagamento para escrever um relatório dizendo que vai ficar tudo bem. Acho que você é a única que se importa com essas tartarugas.

— É verdade. Tenho mantido registros pelos últimos seis anos, mostrando quanto a população aumentou apenas com um pouquinho de cuidado e atenção.

— Ah, a senhorita Ruthie parece determinada. Ela decidiu que não vai cair sem lutar. — Como senti falta do sorriso aberto e espontâneo da Mel.

— Queria te agradecer. Foi a primeira pessoa que conheci que ficou do meu lado.

Ela fica confusa com minha escolha de palavras.

— Como assim?

— Você sempre acreditou em mim. Sei que o Método Sasaki não era sobre encontros. No fundo, não era. Você estava tentando fazer com que eu pensasse em mim. Que me considerasse uma candidata à raça humana. Fez com que eu tivesse vinte e cinco anos. E sou muito, muito grata a você. — Dou um abraço apertado nela.

— Ei, ei. Não está pensando em fazer alguma loucura, está? — diz com o rosto no meu ombro.

— Alguma loucura, não. Algo administrativo. Vou ligar para o meu contato no Zoológico de Répteis e ver qual papelada a gente tem que registrar para conseguir uma liminar que proteja este lugar como hábitat das tartarugas. Vamos dificultar as coisas para a CIP. Deveria ter feito isso anos atrás.

A Mel me aperta e terminamos nosso abraço.

— Anos atrás, você estava na mão da Sylvia. Como está a auditoria?

— Pelo que pude entender, a Sylvia alterou todos os meus relatórios para constar que o condomínio tem trinta e nove casas, antes de enviar para a CIP. Por isso ela não me deixava ter independência nenhuma. Também desviou toda a receita da quadragésima casa, pensando que seria improvável os proprietários virem aqui conferir. Nunca nem me dei conta de que o site dizia que o condomínio só tem trinta e nove casas. Duncan disse que ela manteve um caixa dois durante anos.

Mel diz:

— Sei que ela é amiga da sua família. Acha mesmo que fez isso?

A Sylvia estava presente no dia do roubo da igreja. Estava presente na nossa celebração pós-festa, em que comemos as sobras e tomamos limonada. Meus pais confiavam nela e ela podia andar livremente pela igreja. Poderia ter tido acesso a uma chave. Estava lá quando disse à congregação que eu era uma menina tola e descuidada.

Dois meses depois daquele dia, ela passou as férias no Taiti e mandou um cartão-postal para os meus pais, e tem me manipulado desde então.

— Sim — respondo à Melanie. — Acho que a Sylvia roubou o dinheiro. — Agora tenho outra ligação para fazer, depois de ligar para o Zoológico de Répteis. Vou deixar outra mensagem na caixa postal do Teddy, pedindo que me perdoe por não ser corajosa. Quando ele me ligar de volta, vou dizer que estava certo. O Providence já tirou o suficiente de mim. É hora de retomar minha vida.

Aí, depois de fazer essas ligações, vou ligar para o meu pai.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Sabendo que as Parloni estão sem um assistente, subo uma hora antes da festa de Natal. Descobri nos últimos dias que me manter ocupada é a chave para não enlouquecer. Se me permito ficar parada um segundo, a voz do Teddy ressoa nos meus ouvidos.

Liguei para o Para Sempre e Sempre Estúdio de Tatuagem, de Fairchild, e ele atendeu o telefone, parecendo tão pleno e orgulhoso de si que tive de desligar. Ele conseguiu. Devo amá-lo demais, porque estou tão feliz por ele que choro até dormir.

Encontro a porta da frente da casa das Parloni destrancada, mas isso não me afeta como poderia ter me afetado antes. As irmãs estão vestidas e prontas, praticando seus passos de dança na sala de estar. Dolorosamente devagar, elas traçam um quadrado no carpete. É a valsa mais lenta que já vi.

Cada uma das mulheres traja um adorável vestido de baile.Tem alças proeminentes, e o tecido vibrante se justapõe à pele flácida e vincada. Aggie não parece bem, quase não mexe os pés enquanto a Renata se move ao redor dela. Tenho a estranha sensação de estar interrompendo algo que não deveria. O que aconteceu de tão ruim, relacionado ao baile, tantos anos atrás?

— Sua cicerone chegou — digo em voz alta, quebrando o clima.

— Muito bem, você chegou. Venha se vestir. — Renata aponta uma capa plástica pendurada, com CHANEL estampado na frente. — Dei uma passada naquele seu brechó de novo.

Olho para ela de queixo caído.

— Achou isso em um brechó?

— Claro que não — vocifera. — Céus, como é inocente. Não é à toa que a Sylvia depenou este lugar bem debaixo do nariz dela.

— Quem contou isso para você?

— Um passarinho me contou.

Droga, Melanie. Não é legal ficar fofocando. Desço o zíper da capa. Dentro, vejo penas cor de marfim e debrum de cetim, e uma etiqueta de

preço que não tenho coragem de virar.

— Não entendo por que fez isso por mim.

— É um obrigada — Aggie responde, ao mesmo tempo que Renata diz: — É um presente de despedida.

— Como vocês sabiam? — Minha carta de demissão está digitada, impressa e assinada. Depois da festa de Natal, vou enviá-la a Rose Prescott e ajudá-la a achar uma substituta. Tem um lugar onde preciso estar, e alguns riscos que preciso correr. — Não posso aceitar esse vestido.

— Vai aceitar o que eu lhe der — Renata dispara. — E vai agradecer todo dia até morrer. Obrigada, Renata Parloni, por mudar minha vida. Francamente, é a garota mais difícil que já conheci.

Aggie dá um tapinha carinhoso na bochecha da Renata.

— Ela não compreende. Como poderia? Deixe a menina em paz.

Não sei por que está tão irritada.

— Vou pegar emprestado. Muito obrigada. — Acho que é o máximo que posso ceder neste momento.

— A vendedora disse que não pode se sentar com esse vestido. Vai entortar as penas — Renata berra enquanto vou ao quarto de hóspedes para me despir e colocar o vestido mágico que estou carregando apoiado na minha cabeça. Eu adoraria que o Teddy me visse nele, mas, quando eu entrar no Para Sempre e Sempre, vou estar usando meu cardigã de garota descolada. Aquele com raposas e cogumelos.

— Vou subir o zíper para você — Aggie diz do corredor.

— Está se sentindo mal?

— Só uma falta aguda de juventude. — O esforço de fechar o zíper é o suficiente para fazê-la grunhir. — Eis aí. Você está como me

sinto por dentro. — Um sorriso fraco toma os lábios dela. — Sabe que fez algo extraordinário esta noite, não?

— Não diria isso. A Melanie fez todo o trabalho.

— Vai nos ajudar a corrigir uma coisa. — Aggie ajuda a passar meu rabo de cavalo pela gola do vestido. — Obrigada por aceitar o vestido. Significa muito para a Rê. Nunca tivemos filhos. Mas você, querida Ruthie Maree, é o mais perto que conseguimos. Você e o Theodore. Vamos deixar a porta aberta esta noite. Para o caso de ele voltar.

Solto o ar e faço que sim com a cabeça. Tiro o elástico e meu cabelo cai sobre meus ombros.

— Vamos?

— Vamos daqui a pouco. Você vai na frente.

É assustador andar pelo Providence com meu vestido de princesa-cisne miraculosa. O ar zune com o som de *scooters* elétricas. Ziguezagueando lado a lado, os moradores desviam das tartarugas. Abro as portas do centro de recreação, ligo as luzes de discoteca e o globo espelhado, e as paredes começam a girar ao nosso redor, em todas as cores. No meu celular, vejo uma mensagem da Mel: "Vou chegar um pouco atrasada, apenas dê *play* na minha *playlist*". Faço o que ela disse, e a primeira música é das antigas. Ouço gritinhos de excitação.

Minhas moradoras vão afluindo, na maior elegância. Algumas têm pares. Outras trouxeram a família. Dou um abraço em cada uma, dizendo oi, mas é também um adeus. Quando descobrirem que estou indo embora, vão dizer que é uma pena. Quando descobrirem que estou dando o fora para tentar reconquistar o coração do garoto tatuado que limpou as sarjetas sem camisa para as Parloni, vão me dar todo o apoio.

— Nunca na minha vida vi uma coisa tão linda — a sra. Whittaker me diz na entrada. Não sei se ela se refere ao salão brilhante ou ao meu vestido. — Se ao menos tivesse um par. Aposto que não dá para dizer, olhando para mim, mas houve uma época em que tinha muitas opções.

— Três namorados ao mesmo tempo. É, a senhora me contou. E fiquei surpresa. Se der tudo certo, vou arranjar um só, mas é um especial. — Eletrizante, arrebatador, lindo Theodore Prescott. Por favor, espere por mim. Estarei aí em breve.

É só quando o salão está quase cheio que percebo que as Parloni não estão em parte alguma. Estou prestes a passar pela porta quando elas entram, e estão de mãos dadas. Agora que estou apaixonada, posso compreender tudo.

As Parloni não são irmãs.

Como nunca percebi a maneira como olham uma para a outra? As mãos dadas, as vezes em que entrei na casa delas e as encontrei juntinhas no sofá? Elas entram juntas, com as costas notavelmente eretas, a cabeça erguida.

Renata corre o olhar pelo salão, o olhar desafiador. Agora sei qual é a velha ferida delas: não puderam ir ao baile de formatura juntas, e isso marcou o relacionamento delas como uma cicatriz.

Se esperavam uma cena, não encontraram. Se esperavam julgamento ou repulsa, não há nem um nem outra. As Parloni são notadas e então esquecidas, conforme as atenções se voltam para os refrescos. Caminho até

elas enquanto ficam paradas sob o globo espelhado, que, de alguma forma, transformou o mundo inteiro esta noite.

— Por que não me contaram? — Renata usou a palavra *inocente* hoje para me descrever e concordo com ela agora. — Não confiavam em mim?

— Ela enfim percebeu. — Renata sorri e, sob esta luz, parece ter uns vinte anos. — Minha amada ganhou outra aposta. — Levanta a mão da Aggie até os lábios e a beija. — Devo vinte dólares a você.

— Por que não me contaram? — pergunto de novo.

Renata responde:

— Seu pai é um reverendo. A princípio não dissemos porque eu não queria descobrir que você era uma cretina. E é simplesmente mais fácil. As pessoas acharam que éramos irmãs durante nossa vida inteira. Mas agora chega. — Renata passeia os olhos pelo salão. — É do jeito que imaginei que seria. Mesmo eu sendo velha.

Aliso uma pena rebelde no meu vestido.

— Mas sabem que eu não sou uma cretina. Achei mesmo que fossem irmãs. O Teddy sabe?

Aggie diz:

— Ele soube no primeiro dia. — As duas sorriem. — Não estávamos tentando guardar segredo. Apenas vivemos assim por muito tempo. Não foi… — Ela não consegue pensar na palavra. Acho que não foi fácil.

Renata olha para mim.

— É assunto nosso. Mas os tempos mudaram. E seu baile veio bem a tempo.

— Vocês deviam se casar. — Espero não ter falado mais do que devia; elas trocam olhares, cuidadosas. Depois sorriem.

— Está começando a entender — Renata me diz. Há aprovação nos olhos dela. — Está começando a perceber que a vida é muito curta. Precisa encontrar a pessoa que você ama.

— Acho que o perdi.

Aggie se manifesta:

— Então vá encontrá-lo.

— Fico tão feliz que ela não seja uma cretina — Renata diz enquanto caminham até a pista. O xale dela escorrega do ombro e vejo sua tatuagem: AGATHA PARA SEMPRE. É perfeita.

Juntas, começam uma valsa bem tranquila, arrastando os pés. Outros casais juntam-se a elas, e logo a pista converte-se em um lento balanço, os

sapatos rangendo no chão. São quadros que andam. Alguns dançarinos se sentam para descansar, de tempos em tempos. É a festinha mais doce e contida. Pego a caixa com os buquês que a Melanie fez com as próprias mãos e começo a atá-los aos frágeis punhos. Esta noite, todo mundo tem vinte e cinco anos.

Esta noite é um milagre.

Encosto-me na parede, apenas assistindo, e uma mulher entra. Ela é alta, poderosa e seria a primeira a ser escolhida na educação física.

— Realmente isso aqui ficou bem bonito — Rose Prescott diz enquanto coloca uma pequena mala no chão, junto à parede, perto de mim. — Você tem bom gosto. Vim só para dizer que meu pai chega pela manhã. Queria ver de perto as descobertas da auditoria, visto que ele sempre insiste sobre como isso é importante. — A Rose não é do tipo de quem você pode esperar um *obrigada pelo convite*.

— A Melanie diz que você vai recomendar que o terreno seja transformado em outra coisa quando os contratos dos inquilinos vencerem.

— É o que fazemos. Com certeza você já tinha percebido. Não me olhe assim — diz, na defensiva. — E não desconte em mim sua raiva com o filho do meu pai.

— Por que não o chama de irmão?

— Porque não quero um irmão.

— Ele ama tanto você que tatuou uma rosa no braço. Mas talvez nunca tenha passado tempo suficiente com ele para perceber. Ele está com o coração partido desde que era criança por você não querer nada com ele.

Noto emoção nos olhos dela.

— É complicado.

— Trabalhando aqui, me dei conta de que não precisa ser. E que a vida passa rápido. Um dia, eu e você vamos ficar igual a eles. — Aponto a multidão com a cabeça. — Acho que está na hora de fazermos as pazes com certas coisas.

— O Teddy disse que estaria aqui, não disse — Rose diz, como se estivesse fazendo uma última tentativa de mudar minha opinião. — Aposto que prometeu.

Não, não prometeu. Eu é que tinha esperança.

— Sim. Mas, se ele tem algum lugar mais importante para estar, eu entendo. — Vejo um homem alto na porta e o meu coração dispara.

Mas aí a Rose diz:

— Ah, olha lá o meu pai.

Jerry Prescott caminha até nós com uma mala de rodinhas.

— Acabei de chegar à cidade, pensei em dar uma passada para ver o que é esse burburinho todo. Isso aqui está incrível.

Ele se vira, sorrindo para os idosos dançando em câmera lenta na pista. O olhar dele encontra as Parloni em seu abraço romântico, mas, se está surpreso, disfarça bem.

— Quero parabenizar você por esse ano fantástico de trabalho duro, Ruthie, mesmo com tudo o que aconteceu.

— É cedo para me parabenizar — respondo, chateada. — A Rose tem más notícias.

— Ah, sim. Ela me inteirou do assunto. — O rosto do Jerry fica sério. — Contou que nunca acreditamos que estivesse envolvida? Esse assunto agora está nas mãos das autoridades. A Sylvia vai desembarcar em Noumea amanhã de manhã e vai ser recebida pela polícia. Parece que estava roubando dos antigos donos do Providence, também. Como ela trabalha aqui há quinze anos, podemos dizer que uma perda de quatrocentos mil dólares é uma estimativa conservadora. Se ao menos eu tivesse feito um tour por aqui, com você, como sugeriu quando vim aqui, poderíamos ter descoberto antes. Quarenta casinhas de condomínio.

Rose suspira como se tivesse sido derrotada.

— Já sei o que vai dizer, então vou simplesmente concordar e dizer que, de agora em diante, vou conhecer pessoalmente cada terreno que a gente comprar.

O globo espelhado gira, meus olhos são ofuscados por um brilho estelar, e, quando se readaptam à escuridão, vejo uma nova silhueta na porta. É outro homem que não reconheço. É alto e está usando um terno que parece ter sido feito sob medida. Tem um corte de cabelo moderno, com os lados raspados bem rente à cabeça e um pouco de comprimento em cima, com um brilho negro-azulado sob as luzes de discoteca.

É o Teddy. Ele voltou e…

— Ele cortou o cabelo — Jerry e Rose quase engasgam em uníssono.

Teddy nos vê e começa a caminhar em nossa direção. As Parloni o veem e vêm até nós também.

— Minha nossa, olha só para você — Jerry exclama, apertando o ombro dele com força. — Você não ficaria nem um pouco deslocado na sede da CIP, não acha, Rose?

Os olhos do Teddy estão apenas em mim.

— Voltei. Não é tarde demais, é?

Faço um gesto ao nosso redor.

— Diria que chegou bem na hora, como sempre. Cadê o seu lindo cabelo? — Ele está tão bonito e adulto; fico encarando seus sapatos de couro lustrosos. Parece que Fairchild o mudou de uma forma inesperada. Agora, as caixas de mudança semicheias na minha sala parecem assustadoras.

Ele fica do meu lado, e o calor da sua mão no meu ombro é um alívio.

— Fiz o que o meu pai disse. Cortei o cabelo. Estou aqui para dizer que você venceu. Estou pronto para crescer e ser como você quer. Pode me colocar na folha de pagamento. — Ele não está falando comigo. Seus olhos estão apenas na Rose.

— Espere aí — Rose o interrompe, mas Jerry levanta a mão.

— O que tem em mente?

— Vou fazer qualquer curso de negócios que quiser que eu faça, depois vou começar a trabalhar para a CIP, no cargo mais baixo. Em troca, quero que deixe o Providence do jeito que está.

— Acabei de fazer uma avaliação de que este lugar não é um bom negócio para nós — Rose diz. — Assim que pagarmos os retroativos da Ruthie, nossa posição vai ficar ainda pior.

Eu a interrompo:

— Que retroativos?

— A Sylvia tem remunerado você abaixo do salário-mínimo há seis anos. — Rose fala como se explicasse o assunto a uma criança. — Você nunca se questionou por que ganha tão pouco?

— É porque posso morar aqui.

Rose suspira, com ar de piedade.

— Na minha análise, também dei uma olhada nas suas atribuições. Sua atuação aqui excede em muito a sua função. Vamos ver o que tudo isso significa, mas sinto muito que tenham tirado vantagem de você. Vamos fazer o possível para compensar. — Rose olha para o pai, que assente.

Teddy se volta para ela:

— Sinto muito por existir. Estou falando sério — diz, quando ela está prestes a argumentar. — Eu e minha mãe arruinamos sua vida, e eu realmente sinto muito. Tudo o que sempre quis era impressionar você. Não

sei se isso vai ser o suficiente, mas tenho que tentar, porque já tentei de tudo.

Rose está ficando vermelha. Não sei dizer se está com raiva ou desconcertada.

— É um grande sacrifício, Teddy — Jerry diz. — E quanto ao seu estúdio?

— Vou vender minha parte. Se isso é o que é preciso para que este lugar sobreviva, então vai valer a pena. Olhe só para eles. — Teddy encoraja o pai e a irmã a olharem ao redor do salão. — Como posso deixar essas pessoas serem arrancadas do último lar que planejaram ter? Tudo o que a Ruthie me pediu foi que me importasse com este lugar. Bem, aqui estou, fazendo isso.

As Parloni completam sua árdua jornada até nós.

— O que perdemos? Puta merda — Renata solta quando olha para o Teddy. — *Vogue Itália*, morra de inveja. Ele sempre foi bonito assim?

Dou risada.

— Sim.

A Renata está com o braço enganchado no da Aggie.

— Nunca gostei de homens, mas vou confiar na sua palavra. Onde está seu cabelo, Theodore?

— Doei para alguém que precisa de uma peruca mais que você. — E sorri ante o evidente desapontamento dela. — Estou aqui para fazer a coisa certa, uma vez na vida. Estou fazendo um acordo.

— É sobre o futuro do Providence? — Aggie pergunta ao Jerry.

— Sim, senhora. Mas nada está decidido ainda — acrescenta, olhando para a Rose. — Por favor, apenas aproveitem esta noite encantadora.

Aggie não vai se deixar tratar como uma velhinha:

— Suponho que tenham conduzido uma análise de impacto ambiental?

Rose está pronta para essa.

— Claro, isso faz parte da minha avaliação.

— E sabe que aqui é o lar de uma espécie de tartaruga ameaçada de extinção, e que há um programa de tratamento e reabilitação desenvolvido aqui há seis anos? — Aggie diz calma e deliberadamente, e vejo um lampejo dela como advogada.

— Quê? Aquelas tartarugas andando por aí? — O rosto da Rose se contorce de desgosto, mesmo que sua mente já prepare uma nova reação. —

Vamos garantir que, o que quer que aconteça aqui, nenhum animal seja impactado.

— Vamos precisar examinar o impacto que quaisquer obras possam ter nas tartarugas-de-capuz-dourado. Estão muito ameaçadas de extinção e há mais delas aqui do que em qualquer outro lugar do planeta. Se tivesse nos visitado antes e feito o tour comigo, saberia disso — digo à Rose, a voz tranquila.

Ela está desconcertada. Olha para o irmão como se estivesse tendo um pesadelo.

— Este lugar significa tanto assim para você? Está parecendo um advogado, Teddy.

— Nem tanto — responde, mostrando as tatuagens das mãos. — E sim. Este lugar significa muito para mim, e a Ruthie significa tudo.

Coloco a mão na manga do terno.

— Não quero que desista do seu estúdio por nós.

— Se for preciso. Então? Pode me colocar no cargo mais baixo, contanto que eu possa trabalhar do escritório daqui. — Ele diz isso para a Rose. — Tenho bastante experiência em tarefas servis e pedidos humilhantes.

— É verdade — Renata diz. — Ele mal reclamou.

O rosto da Rose mostra que está lutando com várias emoções, mas então, com ar resoluto, toma uma decisão.

— Tudo bem, vou recomendar que o Providence permaneça como… como é. Do outro lado da encosta tem um campo vazio. Talvez não tenha nenhuma espécie ameaçada nele. Acho que devemos construir um lar de repouso acessível, unindo os dois terrenos. Será o melhor dos dois mundos; uma coisa mudando, a outra permanecendo igual. Foi minha segunda recomendação no meu relatório — acrescenta. — A primeira era reconstruir. Mas, agora que estou aqui, vejo que não seria certo.

Teddy concorda.

— Acho uma boa ideia. Este é um bom lugar para viver, e não deveria ser exclusivo para quem é absurdamente rico. Acho que você também deveria assegurar que haja um plano para um pouco de diversidade. Este lugar é meio… — A voz dele vai sumindo quando percebe o olhar das Parloni.

— Pode dizer. Este é o lugar onde gente branca e rica vem para morrer. — Renata dá uma gargalhada com a própria piada, depois se recompõe. — Acho que é uma sugestão muito boa e madura para nos levar para o… que

século é este? Não sei. Mas estou impressionada com você. Tem um cérebro nesse linda cabeça.

— E um grande coração. — Aggie dá um tapinha no peito dele.

— Ótimo, então está tudo certo — Teddy diz, mas seus olhos não sorriem como os lábios. Ele perdeu o sonho de sua vida para proteger o meu. Aposto que se sente como me senti quando as economias para a faculdade desapareceram. Assim como eu, ele pretende fazer o melhor possível com o que sobrou. — Obrigado, Rose. Prometo não decepcionar você.

— Ah, merda, Theodore — Rose geme. — Por que tinha que fazer isso? — Como ele não entende o que quer dizer, ela continua: — Você tinha que fazer uma boa ação. Sempre pensei que fosse a pessoa mais egoísta de todas.

— Ele não é, de forma alguma — Aggie o defende. — Já empregamos mais de cem rapazes. Nenhum deles chega aos pés do Theodore. Posso assegurar, ninguém é tão atencioso.

— Desculpe — Rose diz, de maneira inesperada. — Fui horrível com você quando a gente era criança.

— E quando adultos também, ao que parece — Renata acrescenta.

Rose ignora:

— Não foi culpa sua.

— Foi minha — Jerry diz. — Foi minha culpa, e deixei que lidassem com tudo sozinhos. Eu estava sempre ocupado.

— Você se esforçou tanto para me fazer gostar de você — Rose solta, e sua fachada desmorona por completo. Seus olhos se enchem de lágrimas. — E eu queria. Você era o alvo fácil para eu descontar quanto me sentia miserável. Quanto me sinto miserável — corrige. — Me desculpe, Teddy. A Ruthie disse que você tem uma rosa também. — A voz dela se quebra. — Eu não mereço.

— Claro que merece. Não podia deixar você fora do jardim de irmãs. — Ele é tão franco e gentil, e é isso que termina de minar as defesas dela. Rose cai nos braços dele. É o tipo de abraço que levou vinte anos para acontecer. Ele faz contato visual comigo por cima da cabeça dela e vejo como está emocionado.

— Fui a pior irmã possível. Foi bem difícil resistir a você.

— Você aguentou por tanto tempo que acho que tem algum superpoder — concorda, sorrindo. — Ei. Se é minha irmã, isso me torna o quê?

— Meu irmão — Rose diz, como se fosse uma palavra esquisita. Ela tenta de novo, e sua voz sai mais forte. — Vamos ser irmão e irmã de agora em diante.

Teddy a faz rodar ao som da música.

— Bem, vamos trabalhar juntos agora, então podemos até ser amigos.

Ela balança a cabeça, e o Jerry também.

— Não vamos deixar você fazer isso.

— Quê? — É a vez do Teddy ficar desconcertado. — Mas acabamos de fazer um acordo.

— Vimos o compromisso e a paixão que esperávamos ver há anos — Jerry diz. — Mas não vou prender você a isso. Você é um tatuador, não um incorporador imobiliário. Sei disso agora. — É a vez dele de abraçar o filho.

— Poderia incomodar algum de vocês? Alguém poderia nos ajudar a pegar uma bebida? — Renata diz com uma voz velha e fraca. — Na mesa dos refrescos, ali?

— Ficaríamos muito agradecidas — Aggie acrescenta, e não tem a menor possibilidade de o Jerry e a Rose dizerem não. As duas senhoras sorriem para nós por sobre o ombro enquanto são escoltadas até a mesa. E agora Teddy e eu estamos sozinhos.

Ele toca o meu queixo.

— Nunca vi alguém tão linda. Esse vestido. Você parece um anjo.

— E você está parecendo o diabo. Um diabo muito sexy. Esse cabelo.

Levanto a mão e passo sobre o cabelo curto.

— Não acredito que fez isso.

— Espero que não seja o que mais amava em mim. Que foi? Você me ama, não ama?

— Como é ter tanta autoconfiança? — Inclino-me, e Teddy me envolve carinhosamente em um abraço. — Tentei ligar para você várias vezes.

— Eu sei. Só precisava de um tempo para pôr as ideias no lugar. Pensei que entenderia. — Então ele se detém. — Mas, se é tarde demais, e você continuou com o Método Sasaki…

— Relaxa. O Método Sasaki é um sucesso, porque me apaixonei. — Olho para cima e recebo o beijo que desejei dolorosamente a cada minuto de cada dia, desde que ele foi embora. Que privilégio ser tão jovem. Tenho a vida inteira para conhecê-lo, rir dele, deixá-lo cuidar de mim do seu jeito

doce e desastrado. Posso ensiná-lo a dar, e ele pode me deixar louca para tirar.

Posso ter esse beijo pelo resto da minha vida, se for bem cuidadosa.

A música muda, ele pega minha mão e vamos para a pista.

— Ah, olha — Teddy diz, apontando discretamente. A Renata está segurando uma caixinha de anel atrás das costas. Quando elas se movem, devagar, vemos que a Aggie também tem uma.

— É uma corrida para ver quem propõe primeiro. — Ele sorri. — Quem você acha que vai ganhar?

— Acho que vão considerar um empate. — Estou sorrindo também quando ele me beija mais uma vez. E outra. Só nos separamos quando ouvimos alguém pigarrear.

É a sra. Whittaker. Ela se inclina e me diz, com emoção:

— Muito bem. Ah, olá, querida — diz, dirigindo o olhar para trás de nós. — Que elegante o seu… traje.

— Estou apenas meia hora atrasada. — É a Melanie, ofegante, vestindo um *yukata* tradicional japonês, combinando com um elaborado penteado colmeia dos anos 1950. Olha para o relógio. — Tá, quarenta e cinco minutos atrasada. O que diabos está acontecendo aqui? — Ela notou a Rose e o Jerry misturados à multidão. Obviamente percebe a mão do Teddy na minha cintura. — Não achei que fosse aparecer.

— Voltei para resgatar a Ruthie. Mas acho que as tartarugas é que vão resgatá-la, e a este lugar também. É o jeitinho delas de dizer obrigado.

— Meu Método Sasaki. Que desperdício de um conceito brilhante. — Ela aponta para nossas mãos unidas. — Ruthie Midona, você escreveu uma lista que não descreveria o Teddy nem em um milhão de anos.

— Nem sempre as listas estão certas. — Quando digo isso, os dois fingem ficar horrorizados.

— Então você decidiu enfeitiçá-la pra valer. Todo o queijo que conseguir comer. Eu estava toda empolgada para escolher um vestido de madrinha, mas você tinha que aparecer e estragar tudo. — Sem saber, Melanie diz algo muito doloroso para ele, mas Teddy não se deixa afetar. Talvez o abraço da irmã tenha curado essa ferida.

Ele diz:

— Não tem nada arruinado. O mundo da Ruthie vai permanecer exatamente o mesmo.

Tenho algo a dizer a ele.

— Vou deixar o Providence. Vocês dois me deram conselhos muito bons. Está na hora de eu ver o mundo lá fora.

— Não está mais planejando ficar aqui até morrer? — Teddy pergunta, esperançoso.

— Não, acho que preciso encontrar algo novo para mim. — Penso no meu fórum, nas minhas roupas, nos caminhos repletos de tartarugas pelos quais já passei milhares de vezes. — Vai ser assustador, mas quero fazer isso.

Todos somos distraídos pela cena que se desdobra na pista de dança: duas senhoras idosas oferecendo anéis uma para a outra. O semicírculo em volta delas irrompe em aplausos.

— Vamos ajudar você — Melanie diz sem pensar duas vezes. Esse é o tipo de amiga que ela é. Vai até as Parloni e começa a tirar fotos.

— E você, vai me ajudar também? — pergunto ao Teddy. — Quero dizer, acho que consigo fazer isso sozinha, mas, se estiver comigo, não ficaria tão nervosa quando fosse ao Zoológico de Répteis para me inscrever como aprendiz.

O sorriso dele é brilhante.

— Sim, vou te ajudar. Vou fazer tudo por você. É a minha vez de dar. Então, permita-me. — Ele envolve meu rosto com suas mãos quentes e tatuadas, e seus lábios tocam os meus, enquanto o brilho do globo espelhado me cega. Estou deslumbrada, sei que estou. E não quero que acabe. E, por um longo tempo, não acaba.

Na calmaria entre uma música e outra, Melanie grita, horrorizada:

— Meu Deus, o Teddy cortou o cabelo!

EPÍLOGO

Eu reconheceria essa batida na porta em qualquer lugar, sempre no mesmo padrão e cadência.

— Já vou. — Abro a porta e o Teddy está ali, com sacolas de compras nas mãos e minha correspondência na boca.

— Não dava para usar minha chave — diz, entredentes.

— O que temos aqui? — Tiro os envelopes da boca dele. Agora está livre para me dar um beijo, e é o que faz.

— Trouxe um monte de coisas que você estava ficando sem. — Ele começa a guardar as compras na minha geladeira. — Terminou seu ensaio?

— Sim, entreguei antes do prazo. Agora estou aqui pensando em algo difícil de verdade. — Empilho e guardo os livros e volto a sentar em frente ao notebook. — Já teve algo em que se apoiou durante muito, muito tempo, por razões sentimentais? — Estou olhando a página principal do meu fórum, o Céu Enviou Você Aqui.

— Sim, claro. Sentimentalismo é meu pão com manteiga.

Olho as tatuagens dele e sorrio.

— Já passou da hora de eu contar um segredo. Eu era administradora de um fórum on-line bem grande.

Ele termina de guardar as compras e traz uma tábua de cozinha até a mesa. Tinha preparado um pequeno prato com queijo.

— Que fórum é esse? Não. Não me conte. É sobre o *Enviado do céu*.

— É. Estou administrando com amigos desde os quinze anos. Mas, com o julgamento do Pastor Pierce, ninguém mais consegue se sentir da mesma forma. Acho que é hora de encerrar.

Teddy se inclina, corta um pedaço de queijo e o entrega para mim com uma bolacha. Quando vê a tela, se lembra de algo e dá risada.

— Eu sou membro.

— O quê?

— Quando a gente morava no Providence, me cadastrei para impressionar você. Não é à toa que estava sempre exatamente no episódio

que eu devia assistir para acompanhar. Só achei que você fosse mágica e perfeita.

— Não me incomodo se pensar assim. — Observo enquanto ele prepara outra bolacha com queijo, sabendo que é para mim. E, claro, a coloca na minha mão antes de eu ter comido a primeira. — Vai com calma.

— Não posso ir com calma com você — argumenta. — Você me faz querer acelerar tudo.

Ele tem pedido que eu me mude para cá quando meu contrato aqui acabar. Eu amo meu pequeno flat, no quarto andar, e com o pagamento retroativo da CIP eu posso bancar. Mas o apartamento do Teddy é mais perto da faculdade, e a cama dele é o lugar mais confortável do planeta.

Mas é como areia movediça — se eu entrar, não consigo sair.

Dou uma mordidinha no polegar.

— Acha que devo fechar? Os outros administradores me disseram que a decisão é minha. Foi muito tempo de dedicação. Muitas memórias. — Olho a página principal, praticamente a mesma desde que eu tinha quinze anos.

— Não acho que precise mais dele — Teddy diz. — Você se desapegou de um monte de coisa desde que deixou o Providence, e isso só lhe fez bem. — Ele se refere ao fato de estar fazendo terapia e de não ficar mais conferindo se tranquei as portas até a mão arder. — Mas pode deixar aí. Não vai fazer mal nenhum se ele continuar existindo.

— Está ficando bem ruim.

Odeio as postagens sobre o ator que está sendo julgado. Isso me faz lembrar, também, que vou ser testemunha no caso da CIP contra Sylvia Drummond. Não pegou bem quando as fotos dela desembarcando do navio com roupas chiques caíram na mídia. Seu rosto estava distorcido de fúria e, quando resolveu me ligar, eu estava preparada para me defender. E Teddy estava ao meu lado, segurando minha mão durante a ligação, e Rose Prescott no meu outro ombro.

Meus pais agora têm certeza de que foi a Sylvia quem pegou o dinheiro da igreja.

— Recebi uma mensagem da Mel — Teddy diz, com a boca cheia de queijo. — Ela pediu para a gente dar uma passada lá e ajudar com os preparativos da festa de Natal deste ano.

— Claro que vamos.

A Mel acabou encontrando seu trabalho dos sonhos. Ela cuida de um programa de atividades para os moradores do Providence, mas não para por

aí. Atua em seis lares de repouso, coordenando diversas atividades de artesanato, passeios e festas dançantes. Cada dia de trabalho da Mel é diferente. Ela adora os velhinhos. E, o mais importante, visita tanto os ricos do Providence como os lares mais humildes, nos quais os moradores mal conseguem se manter, e espalha sua luz por onde passa.

Digo ao Teddy:

— Mas vai ser triste voltar.

O silêncio se estabelece ao nosso redor e, quando olha para mim, posso ver lembranças em seus olhos. Ele diz, com doçura:

— Ela morreu feliz, e foi por sua causa.

O funeral de Renata Parloni foi um escândalo, e ela teria adorado. Referida como a pioneira editora da revista *QUENTE OU NÃO* nos obituários dos jornais, a cerimônia contou com a presença de estilistas, magnatas do mercado editorial e modelos com pernas enormes olhando furtivamente para o Teddy de terno. Ele estava ocupado demais dando o braço para Aggie e, além disso, eu estava no outro braço.

Quando o sacerdote mencionou a esposa de Renata, Aggie Parloni, houve uma onda de aplausos.

Renata foi escandalosa em vida e, na morte, fez algo ainda mais escandaloso. Aquilo sobre o que sempre fez piada. Ela me colocou em seu testamento. Quando Aggie me contou, foi como o incidente da nota de cem dólares, acontecido eras atrás. Recusei com todas as forças. Não merecia isso. Tentei devolver, mas foi inútil.

Renata havia decidido que eu era uma de suas beneficiárias, e agora aqui estou. Em um adorável apartamentozinho em Fairchild, exausta após um dia todo de estudos e trabalho. Sou aprendiz no Zoológico de Répteis e, apesar de ter uma estrada muito, muito longa até alcançar meu sonho de ser veterinária, estou enfrentando a jornada como uma tartaruga-de-capuz-dourado: um passinho por vez.

— Acho que preciso me livrar de algumas coisas do passado — digo ao Teddy, indo à tela do administrador do Céu Enviou Você Aqui. Tem um botão de desativação. — Se eu clicar nesse botão, não vai dar para voltar atrás.

— Vai querer voltar atrás?

Penso seriamente na questão. Eu não teria uma tatuagem de tartaruga na escápula. Eu não teria visto o número cinquenta vermelho que o Teddy fez

na mão dele como lembrete de como nos encontramos no Providence. Eu não estaria apaixonada, e não teria alguém para amar.

— Não, não voltaria atrás — digo e clico no botão, e está tudo bem. *Enviado do céu* me serviu de apoio e me manteve na época da minha vida em que estava sozinha e era velha antes do tempo, mas não preciso disso agora.

— Ah… — Teddy diz, entrelaçando os dedos nos meus. Dar. Ele sempre, sempre dá. — Estou orgulhoso de você. De verdade.

— Está crescendo tão rápido. — Coloco minha mão livre no cabelo dele, preso para trás em um coque bagunçado na nuca. — Sua coroa gloriosa. Mas espero que tenha percebido que você não é seu cabelo. Você é o dono de um negócio.

— Sou um tatuador — responde, mas está sorrindo. Ele chocou todos nós ao se revelar alguém muito, muito bom com o trabalho burocrático. Quem diria que embaixo dessa fachada caótica havia um administrador escondido, só esperando uma oportunidade? Acho tão sexy. Ele faz uma careta para mim agora. — Só de pensar no meu cabelo, você ficou excitada.

— Teddy, já deve ter percebido que eu ia querer você mesmo careca.

— Não diga isso para a Daisy no Natal; é capaz de ela pegar a maquininha.

— Isso me faz lembrar uma coisa. Neste Natal, posso levar você para conhecer meus pais crentes? — repito as palavras que eu havia escrito para o meu perfil, muito tempo atrás, quando era solitária e marcar encontros pela internet pareceu uma boa ideia por uns dois segundos, e depois por uns dois meses.

(Devo também mencionar que a Melanie está tentando vender o manuscrito do Método Sasaki para agentes literários.)

Continuo, tentando me lembrar do meu texto secreto:

— Procuro alma gêmea paciente, que goste de abraçar e que faça eu me sentir segura.

— Bem, você encontrou. — Teddy se levanta e deposita um beijo na minha têmpora. — Agora me deixe alimentar você. Ops — e puxa meu cardigã. — Você abotoou errado. Agora sim. Bem melhor.

Vai até a cozinha e, enquanto faz meu prato, diz:

— Claro que você pode me levar para conhecer seus pais crentes. E eles vão me adorar. Vão achar que sou o presente de Deus. Faço o tipo de todo mundo.

É verdade. Faz mesmo.
E é meu.

AGRADECIMENTOS

Quantas vezes uma escritora pode ser tirada do fundo do poço? Pergunte à minha agente, Taylor Haggerty. Há um motivo para este livro ser dedicado a ela. Obrigada por estar sempre do meu lado, por sempre dar sua opinião sincera sobre as minhas ideias e por ser uma amiga maravilhosa. Nunca vou poder agradecer o suficiente por tudo o que fez por mim, mas um livro com tartarugas parece um bom começo. Obrigada ao pessoal adorável da Root Literary também. Que grupo! É uma honra ser uma de vocês. Minha editora, Carrie Feron, navegou por águas tumultuosas para conseguir publicar este livro. Ela, com suas colegas da HarperCollins, teve condições de trabalho excepcionalmente desafiadoras em 2020. Obrigada, Carrie (e equipe), por me ajudar a escrever o melhor livro de que fui capaz. Sua paixão por contar histórias é muito inspiradora.

Roland, Tina, Katie, Delia, Sue e David, Lyn, Anne e Bob, e qualquer um que já tenha me perguntado "E o livro? Como está indo?", mesmo sabendo que a resposta seria um grande suspiro: muito obrigada, fico feliz de verdade. A personagem principal deste livro foi batizada em homenagem à minha falecida avó, Ruth Lowes, e morro de rir imaginando quanto ela teria se divertido no Providence.

A semente deste livro tem como base um devaneio que costumava compartilhar com Kate Warnock, quando trabalhamos juntas, mais de dez anos atrás. Costumávamos contar histórias uma para a outra sobre quando fôssemos velhas e ricas. Moraríamos juntas em um condomínio para terceira idade e contrataríamos um rapaz para ser nosso assistente e ficar ao nosso dispor. Foi um prazer enorme finalmente colocar esse devaneio no papel por completo.

UMA CARTA DA SALLY

No meu último ensaio, ao escrever a parte final do dificílimo Segundo Livro, disse que um documento em branco do Word era como um abismo. Tenho muita compaixão por essa Sally, e isso me faz perceber quão longe cheguei.

Como escritora, recebo muitas perguntas sobre meu processo de escrita e geralmente faço uma piada sobre como sou desorganizada. Na verdade, o que acontece quando minhas mãos estão no teclado é algo que me faz me sentir muito desconfortável. Não estou no controle. Nunca sei o que vou escrever até ter escrito, e finalmente estou entendendo que isso não é um problema. Palavra por palavra, de novo e de novo, a coisa vai ganhando forma.

Percebi que me tornar boa em algo criativo ou que valha a pena é um processo que consiste em aplicar camadas e estar disposta a realmente sentir desconforto quando a coisa está pela metade. Vai parecer algo meio tosco. Você não vai gostar. Vai sentir que tem certeza de que não está conseguindo. É aí que outra camada deve ser aplicada.

Quando a pandemia da COVID-19 fez com que o mundo todo tivesse de permanecer em casa, girei 180º minha cadeira de escritório para olhar aquilo que esteve atrás de mim por nove anos: minha casa de bonecas gótica vitoriana feita sob encomenda. Era vergonhoso ter algo tão incrível, e um mero vislumbre me fez entrar em desespero, porque, verdade seja dita, ela não me inspirava. Durante dois anos, nem a abri. Desejei poder ligar para um corretor em miniatura para que a colocasse à venda. Seria possível dar vida a algo tão empoeirado e adormecido?

Nas primeiras vezes em que abri a porta da frente da casa de bonecas, me senti desconfortável. Era do jeito que eu me lembrava. Ela não tinha atingido todo o seu potencial, eu sabia disso, e não gostei. Movi as poltronas de veludo e usei um rolo adesivo para limpar os carpetes, depois espanei os vasos em miniatura com um pincel. Em seguida, liguei as luzes e

vi meus lustres de escala 1:12 acenderem. Senti meu coração se acender também.

Pacotes bem pequenos começaram a chegar pelo correio. Comecei a passar tanto tempo me perdendo naqueles cômodos minúsculos que me esqueci das refeições e do mundo assustador do lado de fora da minha janela. Odiei o banheirinho sem graça, então concentrei toda a minha energia até que ele se tornasse uma excêntrica selva de vasos de plantas em volta da banheira de latão. Camada por camada, comecei a amar de novo essa casa de bonecas. Eu a batizei de Mansão Blackthorne — objetos mágicos brilham de fato quando têm um nome ou título. Não era tarde demais para dar a ela um nome, mesmo após tantos anos terem se passado.

Espero que isso possa inspirar você a olhar para o projeto ou sonho que porventura esteja aí do seu lado agora, aquilo na sua vida que pode ser sua fonte pessoal de magia e que acenda seu coração, se ao menos puder aplicar mais uma camada. Talvez você esteja balançando a cabeça: faz tanto tempo! Está coberto de poeira!

Um livro começa com uma página em branco. Uma casa de bonecas começa como madeira. Nada começa parecendo o produto final e, se puder aceitar isso e lidar com o desconforto (em especial se tiver tendências perfeccionistas), então poderá acabar com um produto final que seja uma pequena obra de arte e algo que apenas você poderia ter feito. Não é necessário sequer fazer algo muito drástico; apenas adicione mais uma camada de esforço, atenção e tempo. Adicione uma camada nova a esse sonho e, como as tartarugas do Providence, faça a sua jornada, um passinho por vez. Elas sempre vão chegar aonde estão indo, e você também.

Uma página em branco é um presente. Deixe sua marca nele.

Agora tenho a oportunidade de oferecer um pequeno bônus aqui, no fim do livro, e, quando pensei no que poderia incluir, percebi que Melanie Sasaki não teve seu momento ao sol como merecia. Ruthie Midona encontrou o amor cedo demais, estragando o cuidadosamente planejado Método Sasaki, e então me dei conta do que queria escrever.

Inserido aqui, só por diversão, está o que imagino que seria a carta de consulta da Melanie a um agente literário, caso ela desse o primeiro passo em direção à publicação de *O Método Sasaki*. Este *não* é um livro que planejo escrever, mas um muito obrigada à garota que se dedicou de corpo e alma a ajudar as pessoas a encontrar o amor em *Segundas primeiras impressões*.

CARTA DE CONSULTA DA MELANIE SOBRE O MÉTODO SASAKI

melanie@thesasakimethod.com

Connor Randall Agenciamento Literário
22 W 24th St., #900A, Nova York, NY
A/C: Harriet Schwartz

Cara Harriet,

Nós nos conhecemos em fevereiro, no Festival de Escritores de Não Ficção, e conversamos brevemente durante o almoço sobre o livro de autoajuda voltado para encontros que escrevi. Você riu bastante do tom da minha voz, elogiou meu cabelo e me deu seu cartão. Na minha opinião, a gente se deu superbem, logo de cara. Realmente adorei o lançamento recente de um cliente seu, Greer Johnson, *Nem tudo é sobre você*, o que me convenceu de que daria muito certo ser agenciada por você.

Estou buscando representação para meu primeiro livro de autoajuda, *O Método Sasaki*.

Esse é o guia de sobrevivência que você vai querer ter na mochila quando estiver se aventurando pela selva do Tinder. É o livro para dar a uma amiga que tem estado fora do mercado há algum tempo, dentro da concha, *ocupada demais para essas bobagens*, ou mesmo sentindo que a época dela já passou. Escrito com o tom de uma irmã mais nova pentelha e empolgada (fonte: minha irmã mais velha, Genevieve), *O Método Sasaki* convida a leitora a se comprometer com um programa de oito semanas, estabelecendo suas metas introspectivamente e realizando exercícios práticos. Amor próprio é o objetivo primário, abrindo-se em seguida para o amor romântico. Relacionamentos héteros não são referidos como norma, e a linguagem e os estudos de caso são inclusivos.

Se houver alguma dúvida quanto às minhas credenciais, basta mencionar como referência o número de casais apaixonados cuja união bem-sucedida

foi orquestrada por mim. Sou uma Emma Woodhouse[3] moderna. Esse é meu dom e quero compartilhá-lo.

Com o livro, haverá também um aplicativo para iOS (atualmente em fase beta de desenvolvimento), e tenho prontos quatro episódios de podcast. Acredito que isso nos dê opções para estabelecer uma plataforma de marketing sólida. Também tenho sinopses completas para mais dois livros dessa série: *O Significado Sasaki* (sobre identificar os sinais que o Universo manda para você) e *A Redenção Sasaki* (como se redimir na atual cultura do cancelamento). Identifiquei um selo da Bexley & Gamin que acredito ser o lar ideal para os meus livros. Adoraria conversar mais com você sobre o assunto.

Confira, por favor, a amostra de *O Método Sasaki* anexada, e fico no aguardo para enviar o manuscrito completo, se desejar.

Atenciosamente,
Melanie Sasaki

***

Referência ao romance *Emma*, de Jane Austen. A personagem, que dá o título à obra, é uma casamenteira inveterada. (N.T.)

PREFÁCIO

Todos nós temos um superpoder, e o meu é ajudar as pessoas a encontrar o amor verdadeiro.

Tenho seguido esse caminho desde que me lembro. Cada uma das minhas Barbies estava profundamente comprometida em um relacionamento com um boneco Ken — ou outra Barbie (sempre fui aliada). Em vez de ser a noiva, eu era quem jogava as pétalas na minha amiga. Não tive envolvimentos amorosos na época da escola, mas, em vez disso, fui aquela que arquitetava as propostas e fazia a conexão entre *crushes* não correspondidos.

Talvez minha fé no amor tenha vindo do meu pai. Ele é japonês, e sempre me contou histórias sobre o fio vermelho do destino — a ideia de que você está ligado a alguém e que pode encontrar o caminho que os levará um ao outro. Às vezes, o fio prende dois indivíduos que têm algo a aprender um com o outro. Outras, trata-se do amor verdadeiro. Promovo atividades para idosos diariamente, e eles são menos poéticos sobre isso: "Tem sempre um chinelo velho para um pé cansado, não é, querida?". É verdade.

Minha irmã Genevieve, sempre emburrada, não tinha nenhuma esperança de encontrar o amor até enfim aceitar meus serviços — e agora está noiva do igualmente emburrado Mark. No devido tempo, vão ter seus próprios filhotinhos emburrados. Encorajei* (*quase forcei) minha cabeleireira, Lin-Lin, a convidar sua extremamente tímida tosadora de cães, Margaret, para sair. Acabei sendo madrinha delas. Nesse mesmo casamento, encontrei dois pares de pessoas muito tímidas, as quais aproximei na pista de dança, e agora há mais dois dedos no mundo com anéis de noivado.

Não digo isso para me gabar, mas minhas habilidades são de outro mundo.

Apesar de todos os meus inegáveis sucessos, nunca havia pensado em escrever um livro até o fio vermelho do destino me ligar a Ruthie Midona, a pessoa de que eu precisava para me ensinar uma coisa: minha abordagem precisava de um pouco mais de flexibilidade. Ela andava por aí que nem

uma velhinha até eu transformar completamente a maneira como ela via a si mesma. Era uma criadora inveterada de listas e, para ela, fazia sentido ser conduzida por um programa cheio de check-lists e anotações a serem feitas, que são o alicerce do livro que você tem em mãos. O amor acontece em momentos inesperados, e havíamos concordado que a Ruthie não se apaixonaria pelo primeiro homem que visse.

Agora Ruthie está sendo coberta pelos beijos de um homem que parecia completamente inadequado para ela, e foi o primeiro em quem ela pôs os olhos. Esse fio vermelho nunca erra, e peças improváveis de um quebra-cabeças sempre se encaixam. Isso me deu uma nova perspectiva que contribuiu de maneira fundamental com este livro. Planeje, mas também *deixe rolar*. Tenho que dedicar este livro à Ruthie, porque, sem ela, duvido que teria a inspiração para organizar todas as minhas variadas técnicas, soluções e visões de mundo em um documento formal. Ela adora um guia de procedimentos. Obrigada, Ruthie, por ser a primeira participante do Método Sasaki. Estou esperando a ligação em que vai me dizer que está noiva do malandro do Theodore, e aproveito para lembrá-la de que combinamos que o vestido de madrinha seria lilás.

Tenho certeza de que você não está convencida de que sou qualificada para ajudá-la a sair da toca e encontrar aquela pessoa especial, e, sinceramente, não tenho qualificações formais. Não sou psicóloga. Já trabalhei com tudo, de A (utomóveis, em uma revendedora de peças) a Z (umba, na administração de uma academia). Mas pode confiar, esse é meu dom. Tudo o que peço é que embarque de coração aberto. Oito semanas comigo vão mudar sua vida. O livro está organizado em oito partes:

- PONTOS POSITIVOS E O QUE NÃO ROLA DE JEITO NENHUM
- EU, EU MESMA E EU
- MAQUIAGEM DA MELANIE
- PRIMEIRO ENCONTRO
- CONFRONTANDO A CRIANÇA INTERIOR REJEITADA
- TUDO BELEZA, LINDEZA?
- SOU TUDO DE QUE PRECISO — MAS VOCÊ PODE FICAR COMIGO, SE FOR RESPEITOSO E SEXY
- DIA DE FORMATURA

Tenho o toque de Midas, e quero tocar você.
(Tá, talvez eu deva rever essa última frase durante a edição.)